

DIÁRIO DE CORUMBA - 1958/59 (*)

HARRY LAUS

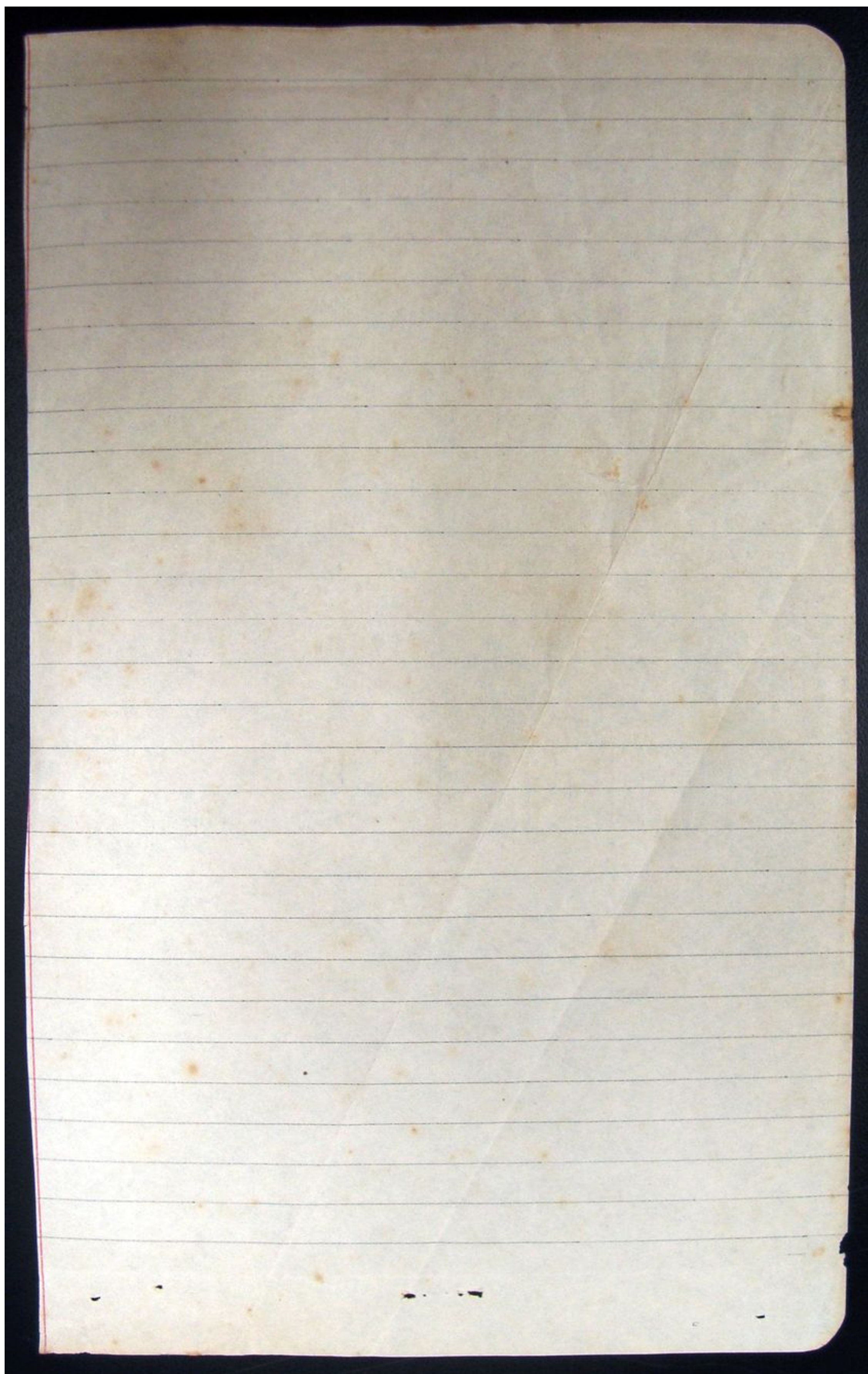
DIÁRIO DE CORUMBÁ

1958

HARRY LAUS

DIÁRIO DE CORUMBÁ

1958



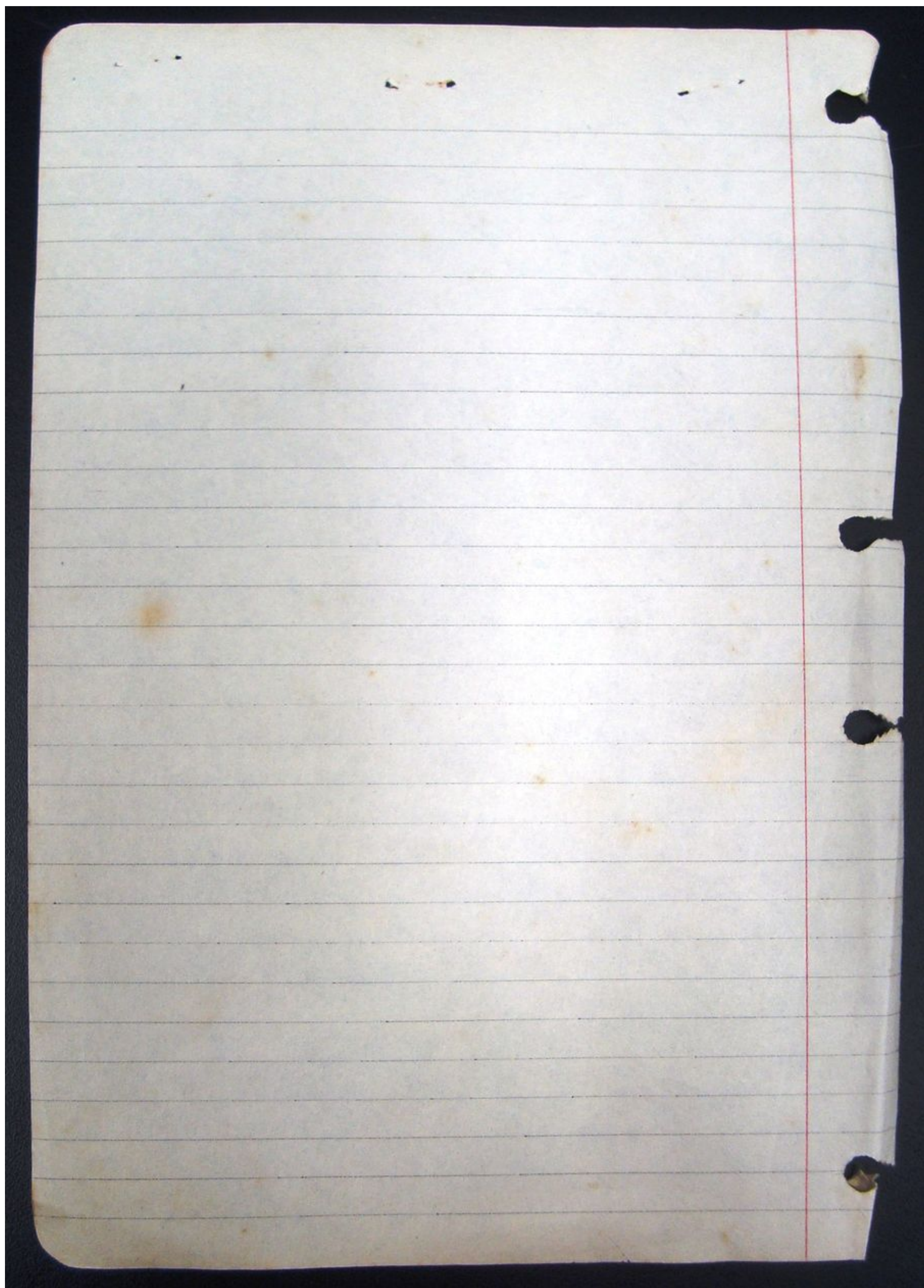
Fevereiro 27.

Não Fume. Aperte o cinto. Estava selado o destino: Comum, sem apelação, via Correio aéreo Nacional, escalas intermediárias em Bauri, São Paulo, Bauri e Campo Grande.

De São Paulo em diante o céu cobriu-se de nuvens e o avião procurou o intervalo entre duas camadas para melhor cumprir seu vôo. De um lado e outro os flocos brancos impediam a vista de qualquer panorama. Impulsão de neve, panna, algodão logo rompida quando o aparelho cavalgava um denso monturo. Solavancos de estrada ruim, mal cavada em terreno rochoso.

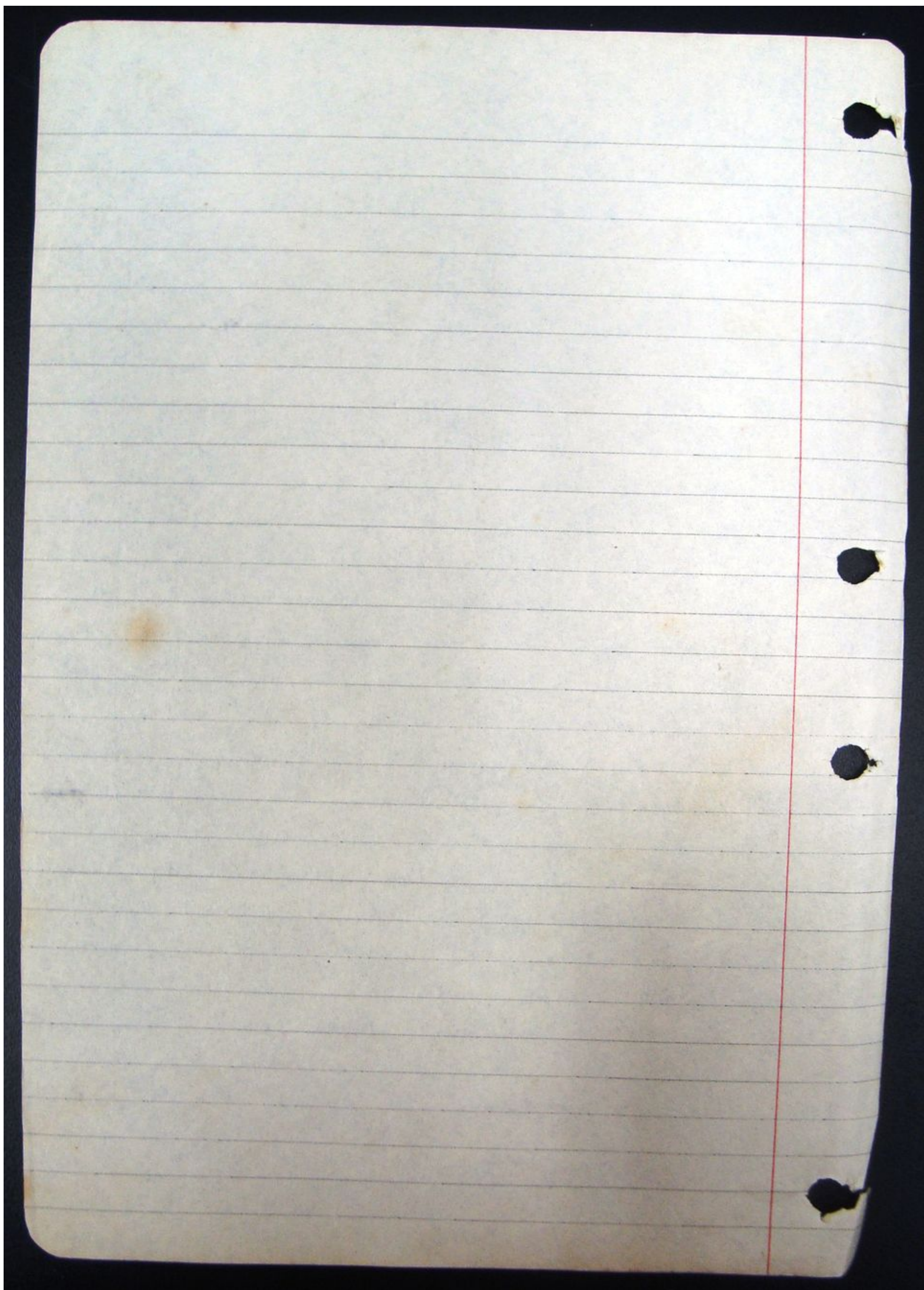
Bauri a Campo Grande, três horas. Pela brecha das nuvens o planalto verde com bosques e árvores esparsas, alguns rios, nenhuma casa. Contraste absoluto com a floresta amazônica.

Logo após a descida de Campo Grande uma série de pequenas elevações de encontro, escarpadas, verticais, anuncia o pantanal matogrosso. Cerca de sessenta minutos ~~de voo~~



para transportar. O que antes eram mi-
nus, agora é o pantanal, limitan-
do o horizonte por todos os lados.
Planura infinita de águas cobertas
de plantas aquáticas, abertos lagoas
e pequenos rios, semeada de
árvores aos grupos, isoladas, bandos
de garças brancas, pensadas, ou
imitando o avião em vôo reto.
Impressão mais forte que sobrevar
Marajó. Lá, a floresta, as fazendas
de pedo, os rios abertos caminhos,
— um fio mal adivinhado entre as
árvores que se vão afastando é me-
dida que a corrente aumenta — os
flocos amarelos do ipê iluminando
o verde das matas. Aqui, o planal-
to das águas cobertas, as lagoas ~~de~~
formando ~~a~~ ideia falsa de que
se ^{afloiam} ~~afloiam~~ em terra firme, ~~a~~ pensa-
mento obrigatório de o avião sub-
mergir abriundo nova lagoa. Como
encontrá-lo? E para que?

Mais além, ~~tem~~ um grande
lago, elevação, o rio Paraguai e
Cumbá — num só golpe de vista.



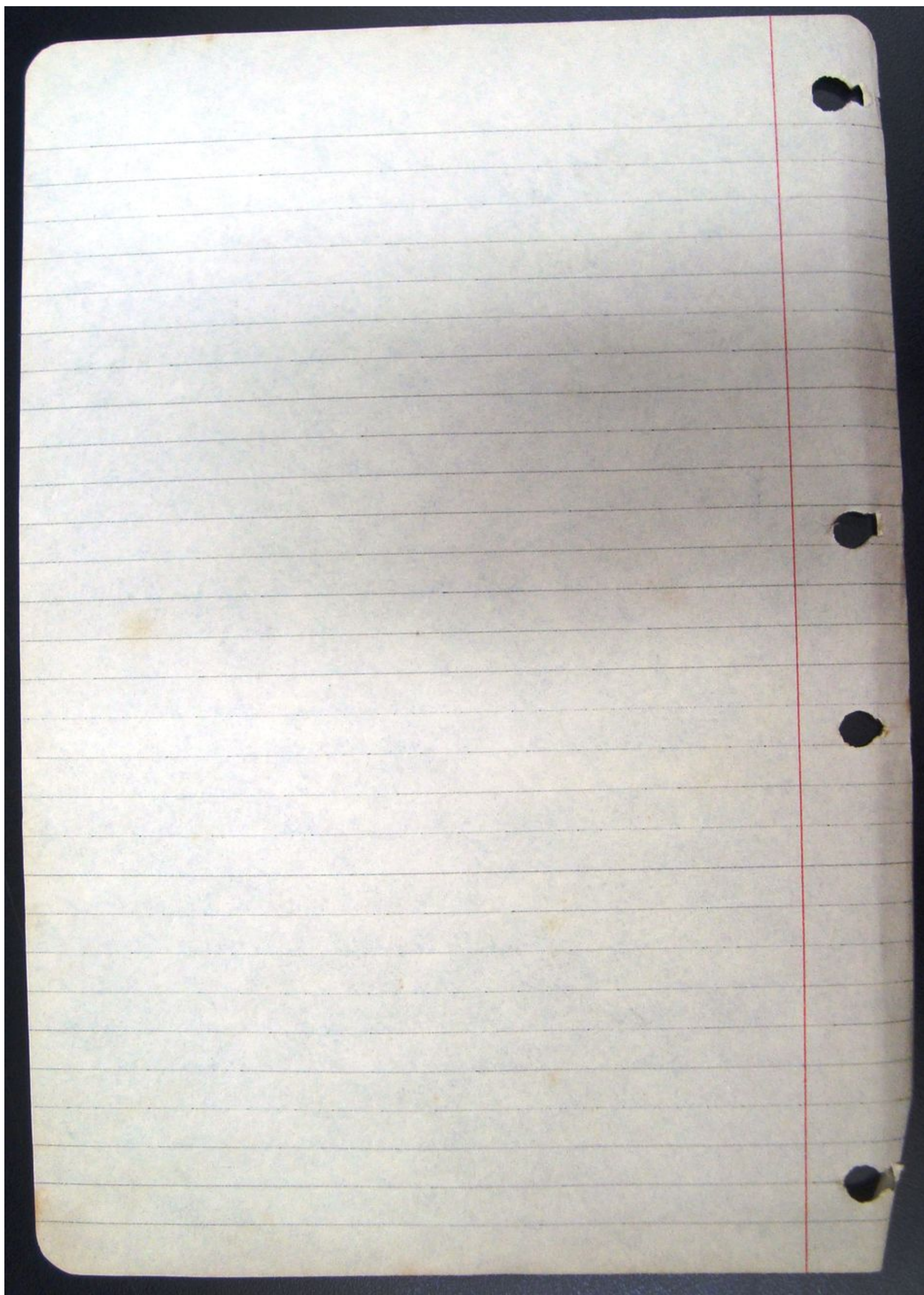
No dia seguinte o vôo para Guiné
até La Paz. O sargento avisa: "O avião
sai às 6 horas, hora local, 7 horas,
hora do Rio." Tratei de arrumar meu
relógio, tomar um carro e procurar
hotel. Venizelos, belo nome. O
beliviano carrega as malas e me
conduz ao quarto. Lestimável.
Lembrei-me de meu apartamento
na Barata Ribeiro e das palavras
do General:

— Mas, capitão, todas as fun-
ções que um oficial desempenha no
Exército dispensam o conhecimento
do inglês e do alemão.

Não sei explicar porque essa
lembança em tal momento. Tal-
vez porque a entrevista com o Mi-
nistro tenha sido o ponto final de
minha incerteza; talvez porque,
se eu não o tivesse procurado, esse
o instante propício ao anelamento
de não tê-lo feito.

Descei; desceram as malas, entrei
no carro para andar cem metros até
o Grande Hotel Corumbá.

— Mas, será que o quarto dá
para se passar um ano sem enlouquecer?
Quarto simpático, no terceiro



andar, porta e janela para uma sacada, a praça Independência, a cidade, o rio, o planalto, o pôr do sol vermelho de Porto Alegre, as margens do Jacuiba.

Novamente a casa vermelha do General:

— Este certo, há vaga em Curitiba, mas o senhor compreende que a distribuição de oficiais pelas Regiões obedecer a certas prioridades.

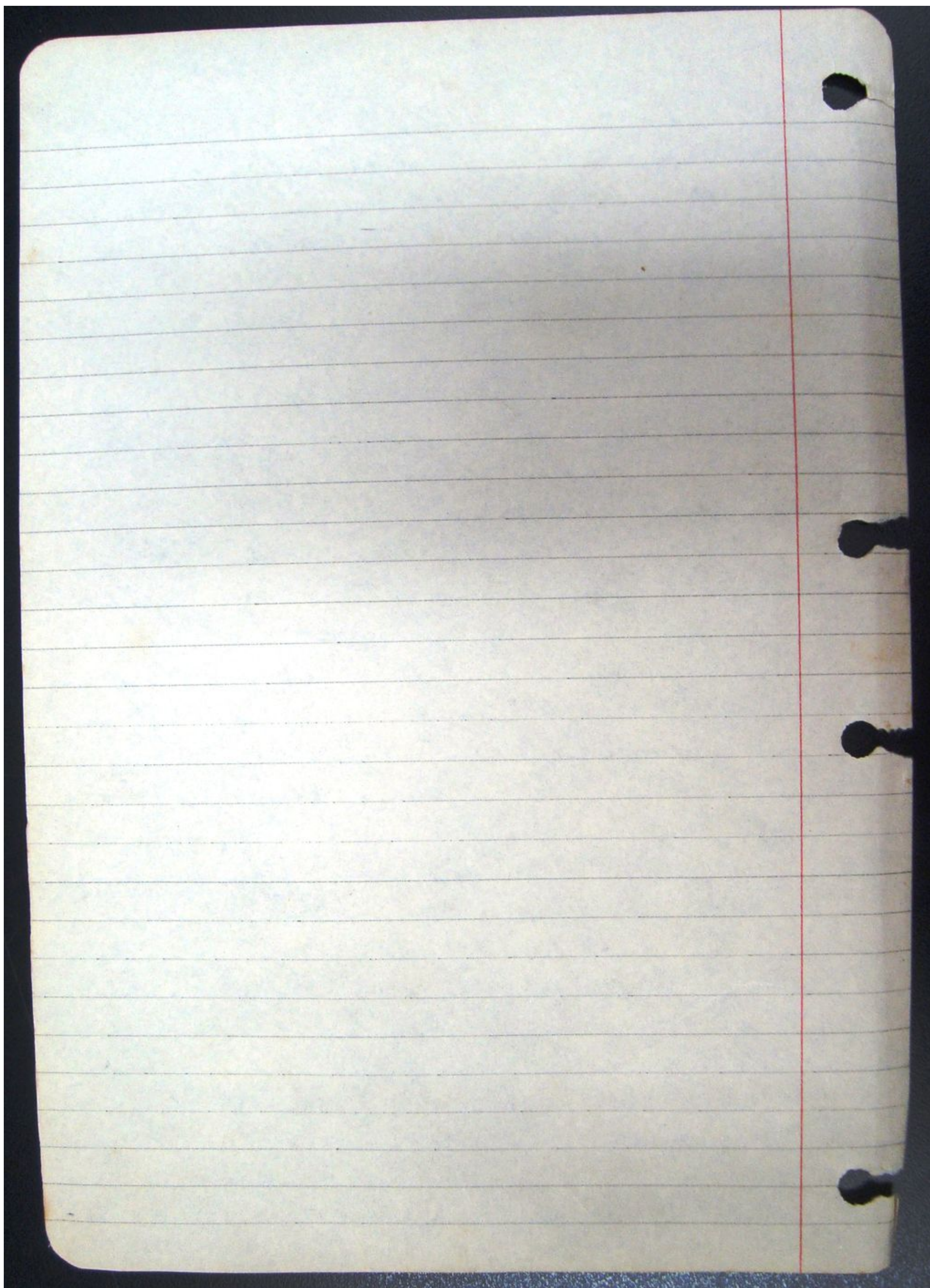
Nesse ponto da entrevista minha conversa já era morna. Falava por falar, achava-me ridículo ante o homem que poderia dizer ao secretário "para atender", "a estudar", ou simplesmente — "não."

Então veio a pergunta impiedosa:

— Por que não estuda mais? Qual foi sua classificação?

Respondi com um sorriso, para disfarçar a vergonha: "Centésimo." Era mentira. Mentira insignificante e tola como eu naquele momento. Minha classificação fora centésimo primeiro.

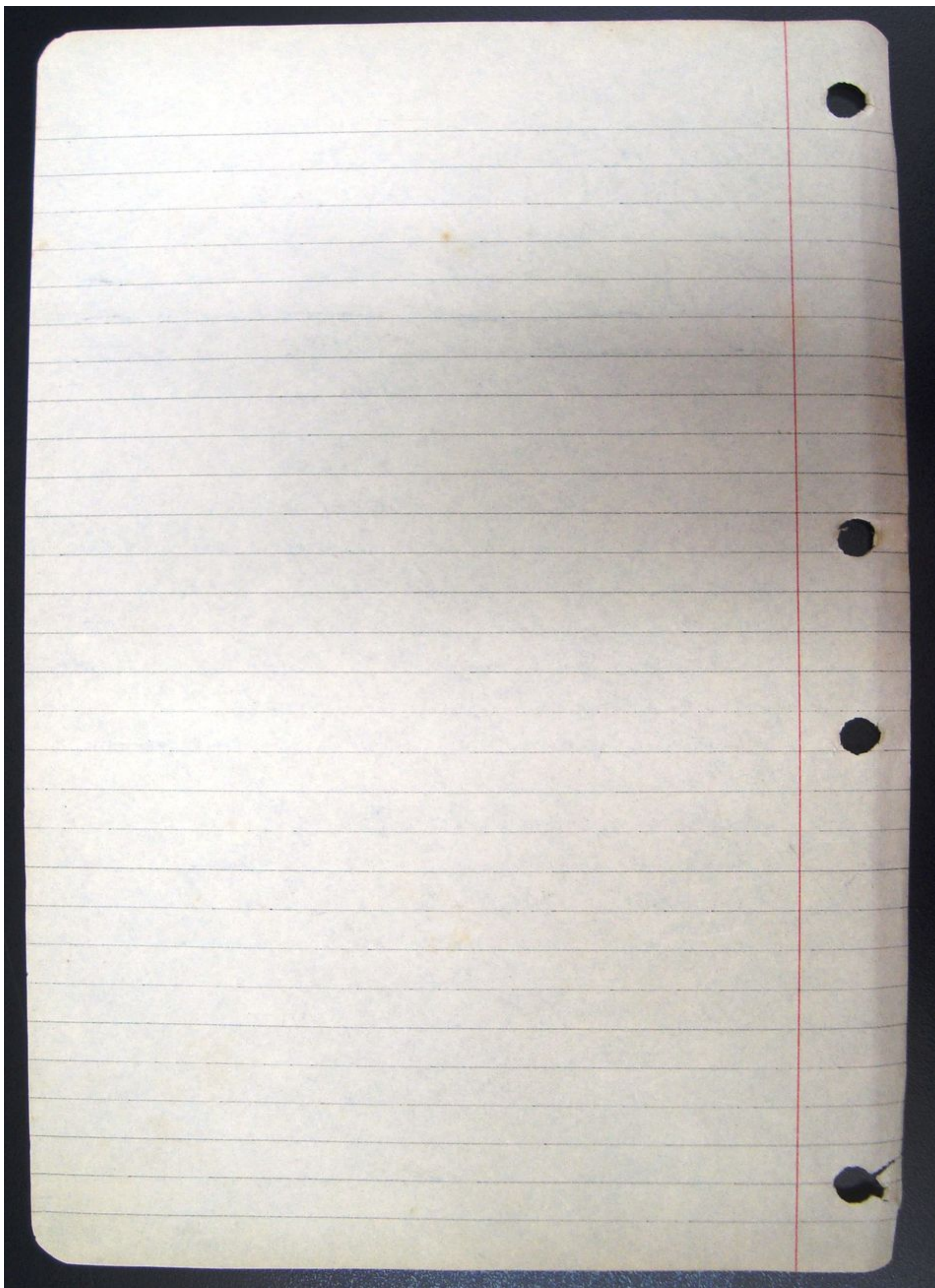
— Já, para um ano, vou construir ~~uma~~ casa por lá — com-



len e rematar.

Então ~~Me~~ ofereci ~~the~~ meu livro. Agradeceu amavelmente, apertou-me a mão e saiu com a ogeira rosada de seu rosto na lembrança, ~~olhos azuis sem se fobriam~~ ~~as~~ ~~elencados~~ deixando em sua mesa o atestado de estudante de inglês e alemão.

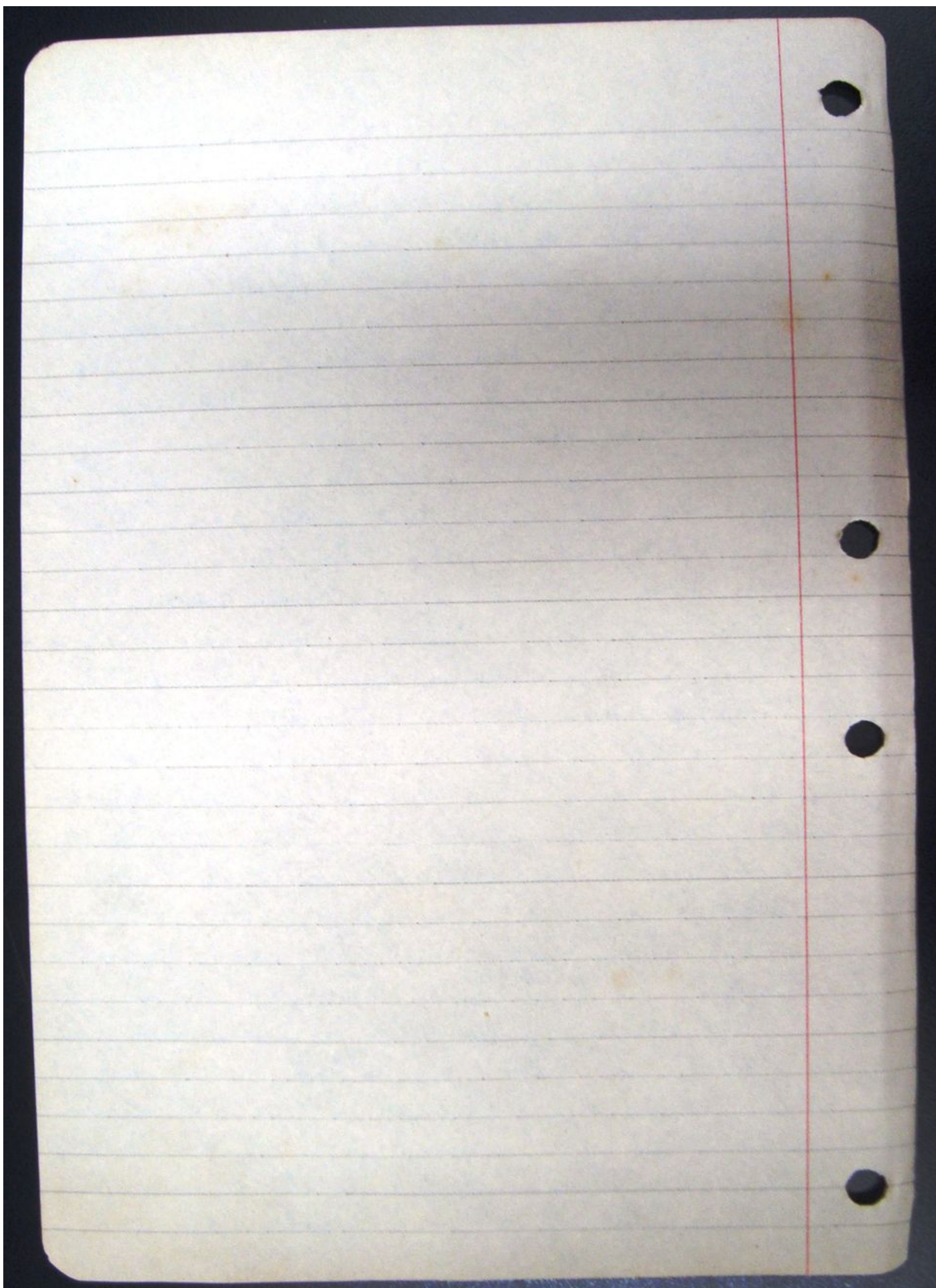
Depois do banho desci para comprar tinta e telegrafar. Na população um Correio da Manhã do dia e, na secção literária, a notícia de minha viagem. Predispus-me à alegria. A nota liquidou a depressão e a certeza de ~~estar~~ ~~ser~~ ~~formais~~ do Rio no mesmo dia aproximar-me de tal forma de meus amigos que me parecer estar na Vila Militar, inexistente o pantanal e o planalto mato-grossense.



Fev. 28.

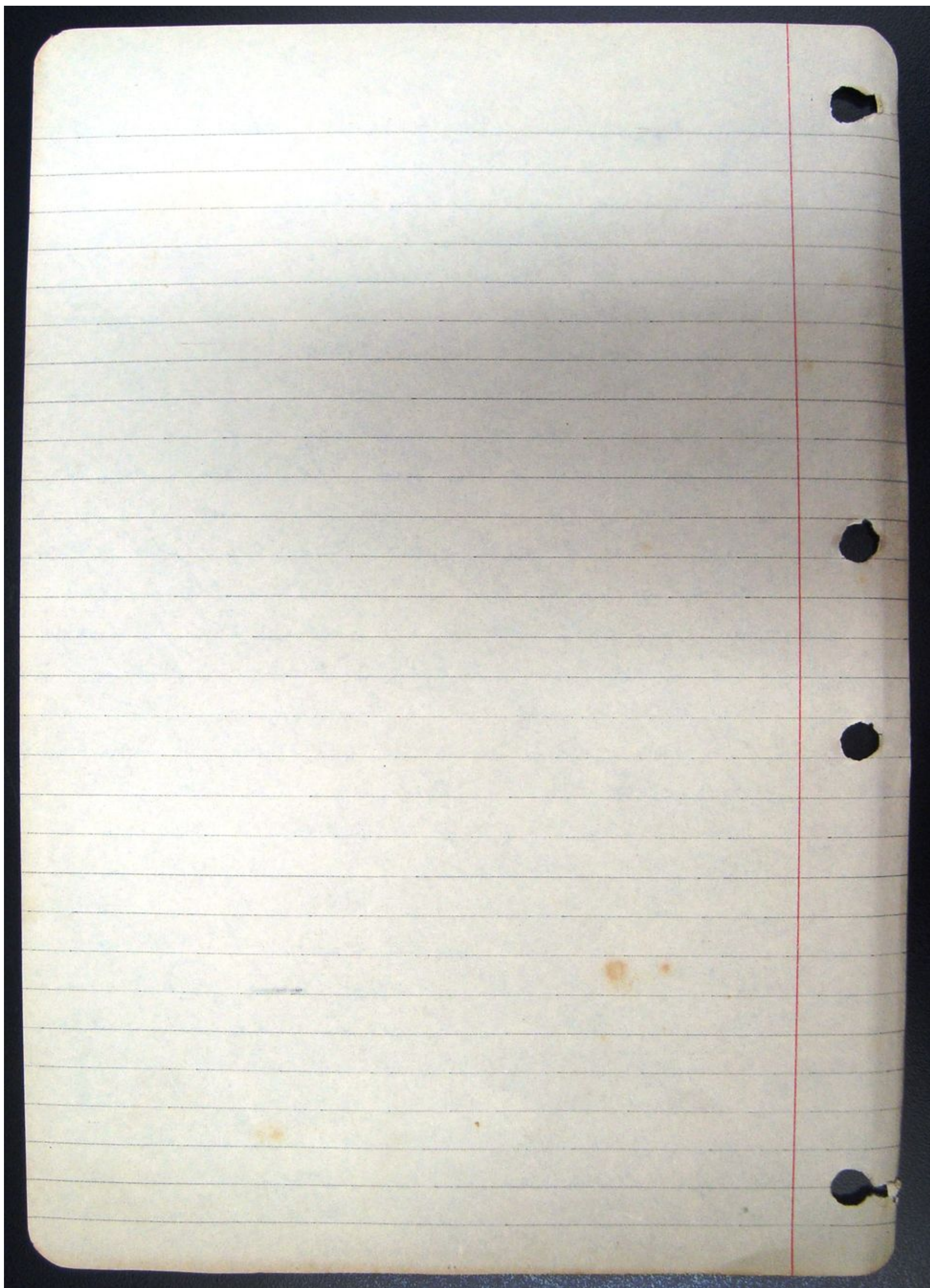
Tratei das apresentações. Inicialmente no Quartel General da Brigada Mista, uma casa adaptada à seção de Estado Maior e demais repartições. Seu proprietário — um homem que enriqueceu rápido demais, segundo me explicaram — esmerou-se no acabamento. Lustres de cristal em todas as peças, etc. no banheiro, o chão todo de ladrilhos que a madeira aqui é escassa e o colado varia do anoa-lho devido sair mais caro, para satisfação do construtor.

Um capitão, alguns maiores, um coronel, o general — da oposição, naturalmente. Mas bastante acenimado, preocupado com o lugar onde em vão morar. Porque o Exército não resolveu esse problema. O Batalhão tem suas casas, já ocupadas, para oficiais casados. Os outros, e ~~alguns~~ os oficiais superiores da Brigada, têm de ficar no hotel caro ou procurarem pensões ou manterem casas, duplicando a despesa porque a maioria reside no Rio



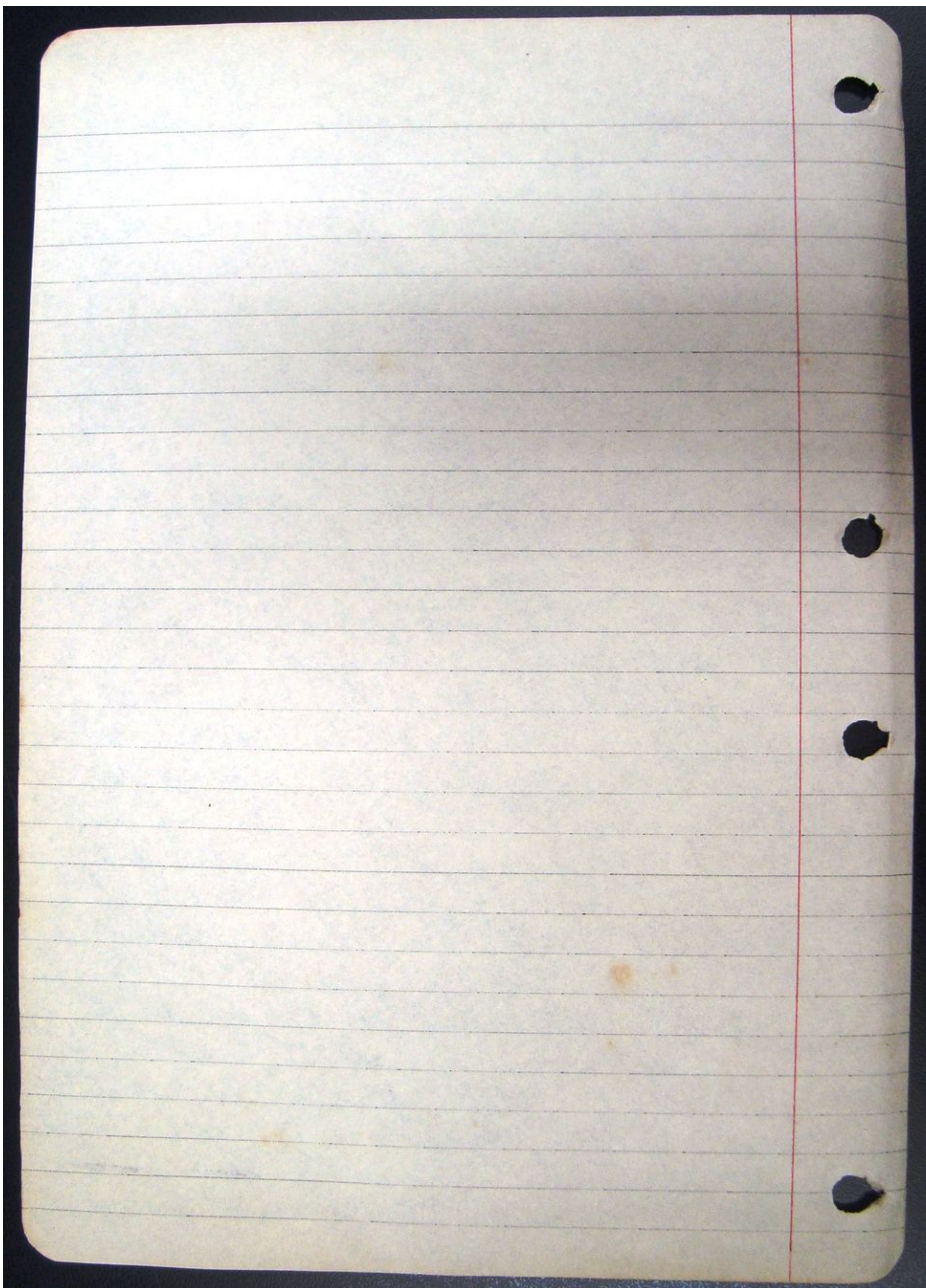
em em São Paulo. É' deves, coisas que se não compreende. Como consequência, a falta de oficiais. A quem é' do litoral, o simples nome de Mato Grosso inspira terror. Por que, então, não proporcionar facilidades a quem se destina a essa região? Sabe-se de quantidade imensa de oficiais que nunca saíram dos capitais, que permanecem dez e mais anos no Rio e em São Paulo. Está certo. Mas, causa pena o abandono das guarnições do interior e é' por isso que sempre faltam os quadros e uma só pessoa desempenha várias funções sem atender bem a nenhuma. A Nona Região Militar, de Mato Grosso, é' conhecida como a Anônima Região.

Do quartel general fui as 17.^h Batalhão de Caçadores, ~~uma~~ quadrilátero terras e cinquento, amarelo no interior. O coronel de licença, dois capitães, alguns tenentes, muitos aspirantes da reserva estagiários e quatro da ativa. Aspirantes ao comando de companhias, por falta



de capitães; um segundo tenente na fiscalização administrativa, por falta de maior. E eu, o capitão mais antigo, no comando do Batalhão.

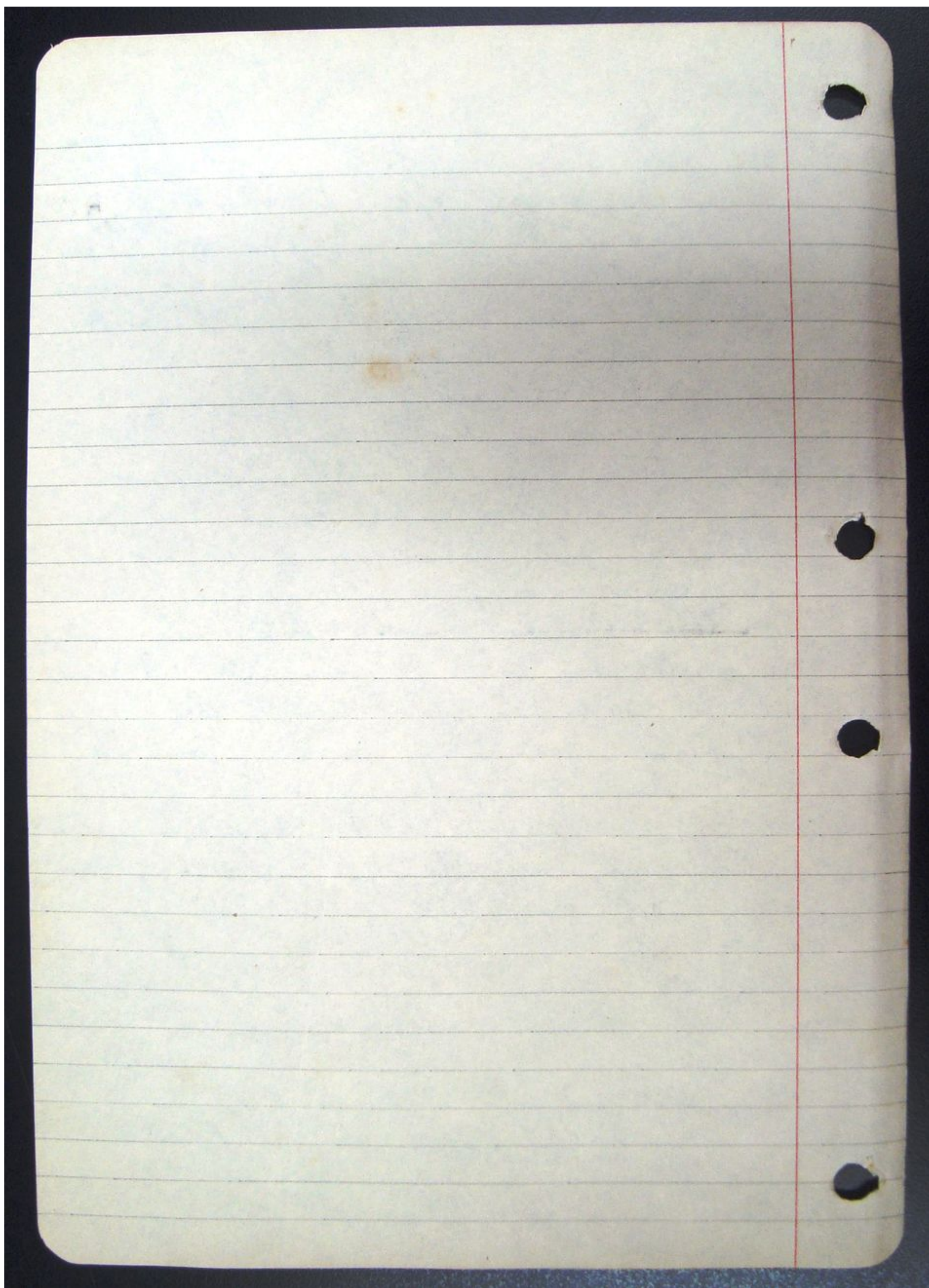
Quando se sai da Academia Militar, de paredes de mármore e armamento moderno, espera-se encontrar, pelo menos, um pelotão completo para assumir o comando e transmitir aos soldados um pouco do que se aprendeu. Em vez disso, encontra-se uma companhia inteira, sem sargentos (porque um é do rancho, outro furriel, outro à disposição da tesouraria, aquele emprestado à Casa das Ordens, por ser bom datilógrafo) e com alguns cabos que mal sabem das ordens unidas. Que sabe um aspirante de comando de companhia? É um segundo-tenente de fiscalização administrativa, se a Escola Militar não o prepara para isto? Poucos capitães estão em condições de desempenharem a contento essa atribuição de grande responsabilidade. Só em 1957 a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais se apercebeu ~~da~~ da necessidade de ministrar o



anunto a seus alunos, e o fez de modo
por demais meíste. Em consequên-
cia, o desvirtuamento de tudo. ~~AA~~
desilusão do fôrem aspirante, os
desapostamentos, muitas vezes sua
rendição ao sargento - elemento
essencial da rotina burocrática
de todos os quartéis.

Para o desempenho das funções
militares, muitas delas especiali-
zadas e técnicas, acaba-se por
contar apenas com o espírito
de imitação, a formação pessoal
~~inteligência e valores~~ tudo empírico,
aliado à inteligência e ao valor
individual. Lembro-me de um
tenente que, em Natal, revoltado
com o estado de coisas, dizia:

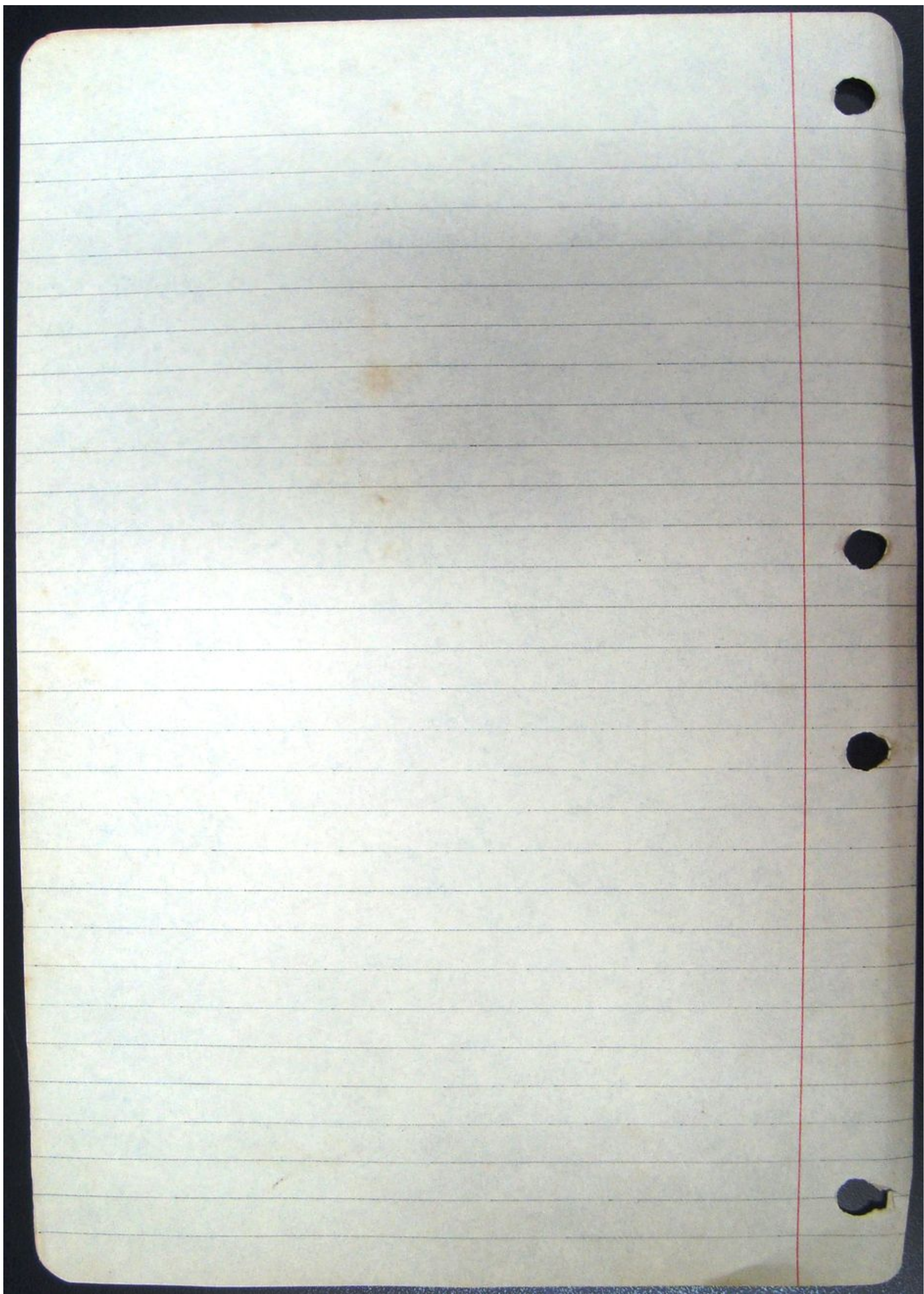
— Se o Brasil não pode man-
ter um exército que o transforme
em polícia.



1.º de Março.

De meu quarto vejo a alienação de Coimbra: um edifício de onze andares em vias de conclusão. Por mais que procure, não consigo justifica-lo. Ergue-se, o fantasma, na praça principal, em meio a casas, eschados, um edifício de três andares - o hotel. [Como viverão nêle as famílias acostumadas ao pátio para estender roupa, ao terreiro para correr, plantar flores, sentar-se à sombra dos árvores. E as crianças? Onde construirão estrados, prante, em que galho vão brincar de avião, de circo.

Os suicidas de Coimbra têm novo cada-falso.

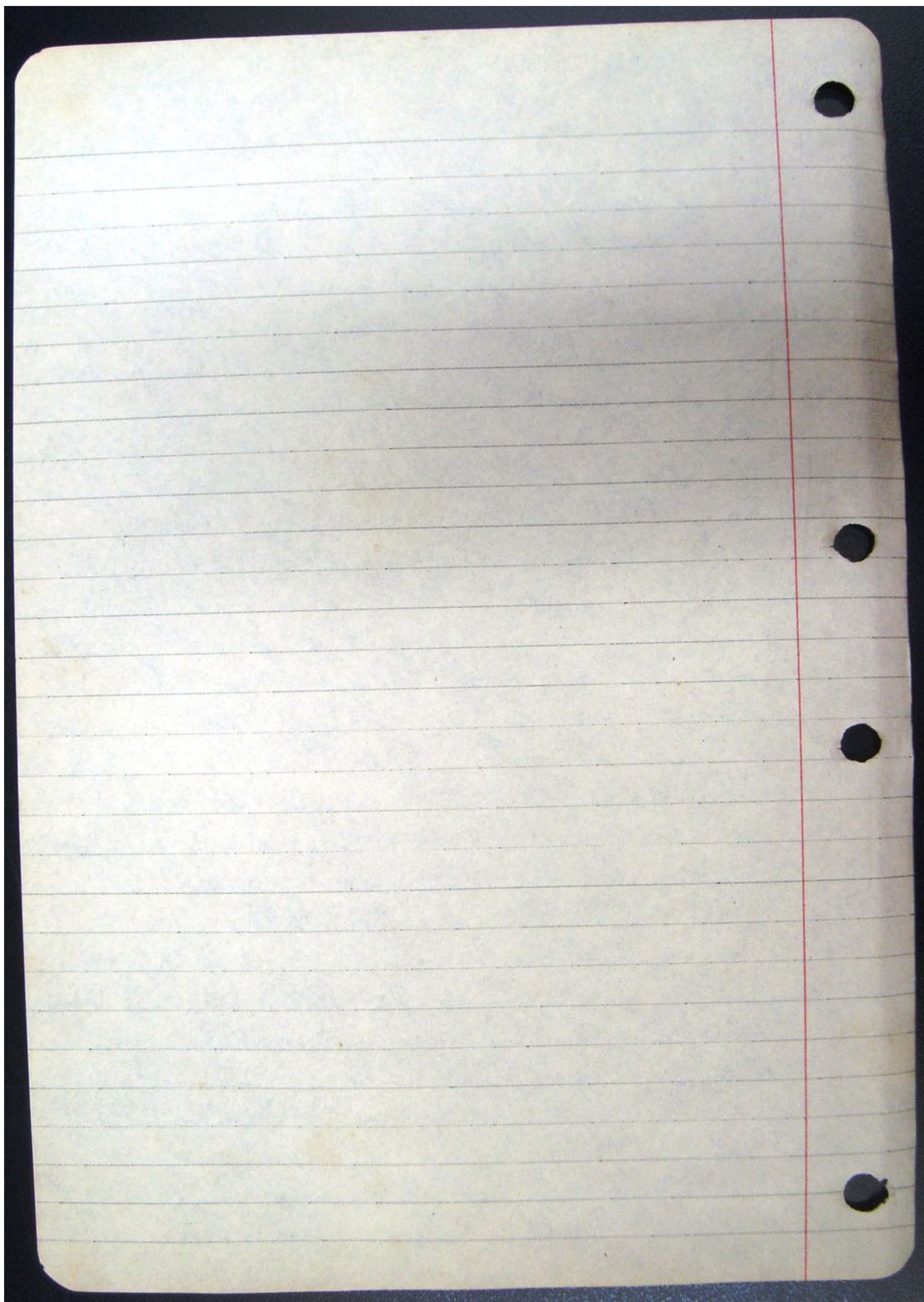


Março, 2.

Corumbá tem semelhança com cidades do Nordeste ou do Estado do Rio, ou de Santa Catarina, o que quer dizer — é uma cidade brasileira.

Situa-se à margem direita do Rio Paraguai, aparentemente em território boliviano. Essa margem é alta, em contraste absoluto com a esquerda, totalmente baixa e plana, sujeita às inundações periódicas.

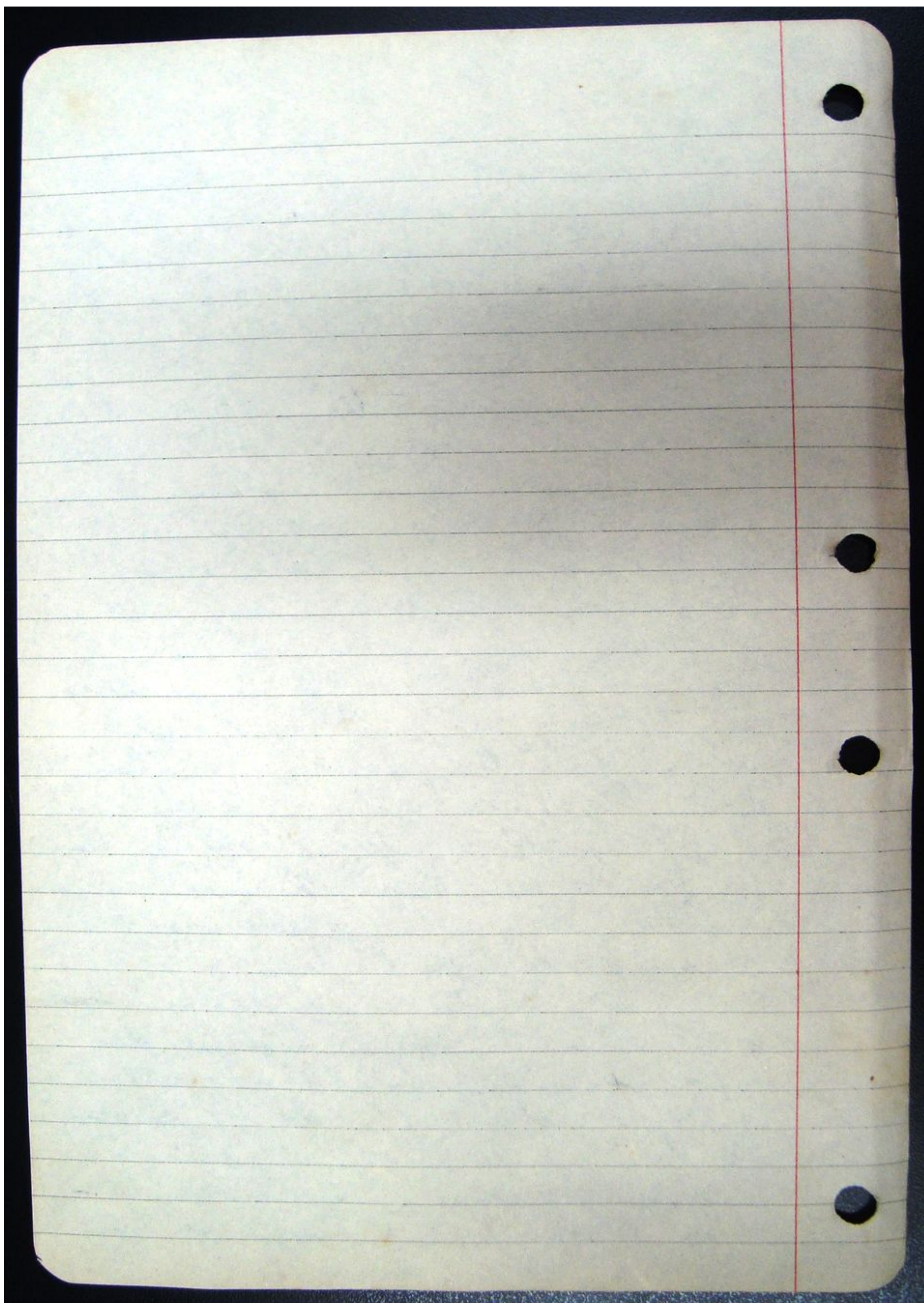
O Grande Hotel fica na esquina das ruas Frei Mariano e São Pedro. A primeira, partindo da baranca do rio, estende-se até a estação da Estrada de Ferro ^{Brasil-Bolívia} ~~Mossoró~~. É o eixo Norte-Sul da cidade, com cerca de dois quilômetros. O eixo Leste-Oeste é a rua São Pedro. À direita vejo o casarão baixo e cinzento do quartel fechando a cidade; do outro lado é o aeroporto que se encanafa de limita-la. Aproximadamente quatro quilômetros. Tomando a cruz das ruas, tracando-se paralelos e transversais, temos a cidade de Corumbá, a "cidade branca", como diz a estação de rádio, "o maior parque industrial de



Matão Grosso."

O centro comercial aproxima-se do rio, nas duas primeiras quadras da Fria, Mariano e nas transversais: ^{13 de junho} ~~da Fria~~ Delamare. Ali está o comércio de toda a espécie, bem sortido com artigos de São Paulo e Rio e também redes tipo Nordeste. Estruo em um bar: "Friedo 5 letras que choram...". Indicativo de um loteação: "Maná - Meier". Apenas os trechos das ruas do comércio são calçadas. Uma polia esbranquiçada levanta-se por toda a rede da cidade, como em Tijuca, Santa Catarina. Mas há uma beleza latente nas ruas de Corumbá. Os flamboyants, quibômetros e quibômetros densos, árvores acompanhando as casas. Quando florescem há de aniquilar o colorido vivo e variado dos fachados.

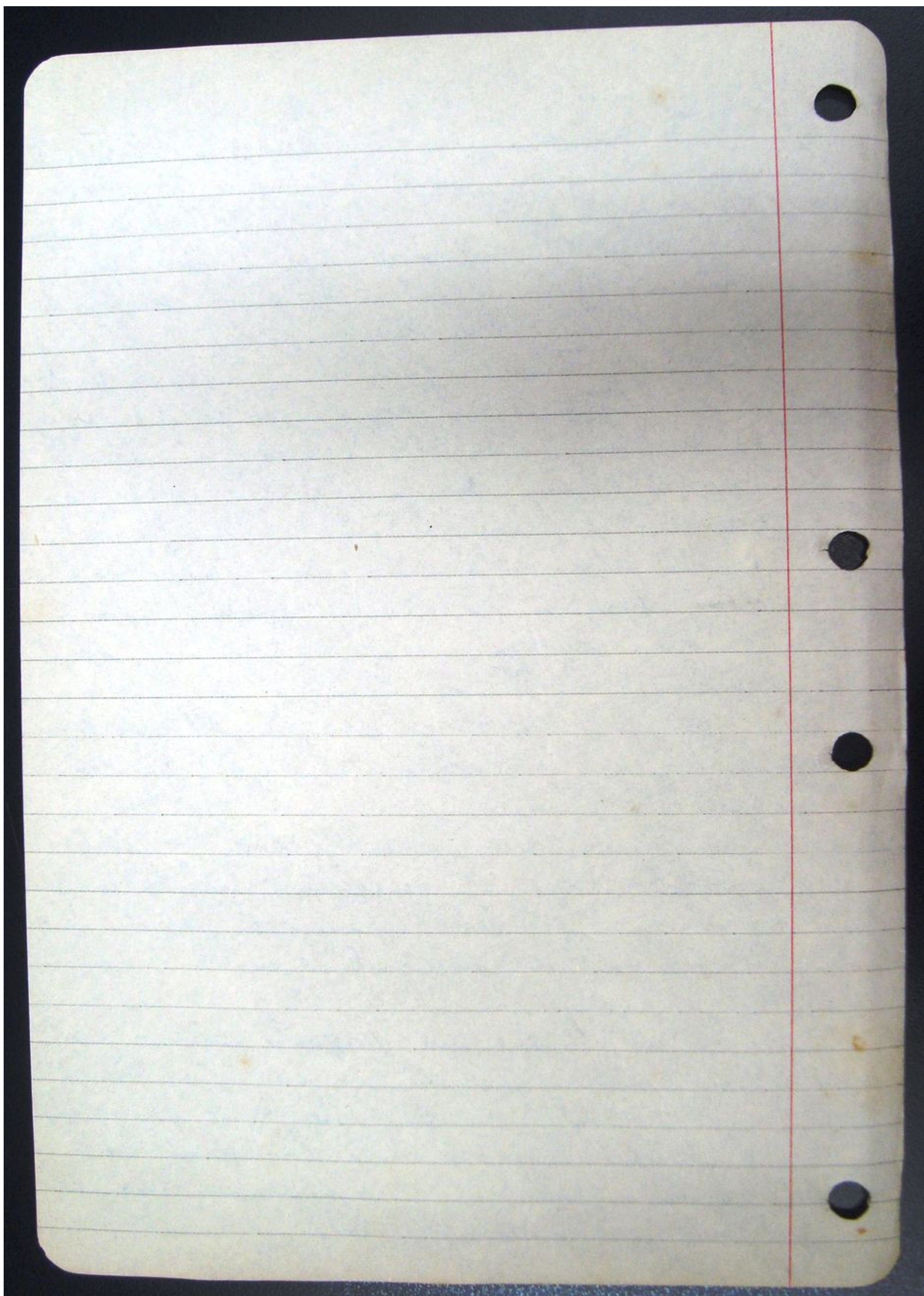
De noite a iluminação ~~é~~ à luz fria da praça Independência, com ~~parque~~ parque infantil e coreto (haverá retretas?), e da Av. General Rondon, enfeitada com palmeiras reais, e praça e insuficiente e mas moderna. (A ansia de mo-



dermizar as cidades sempre acaba por destruir suas características mais típicas. É a rua Chile na Bahia, com edifícios modernos, um edifício enorme em Belém - não chegando a ser tão abundante quanto o daqui por existirem semelhantes por perto; é o hotel de Oros Preto.) De resto, as demais ruas de Comumbá também são escuras porque a luz não atravessa os flamboyants. É a família, para aproveitar o fresco da noite, ~~tem~~ trazem cadeiras para a frente e conversam na calçada, ainda como no Nordeste.

O marco zero da estrada Brasil - Bolívia também o vejo de men quando. É uma coluna no cruzamento de duas ruas, com quatro mostradores de relógio no topo. Todos os ponteiros parados, cada face num ângulo diferente.

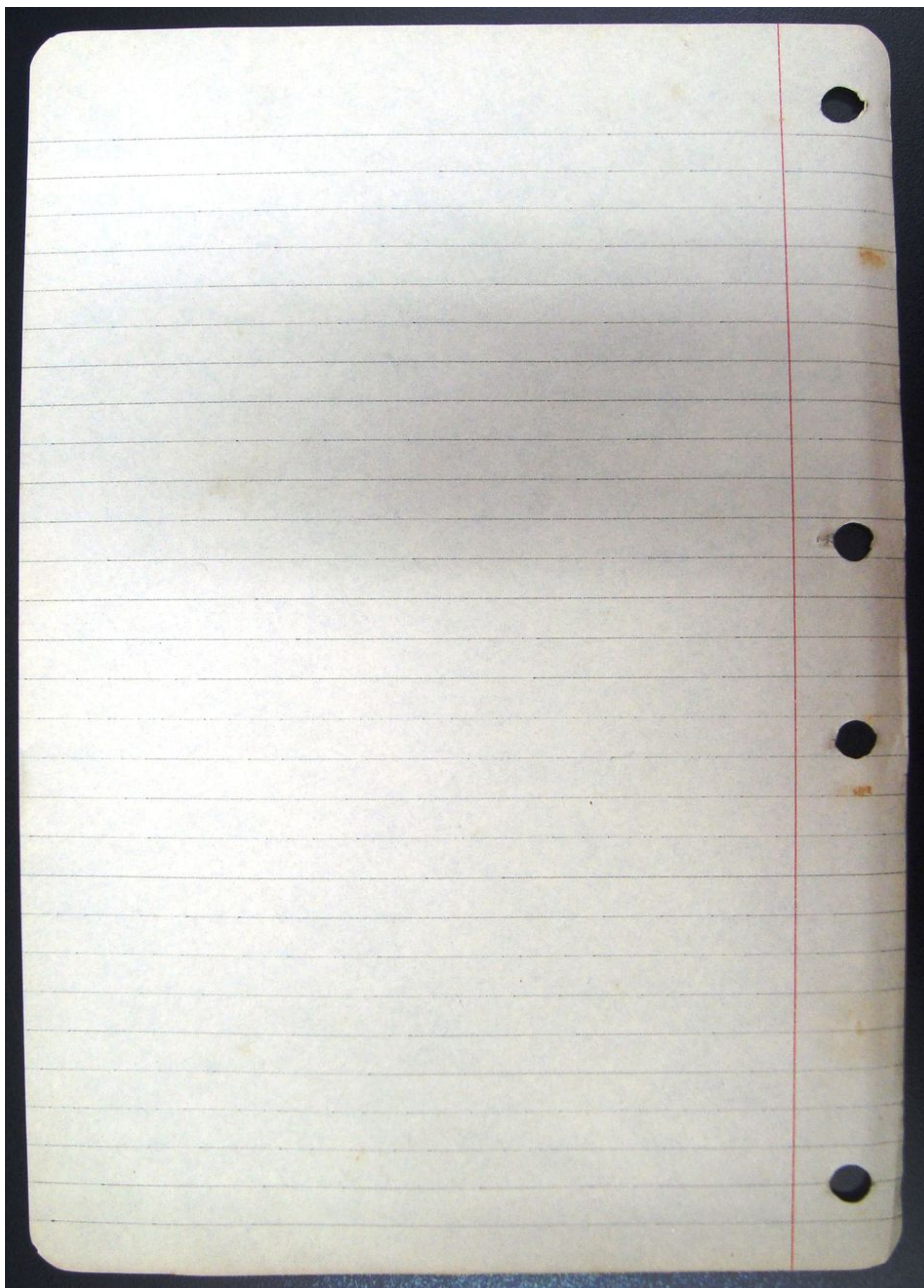
O que me desporta é o rádio. Num antena, onde se ouvia o Rio entram estações da Bolívia e Paraguai, a Rádio Nacional de Paraguai falando em cada intervalo no Mariscal López e suas glórias.



Março, 3.

Cinco horas toca o despertador. Pouco antes das seis para o ônibus do quartel. Às seis e meia assumo o comando. Desfile. Surgem casos a resolver e chega as onze muito depressa. Ônibus, almoço, ônibus às treze horas, casos, dezesseis horas, ônibus, hotel.

A rotina está prestes a estabelecer-se.



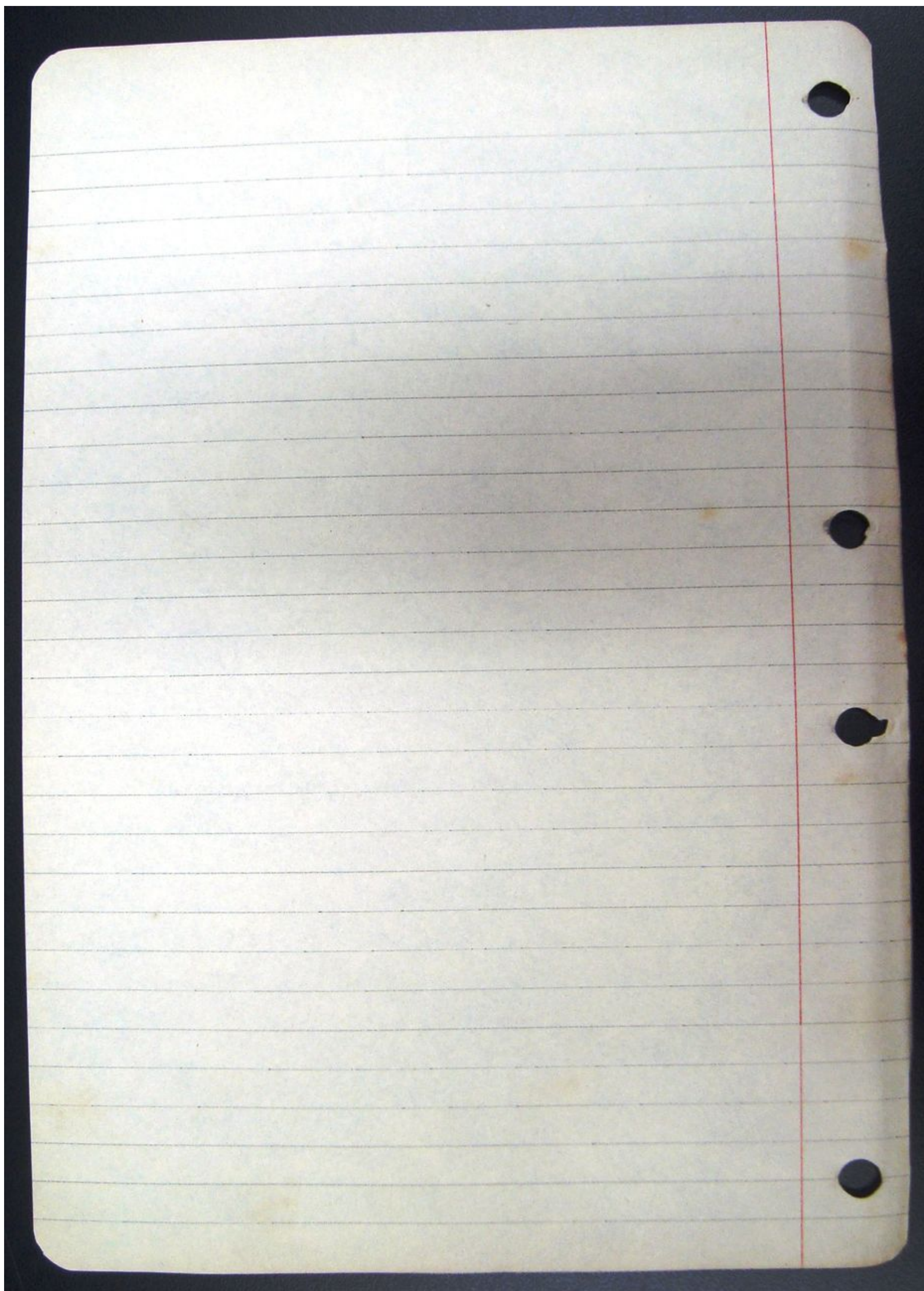
Março, 5.

A Enfermaria do 17:BC, por misteriosa razão que nós não sabemos explicar, foi construída no extremo oposto da cidade, a cerca de quatro quilômetros do quartel.

É uma construção antiga, com janelas e portas enormes, as peças com cinco metros de altura, paredes caiadas de branco. No interior, um pátio com um poço redondo, colonial, a canetilha presa a um arco de cimento. Está fechado. Do redor, uma paineira, mamoncos, um abacateiro.

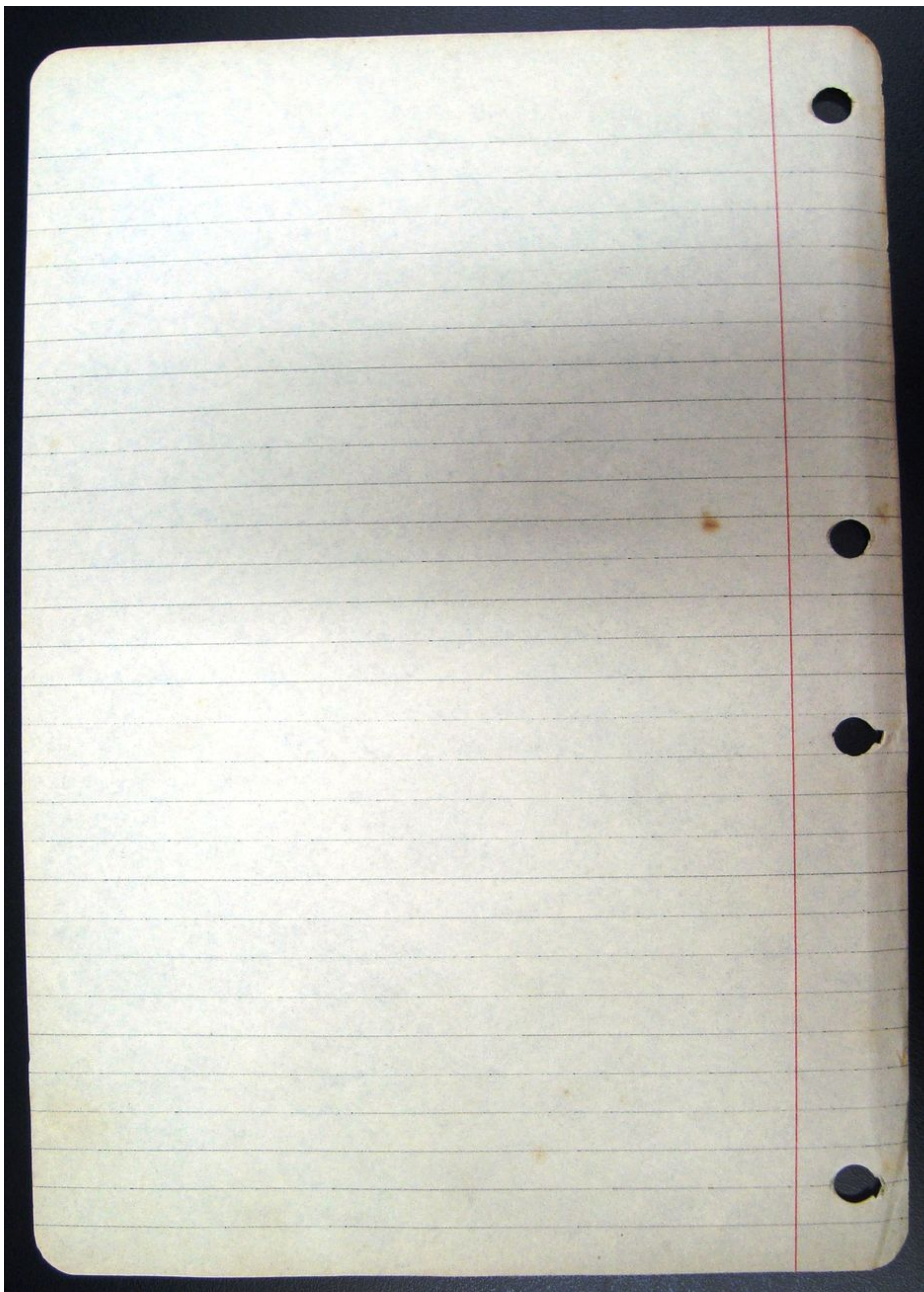
Os soldados barbeados passam a tarde deitados na varanda de ladrilhos, no chão, para fugirem um pouco ao calor. Não há água a não ser num tanque encostado ao muro. De noite cai um pouco mas não enche a caixa e o banho, de madrugada, é penoso, o corpo melhando-se lentamente com a água que sai de cinco ou seis furos do teto.

É nesta enfermaria que moro desde então. Um quarto amplo



demais, uma cama de ferro, um
caixote consertado com o servente
para suportar o rádio... e nada
mais. Roupa emalada, descon-
fôrto total. Terei de comprar os
móveis mas, aqui tudo é caro
e difícil. Temos providenciado,
em uma maior ou, mesmas
condições, para solucionarmos o
problema de água. Prefeitura, sol-
dados, mobilizamos a todos,
se não aparecer água, nova
mudança.

Deixei o hotel por medida
de economia. O ano passado em
Cumbá tem de se fortificar
de qualquer maneira.



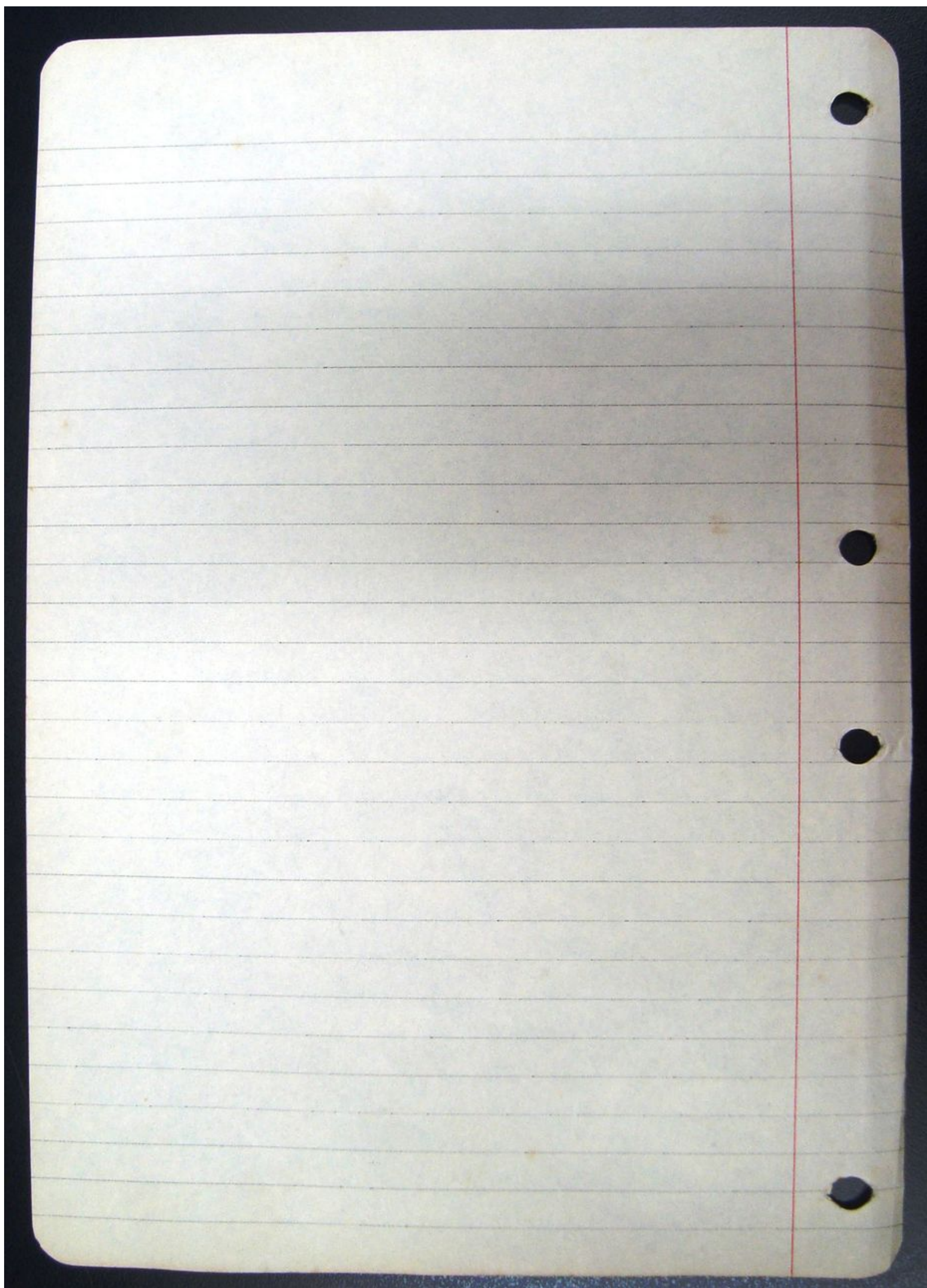
Março, 6.

At 8 Km do marco zero da cidade, seguindo pela estrada que continua a rua José Pessoa, corre o arroio Conceição, limite do Brasil com a Bolívia. Estrada carroçável, em péssimo estado principalmente depois das chuvas de ontem.

No limite, uma pequena marca de cada lado do arroio, ficam os postos militares de ambos os países, as bandeiras em confronto no alto dos mastros.

Posto Esdras é a sede do contingente brasileiro. Alojamento dos soldados, de madeira, e outras casas de alvenaria: residência do comandante do contingente (um sargento que trata de porcos, galinhas, plantações de milho, mandioca, dá instruções aos soldados, é também o enfermeiro, guarda e vigia a estrada), refeitório e Escola Básica do Rio Branco. Existe também um controle alfandegário que tem sede em outra casa, independente do exército.

Falta milho para a criação,



mas há luz elétrica, a água para beber vem de dois quilômetros de distância, o meio de que o sargento pode lancar mão para comunicar-se com o Batalhão e' estafeta montada.

— E essa lenha empilhada na estrada?

— E' para o rancho e a padaria do quartel.

Viram da mata próxima.

— E quando acabar?

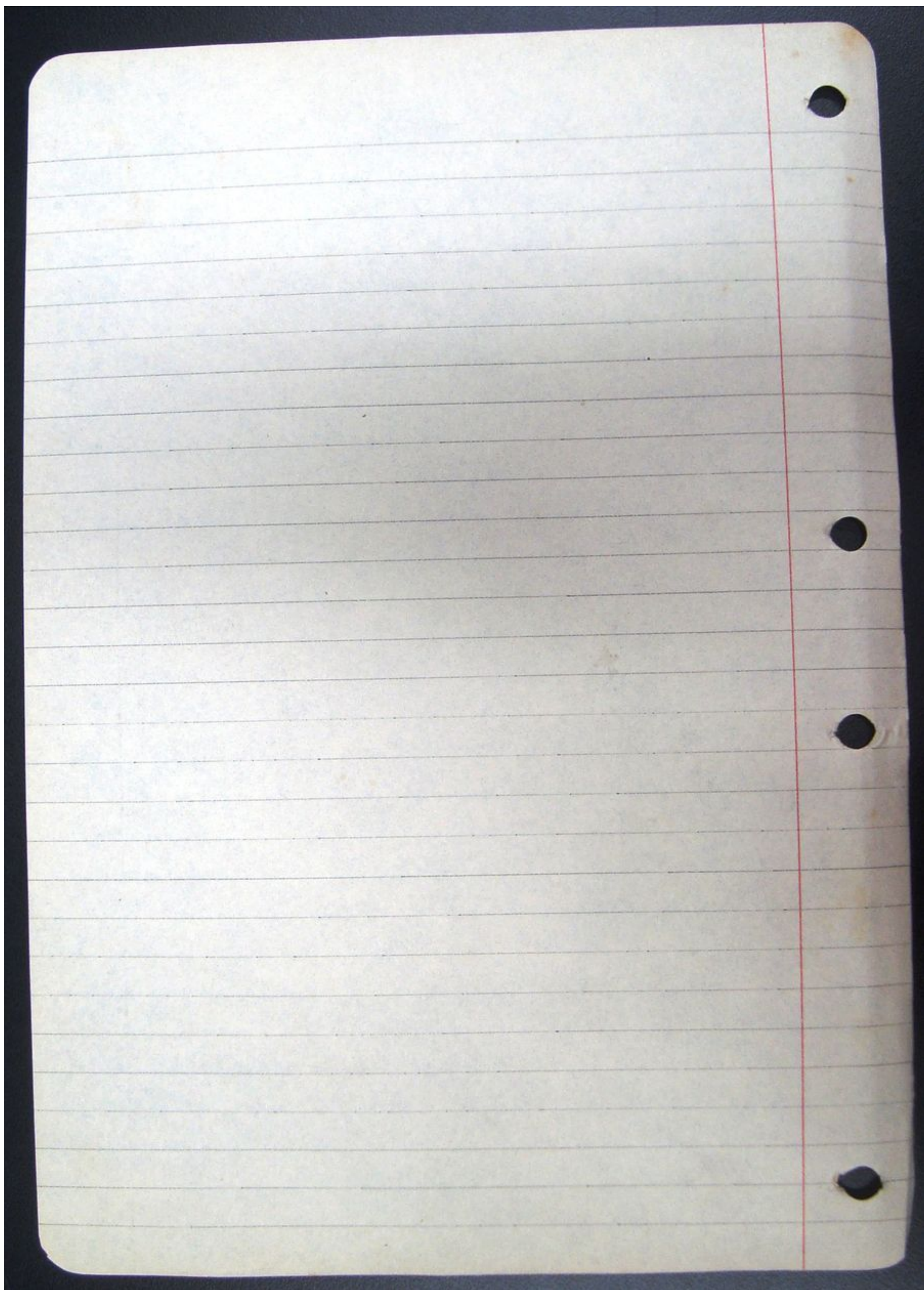
— Muda-se o posto - diz o sargento rindo.

Mas, há a Escola Barão do Rio Branco. Um soldado, que foi professor no estado de São Paulo, ministra aulas para 29 crianças distribuidas pelos 1.º, 2.º e 3.º anos primários, todos na mesma e única sala da escola.

— E' difícil porque só tem uma lousa, capitão.

E não recebe gratificação alguma. Há uma professora estadual nomeada mas, nunca aparece.

atravessa o rio Concórdia,



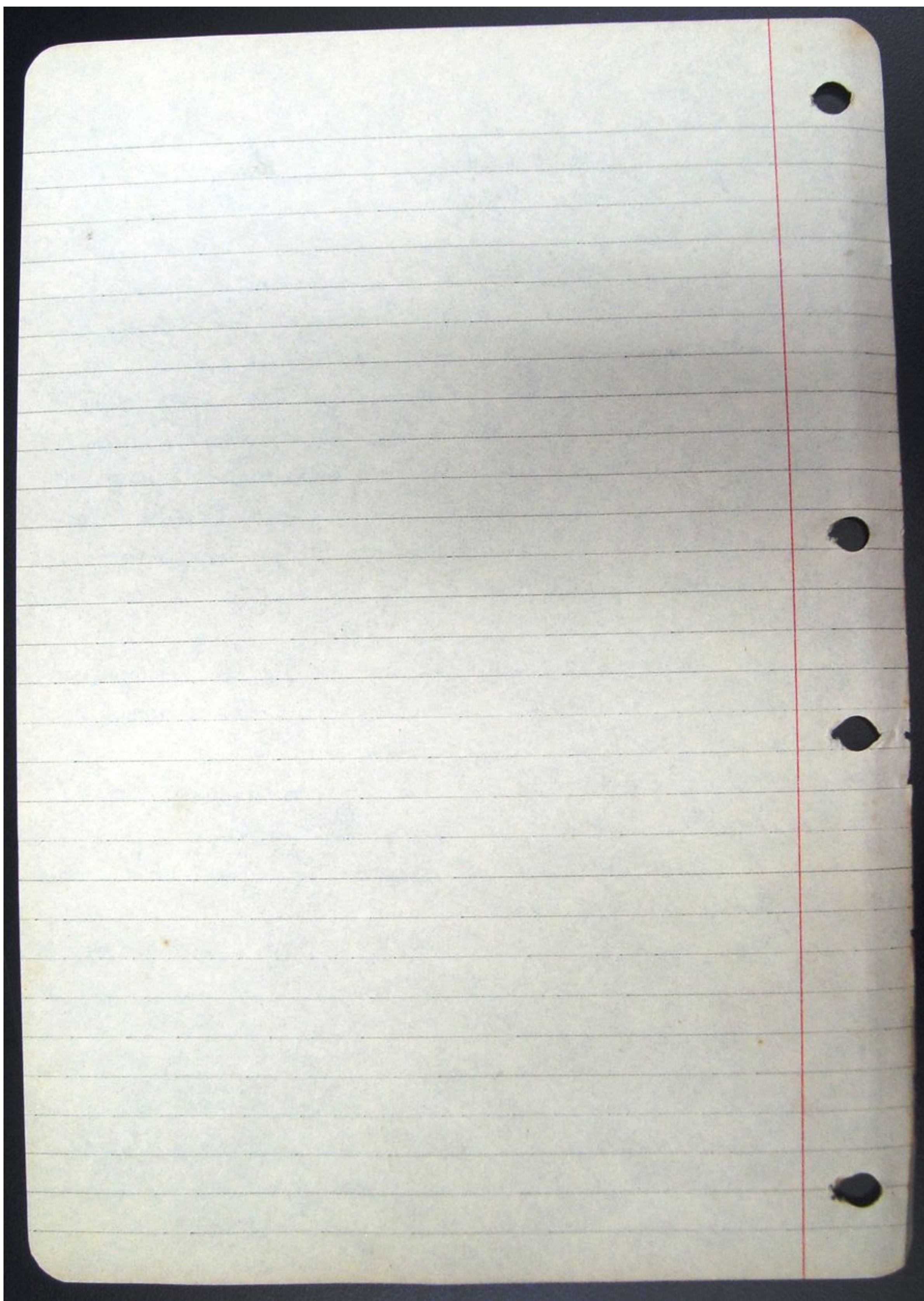
apenas uma panada maior, e
estou na Bolívia. A Bandeira
de listos verde, vermelha e bran-
ca meio murcha no mastro.

O posto é uma casa ve-
lha, mal cuidada. Aparece um
homem que me apresenta como
o sargento encarregado da guar-
da e vigilância da fronteira.
Chinelos, calça de brim, camisa
branca, um cinto de lona com
a fivela metálica da aeronáu-
tica brasileira.

Enquanto o jeep se esforça
para vencer a péssima estrada,
na volta, não consigo esquecer
o soldado e os 29 crianças da
Escola Borão do Rio Branco.

— Só tem um quadro-re-
que, capitão.

De tarde vou conhecer a
Feira Boliviana. Deve ser aquela
feira boliviana. Pobre, extremamente
pobre. Não só a gente que vem

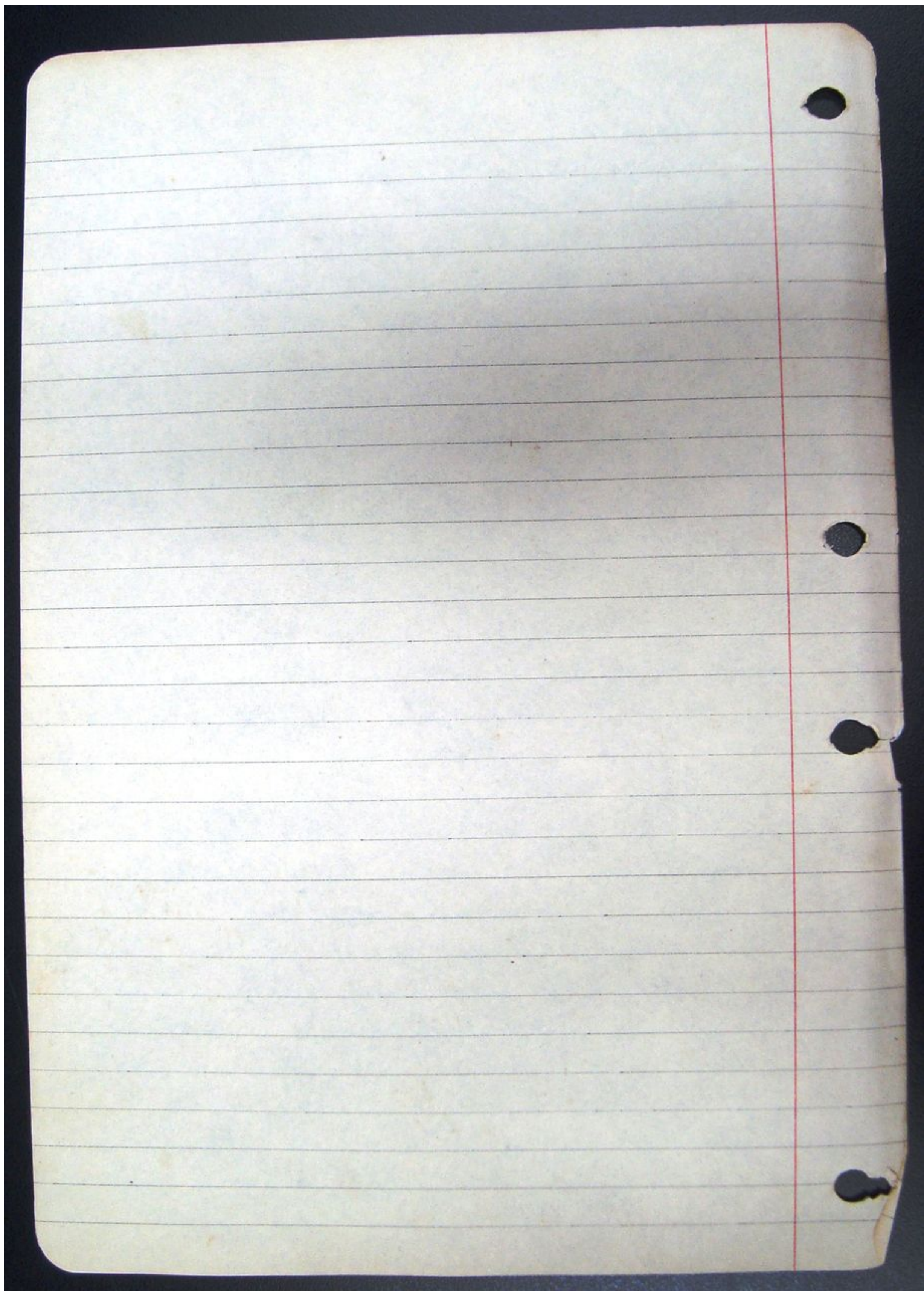


vender o que conseguem em sua
terra como que trazem para vender.
Bananas, laranjas, verdes, limas,
limões, bocaiúvas (fruta que não
conhecerei), milho verde e seco,
batata-doce, mandioca. Sabonetes,
bala-chas, pouca coisa mais. De
característicos: tapetes de pele de
carneiro, alguns pots e panelas
de barro queimado, pequenos, para
as crianças brincar.

— Antigamente vinha mais
coisa.

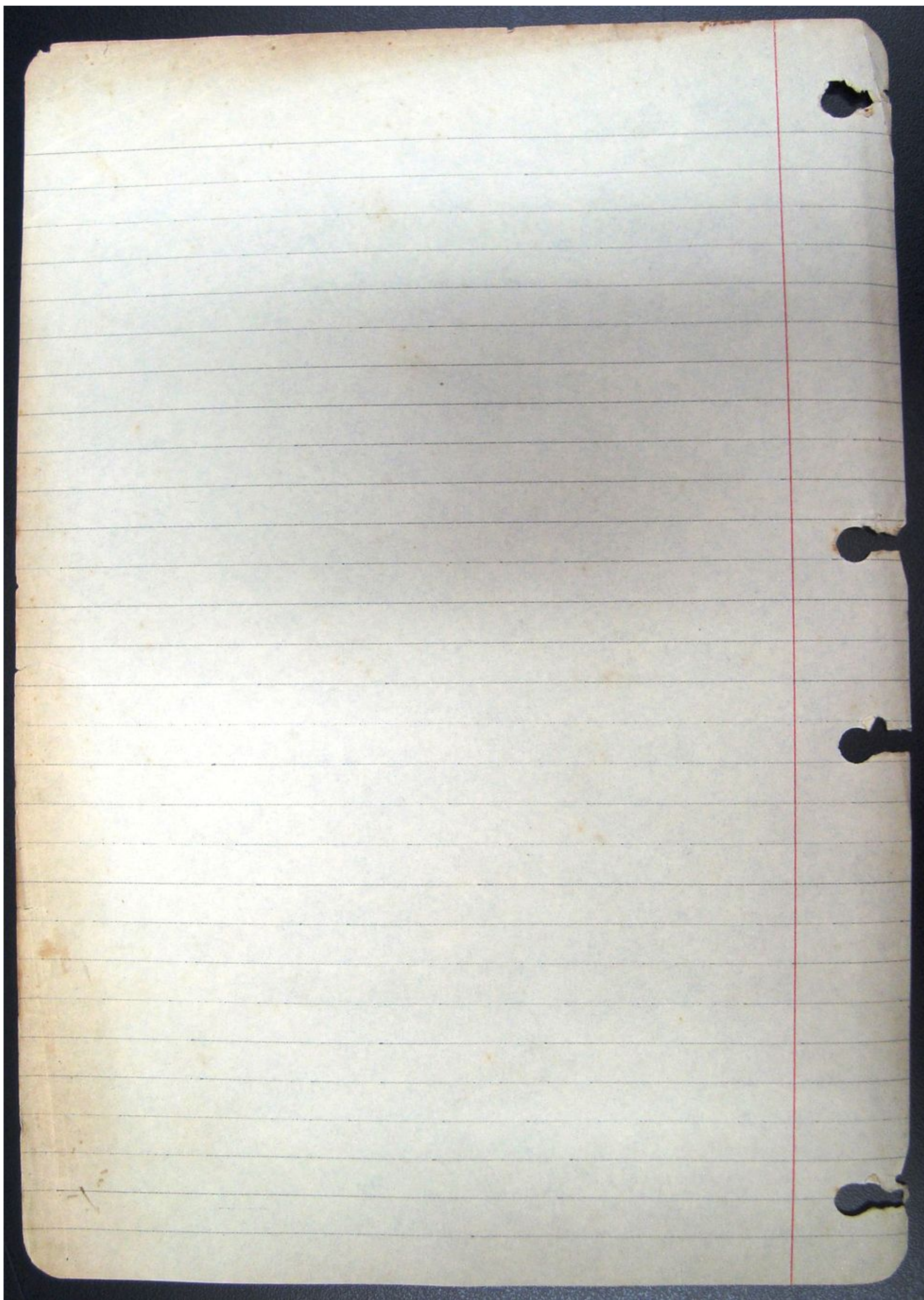
Três colchas de vicunha, as
únicas que trouxeram, foram apre-
endidas pela alfândega. Contra-
bando.

O boliviano que faz esse
comércio mindo e barato vem
em trem de carga com malas e
sacos. É um povo triste, pobre,
que para a noite de hoje um ta-
rumbas (cuiabá, seis um quarto)
de uma hospedaria infecta da
zona da estação de entrada de
ferro, repisado onde instalaram a
feira, amontoado de gente sem
alegria e sem esperança.



Março, 7.

Visita ao Forte fungueira. Logo ca-
nhões Fried Krupp, canhões pela
culata. Colhei subsídios.



Março, 9.

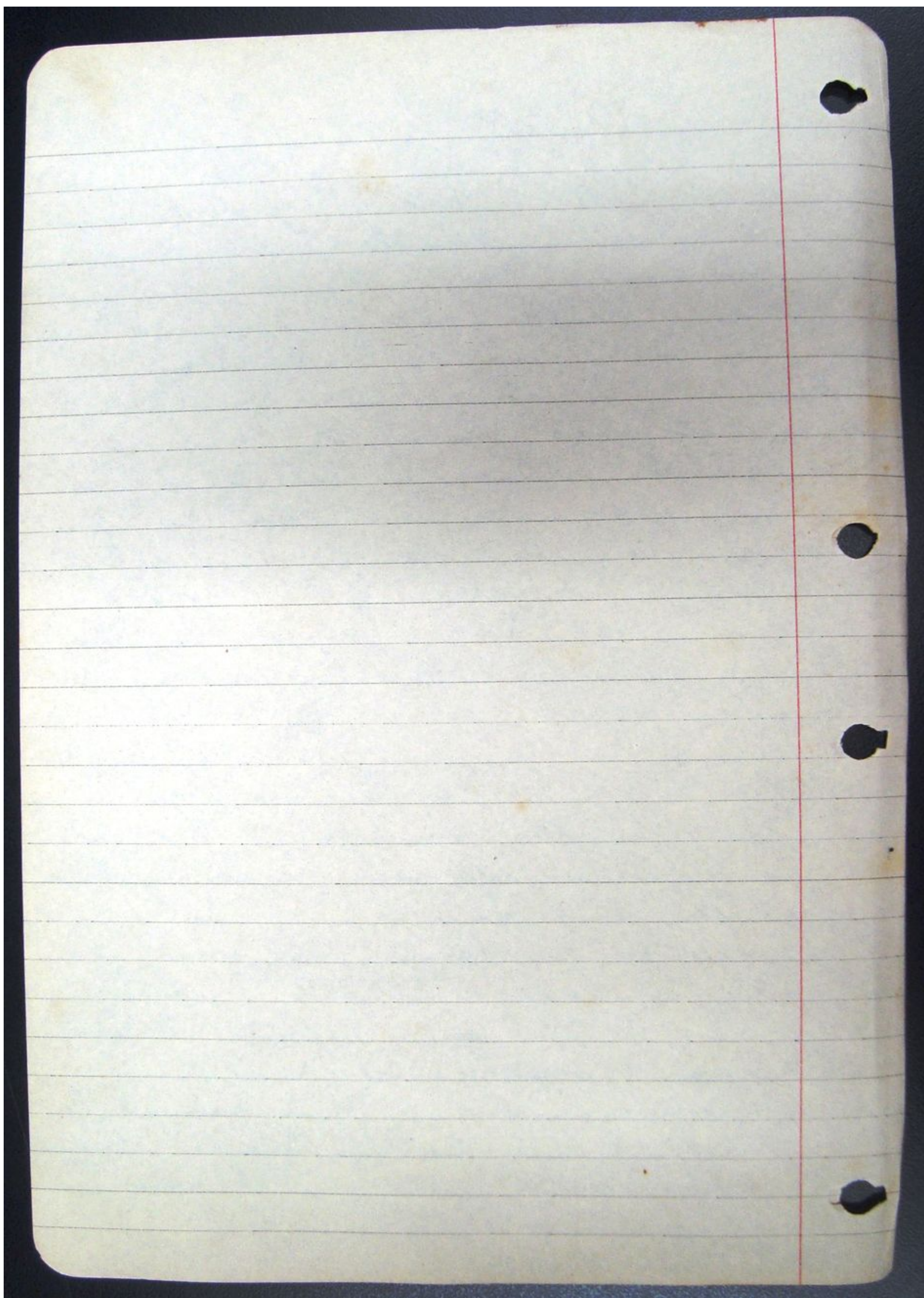
~~Então, sábado, fui a Ladário para de lá sair em lancha motor para uma pescaria.~~

Cumbari - Ladário, 6 km, por uma estrada que está recebendo asfalto.

Ladário é o menor município de Mato Grosso, separado de Cumbari por questões políticas. A sede do município, abrangendo quase o total da superfície, é uma vila que se mantém com os numerários que a Marinha aí despacha todos os meses, do pessoal que serve na Base Fluvial de Ladário.

A Base, que ^{então} vai com o pessoal em direção ao rio Parapuarí, para uma pescaria, tem uma bela vila de oficiais, pavilhões de alojamento, comando, hospital, uma piscina, o único dique seco dos rios Parapuarí e Parana e é também sede do Distrito Naval.

Mas, ~~hoje~~ o que quero descrever é uma pequena pescaria de que fui observador. Tomaram parte ~~na~~ o tenente dentista do Batalhão e o comandante Palhano, da Marinha, com sua lancha motor.



Muita coisa para observar, desde o contraste absoluto das margens até a paisagem humana.

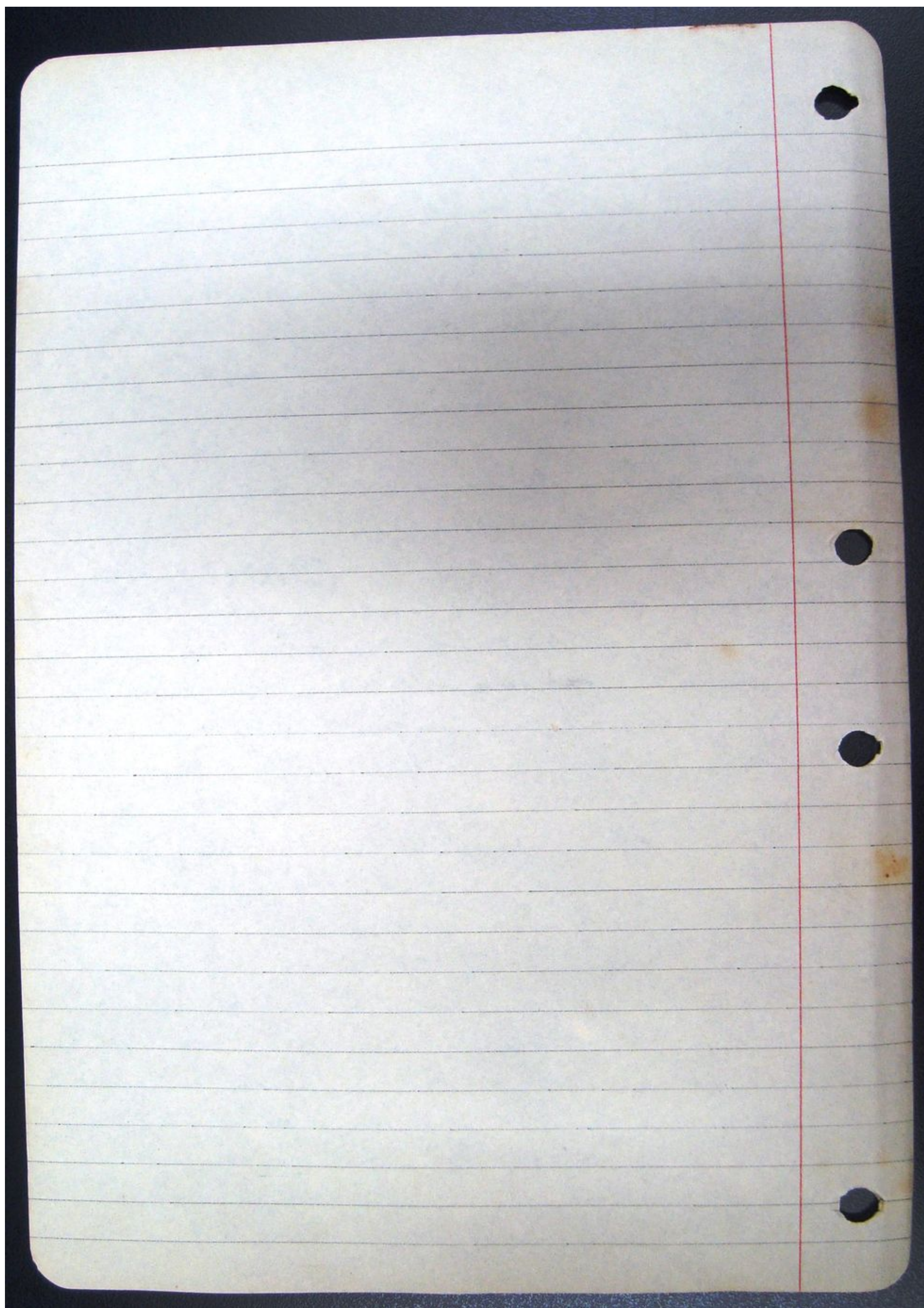
A margem esquerda, do outro lado da cidade, totalmente baixa e plana, ampliando a superfície das águas, sem declínio; a outra elevada e pedregosa, as pedras formando camadas que lançam cascadas nos troncos sobre o rio.

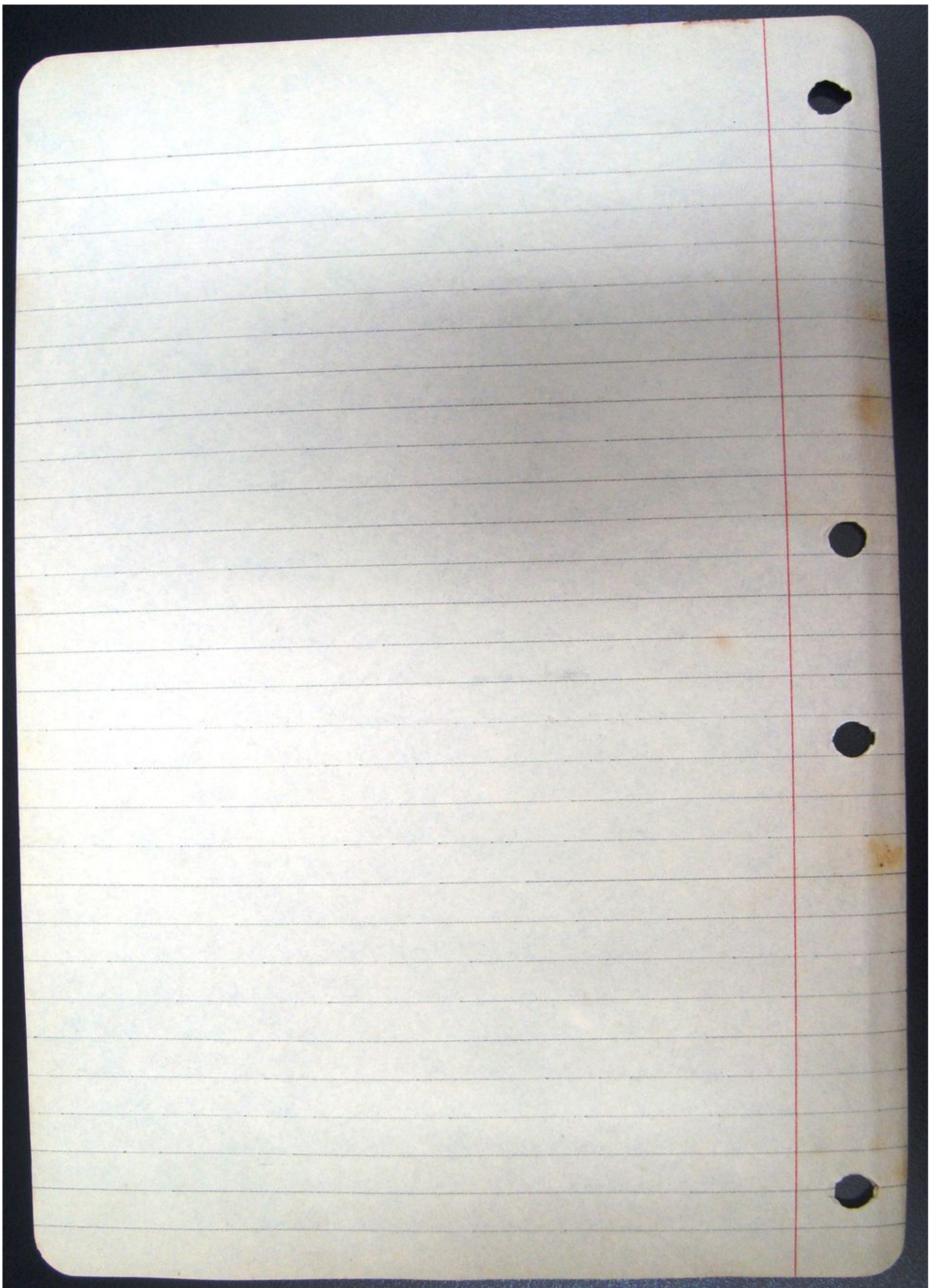
— A esquerda é solo argiloso e esta, calcários — explica o comandante. Dali é que retiram os calcários para a fábrica de cimento, ~~explica~~ diz ele, mostrando os homens a cavar a terra sob o sol forte da tarde.

A essa altura ambos haviam lançado a linha e o timote começa a puxá-la rapidamente.

— Repara firme!

Em poucos segundos, novo parafuso no barco, um dorado de uns 70 cm (depois verificamos o peso: 5,2 Kps). Como a região tinha peixe, a lancha a motor voltou várias vezes ao mesmo ponto, passando sempre por uma cabana de madeira onde três homens, olhos divertidos,

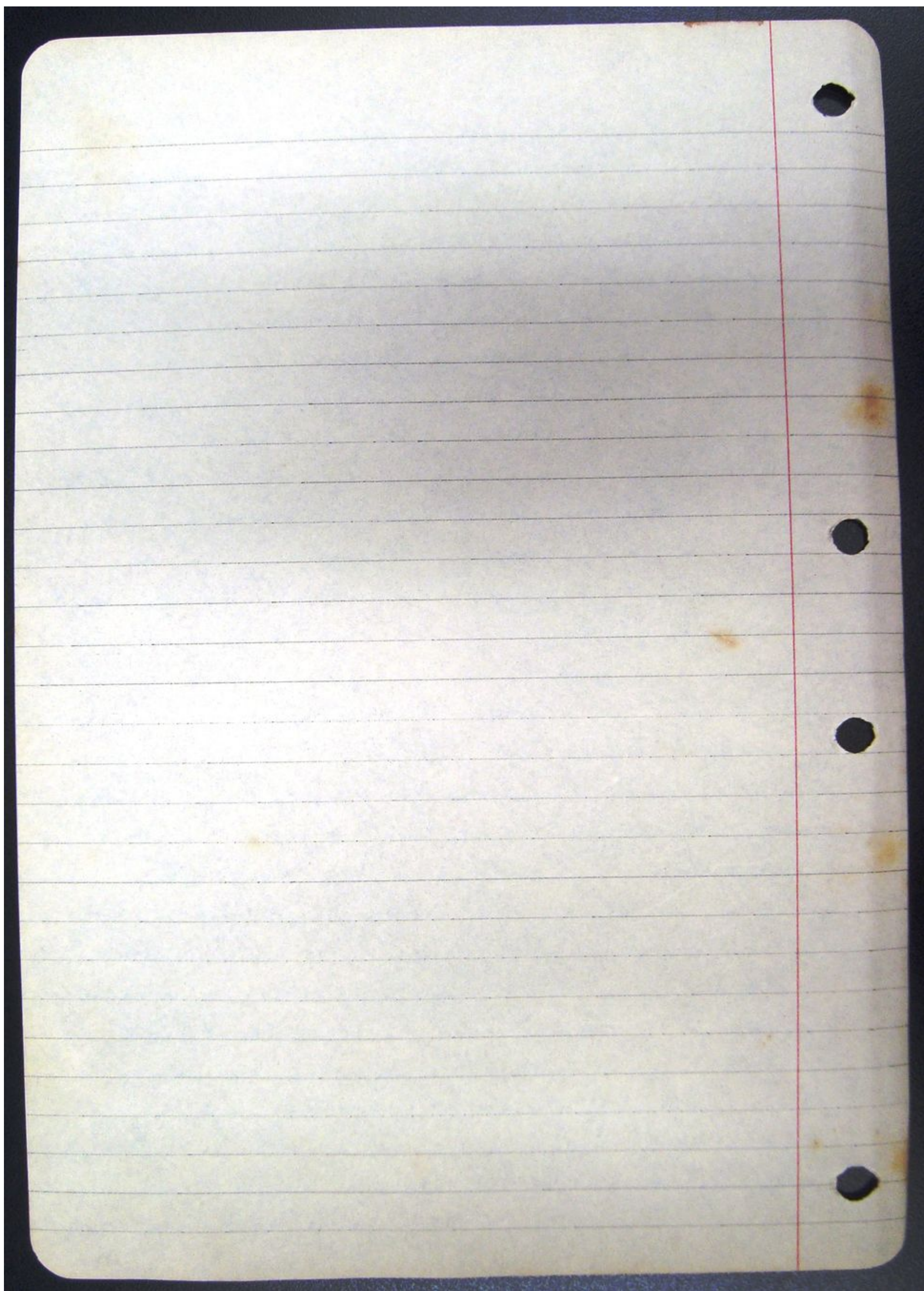




-se com uma mulher. A primeira
cena foi um dele abraçando a
pinto à parede, beijando-a, sem
se prescrever com nova lancha
engando. Na outra volta, o galé era
ento, mais velho, vermelho, a calce-
leira raspada à moda alemã.
Mas, na terceira e quarta volta
o idílio tomou outro aspecto. A
mulher, sozinha, aproximou-se do
rio, despiu a saia floreada e ficou
em combinação branca. Carne mo-
rena, rija, apareceu melhor quando,
num gesto brusco, retirou a combina-
ção e pôs à mostra coxas volu-
mosas, seios caídos, uma calça
vermelha de elástico na cintura.

A lancha se afasta, ambos
os anzóis acurram peixe, nova-
mente o recolher apressado do, linhas,
o aparecimento das colheres, dos
anzóis, depois o luzir de um
dourado e de um peixe-cachorro
na lancha. O peixe-cachorro com
duas enormes presas no maxilar
inferior que ~~penetram no~~ se chocam
no superior quando o bicho fecha
as mandíbulas.

Estava encenada a pescaria.



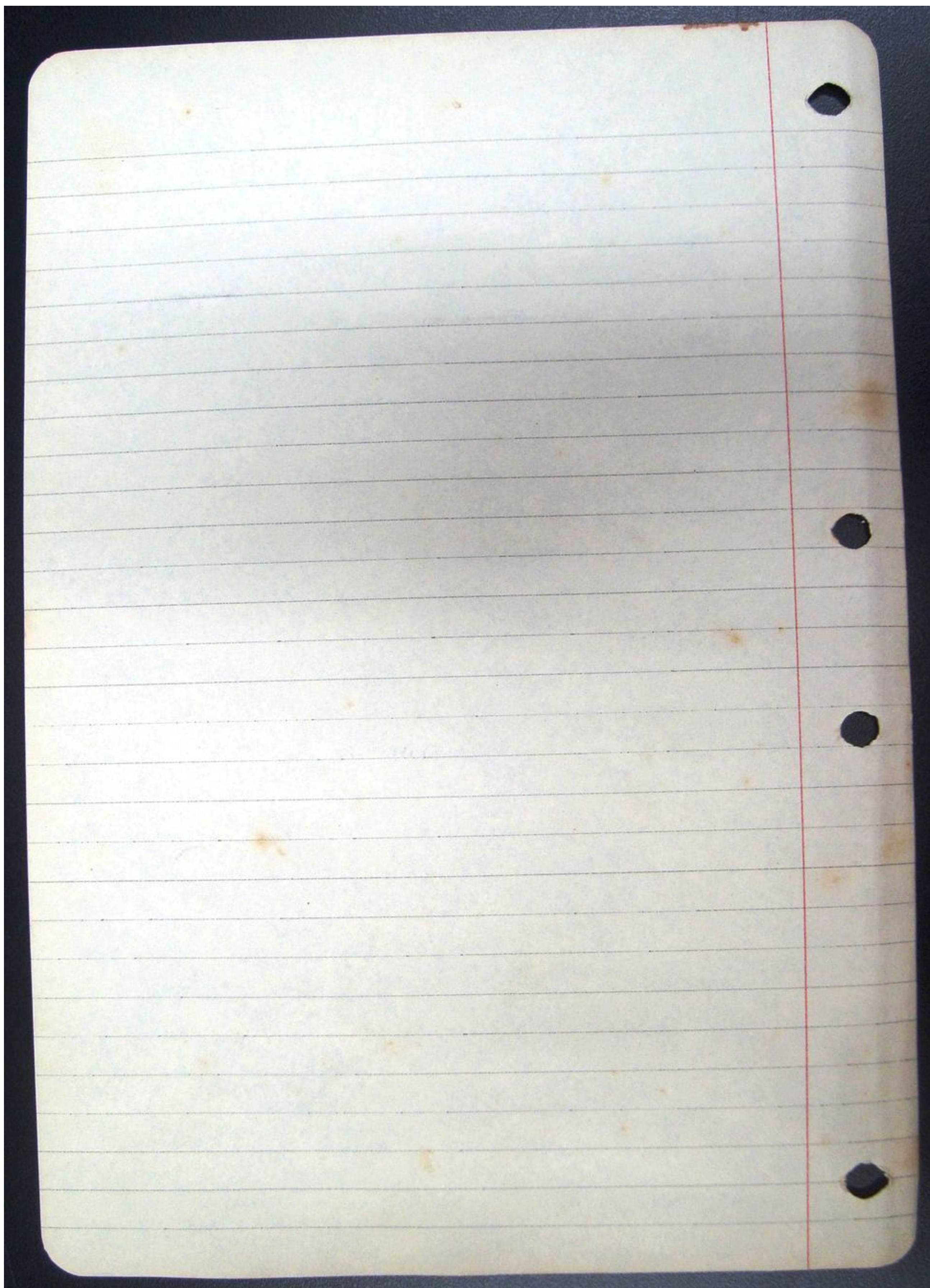
Mas minutos entre tentativas foram feitas. Na última paragem pela cabana ~~de~~ beira rio, a mulher e um dos homens, estavam se acariciando nus, ~~a margem da água, os corpos~~ semi-cobertos pela água que emitia pequenas ondas circulares, ao movimento ritmado dos corpos. Amor selvagem, natural, era como se a lancha não existisse.

Subimos o rio em direção a Comumba'. Na margem alta um arame inclinado e tenso me chama a atenção. Lançam ao rio o arame preso a uma pedra e o amarram a uma árvore, lá em cima. A lata, fixa a uma corda com pelo arame e volta cheia de água. Processo primitivo e inteligente de ter água em casa.

Além, um fato vermelho manchando o rio, alguns pescadores na margem.

— É o sangue do matadouro. Repais de piranhas.

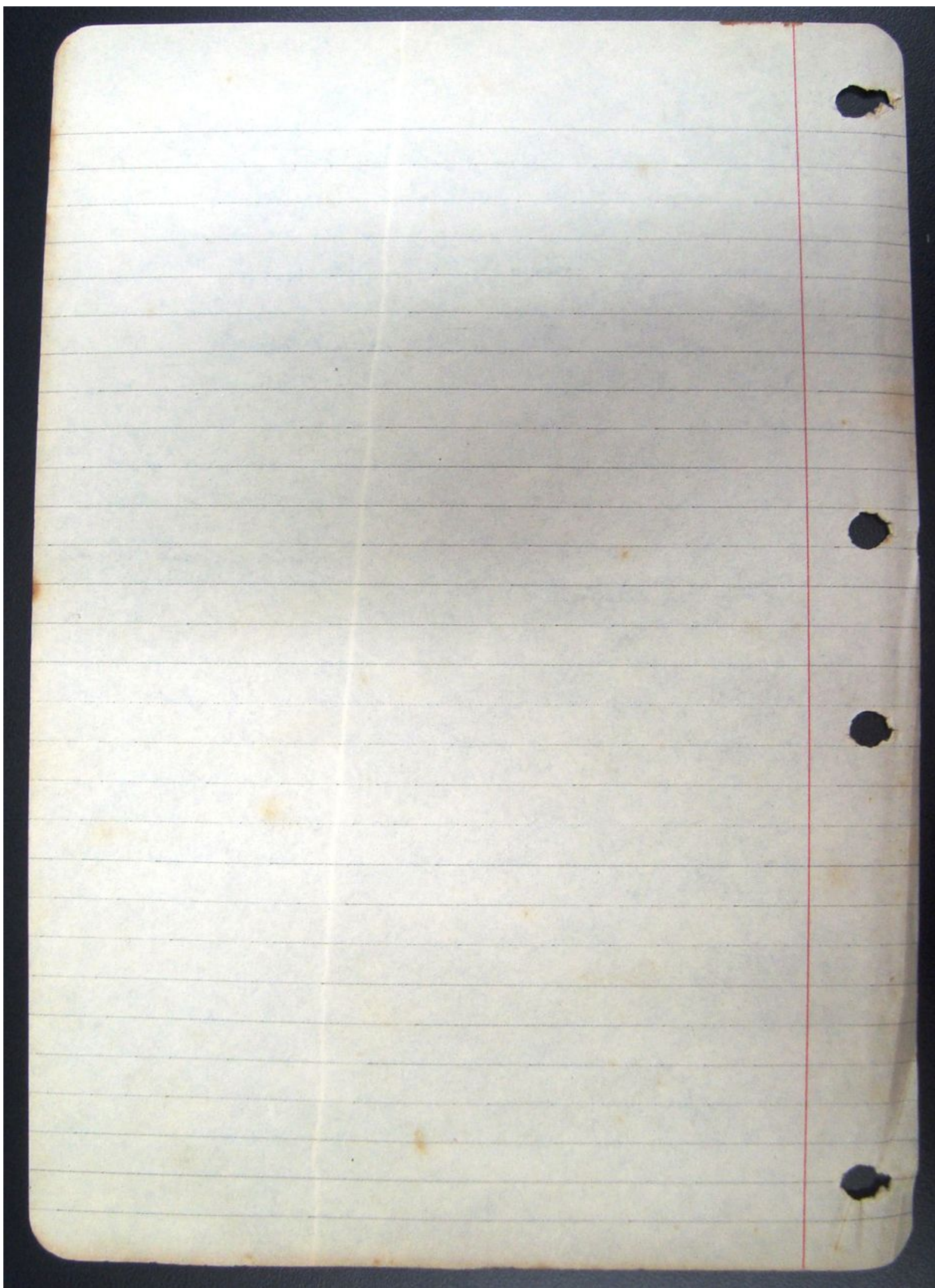
Não são todos que comem esse peixe, pelo fato de se alimentarem de carne humana, quando



podem — É um peixe entrar na água
de calcão vermelho, pensam que
é sangue e avançam — esapla
um. (~~Pense~~ Lembra-me da calça
vermelha da moça).

A lancha continua a subir,
Comunha' aparece lembrando um
pauco a Bahia, rodeando o farol
no meio do rio, cilindricos, de
uns 5 metros, alimentado a tubos
de aço, prosseguimos até o canal
do Lamenço, braco ^{por onde a Lapa Lapa} ~~que o rio passa~~
^{se liga ao Parapetá} ~~para~~ lancha para Est. Vão tenta-
tivos com o anzol, encenaram
o passeio, sem se pescar o pintado,
peixe mais gostoso do rio, ou o
pacu.

Diz a lenda: quem comer
cabeça de pacu não sai mais de
Comunha'.



Março, 10.

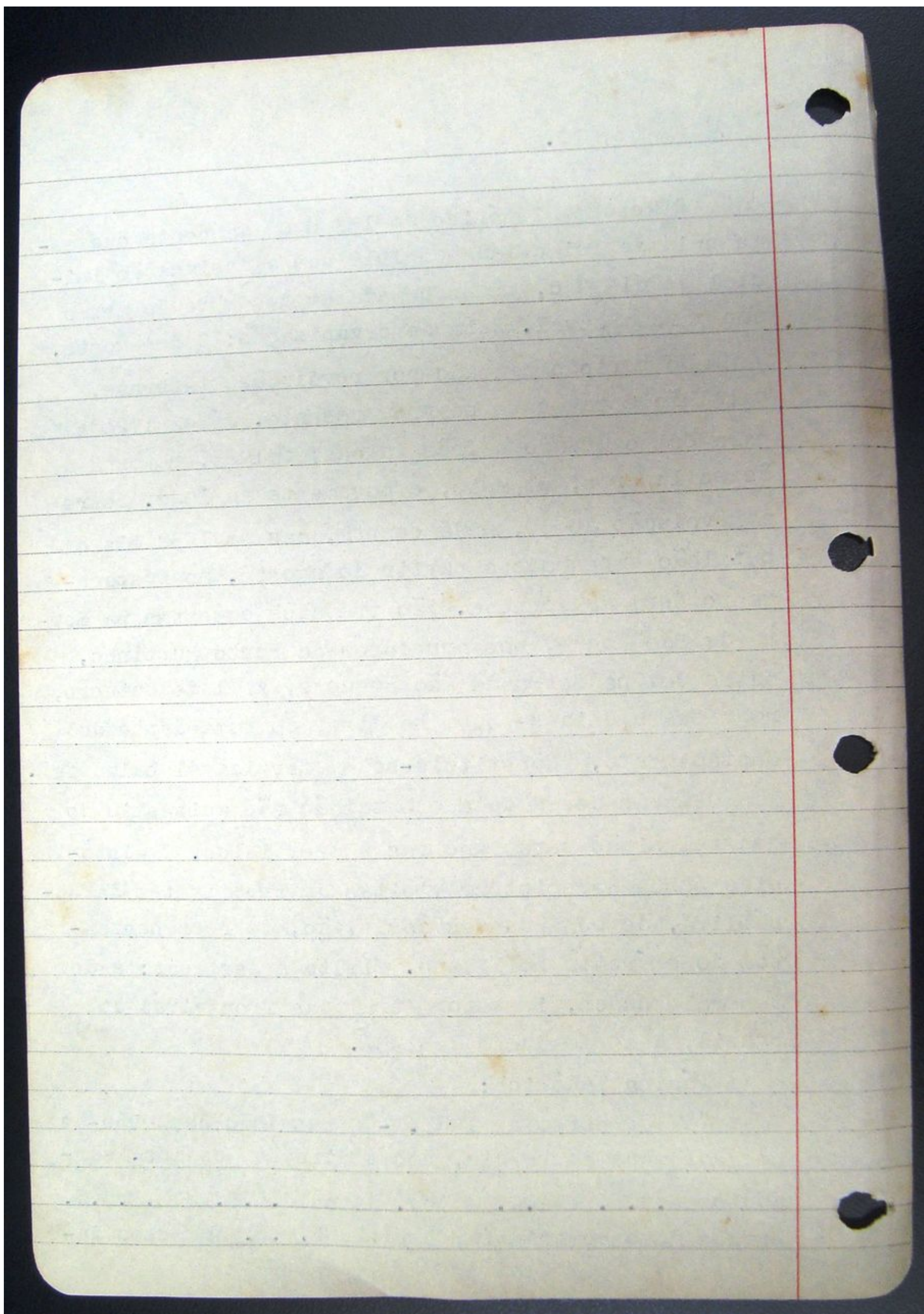
O Resumo Histórico do 17^a B C dá conta que esta unidade foi criada em 1919 com a designação inicial de 61^a B 6, transformada em dezembro do mesmo ano para a atual. Data de organização: 9 de agosto.

No período agitado por revoluções internas, o batalhão está quase sempre presente. Já em 1924 sai para Campo Grande e Três Lagoas; em 1925, retorna a esses lugares, em maio, e novamente em 1926. Sobre a Revolução de 30, nada consta, mas em 1932 eis o batalhão empenhado a partir de agosto, no Destacamento Nery da Fonseca. São travados combates na Serra de São Roque, nos arredores da Porto Murtinho, outra vez na Serra de São Roque e, a 21 de outubro, regressa a unidade que, no dizer do comandante do Destacamento, "constituiu-se em formidável baluarte".

Depois dessa data o batalhão não mais saiu do quartel sinão para manobras e exercícios. O Histórico passa a registrar visitas de Presidentes da República, de Comandantes de Região, de representantes do exército boliviano. Visita a destacar: a do General Rondon, inspetor geral das fronteiras do Brasil, a 14 de julho de 1930.

Página lacônica:

"27 de março de 1925. - O batalhão sublevou-se ne madrugada desse dia, sob a direção dos los. sargentos A.C.A. e A.G. e 3os. ditos J.L.F. e M.F.C.S., prendendo o comandante, capitão L.O.P. Na mesma da-



ta houve uma contra-revolta que restabeleceu a disciplina restituindo o comando do batalhão ao capitão L.O.P., do qual se viu privado por 10 horas, por força da felonía de que foi vítima."

Março, 11.

Uma revolta contra o comandante dá sempre em que pensar. Por que? - Quais as consequências?

Procurei o sargento mais antigo do batalhão, praça de 1935. Pouco sabe.

— Parece que foi por atraso de pagamento.

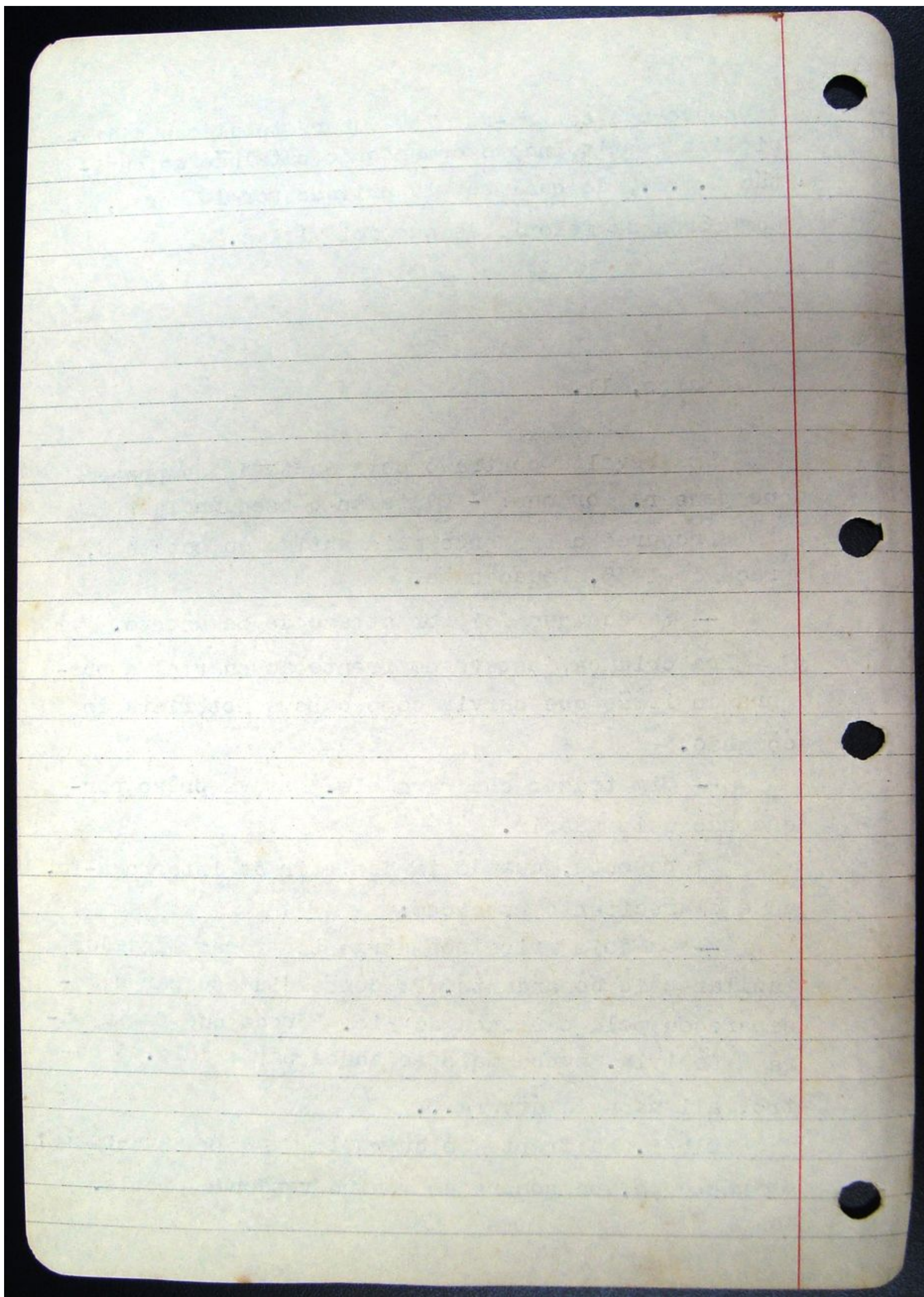
Era criança, esteve em frente ao quartel à procura do irmão que servia como cabo ~~e~~ motorista do comando.

— Vim trazer chá para ele. Estava prêso porque não quis aderir.

De repente, quando ia desistir de interrogá-lo, um esclarecimento precioso:

— Os dois primeiros sargentos foram mandados fuzilar pelo comandante. Um conseguiu escapar e desapareceu pela barranca do rio. Parece que fugiu para a Bolívia. Nunca mais se soube parte d'ele. O outro, ali naquela árvore...

Olhei. Na frente do quartel um pé de água-pomba; ~~grande-copa~~, na sombra, um menino vendendo picolé.



Março, 12.

Cerca de vinte minutos matando baratas em um novo endereço: Rua Delamare, ~~#235~~ 1325.

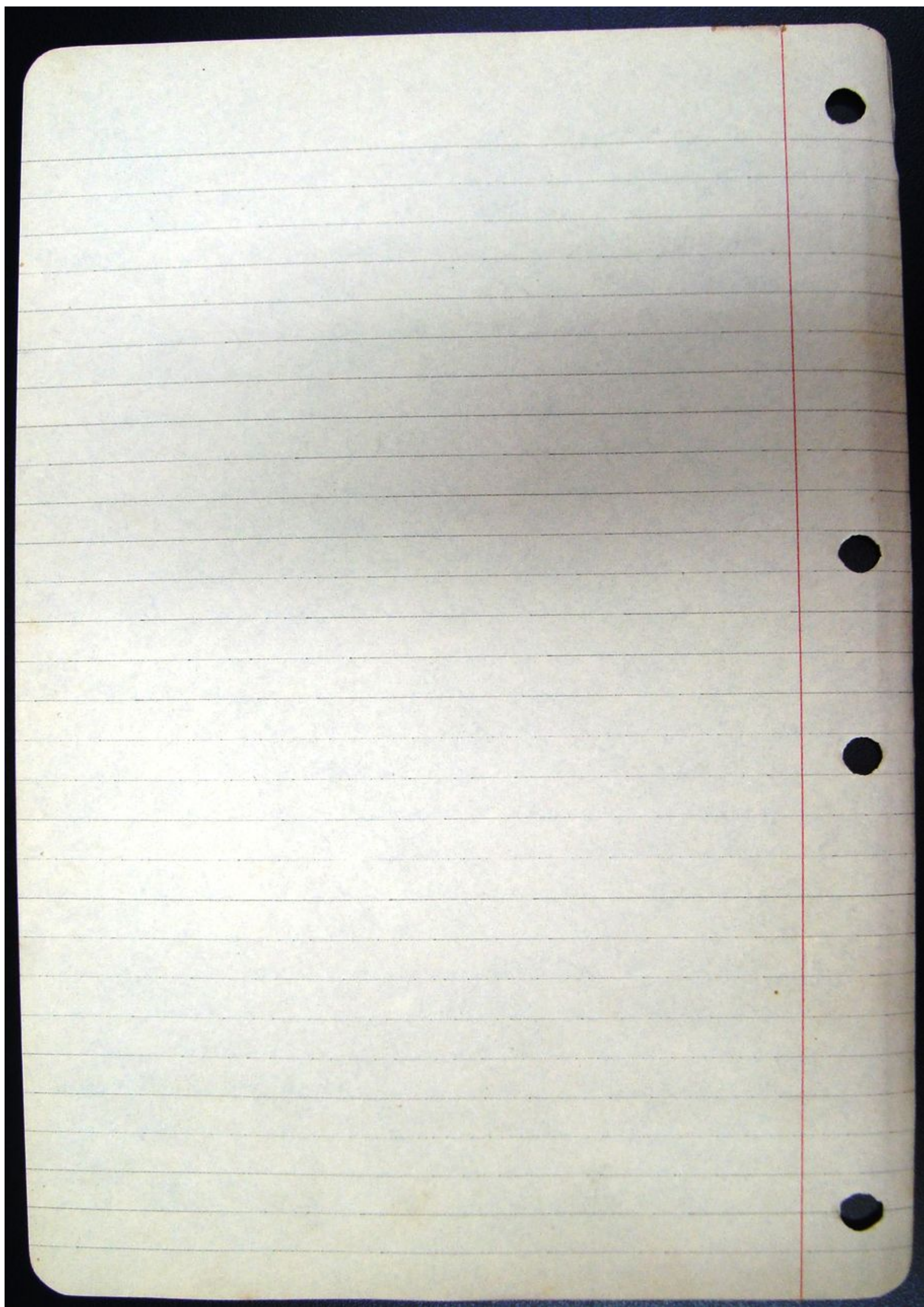
O Coronel anunciou hoje a primeira providência foi gloriar-me a santagem de morar na Enfermaria, sem despesa. Motivo: há tempos atrás mandei que se retirassem quatro espirantes que, segundo deu a entender, não se comportavam bem:

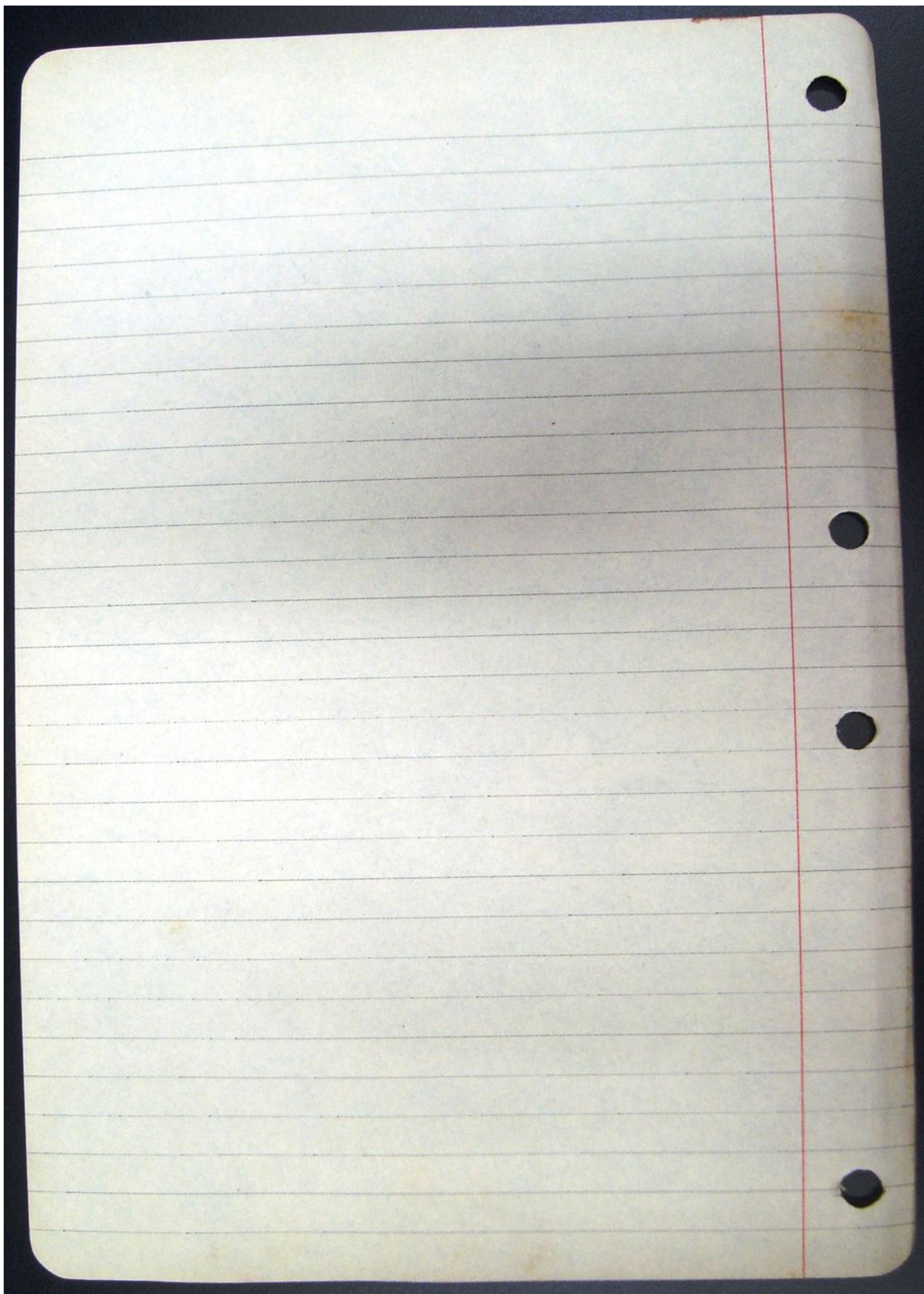
— Chegavam à panela de bosta

me. Para que eles não se sintam injustificados, saio eu, com oferecimento de morar em casa do novo médico, eu e o major, nos companheiros de Enfermaria.

— O médico casará breve, mas avisará com sessenta dias.

Para evitar nova mudança, subsi alugar este quarto. Últimamente, as portas têm seguramente 4 metros. Há há panelas. Uma porta abre diretamente sobre a rua, outra, ao fundo, ligada com uma pequena área fechada onde foi construído um rancho para o banheiro. Paisagem: alho para



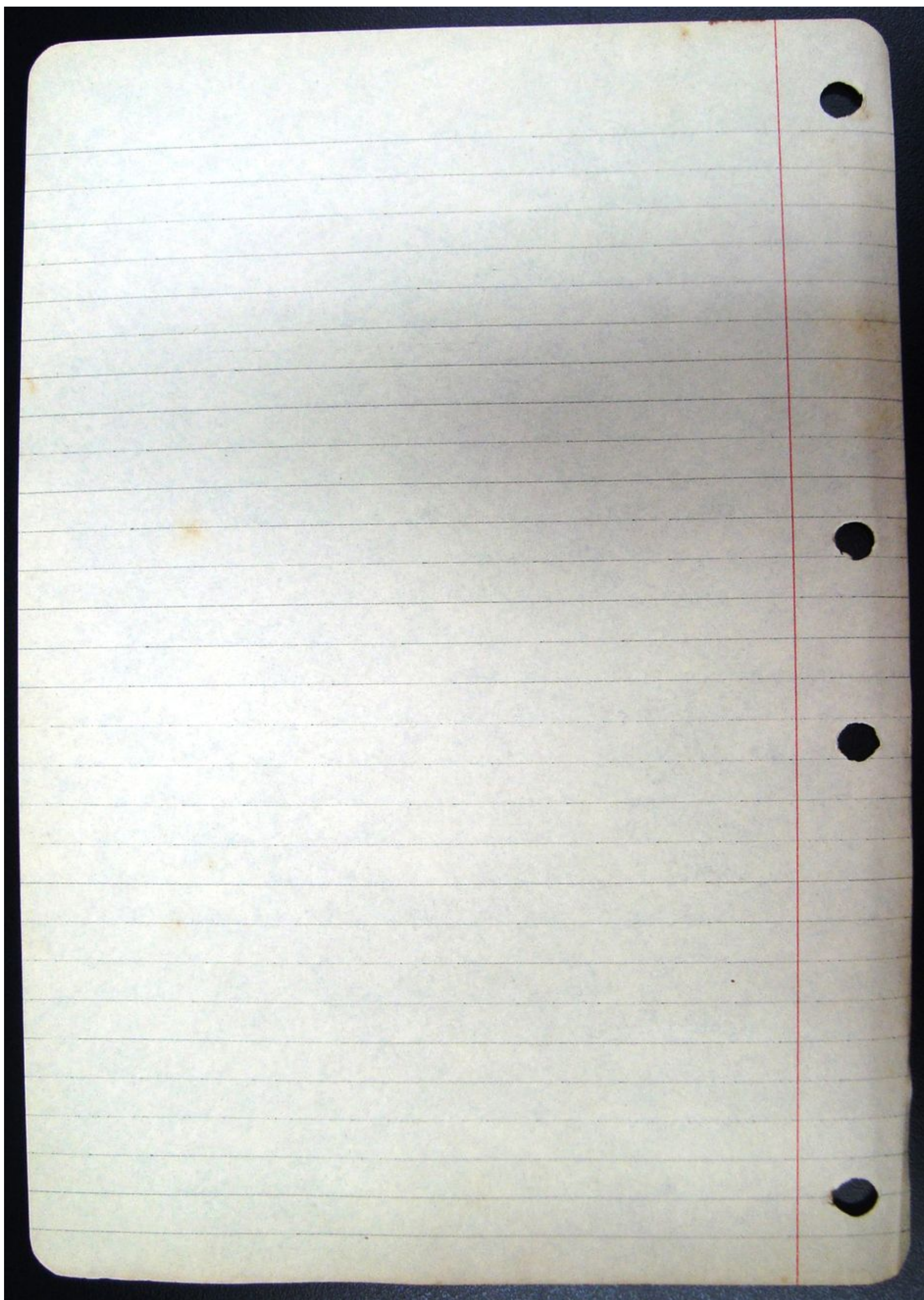


utilizaras uma breva, esta noite,
para calcular o efeito necessário
ao contra-ataque de amanhã.

E as formigas? Não sei que
processo utilizam para reconhecer
o terreno e comunicar-se ~~com~~ entre
si. Telégrafo sem fio, radar? O certo
é que, barata morta, um cento
de formiga, surge imediatamente
a reencarná-la. Há microscópicas
e amarelas - formiga de defunto, em
Santa Catarina - e outras pretas, vi-
veis a três metros.

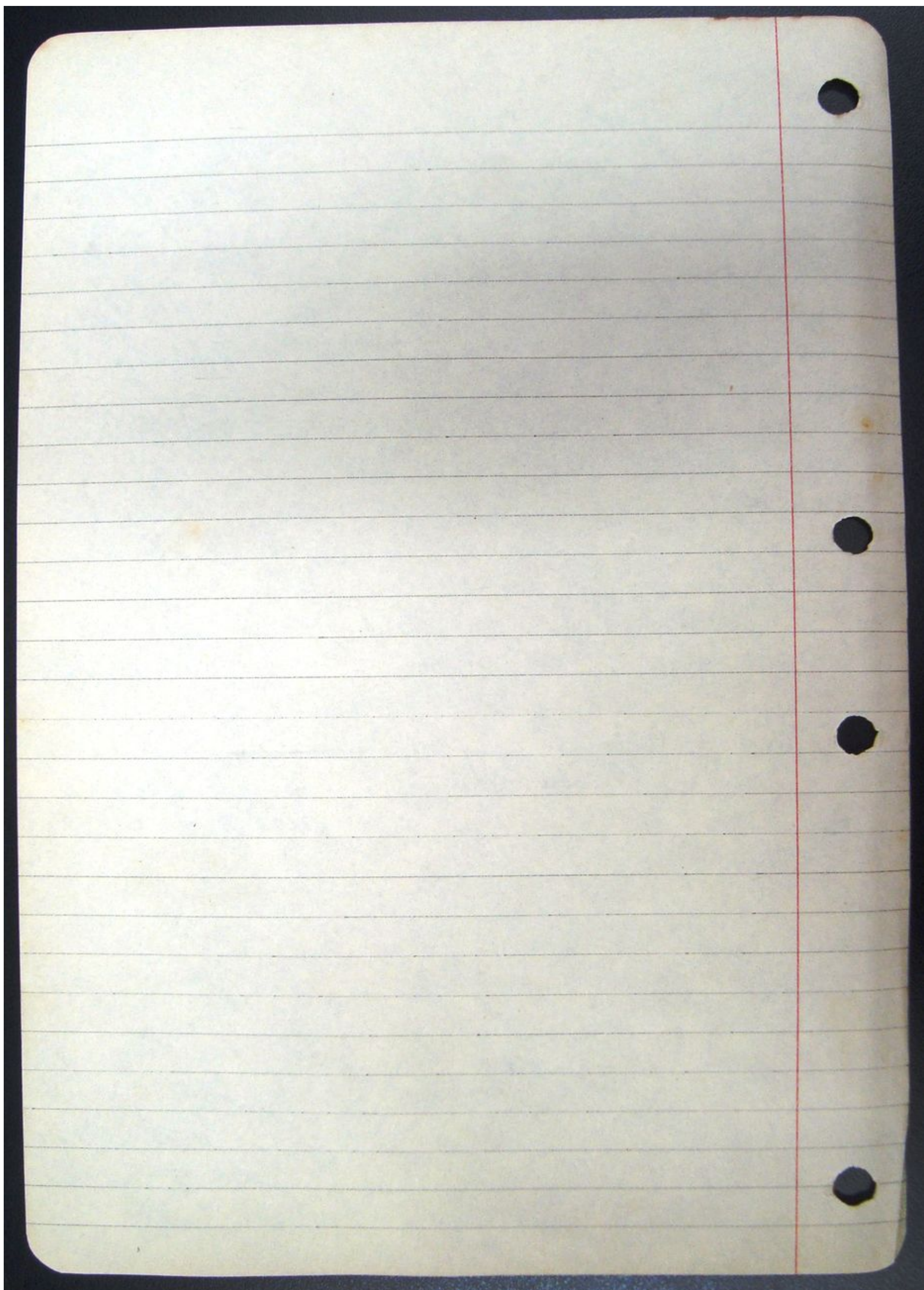
Os aranhas, decepionados, vi-
ram-se, de uma hora para outra,
despojados dos teios. Uma, sem perda
de tempo, instala nova hipocal,
da lâmpada de mesa ao despertador.
Dois tipos identificados: corpo
esfêlto e pernas, imensas, gordas,
e pernas, curtas - longilíneas e

~~Procuramos a barata crida-~~
~~marinta.~~



Março, 13.

Hoje de noite, apenas duas baratas. Entraram por caminhos apertados, passaram descurtidas, turisticamente. Uma recostou-se na mala e, desprevenida, foi ~~forçadamente~~ ^{impugnada} examinada, o sangue branco espirrando longe. A outra, indiferente, prosseguiu a marcha até ao canto da pia, na área. ~~Parou~~ Parou junto a um montinho azul de pó, montinho de Pó Azul. (Há rastilhos de Pó Azul por todos os cantos). Traída pela sacrose, comeu a fartar-se. Não teve coragem de esperar a acção do Ac. ortoboric. (?). O couro preto do sapato ~~amarelo~~ enco-beriu o bicho e o morro azul da prisão.



Março, 14.

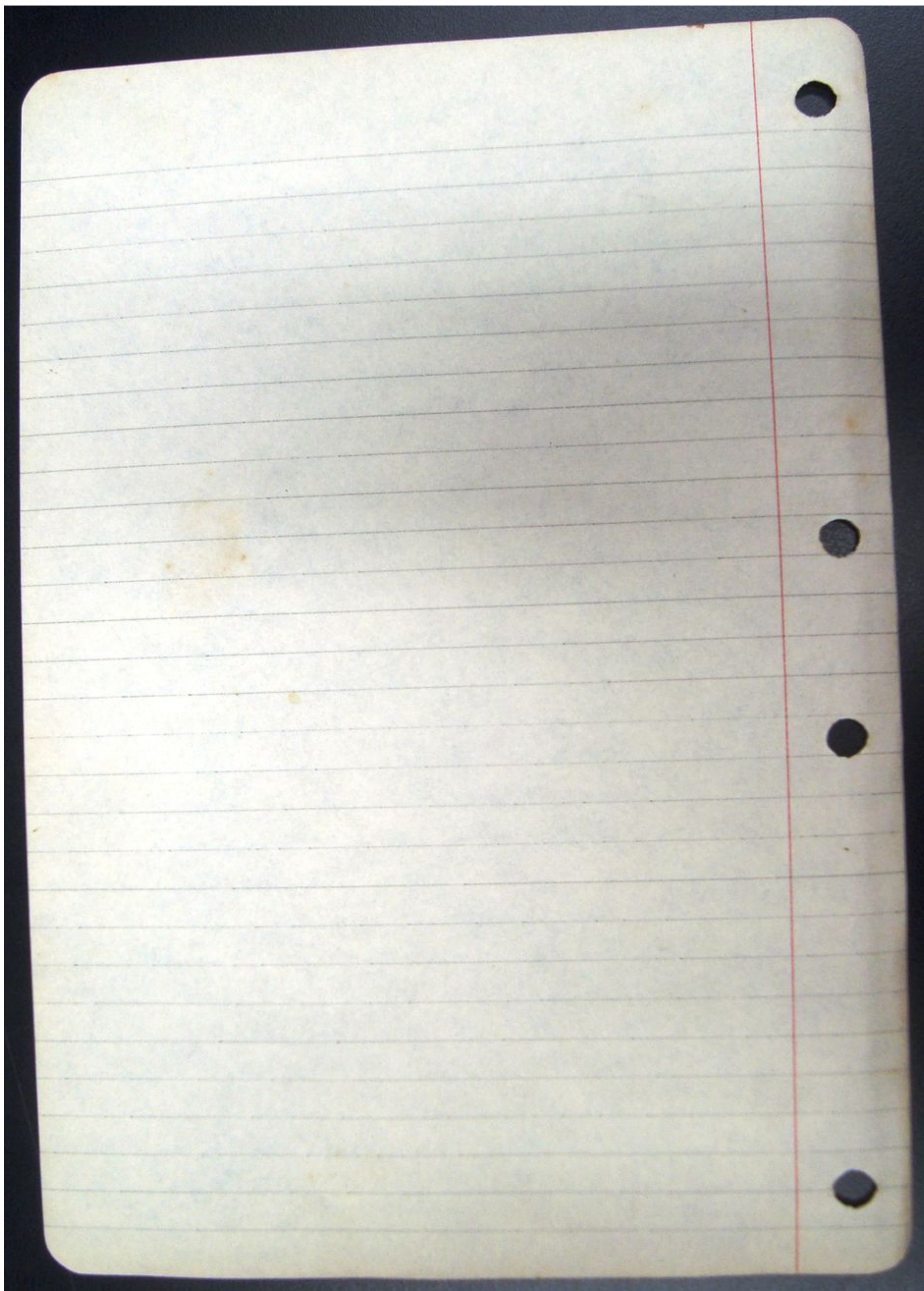
Tectônio de Souza Lima,
 & barbeiro do Batalhão, tem 77 anos
 de idade. É univado, cabelo totalmen-
 te branco-amarelado, poucos dentes e
 trabalha no quartel há mais de qua-
 renta anos, computado o tempo em que
 lá serviu como soldado e cabo.

— Como foi a revolução de 1925
 aqui no B. C.?

— Em 1924 fui destacado para
 Cáceres, em mais dois cabos, um brigadeiro
 e 30 soldados. — comecei ali. E con-
 tou o que sabe, ou aquilo de que se
 recorda, fazendo grandes descrições, vi-
 scando nome de oficiais que nada
 tinham com os fatos, falando em Bo-
 lívia, no presidente Artur Bernardes,
 até que ~~por entre~~ nova pergunta mi-
 nha devolvia-lhe o assunto de revolu-
 ção dos sargentos.

Estava baixado à Enfermaria,
 com malária, desde a volta da Revolu-
 ção Barbista de 1924, quando lá pela
 meia-noite vieram os revoltosos
 com armas, para os "doentes" que
 iam participar do movimento.

— Sabiam que eu era do Destacamento de Cáceres, por isso não me



livaram.

De manhã chegam os médicos e mandam-me para casa porque não havia enfermeiros e os soldados haviam comido toda a comida do depósito. [Únicamente esta sua atribuição. O resto sabe por informações.

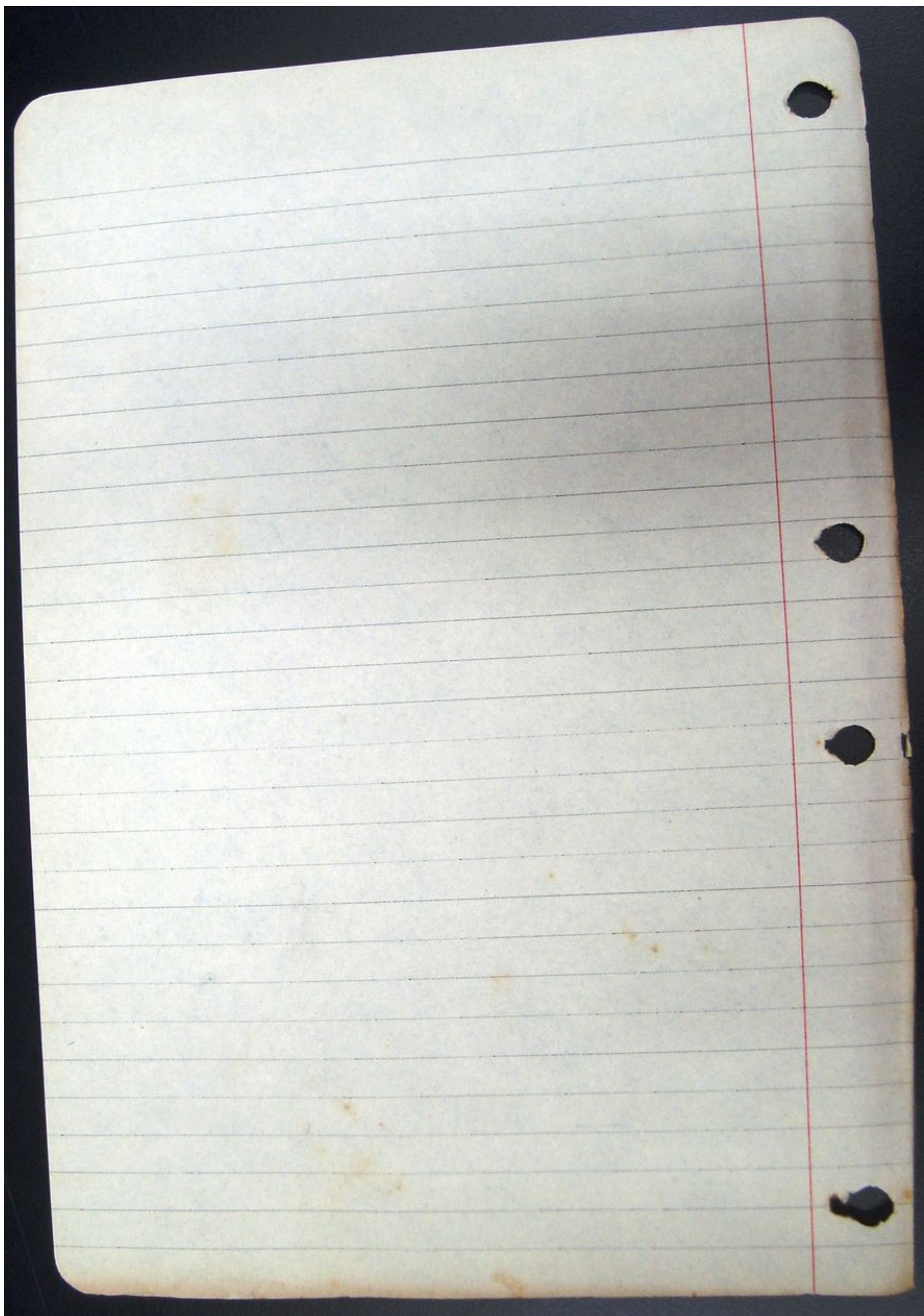
Prenderam o capitão, de Madrugada, e botaram-no no xadrez junto com soldados. A medida que chegava o pessoal para o expediente, iam sendo presos, caso não aderissem ao movimento.

— Não entendo como aquele sargento fez isso. Era homem de confiança do comandante, admirado por todos no Batalhão.

Perguntei pelo motivo.

— Disse que foi dinheiro. O Batalhão tinha acabado de voltar da revolução de 24, todo mundo arruinado, ganhando quase nada, as famílias esperando dinheiro. Então começaram a dizer que o dinheiro estava no cofre, que o comandante não queria pagar ~~o~~ desananchamento.

Depois de novo desvio na conversa, consigo trazê-lo ao assunto. Houve a contra-revolta feita por outros ser-



juntos e por oficiais e os revoltosos
cederam depois de grande tiroteio.
Foram presos os chefes da revolta.

— Todo o mundo pediu ao
comandante para não fuzilar os
sargentos mas o homem saiu numa
fera do xadê. Não houve quem
mudasse seu pensar. Mas o sar-
gente G. quis fazer um pedido:
não queria ser fuzilado com a
farda cáqui, que respeitava, e
conseguiu ordem do capitão para
ficar só de calças.

Foi a conta. Quando a diupia
à sirene, em frente da escolta,
correu, escapou dos tiros e me-
ter-se no mato.

— Dizem que pegou um tiro
no calcão.

Mais tarde foi preso e man-
dado para Campo Grande de onde
não mais voltou.

fuzilado →

excluído por felicitações →

Março, 15.

Estive hoje no arquivo do Batalhão procurando os boletins do ano de 1925 para saber algo mais da revolta dos sargentos.

O boletim do dia 27 de março, data de movimento, é curto, apenas a escala de serviço. Os seguintes trazem detalhes, consequências, providências que elucidam ^{muita} ~~alguma~~ coisa.

Dia 28.

"Sublevação.

O batalhão já tem conhecimento perfeito, porque testemunhou, os vergonhosos sucessos ocorridos na madrugada de ontem e provocados pela conduta infame de praças que não hesitaram em invadir o meu aposento, às escuras e me surpreendendo dormindo, confiado na lealdade e disciplina deste corpo, agarraram-me à traição, ainda deitado e violentamente me arrastaram para o xadrez, apesar da resistência tenaz que opus, mas inútil, pois me achava de pijama e desarmado e seguro por várias praças comandadas pelo 1º sargento Antonio Carlos de Aquino que, numa gritaria infernal, declaravam que me prendiam à ordem do Isidoro Lopes.

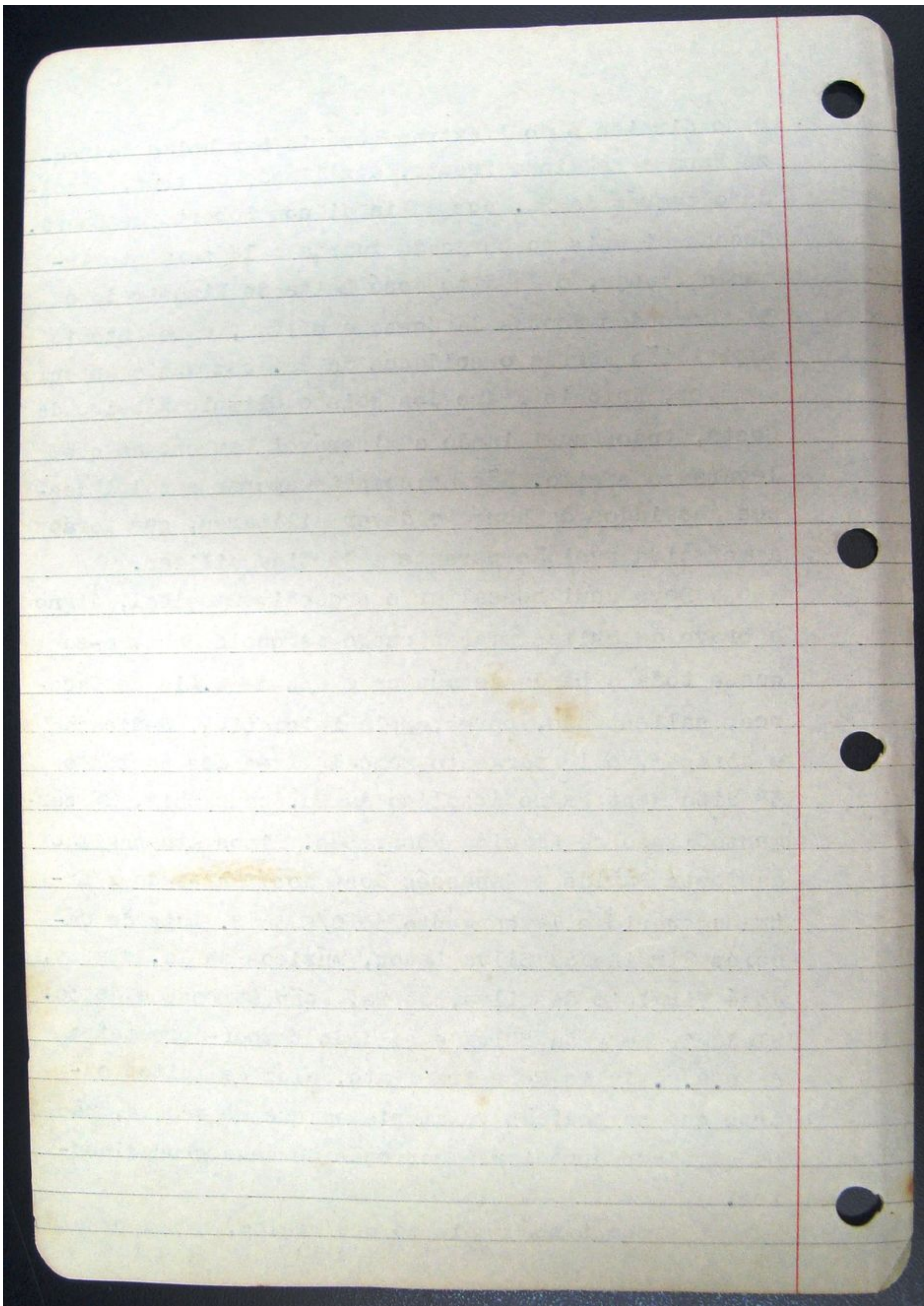
Assim arrastado, cheguei ao corpo da guarda onde à luz baça do lampeão reconheci que me seguravam: pelas costas e pela cinta o soldado do P/Extranumerário Antonio Pedroso do Nascimento, no braço esquerdo o soldado da 2a. companhia João Guilherme da Costa

moren a 29 na ER →

e no direito o do P/Extranumerário Bertholdo de Souza Papa e na minha frente, auxiliando os três, o soldado também da 2a. companhia Wilson Roberto de Sousa. Reconheci mais no corpo da guarda o 1º sargento Armando Granja, o 2º dito José Leite de Figueiredo e 3º Marcondes Fontes da Costa e Silva, cabo Antonio Espiridião Ferraz e soldados da 2a. companhia Antonio Genovez, Antonio Pedro dos Reis e Olimpio Ribeiro da Costa, todos auxiliando a miserável emboscada que levaram a efeito. Não me compete apurar a culpa desses desviados da honra e dever militares, que terão a merecida punição perante a justiça militar.

Devo aqui ressaltar o procedimento leal, digno e bravo de muitas praças entre as quais achavam-se quase toda a banda de música e C/E de S. Luiz de Cáceres, salientando, porém, pela iniciativa, dedicação e coragem, o 1º sargento Manoel Alves dos Santos e 3º dito René Magno Arsolino da 2a. companhia, 2º sargento Olindo de Almeida Rosa, 3ºs. ditos Athanagildo da Costa Farias e Manassés José dos Santos do P/Extranumerário e 1º sargento do C/E de S. Luiz de Cáceres Firmino da Silva Lemos, músicos de 1a. classe, José Virginio da Silva, de 2a, João Barbosa e de 3a. Wladimir Nery da Silva e soldado tambor-corneteiro da C.M.M. Julio Ferreira Pinto, além de muitos outros que na posição vexatória em que me achava, não pude melhor apreciar a correção de seus procedimentos.

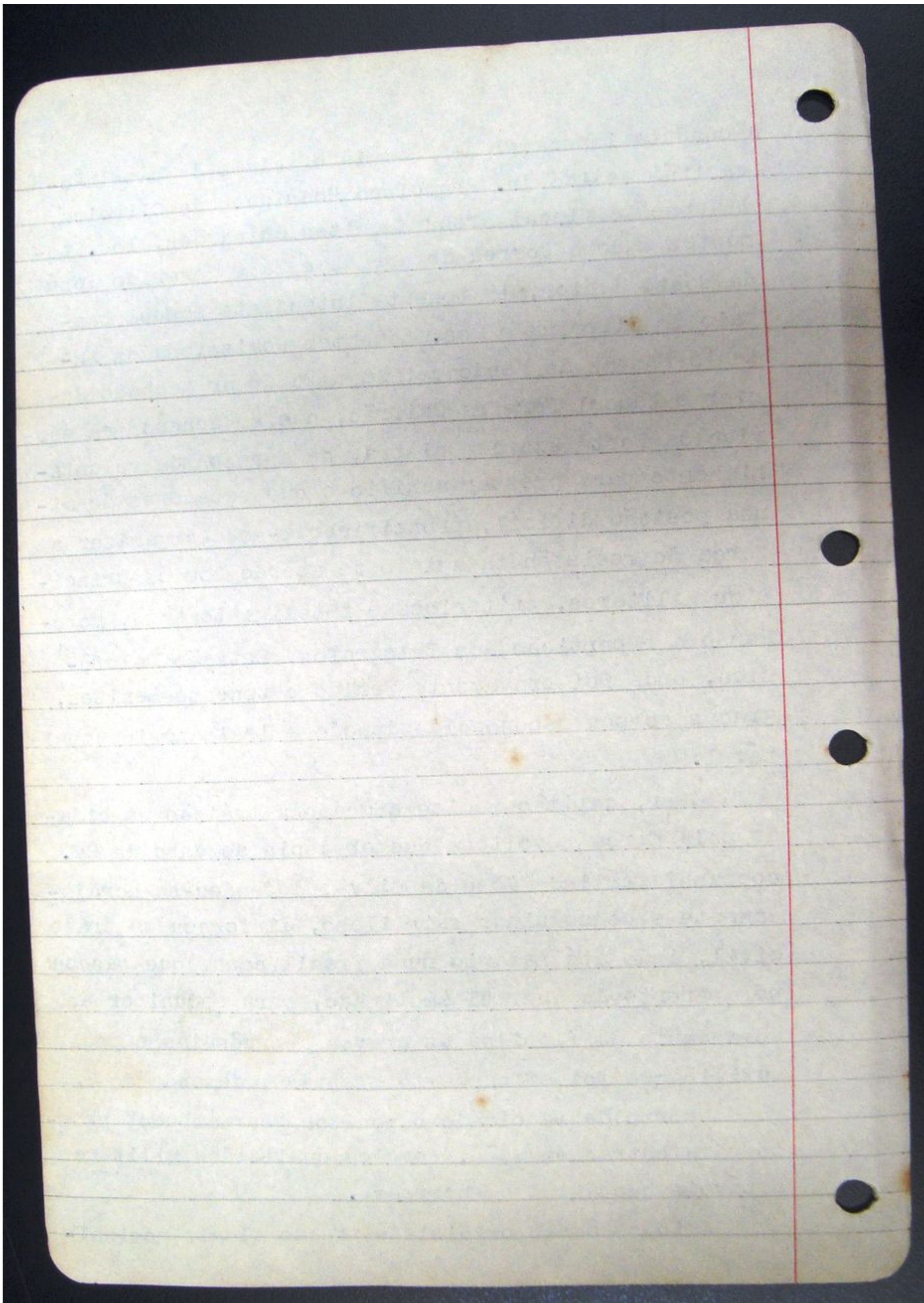
Merece também mais do que realce, a meu orgulho



a conduta impecável dos demais oficiais do batalhão - capitão médico dr. Francisco Rodrigues de Oliveira, 1º tenente fiscal Arthur Benites Guimarães, los. tenentes Eudoro Correa de Arruda e Sá e Severino José da Costa Junior, 1º tenente intendente Manoel Sampaio de Oliveira e 2os. tenentes comissionados Antonio Dantas de Mendonça, Augusto Cesar Machado Junior e Manoel Pereira Cairrão, que se achando em serviço da Fortaleza de Coimbra, se apresentou voluntariamente para prestar auxílio e que sabedores de minha posição difícil, prontificaram-se a organizar a força de resistência agindo de acordo com os princípios militares, criteriosa e inteligentemente, retomando a repartição dos Telegrafos, Estação Telefônica, onde foi bravamente ferido o tenente Benites, graças ao seu reconhecimento denodo e lealdade insuspeitável.

O sr, capitão médico atacado a traição na cidade pela força revoltosa que obedecia ao cabo da 2a. companhia Arlindo José da Silva, defendeu-se corajosamente e conseguindo sair ileso, disfarçou em traje civil, indo até Ladário numa frágil canoa que passou pela frente do quartel amotinado, para comunicar ao comandante da flotilha as graves ocorrências e pedir auxílio que foi eficazmente prestado, demandando logo ao porto desta cidade o monitor "Pernambuco" pronto para entrar em ação, revelou qualidades militares notáveis que muito o enobrecem.

A todos êsses oficiais e praças elogio nominal-



mente pela lealdade, competência e decisão com que agiram, conseguindo organizar elementos para submeter aos rebeldes, de cujo emprêgo não houve necessidade porque a contra-revolta restabeleceu a disciplina, restituindo-me o comando do batalhão de que me privado por 10 horas, por força da felonía de que fui vítima.

O sr. 2º tenente comissionado Artur Xavier Sobrinho que veio às horas habituais ao quartel caiu na ~~armadilha~~ negregada e o capitão da Força Pública Manoel da Silva Pereira, Delegado de Polícia, que também foi prêso e recolhido ao quartel, prestaram assinalados serviços, instruindo aos valorosos sargentos nas medidas a serem tomadas para abafar a sedição, com o sucesso que alcançou, tornando-se ~~arri~~ ~~xxi~~ dignos da minha gratidão e merecedores de louvores pela inteligência, habilidade, lealdade e coragem com que agiram.

Ao sr coronel Frutuoso Mendes, Chefe de Recrutamento, que comparecendo ao Material Bélico prontificou-se a assumir o comando da força de ataque aos sediciosos, que lhe foi criteriosamente oferecido pelo acordo unanime dos oficiais e proposta do tenente Eudoro Correa e que logo após a sufocação da insubordinação veio pessoalmente ao quartel trazer-me felicitações e seu apoio moral; ao sr, capitão de fragata Orlando Machado, comandante da Flotilha de Guerra de Ladário, que imediatamente se aprestou para agir em defesa da ordem, trazendo ao porto o mo-

2ºs momentos

1: 1º Frâncisco da Silva Lima

2: 1º Olinda de Almeida Rosa

3: 1º René Magno Brasílio

3: 1º Athanagildo de Costa Faria

3: 1º Alberto Lourenço Moura Filho (Júlio)

40

nitor "Pernambuco". Ao sr., Intendente Municipal Cyriaco Feliz de Toledo, que igualmente pôs a disposição dos oficiais todos os recursos necessários para a preparação da força de ataque; ao sr. capitão do porto, capitão tenente Julião Machado, que cedeu a lan-cha e todos os meios de comunicações com a Flotilha; ao sr. inspetor da Alfandega que mobilizou expontaneamente a guarda aduaneira e ao Encarregado da Estação Telegráfica que conseguiu fazer as devidas comunicações à Circunscrição, não obstante achar-se a Estação já ocupada pelos revoltosos; a todos enfim, que por atos e palavras me trouxeram auxílio material ou conforto moral diante da ignominiosa aublevação que suspendeu por algumas horas a vida normal do quartel e alarmou a população ordeira e hospitaleira desta terra, os meus sinceros agradecimentos."

Esta a parte descritiva do movimento. No mesmo dia o boletim publica uma série de providências de que tiro um resumo do que me parece mais interessante.

Foram promovidos aos postos imediatos: 4 sargentos que prepararam a contra-revolta "que depois do meio dia restabeleceu a ordem legal", outro por ter sido "gravemente ferido na resistência por parte da força legal nas ruas desta cidade"; a 3º sargento o cabo ferrador Armino Pereira da Silva "por haver prendido o sargento Armando Granja (o que conseguiu fugir) arriscando resolutamente a vida"; um soldado

O Curt ^{meio} Mandava informaçõ
para o 2º/5. Manoel Alves
Frimino
Manassés

41

padioleiro a cabo enfermeiro "que se achando de sentinela aos oficiais presos, tudo facilitou para o êxito da contra-revolta"; um soldado tambor-corneteiro a cabo corneteiro, que procurou "sempre iludir as sentinelas para me trazer comunicações dos valerosos sargentos que organizaram o movimento contrário, mostrando dedicação invulgar e grande afeição à minha pessoa".

Dois sargentos músicos são elevados de classe. Aos que o comandante não pode elevar de classe, dá a seguinte explicação: "Deixo de elevar a músico de 1ª classe que procedeu também com honra militar, José Virgínio da Silva, por não haver classe especial, devendo êsse digno soldado como o denodado 3º sargento Manassés, ficarem satisfeitos com essa citação elogiosa de seus nomes que na história deste corpo ficarão como exemplo de lealdade que não poderá ser facilmente excedida".

Punições são tornadas sem efeito, rebaixamentos definitivos de postos são anulados, sargentos e cabos são rebaixados definitivamente, uns porque tomaram parte na revolta, outro porque feriu o tenente Benites e "o cabo Ferraz por haver auxiliado o sargento Aquino (o que foi fuzilado) na minha prisão e depois revistado a minha mala de onde desapareceu uma pistola "Parabellum" que se achava em meu poder".

Segue-se a nota de um telegrama segundo o qual o major Alfredo Alberto Alencastro foi encerrado do Inquérito pelo comandante da Circunscrição e

sd. Olímpio Ribeiro da Costa →

sd. gr. squara o capitão pelos cortes e pelo cinto →

1 sqt e 12 rds. →

sd. Olímpio Ribeiro da Costa →

sd. Gu. sequera o capitão pelos cortes e pelo cinto →

1 rgt e 12 rds. →

embarcou para Corumbá.

Depois de uma série de medidas administrativas normais do batalhão encontra-se, ainda no boletim do dia 28 de março, a declaração de ausência "por se acharem faltando ao quartel desde ontem", as seguintes praças: cabo enfermeiro Erotildes Rosa, 1º sargento Nicanor Lopes de Albuquerque, 2os. ditos Fabio Leita Moreira, José Leite de Figueiredo, Israel Pinto da Silva, 3º dito Marcondes Fontes da Costa e Silva, cabo de esquadra Antenor Olimpio de Deus, o 1º sargento nº 210 (?) e o 2º Sebastião Gomes e mais um soldado.

Armando Granga

Logo a seguir:

"Exclusão por falecimento.

"Sejam excluídos do estado efetivo do batalhão e do P/Extranumerário, o soldado sapador nº 38 Antonio Pedroso do Nascimento e do número de agregados à 2a. companhia o 1º sargento nº 273 Antonio Carlos de Aquino, mortos ontem em consequência da sublevação corrida neste quartel."

Depois desta simples solução oficial do fuzilamento, a relação dos que são presos preventivamente como participantes e o boletim se encerra.

As escalas de serviço ~~exxnumeraçãoxdaxbolex~~ ~~xinx~~ permitem concluir que a revolta foi levada a efeito numa 6a. feira ~~numexxiex29xterçaxfeira~~ O boletim acima transcrito é de sábado e o de 2a. feira, 30 de março, apresenta uma inovação nos hábitos do

assentos que se apresentaram :

1º Sgt. Nicanor Leps de Albuquerque

2º Sgt. Israel Pinto da Silva

2º " Sebastião Gomes

comandante:

"Por haver me mudado do quartel, torno sem efeito a permissão verbal que tinha dado ao oficial de dia para pernoitar fora."

Seguem-se novas promoções, a notícia da chegada do encarregado do inquérito e seu ordenança, a apresentação de ausentes, a substituição do sargento Armando Granja "que se acha ausente", nas funções de sargenteante, e a nomeação de oficiais para, "em comissão, procederem ao arrolamento do material existente no almoxarifado, visto ter sido arrombada pelas praças amotinadas, a 27 do corrente, a porta da repartição".

Sob o título "Conduta de Praças", outro detalhe humano da revolução:

"Empenhado em realçar o procedimento das praças dignas, leais e bravas que nas horas trágicas da sublevação souberam resistir corajosamente às ameaças dos traidores, ficando umas presas e outras fugindo para procurarem os oficiais aos quais serviam com devoto e dedicação, sou forçado a extranhar a atitude dos sargentos..... e que fugindo para um paiz estrangeiro quando a sua honra de militar lhes indicava outros postos mais arriscados, só mostraram covardia e ausência de virtudes militares que destoam felizmente da conduta nobre da maioria das praças que afrontaram a fúria assassina dos bandoleiros chefiados pelos sargentos Antonio Carlos de Aquino, Armando Granja, José Leite de Figueiredo, Marcondes

Israel Pinto da Silva
Rebentão 1911

Art. Nicanor Lopez de Albuquerque →

47

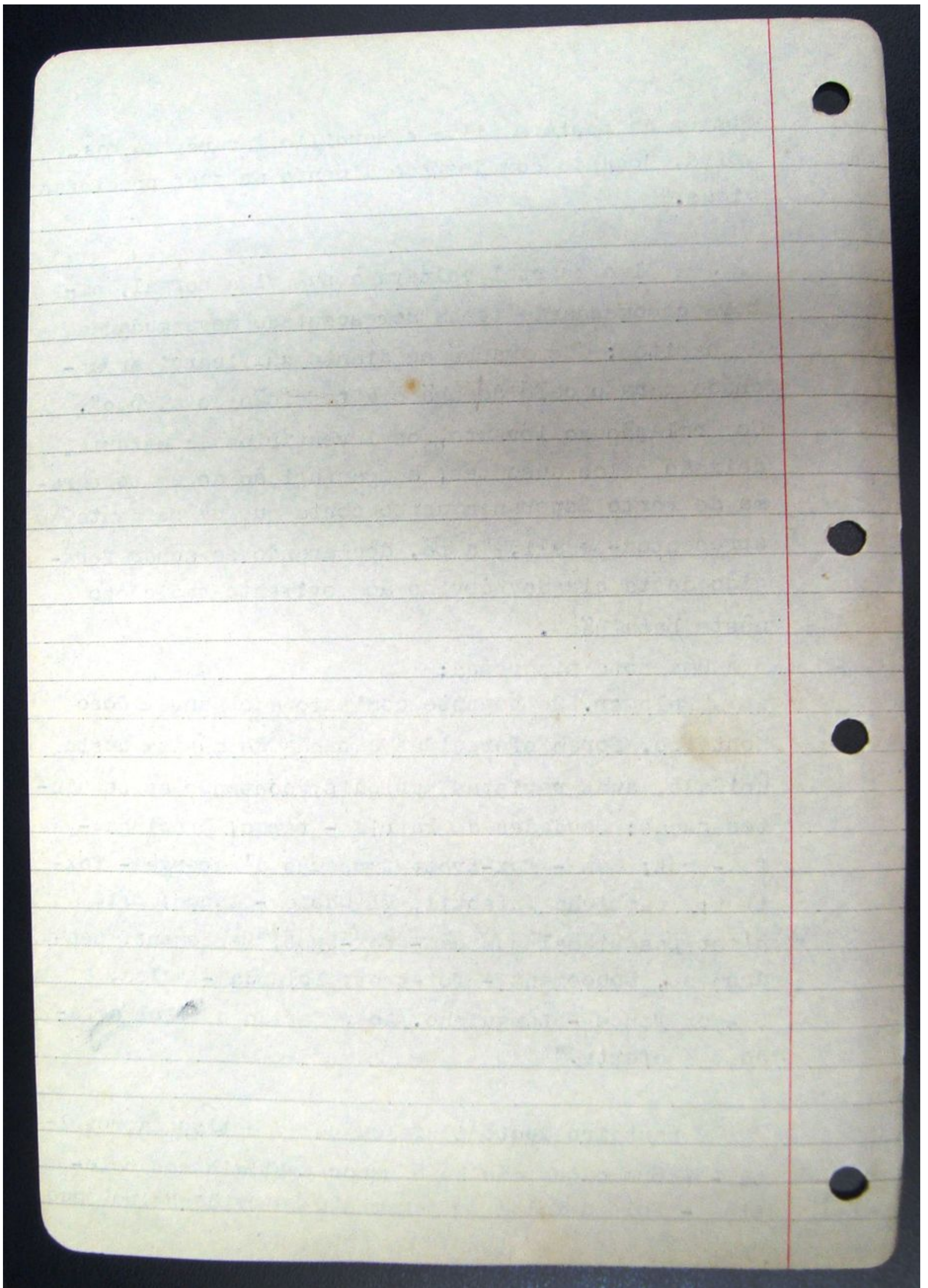
Fontes da Costa e Silva e Hercílio Tavares de Oliveira, jogando com despreendimento as suas preciosas vidas."

A 31 o quartel voltava à sua vida normal, embora o comandante tenha acrescentado nova mudança de hábitos: "De amanhã em diante só ficarei arranjado para o café da manhã e a refeição do almoço". Com relação ao levante, os inventários do material deixado pelos ausentes, a transcrição de um telegrama de Porto Esperança dando conta que um sargento apresentou-se ali, "a pé, declarando se achar foragido desta cidade, devido ao movimento sedicioso neste batalhão".

Uma nota pitoresca:

"Pelo sr. 2º tenente comissionado Manoel José Monteiro, foram oferecidas à banda de música desta unidade, duas revistas musicais, contendo as seguintes peças: Saudades da Pátria - tango; Gracinha - fox-trot; San - fox-trot; Danseuse d'Auberge - fox-trot; Sambinha Infantil; El Cholo - tango; Elle n'est pas si mal que ça - fox-trot; Lentement, tendrement, Doucement - fox-trot; Yolanda - valsa; e O Amor Vence - tanguinho. Ao referido oficial agradeço a oferta."

O barbeiro Teotônio falou que o motivo da revolta - sobre o que não há o menor vestígio nos boletins - foi a falta de pagamento de um dinheiro "que

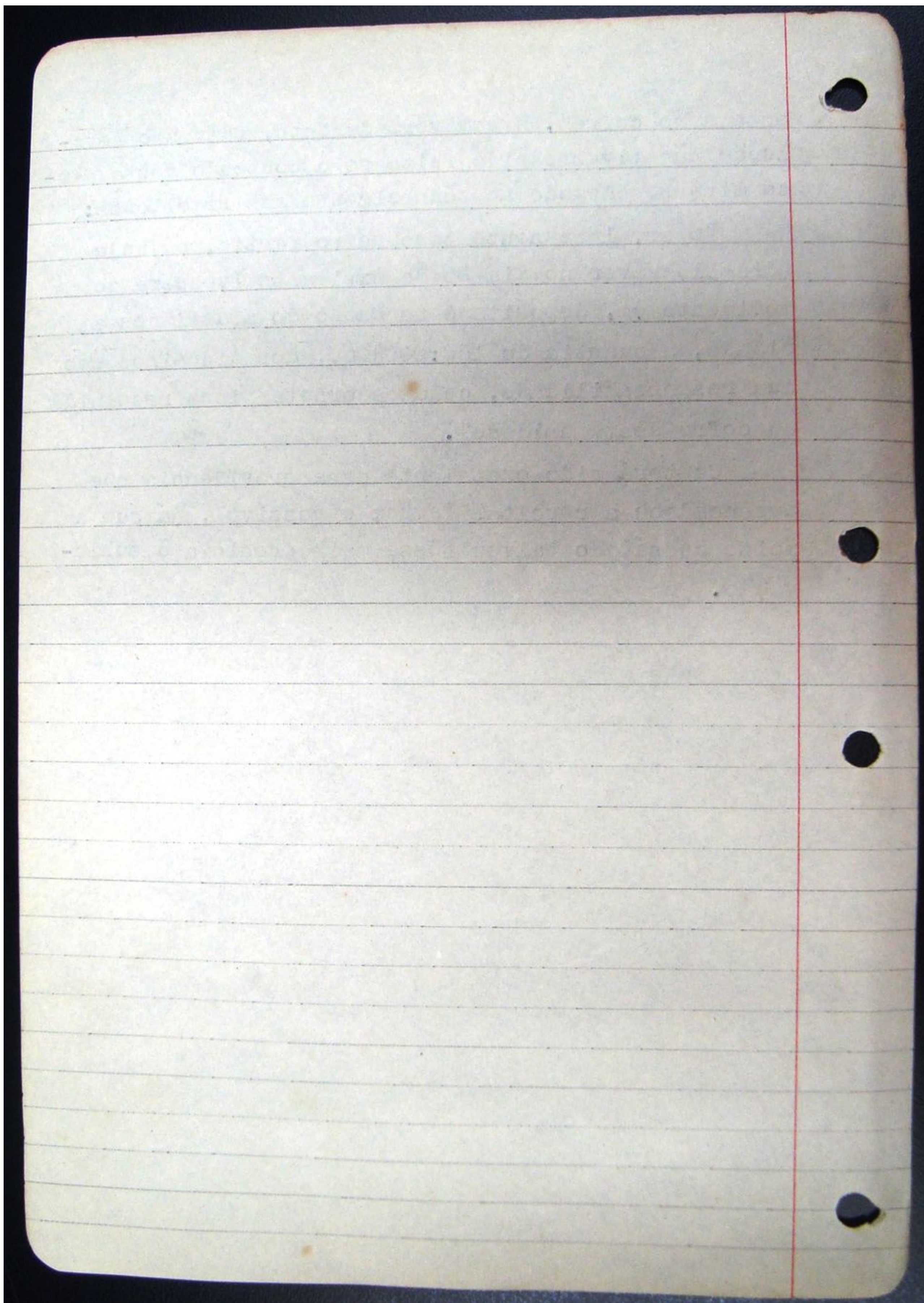


45

estava no cofre". A ser verdade isto, talvez o revolução não tivesse sido feita se o conteúdo desta parte tivesse chegado ao conhecimento dos revoltosos:

"O sr, 1^a tenente tesoureiro participou hoje (dia 31) haver no dia 26 do expirante (véspera do movimento), depositado no Banco do Brasil desta cidade, a quantia de 160:000\$000, dos dinheiros sob sua responsabilidade, cuja caderneta ficou recolhida ao cofre desta unidade".

Ou terá sido exatamente essa providência que desencadeou a revolta? Também é possível, já que a noite de sábado talvez fôsse mais propícia à sublevação.



Março, 16, domingo.

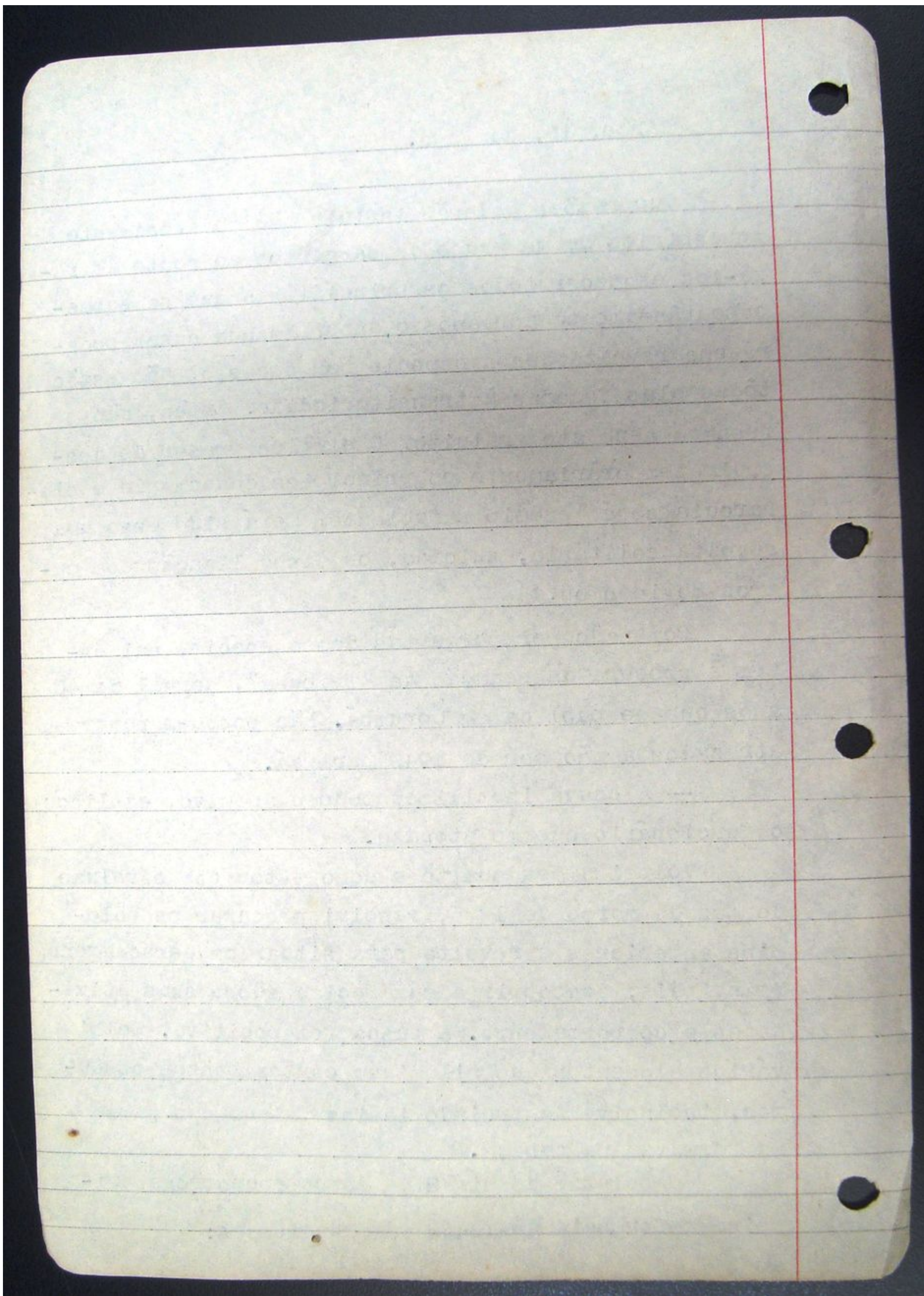
Que razões poderão influir tão poderosamente no espírito de um grupo de sargentos ao ponto de fazê-los esquecer todos os princípios a que se submetem espontaneamente por anos e anos? Em que casos poderá uma revolta dessa espécie ter sucesso? Não estão tôdas elas fadadas à transitoriedade? Então, não se resumem a um ato gratuito? O simples prazer de destruir temporariamente os princípios de comando e hierarquia será prêmio suficiente? Terá sido essa uma revolta solitária, suicida, ou tinha ligação com outros movimentos?

Dominado por perguntas dessa espécie, saí ontem à procura da redação da "Tribuna", jornal de 40 anos que se publica em Corumbá. Não possuem números atrasados a não ser de 1940 para cá.

— A chuva inutilizou todo o arquivo, explicou o funcionário que me atendeu.

Voltei a meu quarto e como estou com o volume de mês de março de 1925, resolvi procurar os boletins anteriores à revolta para situar os personagens principais, descobrir alguma coisa sobre suas atividades e comportamento. A busca foi positiva. Colhi vários elementos que iluminam certos pontos obscuros, inclusive destruindo idéias falsas que já se me formavam na cabeça.

No boletim do dia 2 de março encontro a primeira referência a alguns dos revoltosos:

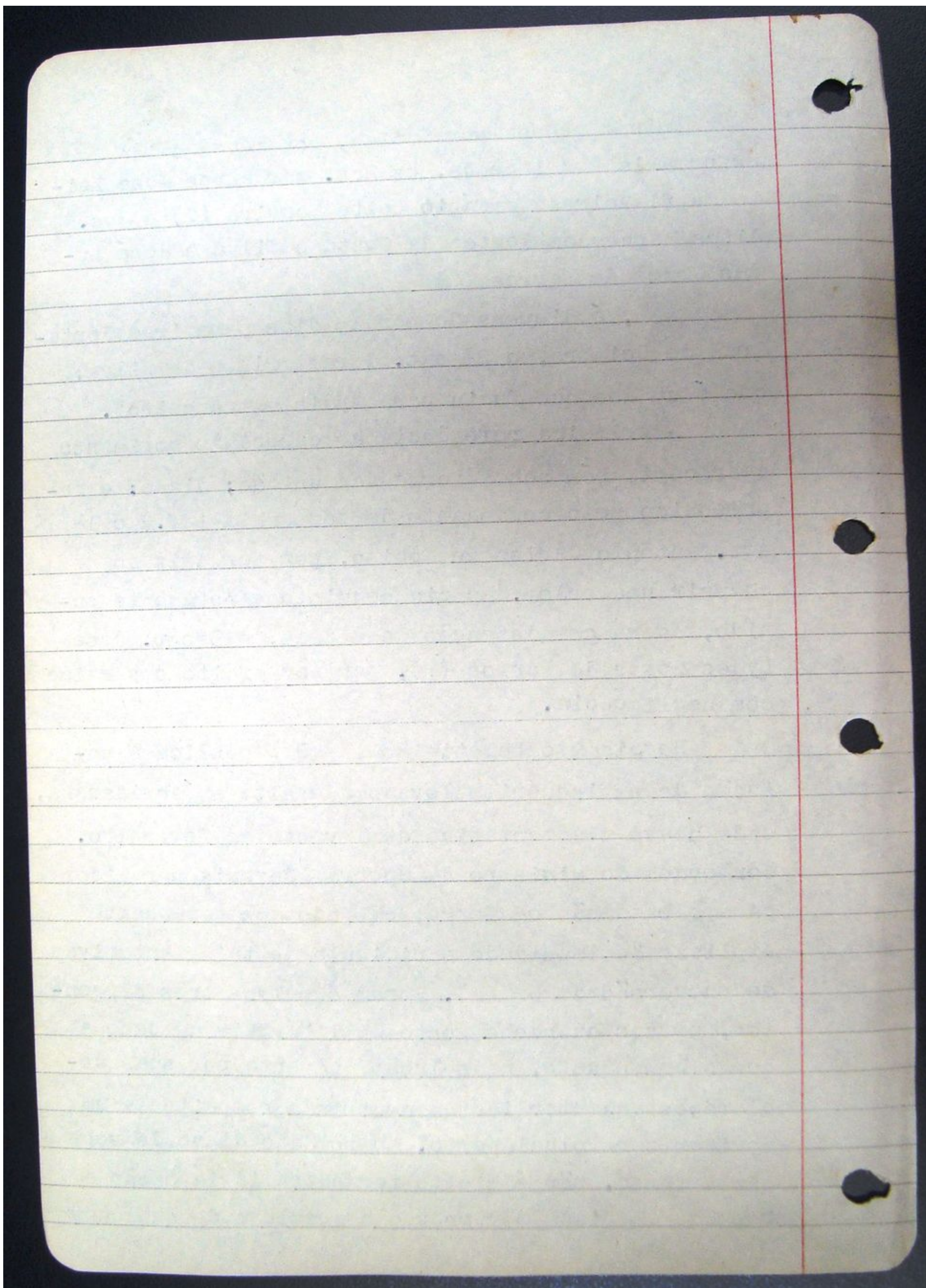


Ficam presos por 8 dias, por terem saído da enfermaria sem licença, os 2os. sargentos José Leite de Figueiredo e Fábio Leite Moreira (?) e 3os. ditos Marcondes Fontes da Costa e Silva e José Lydes Gomes de Barros (?)

A 5, é dispensado por 15 dias para ir à Fortaleza de Coimbra, o 2º sgt. Israel Pinto da Silva, que é um dos que fugiu para "país estrangeiro".

A primeira referência ao cabeça do movimento aparece também sob a forma de punição; dia 6: é re-preendido pelo comandante da companhia (2a.) o 1º sgt. Antonio Carlos de Aquino, por ter deixado de cumprir uma ordem. No dia seguinte é novamente punido, agora com detenção de 4 dias, o 3º sgt. José Lydes Gomes de Barros (?), por ter feito o serviço com negligência.

No dia 9 o boletim do 17º B C publica a solução de um inquérito levado a efeito em Aquidauana, onde houve uma tentativa de levante em fevereiro. Por ordem do Ministro da Guerra deveria ser lido para o batalhão em forma, cabendo ao comandante explicar "a inaniidade e ridículo de tais tentativas de subversão da ordem". Foram expulsos três sargentos, presos outros e posto em liberdade um cabo a que o comandante, na solução, adverte por suas declarações de "ter idéias neutras a respeito de um movimento revolucionário". Ao soldado digno de vestir a farda, não é lícito ter outra idéia senão a repulsa imediata e reprovação absoluta de qualquer

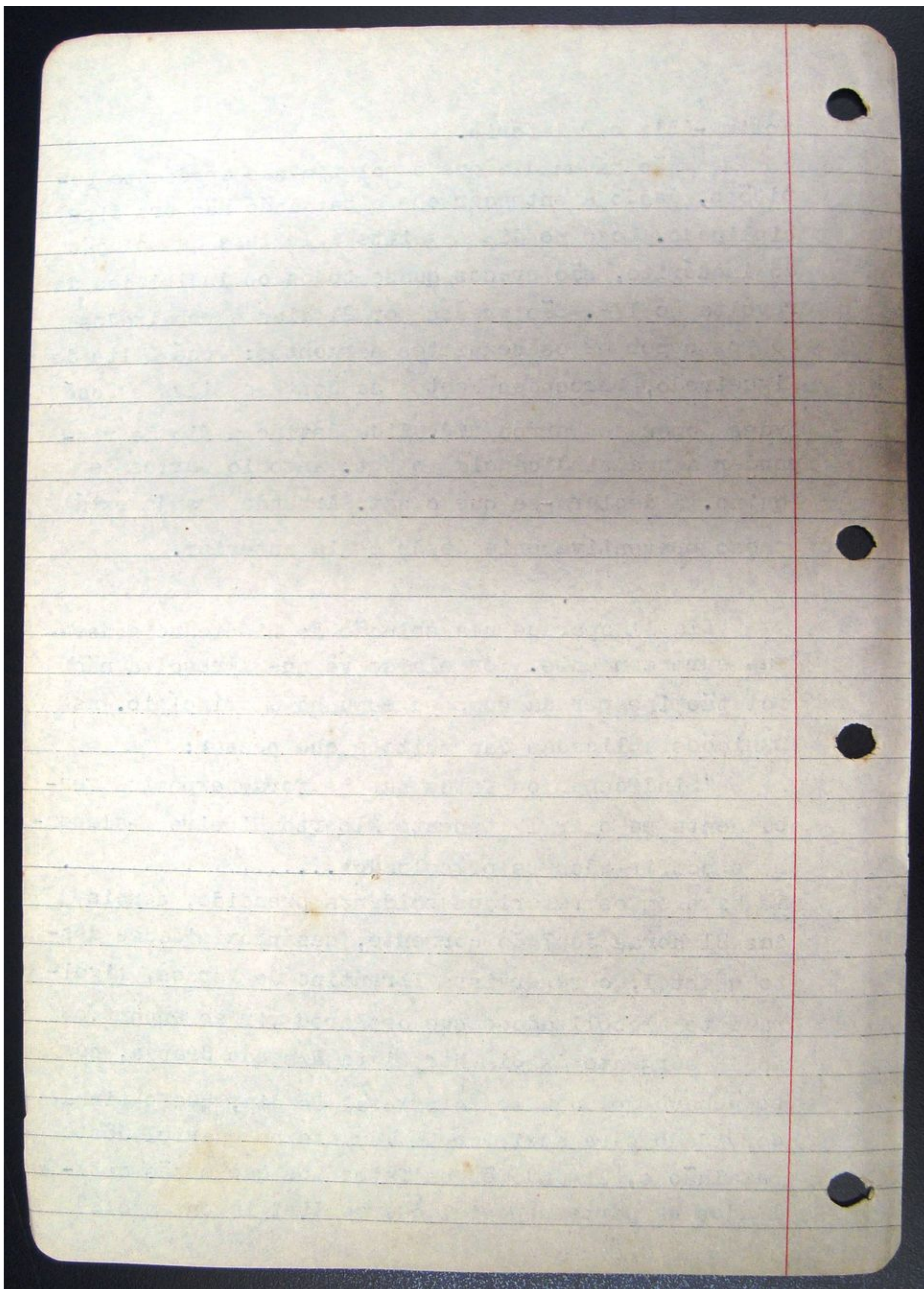


motim - diz o relatório.

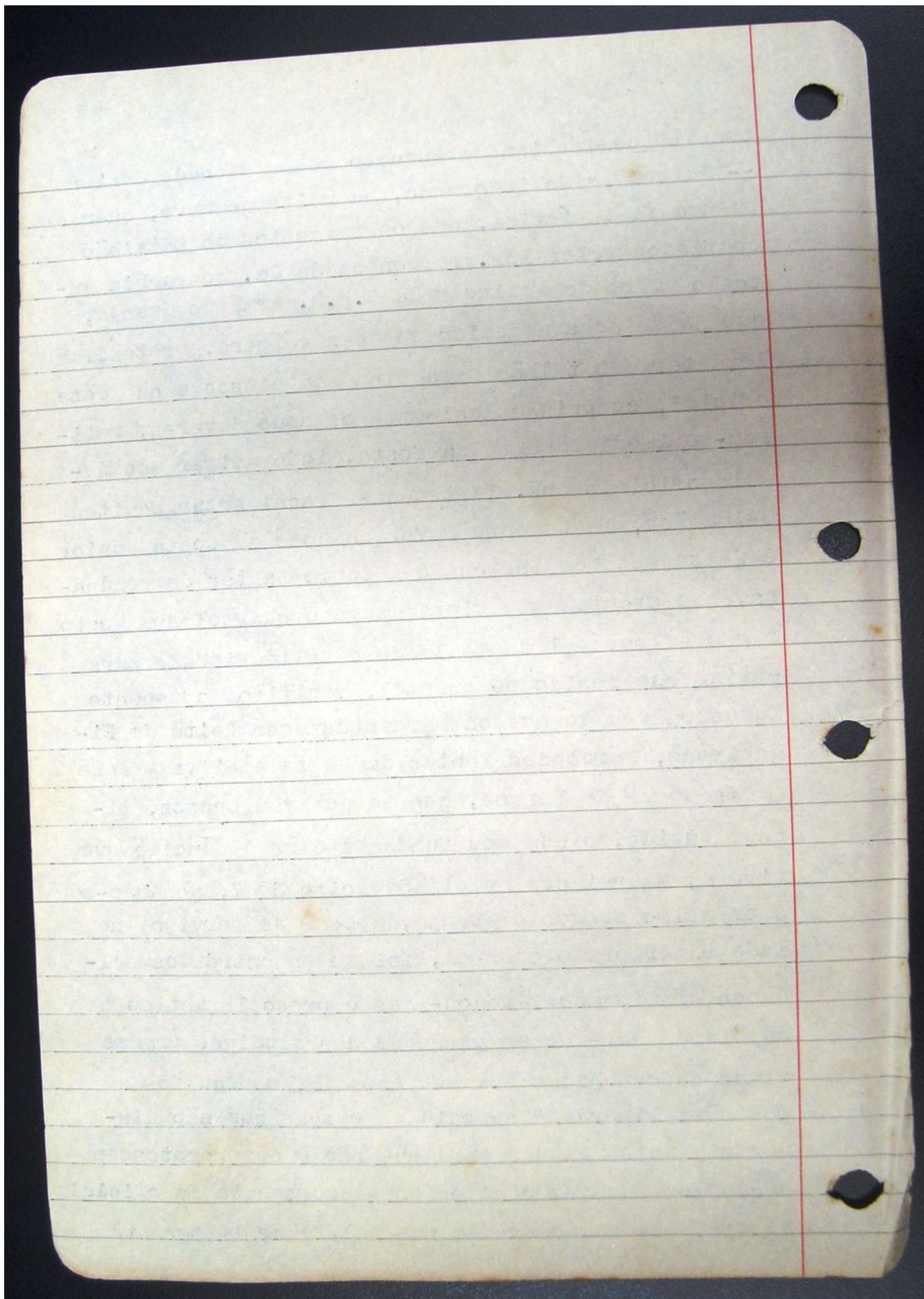
Não há um dia que o boletim não apresente punições, dando a entender que o batalhão não era disciplinado. Logo no dia seguinte à leitura da solução do inquérito, são presos quase todos os indiciados da revolta no 17º. São presos por 21 dias e rebaixados do posto por 42 os seguintes sargentos: José Leite de Figueiredo, Marcondes Fontes da Costa e Silva e José Lydes Gomes de Barros (?). Fica detido a fim de responder a uma sindicância o sgt. Antonio Carlos de Aquino. E declara-se que o sgt. Armando Granja está preso preventivamente desde o dia anterior.

Dia 11 aparece uma solução de Sindicância deveras surpreendente. Por ela se vê que a revolta não foi tão inesperada como eu supunha a princípio. As punições aplicadas dão muito o que pensar:

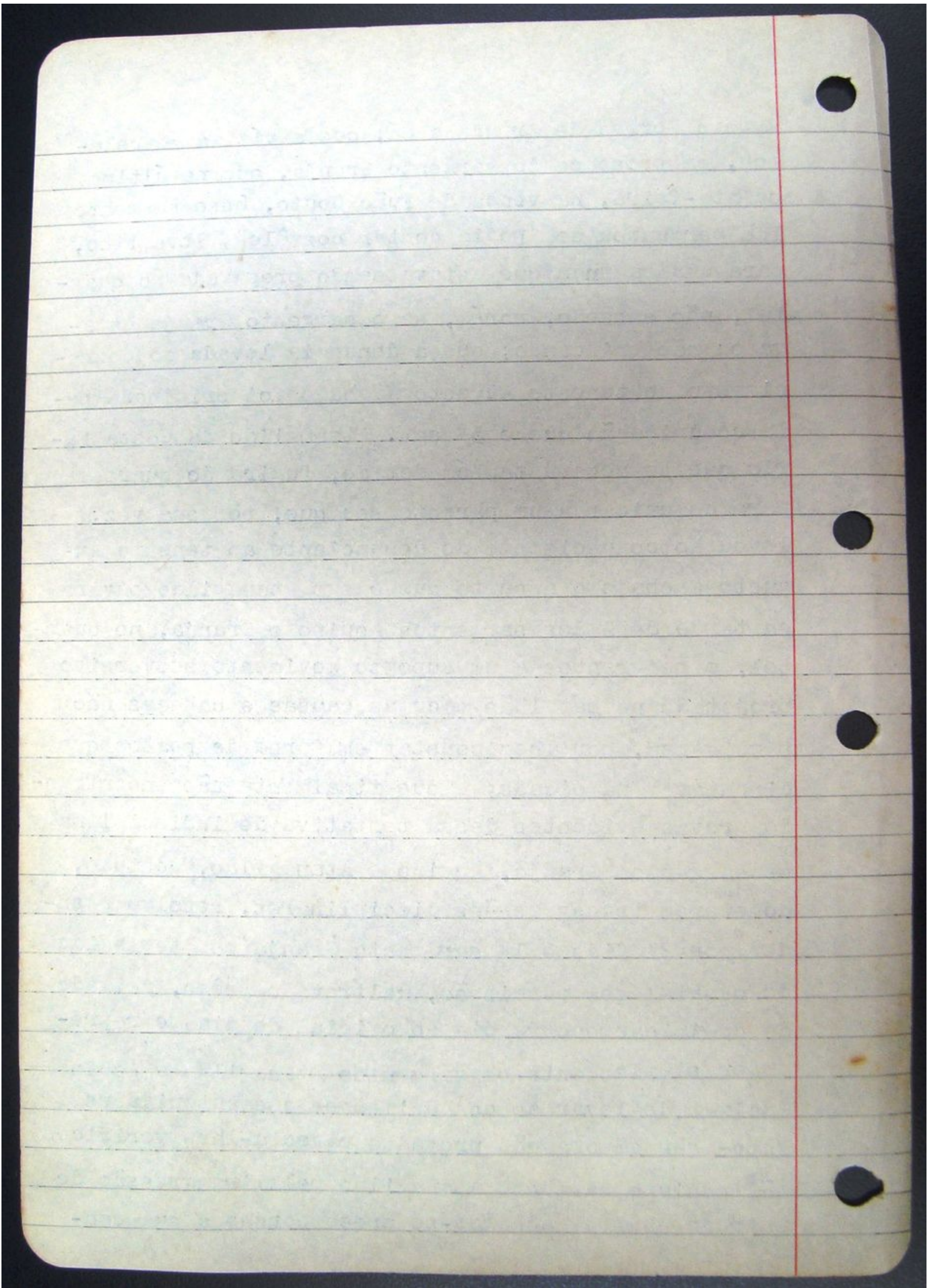
"Sindicando os fatos que me foram expostos verbalmente pelo sr 1º tenente Alberto Ribeiro Salaberry e confirmados pelos soldados..... de haverem os referidos soldados prendido, depois das 21 horas de 7 do corrente, nas proximidades deste quartel, o reservista Ibrantino de Moraes, ligeiramente alcoolizado e que declarou vir ao encontro do 1º sargento da Cia Mtr Mixta Armando Granja, que se achava de adjunto do oficial de dia, que o tinha convidado para auxiliar um levante no quartel deste batalhão e, ligando esses fatos aos que estão detalhados na parte especial que me dirigiu ontem o 2º



tenente comissionado Augusto Cesar Machado Junior -- de ter sido informado, na noite de nove, quando em uma festa íntima, que os sargentos do batalhão chafriados pelos los. sargentos da 2a. companhia Antonio Carlos de Aquino e da C.M.M. Armando Granja, que já se achava detido desde a véspera, pretendiam → (levantar o batalhão para fins sediciosos) e que esse oficial, cumprindo lealmente os seus deveres, retirou-se imediatamente da festa, indo avisar aos demais oficiais srs. 1º tenente fiscal Artur Benites Guimarães, 1º tenente Severino José da Coata Junior e 2º tenente comissionado Antonio Dantas de Mendonça, que prontamente vieram para o quartel num gesto digno e louvável de lealdade e solidariedade para comigo que resido no quartel, verificou o tenente Augusto Machado que os sargentos José Leite de Figueiredo, Marcondes Fontes da Costa e Silva e José Lydes Gomes de Barros, que se achavam presos, tinham fugido, o que deu fundamento às denúncias que tivera; apurei que na citada noite de 7, achando-se o primeiro sargento Granja, apesar de serviço, no lado exterior do quartel, foi ao encontro dos soldados mencionados, tomou-lhes o preso Ibrantino e depois de dar-lhe em presença das aludidas praças algumas pranchadas com seu espadim, mandou fôsse pôsto em liberdade e pediu às praças que não dissessem coisa alguma para que não o compromettessem e que por sua vez ocultou essa ocorrência ao oficial de dia, que se achava no quartel, o sr 1º tenente



Eudoro Correa de Arruda e Sá; que a vítima me relatou, em presença do sargento Granja, que na última quinta-feira, na venda de Fuão Couto, esse sargento lhe perguntou se "podia contar com êle", Ibrantino, para uma bagunça que estava sendo preparada no quartel, não sabendo, porém, se o sargento Granja estava ou não brincando; que a denúncia levada ao conhecimento do tenente Augusto Machado foi originada pela comunicação que o 3º sgt. Atanagildo da Costa Faria que se achava também detido, fugira de quartel para comunicar a um parente seu que, por sua vez, levou ao conhecimento do denunciante ao tenente Augusto Machado o assunto que o sgt Atanagildo ouvira na tarde de 9 dos sargentos Aquino e Granja, no quartel, e referentes a um suposto movimento subversivo projetado no batalhão e cujas causas e cabeças não precisaram, por lhes constar em forma de boatos que circulavam na cidade; e que finalmente não encontrando provas evidentes dessa tentativa de indisciplina, os sargentos Granja, Aquino e Atanagildo, contudo, cometeram transgressões disciplinares, resolvo prender por 21 dias o 1º sargento Granja (por ter saído do quartel sem permissão, maltratado prêso, deixado de comunicar ocorrência ao oficial de dia) e repreender simplesmente os sargentos Atanagildo e Aquino (deixar de levar ao conhecimentos das autoridades fatos que embora não provados parecia-lhes verídicos) não punir o sargento Atanagildo pela transgressão de sair do quartel achando-se preso porque a sua con-



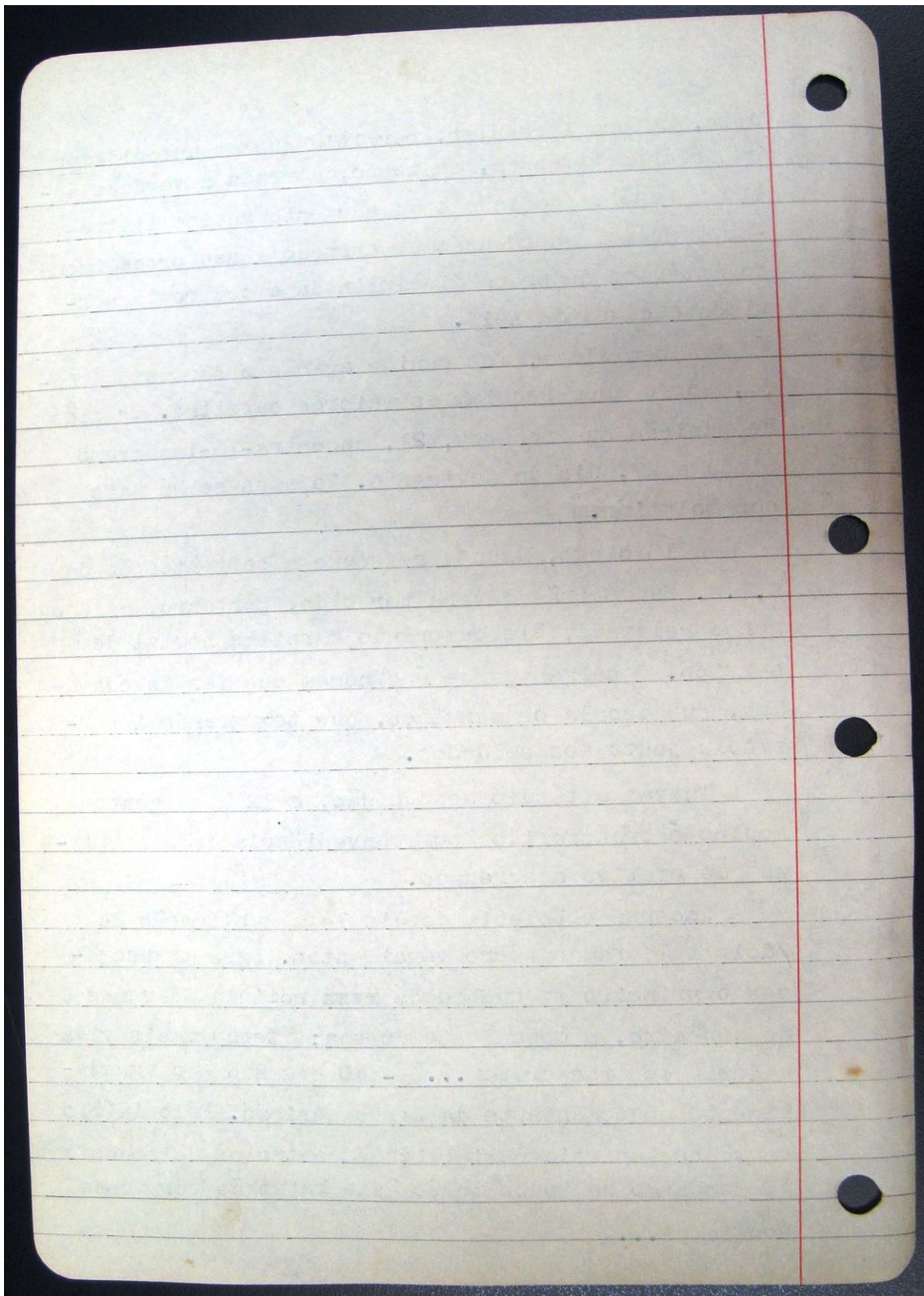
duta, embora irregular, permitiu que as autoridades superiores tivessem, em tempo, apurada a verdade sobre a suposta sedição e ao sargento Aquino limite-me também à repreensão em atenção a seu procedimento anterior de praça disciplinada e com reais serviços à causa da lei".

A bem dizer, foi punido apenas o sargento Granja, sobre quem recaiam as maiores suspeitas. Os dias de punição que recebeu, 21, encontra-lo-iam preso ainda a 27, dia do movimento. Vejamos se há mais nos boletins.

A 13 o sgt, Granja reassume a sargenteação da C.M.M. Sua prisão deverá ter sido, portanto, mais ou menos relaxada, ele cumprindo a rotina normal de serviço. O sargenteante é o homem que faz as chamadas, que escala os serviços, que tem grande importância junto aos soldados.

Talvez a título de punição, a 12 o sargento Aquino é transferido "por conveniência da disciplina" de efetivo a agregado.

Encerra o boletim do dia 14 a publicação de dois telegramas sobre vencimentos. Para transcrever o primeiro em que se dá ~~xxx~~ notícia da remessa do dinheiro, o comandante começa: "Tenho a mais viva alegria em transcrever..." - No segundo é o agradecimento ao comandante da Circunscrição. Pelo início se vê que existia certa ligação entre os dois chefes: "Comandando há pouco tempo este batalhão por vossa confiança..."



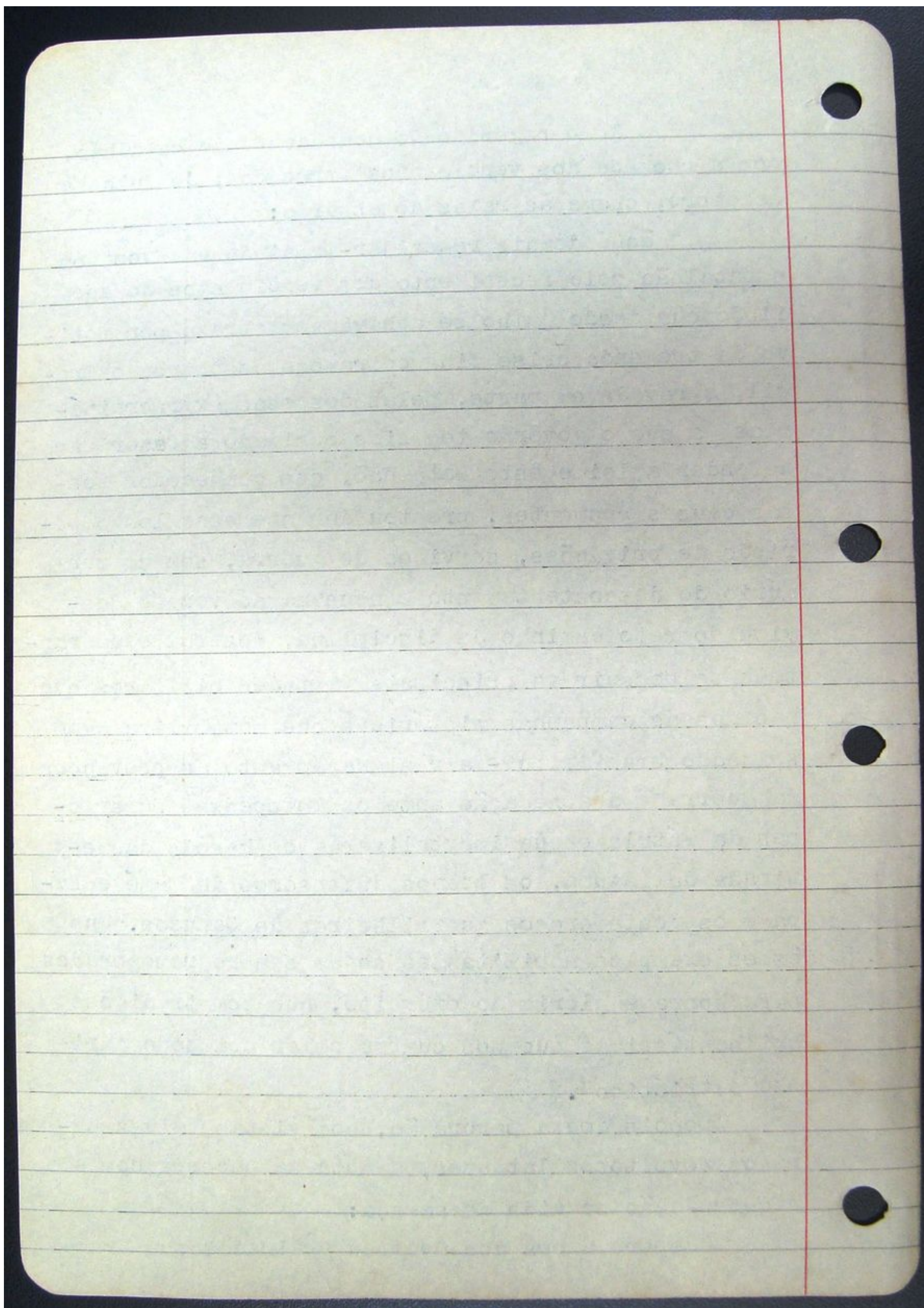
52

E a 16 o regozijo do comandante do batalhão, com a chegada dos vencimentos atrasados, de julho a dezembro, chega às raias do absurdo:

"Não é demais regozijar-me ainda uma vez com o batalhão pelo recebimento dos vencimentos do ano findo que desde julho se achavam em atraso por motivo da tremenda crise financeira que assoberba o Brasil, agravada em parte, pelas despesas extraordinárias a que o governo tem sido obrigado a fazer para defender a lei e este Batalhão, que conhecedor dessas causas prementes, prestou durante esse longo período de privações, serviços de guerra, sem um murmúrio de descontentamento e nenhuma só vez se desviou do reto caminho da disciplina, mostrou exuberantemente possuir as principais virtudes militares que nas nossas campanhas históricas que notabilizaram o soldado brasileiro - a resignação ante as provações da guerra e a abnegação ante os interesses superiores da Pátria e que imortalizaram os heróis da Retirada da Laguna, os bravos defensores de Bagé e Lapa e os destemerosos guerrilheiros de Canudos. Que esses exemplos nobilitantes sejam sempre lembrados para honra e glória do exército, que tem tradições brilhantíssimas que nos cumpre zelar com todo carinho patriótico".

Depois dessa peroração, com vistas talvez para os revoltosos latentes, a nota se encerra com uma recomendação seguida de ameaça:

"Espero agora dos meus subordinados que acabam



de mostrar tanta correção disciplinar, que satisfaçam espontaneamente seus compromissos particulares evitando reclamações dos prejudicados que sou forçado a atender nos termos do final do nº 5 do art, 95 do R.I.S.G."

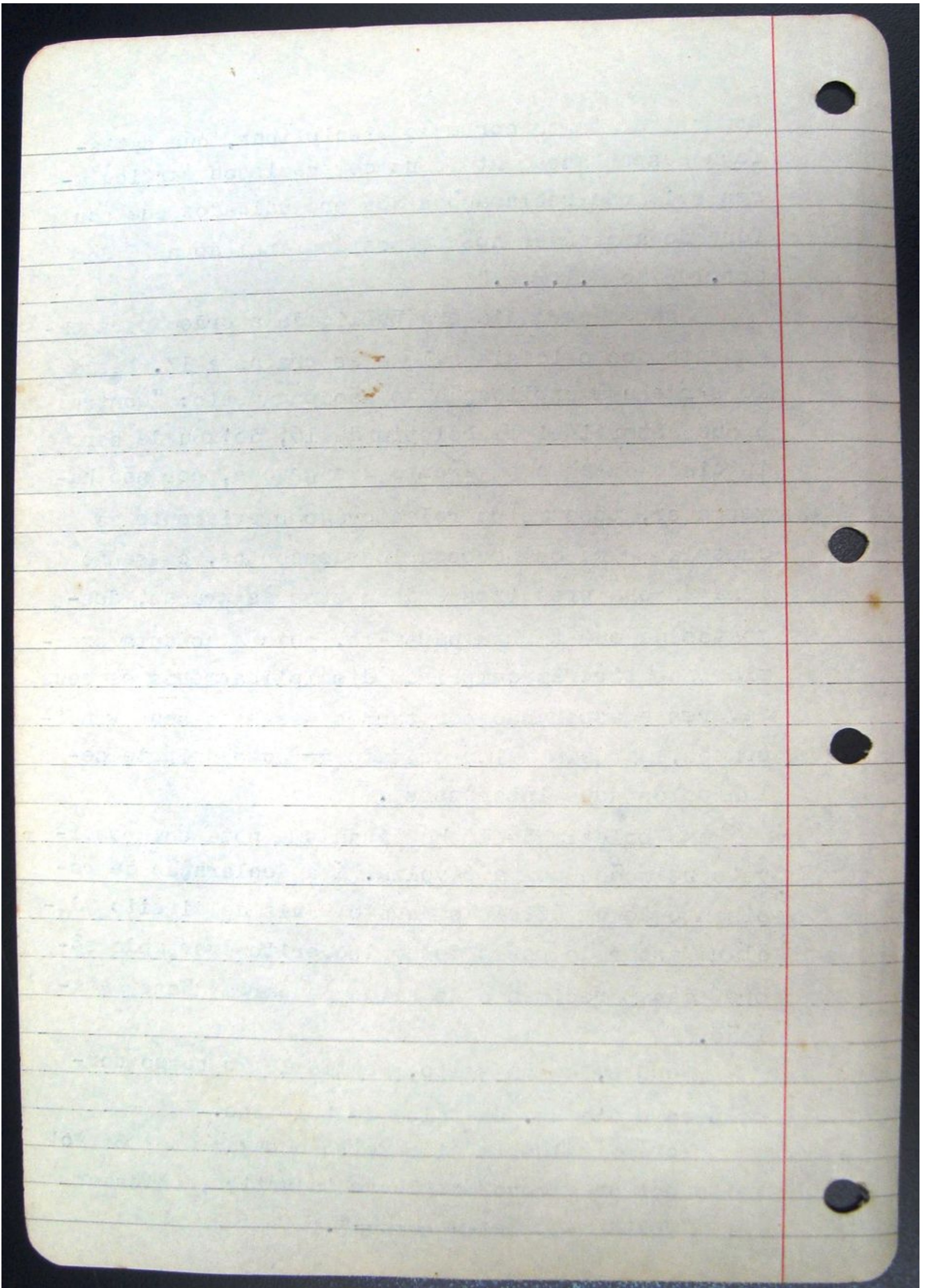
Nêsse mesmo dia era publicada a ordem para pagamento dos oficiais a 16 e às praças a 17. Mas a 18 surge uma explicação do não pagamento: "Contra o que determinei em boletim de 16, deixou de ser iniciado ontem o pagamento das praças, por não haver o sr, tesoureiro relacionado previamente as cautelas para os necessários descontos, causando essa demora prejuizos e desgostos às praças, desgostos de que também partilho, pois a conduta exemplar que tiveram cumprindo disciplinarmente os seus deveres e esperando por tantos meses os seus vencimentos, merecia maior cuidado de quem compete zelar pelos seus interesses".

No boletim de 18 há ainda uma nota com possíveis relações com a revolta. É a declaração de recebimento de um ofício em que o Juiz de direito declara estar de posse de um inquérito "versando sobre desaparecimento de armas da carga dêste Batalhão."

Depois, há um salto. Do dia 18 o tempo corre para o dia 26. Há falta de boletins.

Terá finalmente sido feito o pagamento? Se foi feito porque a revolta? Houve injustiça, omissão?

~~"Volte na próxima semana".~~

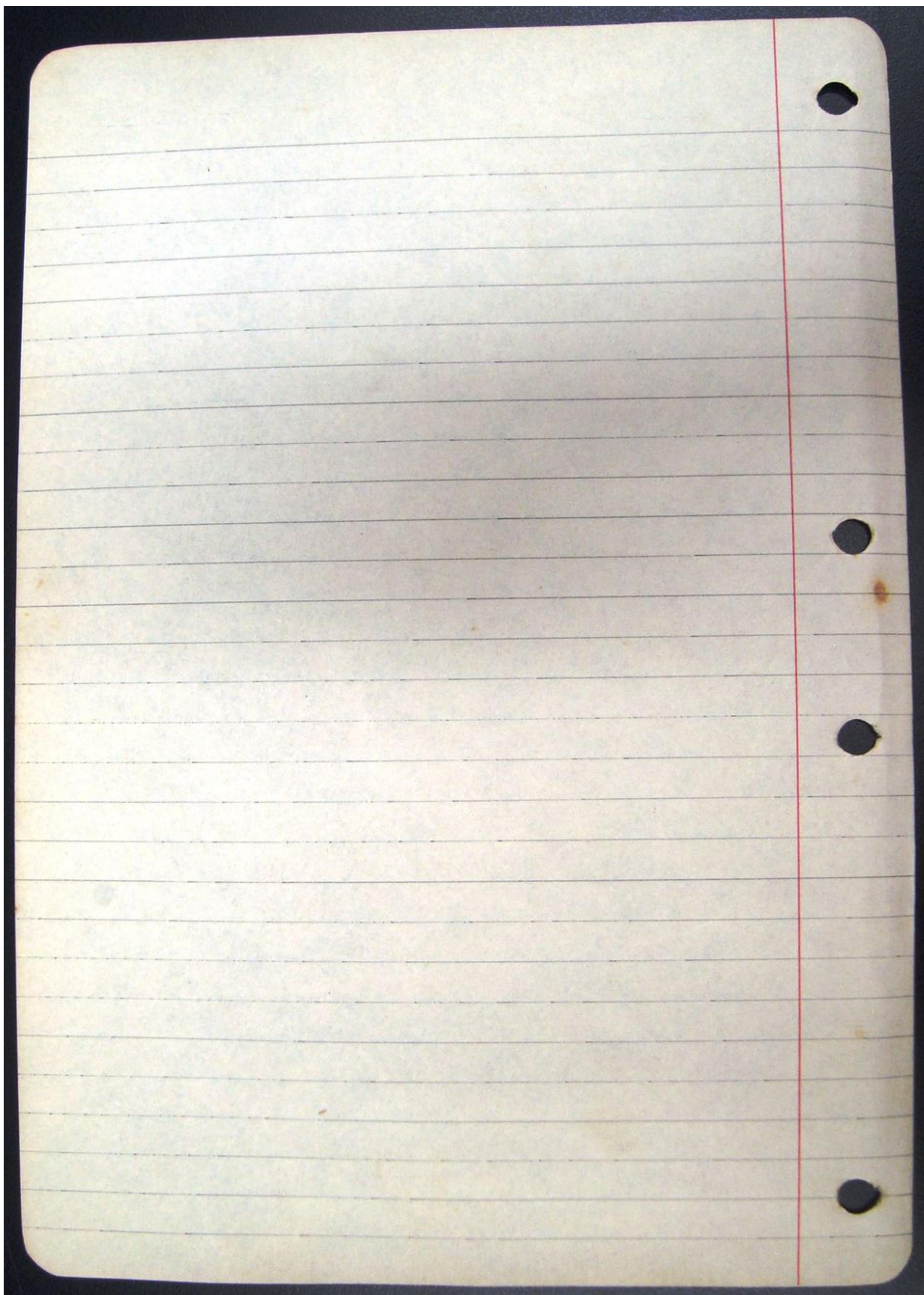


Março, 17.

Busca mal sucedida nos arquivos do Batalhão. Nos encontros os boletins da semana anterior ao levante nem os do mês de abril. O relatório e a solução do inquérito devem ter saído nesse mês. Nos seguintes, ~~nada~~ também nada aparece.

No livro de alterações dos praços, há algo mais sobre o sargento Graípa. A 3 de abril foi transferido para a 3.ª Região Militar pelo chefe do D/G (?). Mas a esse tempo já se encontrava ausente. ~~Em~~ O fato serve apenas para esclarecer que o comandante, além da punição de 21 dias dada a esse sargento, oficiou as autoridades superiores pedindo sua transferência. A 5 de abril foi considerado desertor.

A última referência ao sgt Graípa foi registrada a 25 do mesmo mês: sua captura em Aquidauana e embarque, escoltado, para Campo Grande.



Março, 18.

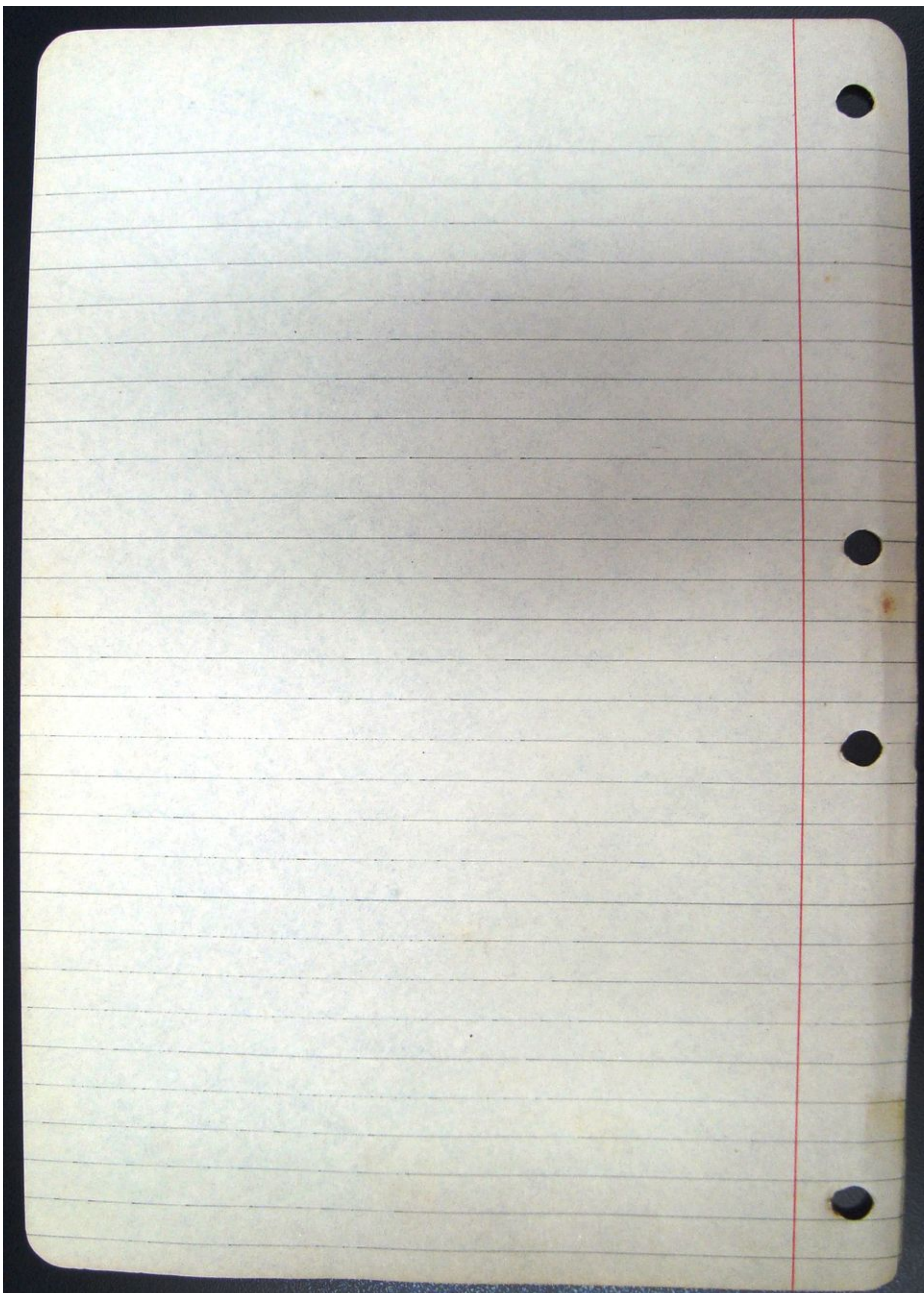
not included

55-

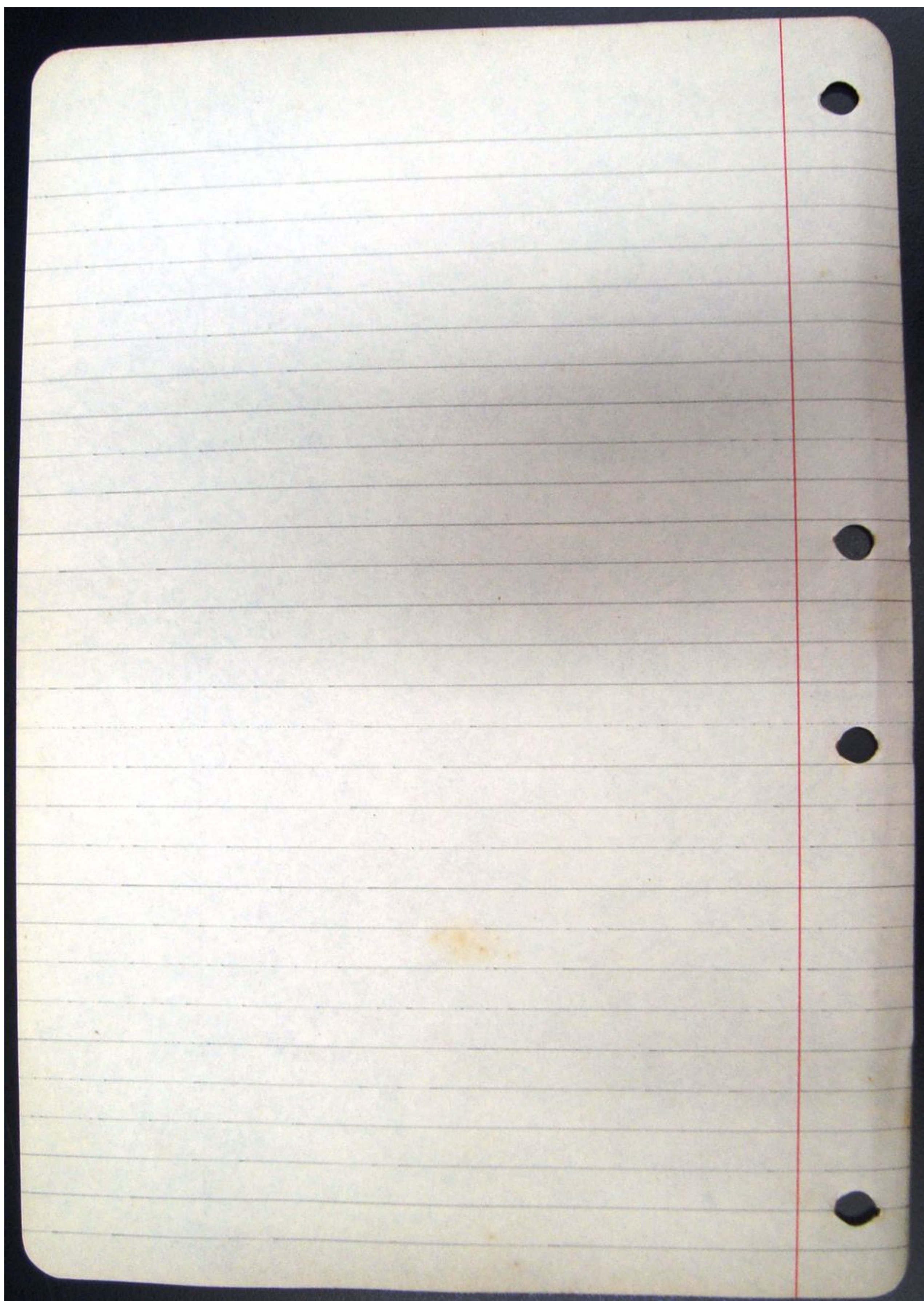
A proximidade geográfica com Bolívia e Paraguai levou-me a ler com mais interesse os autores reunidos na "Antologia de Escritores Hispanoamericanos", organizada por José Lang y Díaz para a edição Aguilar. É espantosa minha ignorância do escritores hispano-americanos. O volume, em papel bíblia, encina 85 nomes, de 20 países. Pois conhecia apenas, Rómulo Gallegos (Venezuela), Guadalupe Nervo (México), Horacio Quiroga (Uruguai) e Ruben Darío (Nicaragua). Poderia acrescentar mais dois que, pela natureza da obra, não constam dessa antologia: Pablo Neruda e Gabriela Mistral.

Do Paraguai a obra apresenta: Juan Natalicio González, Carlos Zubizarreta e Casaccia Bibellini. O trabalho do segundo não é conto; trata-se de um pequeno ensaio sobre os costumes paraguaios de fazer presépios pelo Natal, e influência jesuítica sobre o espírito popular, comportando até transcrições de outros ensaístas.

Há quatro bolivianos no volume:



Rosendo Villalobos, Ricardo Jarro Freyre,
Alcides Arguedas e Oscar Cerruto. Do
primeiro, um conto religioso que se desen-
volve na Espanha; de Ricardo Jarro
Freyre, que a antologia apresenta como
"uno de los mejores cuentistas de América
del Sur", um conto realmente impres-
sionante da justiça indígena contra
os brancos usurpadores de terras. De
Alcides Arguedas, uma história passiona-
l com grandes qualidades. Mas Oscar
Cerruto, com "La Dama", é um caso
à parte. Perfeito na forma — pura e
concreta — narra com habilidade e pres-
teza absolutas.

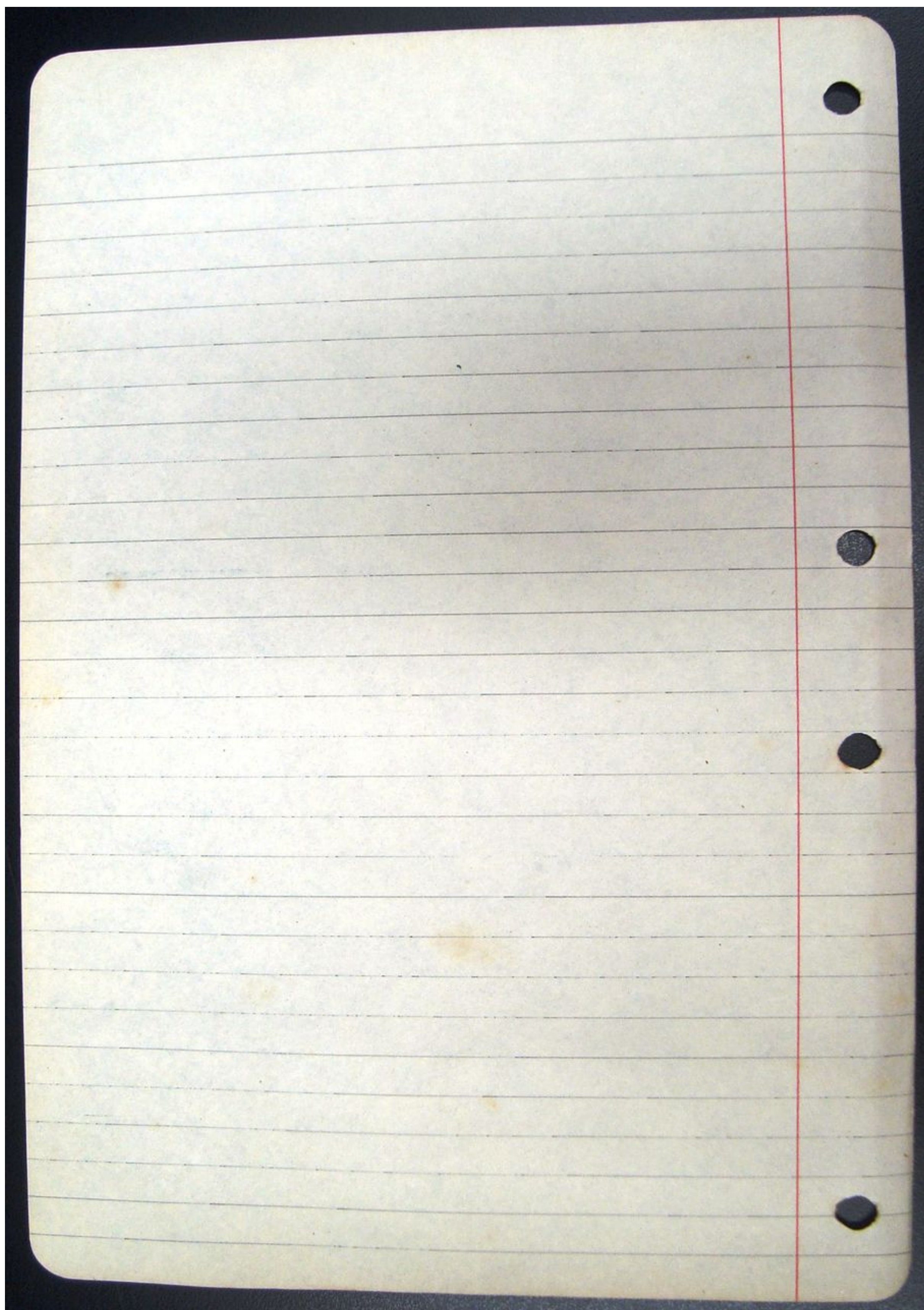


Março, 19.

Em 1948, como 2.º tenente, inspecionei os Tiro de Fuzila de Monoro, Macaú e Breia Branca, no Rio Grande do Norte.

Em Monoro encontrei um stand de tiro impar: de entre a vegetação rala e baixa do terreno arenoso do Nordeste surgia uma pequena muralha de barro e pedra que servia de para-bala aos tiros de fuzil. Soluções primárias, sem oferecer ~~resistência~~ segurança aos habitantes das circunvizinhanças, lá estava e possivelmente ainda permanece.

Dez anos depois encontrei outra linha de tiro tão rudimentar como aquela. Há uma grande vantagem: o para-bala é uma elevação que oferece segurança aos que moram na contra-encosta, mas o terreno em que foi aberta a pista para as diferentes distâncias de tiro e posições é pedregoso, lascado aqui e ali pelos ricochets, pelas balas perdidas que tocam os alvos de papel, pelos alvos a que, futuramente, se destinam, os incantos habitantes desta região de Corumbá.

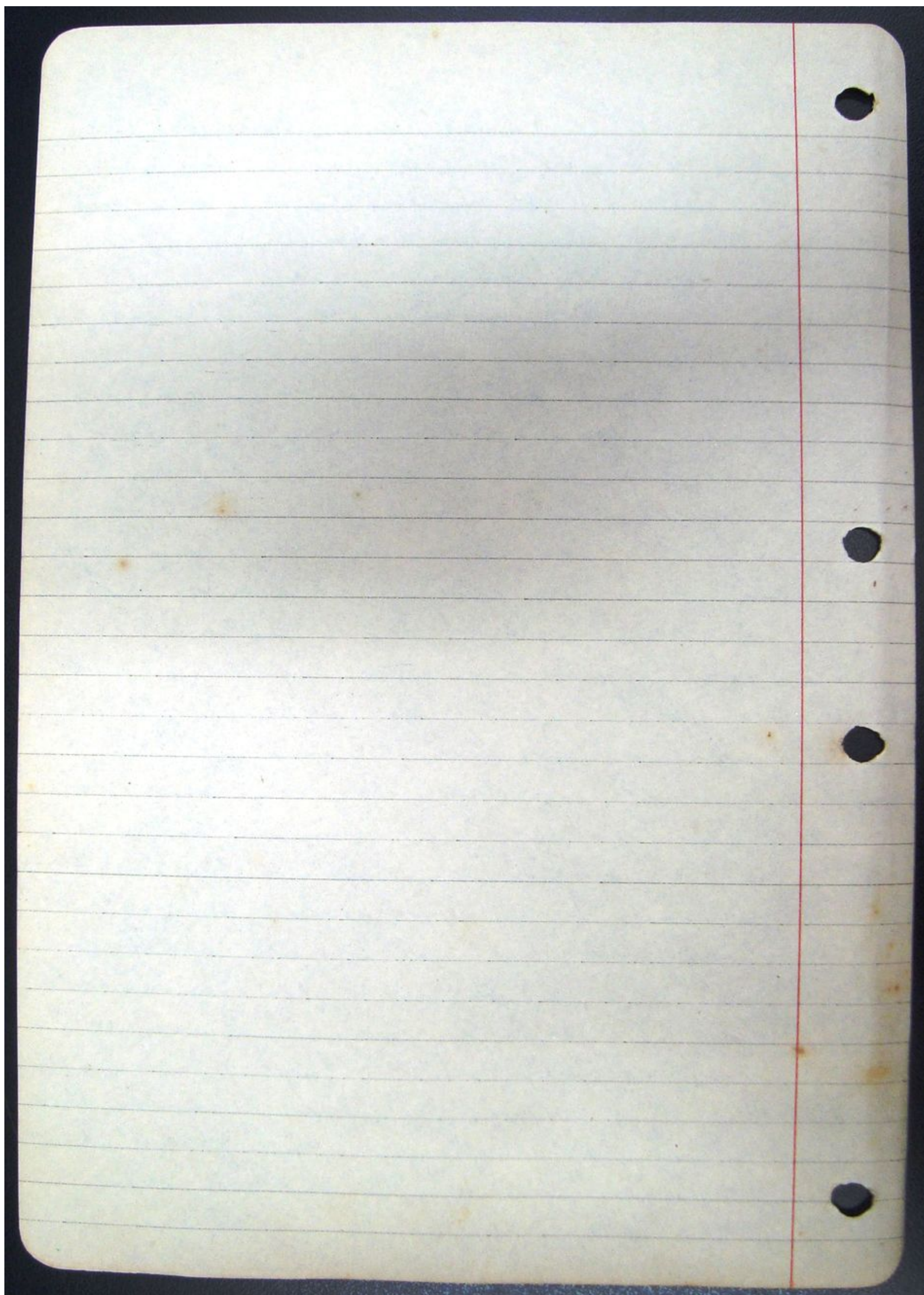


Terminada uma série de tiros
se verificou o impacto no alvo.
Distância, 50 metros. E a bala entra
de lado, rasgando o papel em vez
de furá-lo simplesmente.

— Os mosquetes estão descali-
brados, capotados.

Tomo conhecimento, então, de
que vários pedidos foram encami-
nhados para que as armas de tiro
fossem calibradas, para que ao
menos era parte da instrução res-
ta apresente um rendimento útil.
Nada. Tudo é difícil na arámi-
na região de Mato Grosso. A mu-
nicipal é pobre, o aprendizado não
pode ser convenientemente testado,
o recruta se decepciona com a pró-
pria pontaria. Ao final, conhecen-
do-se as causas, como reprová-lo
soldado? E como saber os que ati-
ram bem, os que simplesmente pu-
xam o patilho? A ordem é ati-
rar, é postar a municipal, e regi-
strar os tiros.

É assim os homens, passam de
nova a mobilização, juram à
bandeira, recebem o certificado de
reservista.



Março, 20.

Açougue Vasco da Gama. Naturalmente pelo time de futebol, mas pelo manipulador português.

Açougue. Em todas as cidades há densas casas de esquina com várias portas destinadas a armazenar ou loja de ferragem. Aqui, ou o armazém quebra, ou se instala a loja, ou o proprietário esculumbra maior lucro na divisão do prédio. Levantar paredes entre as portas, construir balneários ao fundo e anunciar alugar-se na Tribuna. Bar, sapataria, agência do IBGE, açougue.

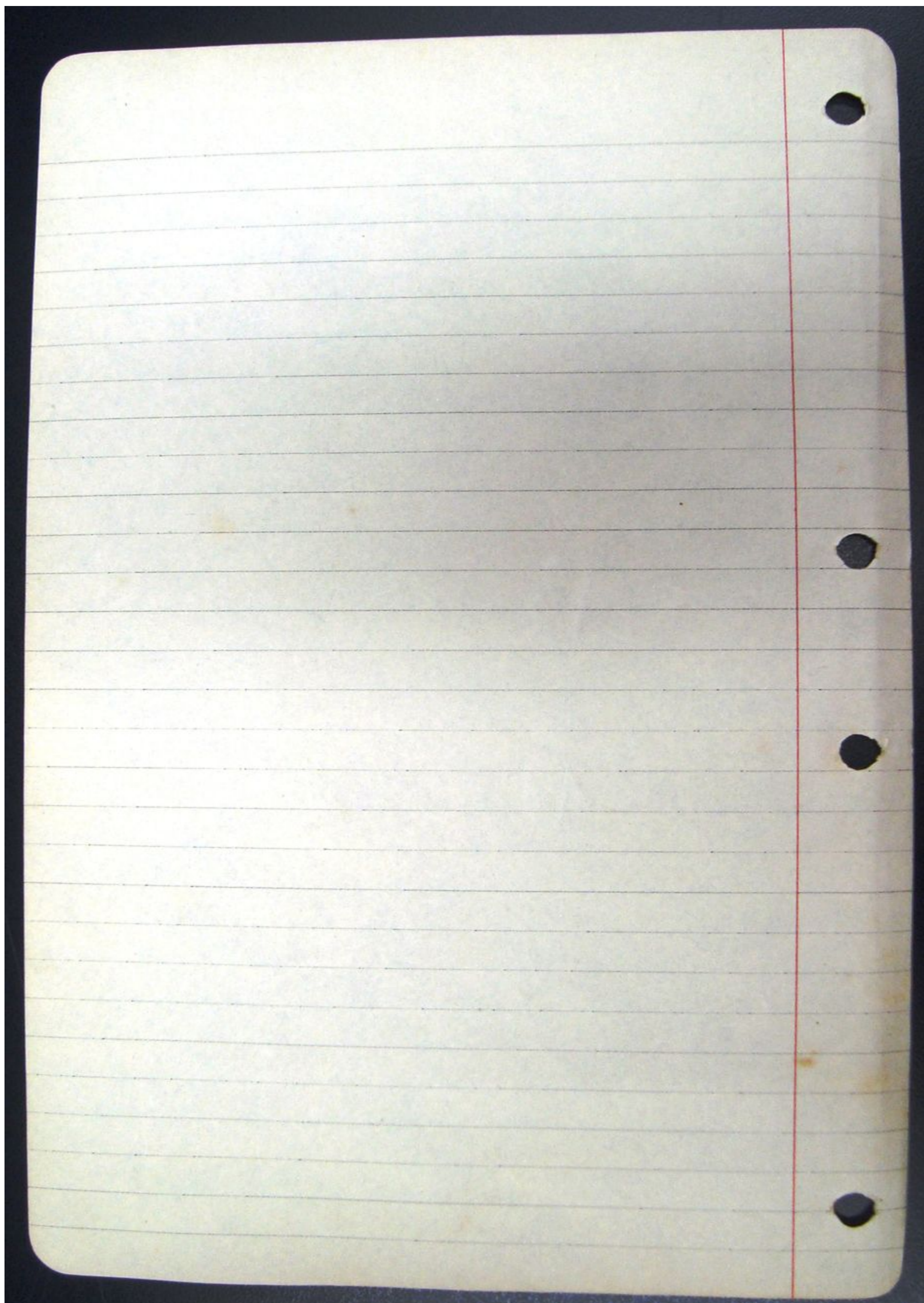
— Morava um português pouco-dise-me o proprietário.

Então soube que o português pouco tinha um açougue nesta porta 1325. Nenhum estípite, paredes pintadas, apenas, uma faixa de ladrilhos de outro padrão ~~podem~~ fazer supor a existência do balcão.

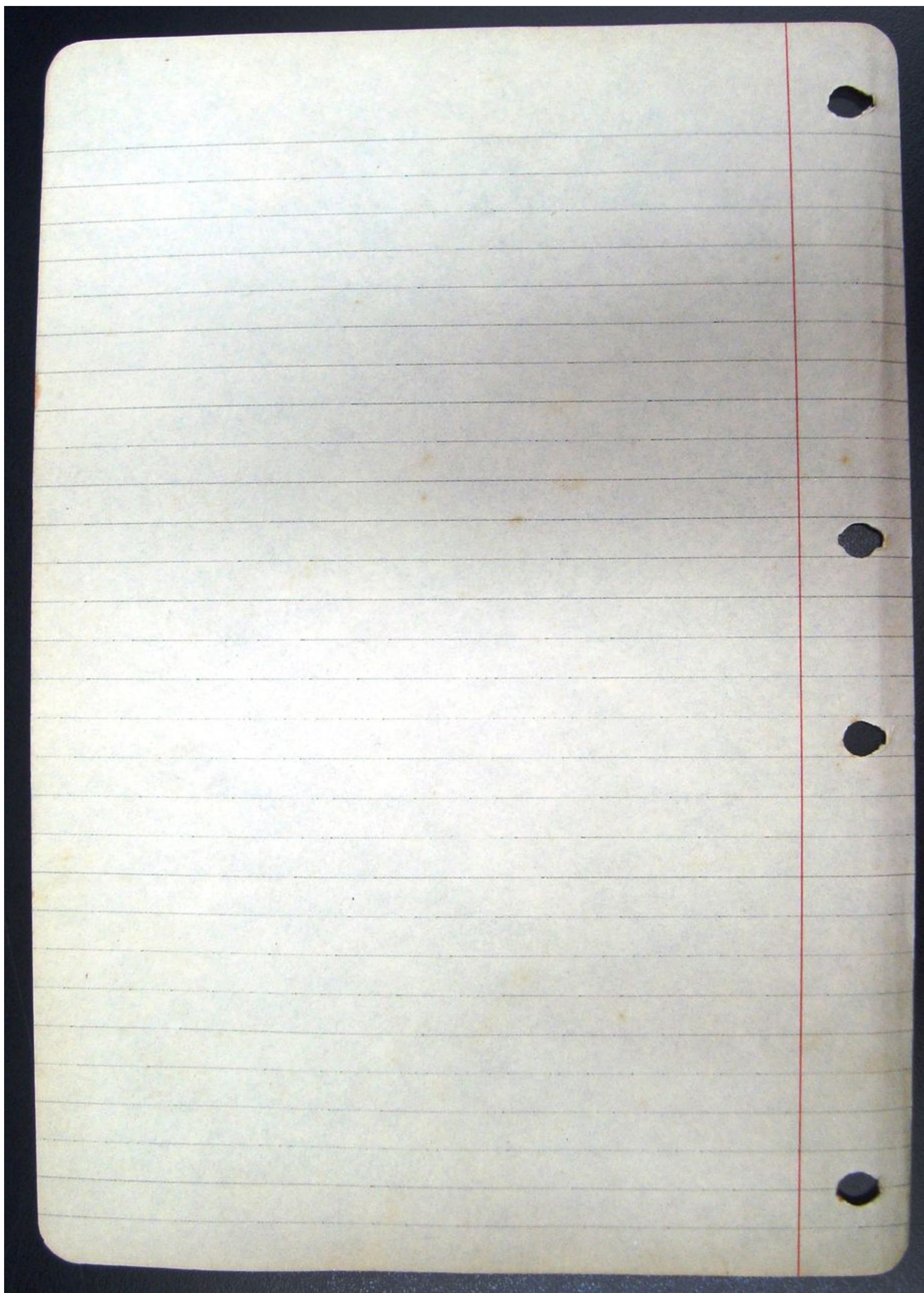
Compreendo agora porque um menino, quando entravam os móveis, perguntou:

— Que vai ser aí agora?

Da mesa onde escrevo aqui uma



meça passar e dizer: "Acengue".
Como não sabem meu nome
mas sou visto todos os dias fora-
do, imaginem meu apelido na ci-
dade: capitão acengueiro.



61

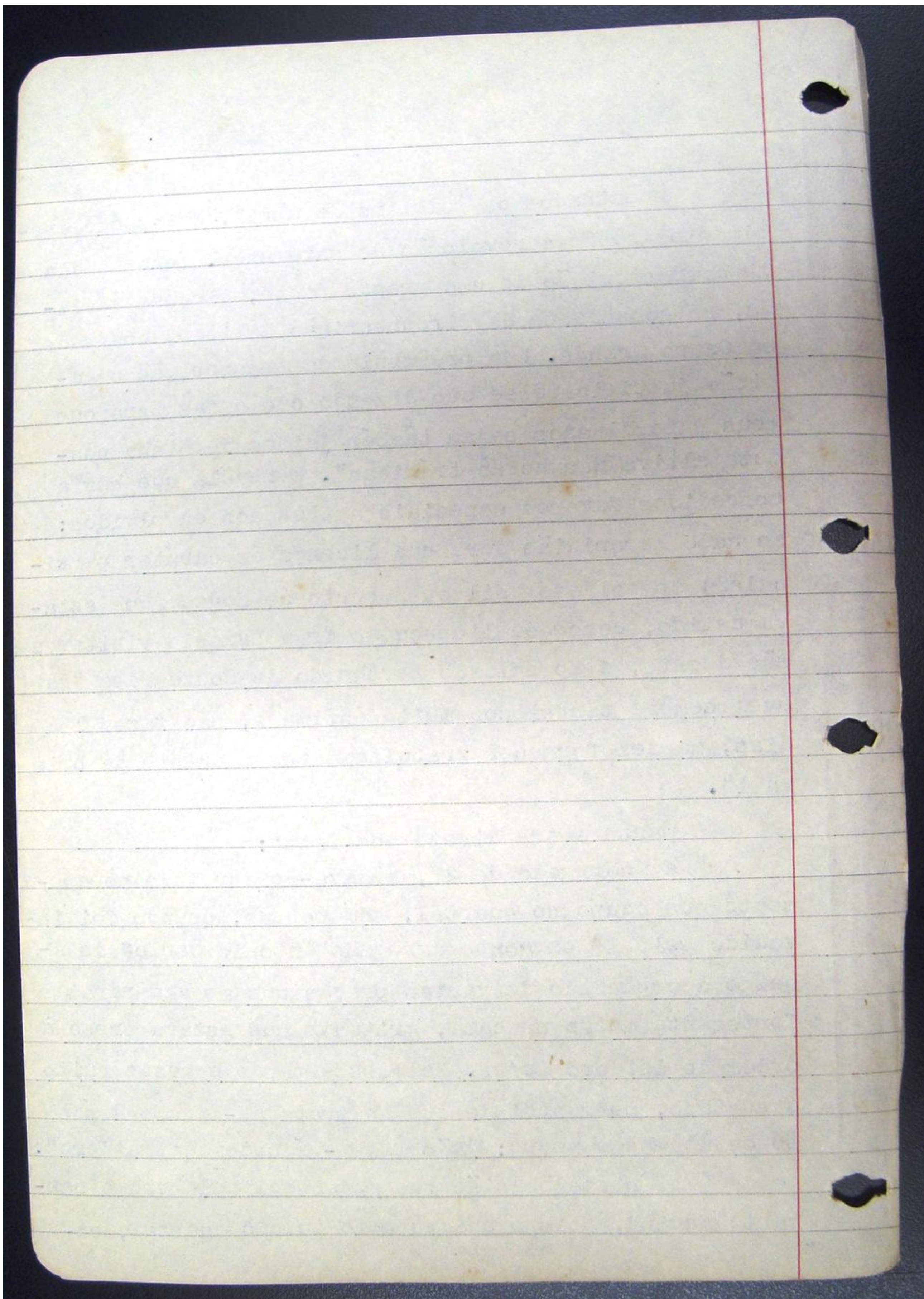
Março, 22.

Encontrados os boletins de abril, novos esclarecimentos sobre a revolução de sargentos. Logo no dia 1º a transcrição de uma grande parte, circunstanciada, ao comandante da Circunscrição Militar, com sede em Campo Grande. Num preâmbulo da transcrição o capitão justifica esse ato dizendo que o faz para que "meus subordinados sejam também juizes de minha conduta ativa nas horas trágicas". E revela que havia concedidos favores especiais a três dos envolvidos: ao cabo Esperidião dera uma licença em caráter particular; ao soldado Wilson Roberto de Souza, que estava detido, concedeu licença de ir a Ladário visitar a mãe doente; e ao soldado Bertholdo de Souza Papa "a quem sempre tartei com muita estima e, não fazem 15 dias, mandei fornecer gratuitamente um culote de brim kaki".

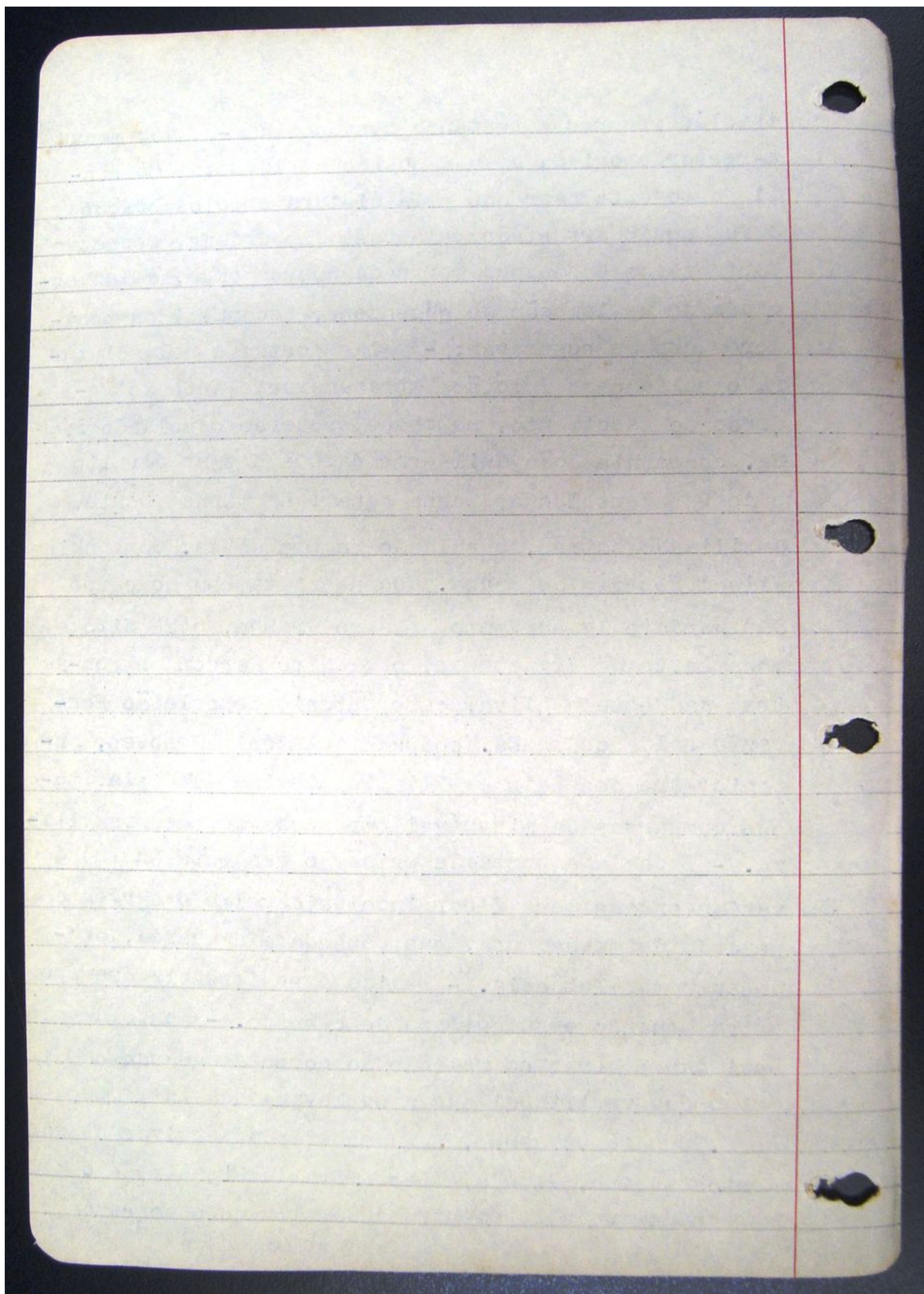
A parte entra direto nos fatos:

"Na madrugada de 27, achava-me dormindo no aposento que ocupo no quartel, sem portas, quando foi invadido pelo 1º sargento agregado Antonio Carlos de Aquino acompanhado de várias praças que me agarraram fortemente mesmo na cama, gritando que estava prêso à ordem de Isidoro Lopes. Mal despertando e mesmo muito assustado, perguntei de que se tratava - respondendo todos ao mesmo tempo: "Não fale - É ordem do Isidoro".

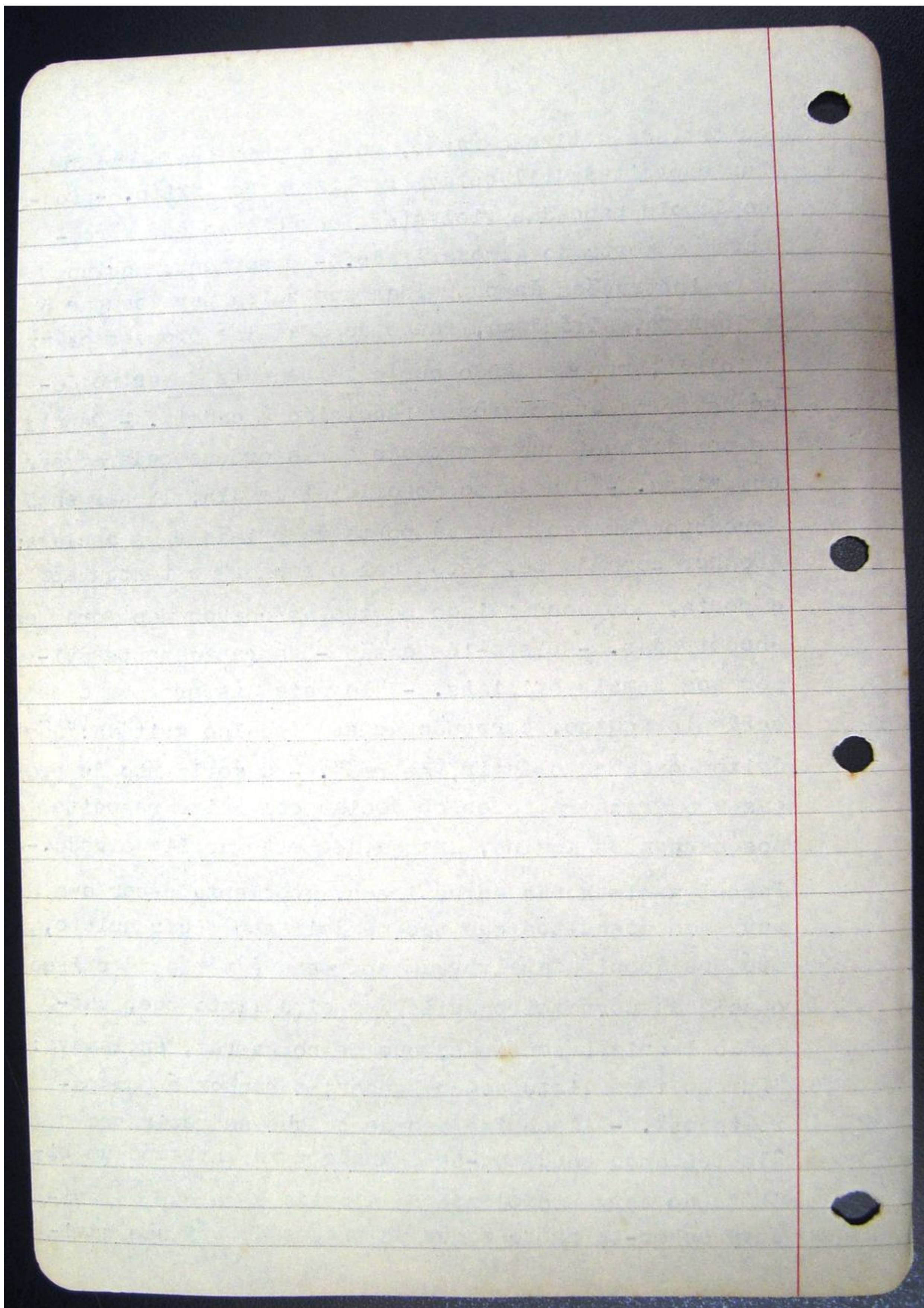
"Foi nesta ocasião que reconheci pela voz o sargento Aquino, pois o quarto como todo o quartel, es-



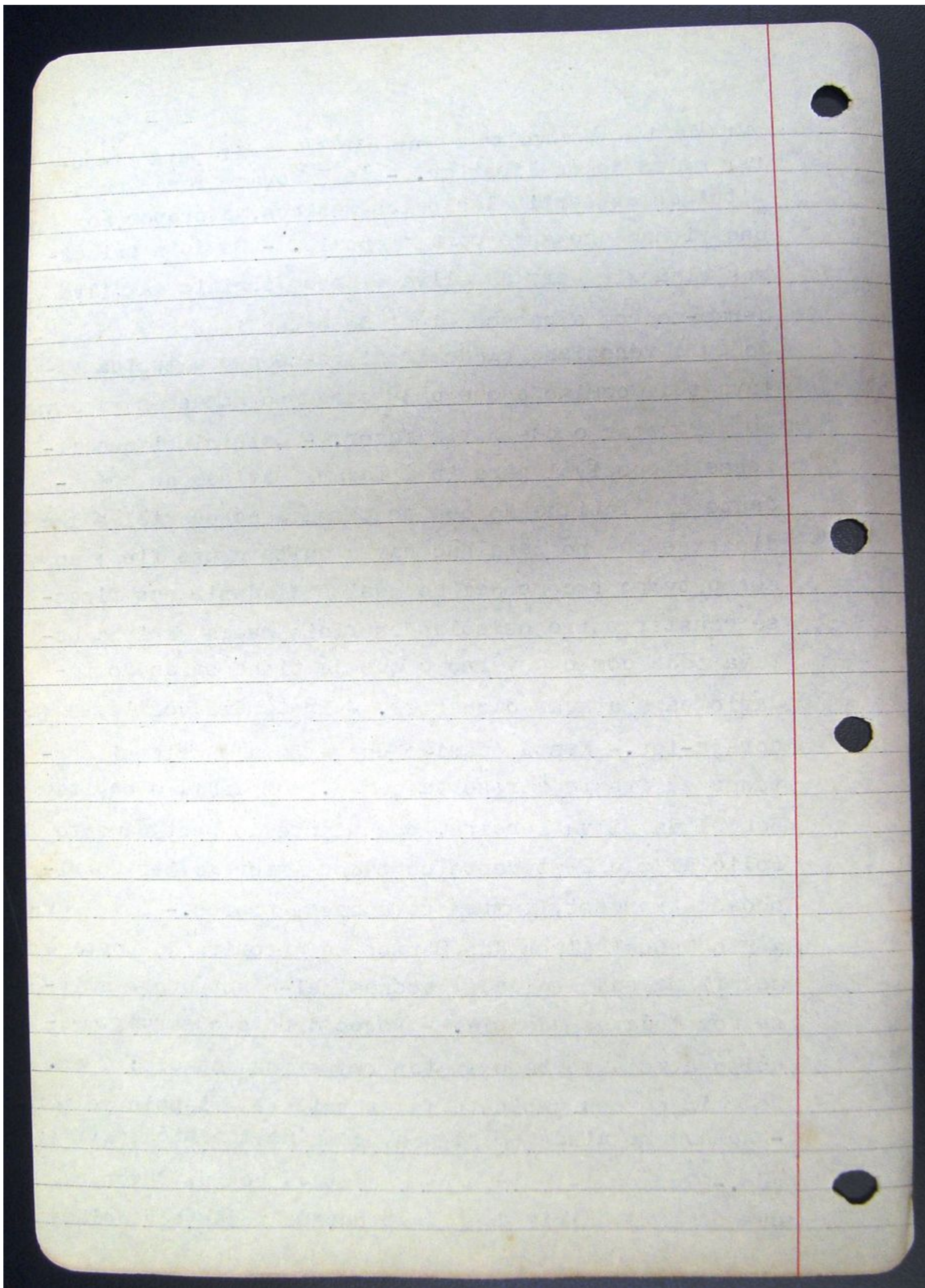
tava às escuras e tentando desvencilhar-me dos meus agressores caí da cama e quando me levantei me senti fortemente agarrado pela cintura e pelos braços e fui assim arrastado pela Casa das Ordens, Secretaria Gabinete do Comando e Corpo da Guarda onde, à luz escassa de um lampeão de querosene, reconheci os traidores que me seguravam: - pelas costas e pela cintura o soldado do Pelotão Extranumerário Antonio Pedro do Nascimento; no braço esquerdo o soldado da 2ª. companhia João Guilherme da Costa e no direito o do P/E Bertoldo de Souza Papa e na minha frente, auxiliando os outros, o soldado também da 2ª. Companhia Wilson Roberto de Souza. Reconheci também no corpo da guarda o 1º sargento Armando Granja, o 2º dito José Leite de Figueiredo, o 3º dito Marcondes Fontes da Costa e Silva, cabo Antonio Esperidião Ferraz e soldados da 2ª. companhia Antonio Genovês, Antonio Pedro dos Reis e Ollimpio Ribeiro da Costa, todos comparsas da miserável emboscada de que era vítima. - Fechada a porta da prisão o sargento Aquino deu várias ordens para ficar incomunicável e o sargento Medardo Jaime da Rosa, que comandava a guarda, obedeceu sem relutância. - Devido à resistência que opus estava suando e aniquilado de cansaço. - Pouco depois ouvi dar 3 horas no relógio do corpo da guarda e foi então que verifiquei que a sublevação havia irrompido às 2.30 mais ou menos, sendo chefes ostensivos os sargentos Aquino, Granja, José Leite de Figueiredo e Marcondes que alegremente confabulavam no corredor



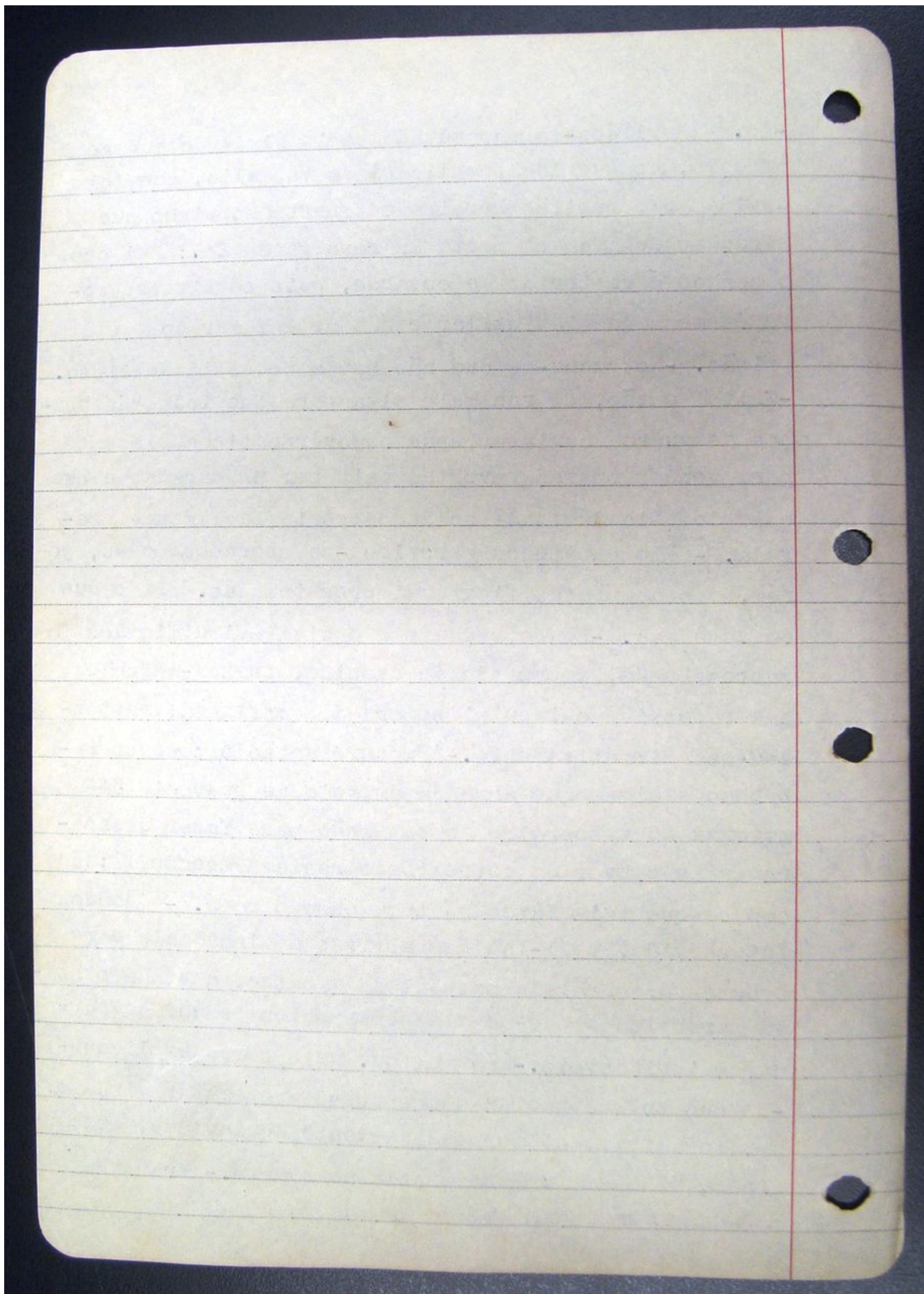
da entrada e tinham razão, pois a primeira parte de sua empreitada vil estava realizada com êxito. - Pouco depois pancadas violentas denunciavam que arrombavam a porta do Almocharifado. - O sargento Aquino dava instruções às patrulhas que saíam para ocupar o telégrafo, Alfândega, Banco do Brasil e prender os ~~xx~~ oficiais, recomendando que o 1º tenente Severino José da Costa Júnior fosse recolhido à cadeia. - Depois me certifiquei que nem todas essas ordens puderam ser cumpridas. - O adjunto do oficial de dia, 1º sargento Herodoto Camargo chega à porta da prisão e me declara: "Senhor comandante, estou com o senhor" e tentou abrir a porta, não conseguindo porque as chaves não foram ~~en~~ encontradas. - Disse-lhe então - "Vá rapidamente avisar aos demais oficiais. - Ele saiu às pressas e o sargento Aquino, correndo ao seu encalce gritava: "Não deixem o Camargo fugir, atirem". - O movimento de praças era grande e todos obedeciam com muito respeito aos sargentos Aquino, Granja, e Leite de Figueiredo. - Passei assim horas angustiosas, atormentado por uma nuvem de mosquitos que não me deixavam ficar quieto, até que depois da alvorada apareceu à porta da prisão o soldado corneteiro Julio Ferreira Pinto que, chorando lágrimas sentidas, que me comoveram, exclamava: "Porque fazem isto com o senhor; o senhor é bom para todos". - A sentinela ordenou que se retirasse e ele teimando encostou-se à grade e me entregou um bilhete do sargento Olindo de Almeida Rosa que me avisava achar-se preso e que as praças do P/E não havi-



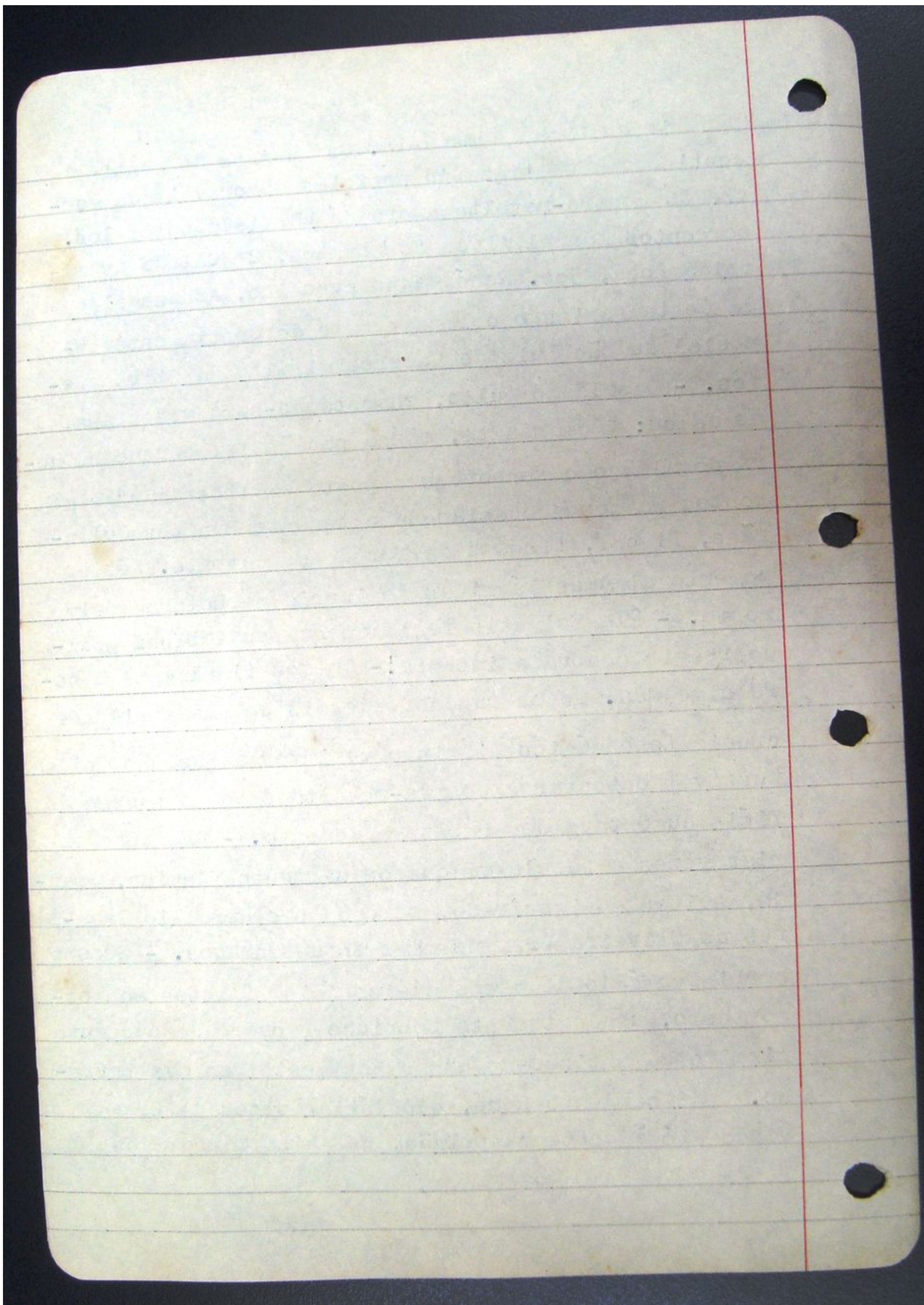
am aderido à revolta e que ele ia fugir para procurar meios de me libertar. - Às 7 horas foram substituídas as sentinelas pelos músicos, a proporção que vinham chegando para o ensaio. - Os dois primeiros Wladimir Nery da Silva e José Virginio da Silva deram-me com a cabeça sinal de entendimento e chegando eu à veneziana Wladimir disse-me que a música estava toda comigo e que o 3º sargento Manassés mandava me perguntar o que devia fazer. - Determinei que fizesse o possível para ir à Ladário avisar ao comandante da Flotilha do que se passava no quartel e lhe dissesse que no Batalhão havia muita gente fiel; ao mesmo tempo recomendei ao músico Wladimir que fizesse constar entre os soldados fiéis que a Marinha estava toda com o governo e que já tinha saído do Ladário para atacar o quartel. - Pretendia com isso encorajá-los. - Nesta ocasião chegando à janela vi sentados em frente à reserva da 2ª companhia o Capitão Manoel da Silva Pereira, comandante do Destacamento Policial e o 2º tenente contador Artur Xavier Sobrinho que percebi, também se achavam presos. - O 1º sargento Manoel Alves dos Santos se aproxima da porta e me afirma sua lealdade; aconselhei-o então que agisse com toda prudência. - Pouco depois o sargento Aquino abre a porta e em tom respeitoso me diz: O sr. pode ir ao seu gabinete fazer toilette e depois voltar. - Achava-me ainda em pijama, como no momento da traição. - Respondi-lhe que não aceitava nenhum favor e que somente sairia da prisão quando pudesse recolhê-



-lo. - Repliquei-me que eu não sabia ainda do que se tratava, ao que lhe trepliquei em voz alta, que foi ouvida pelo capitão Pereira e tenente Sobrinho que ainda se achavam na porta da reserva da 2a.: "Sei que o senhor é um traidor e covarde, pois se tivesse coragem me mandaria fuzilar e não me infamar com esta prisão. - Retrucou-me que não havia necessidade disso. - Gritei então, em voz mais alta para que Todas as praças de guarda ouvissem, que o Governo tinha elementos para vencer outras revoltas mais bem preparadas e que essa de meia dúzia de soldados seria facilmente abafada. - Ele embatucou e retirou-se, percebendo eu, porém, que as praças ficaram impressionadas. Era o que eu desejava. - Em seguida veio o civil Virgílio dos Santos Leque, empregado do cassino, trazer-me café que recusei e o inquiri se era de confiança; respondeu-me afirmativamente. - "Procure então o tenente Sobrinho e diga que arranje um meio de prevenir ~~xxx~~ ~~xxxxxx~~ ao tesoureiro do batalhão para fazer desaparecer as chaves do cofre (onde restava apenas 17:45o\$ 000) e que mais tarde me trouxesse o café. - Quando fui servido, pedi-lhe que abrisse a minha mala e me trouxesse, enrolada na toalha de banho, a minha pistola parabelum e pus-me a esperar momentos que se tornaram infundáveis. - Não voltou. Mais tarde explicou - me que no momento em que pretendia executar minha ordem foi surpreendido pelo sargento Aquino que, desconfiado, colocara uma sentinela no quarto. - Era minha intenção, uma vez armado, obter permissão do sargento

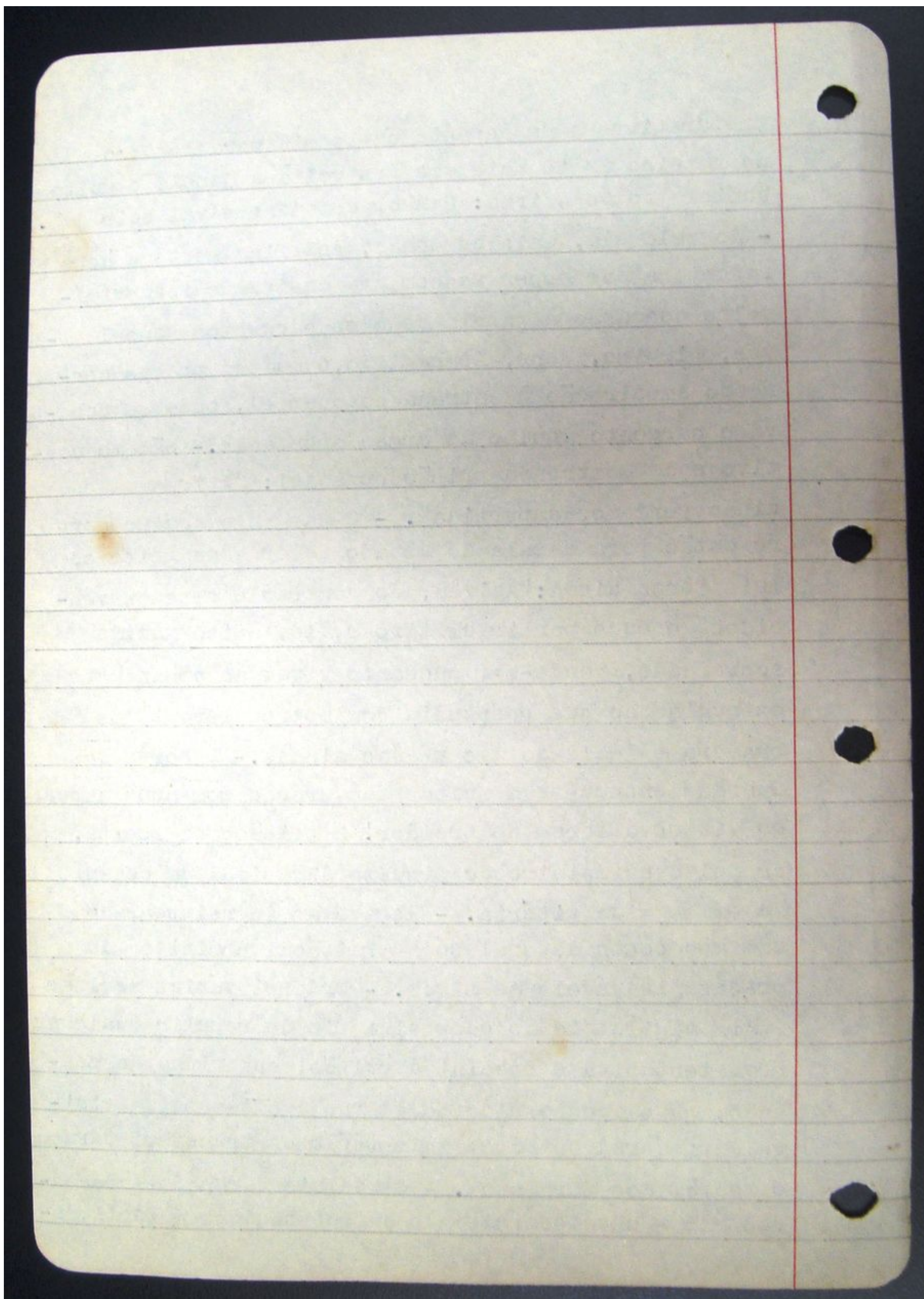


para ir ao banho e matá-lo. Os músicos de sentinela continuavam me trazendo notícias favoráveis da marcha da contra-revolta agora já chefiada pelos ~~loás~~ ~~sargentos~~ Manoel Alves dos Santos, 2º Olindo de Almeida Rosa, 3os. René Magno Arsolino, Athanagildo da Costa Farias e o 1º sargento do Contingente Especial de São Luiz de Cáceres Firmino da Silva Lemos. - O soldado Júlio, encostando-se à veneziana, me falou: "Comandante, tenha paciência, porque na hora do almoço o senhor será posto em liberdade" e me contou na mesma ocasião que o tenente Benitez Guimarães, fiscal, tinha sido ferido em combate. Nesse momento algumas lágrimas de inveja me rolaram pelo rosto. - Ele foi mais feliz do que eu e tinha podido reagir contra a infâmia! - Chegou finalmente a hora almejada. Tocou rancho e depois de uma ansiedade cruciante o músico Virginio me informa que não foi possível estourar a contra-revolta e que o número de fiéis aumentava de momento a momento. - Chegando várias vezes à janela vi que os sargentos Aquino, Granja, Leite de Figueiredo, Marcondes e Hercílio Tavares de Oliveira eram os mais entusiasmados. - Recebo por intermédio do mesmo músico dois bilhetes ao mesmo tempo, um do tenente Sobrinho e outro do sargento Firmino garantindo-me que o movimento ganhava terreno. O 3º sargento René, que várias vezes já tinha vindo até à porta da prisão, me avisa também dos



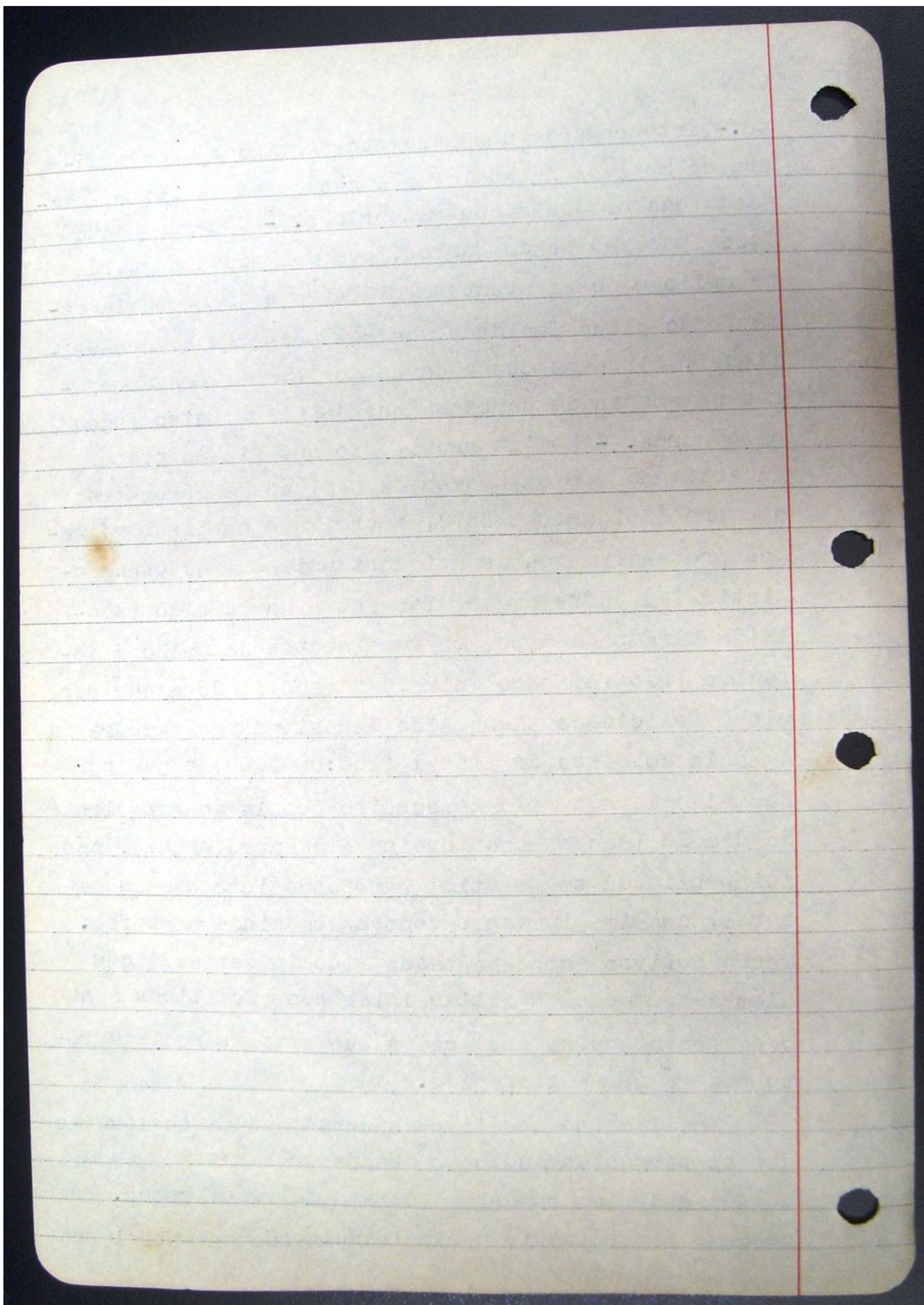
preparativos e me garante que seria para logo; o corneteiro Julio mais uma vez volta à janela e muito satisfeito me afirma: "Senhor comandante vai sair já".

- Ao meio dia, mais ou menos, sôa finalmente a hora redentora que esperava com uma ansiedade inexprimível e chegando à janela vejo os sargentos Manoel Alves, Firmino, René, Atanagildo, e muitas praças correndo em direção à entrada do quartel, onde se achava o sargento Aquino de armas apontadas. - Não me contive e de dentro da prisão comandeí: "Atirem nêle sinão perdemos a partida". - O sargento Aquino corre então para a sala do Estado Maior e eu grito com mais fôrça ainda: "Atirem, do contrário seremos vencidos" e ouço partir um tiro e êle, muito ~~páxiã~~ acovardado, rende-se; enquanto vivas ao comandante estrugiam ao que respondia com outros levantados à bravura e lealdade das praças dignas. - O Corpo da Guarda encheu-se e muitas das praças momentos antes eu via obedecerem ao traidor! A prisão foi aberta, mandei o corneteiro de piquete dar sinal de comando e em seguida vitória. - Estava assim reintegrado no meu pôsto do qual só a traição ignominiosa de praças miseráveis me tirou. - Ordenei várias medidas para vigilância do quartel a fim de repelir qualquer nova tentativa e recolhi à prisão, que tinha desocupado, os sargentos Aquino e Granja que estavam visivelmente amedrontados; mais tarde os transferi para o xadrês dos sargentos. - Os demais sargentos desapareceram - uns desertaram e outros bandearam fácilmen-



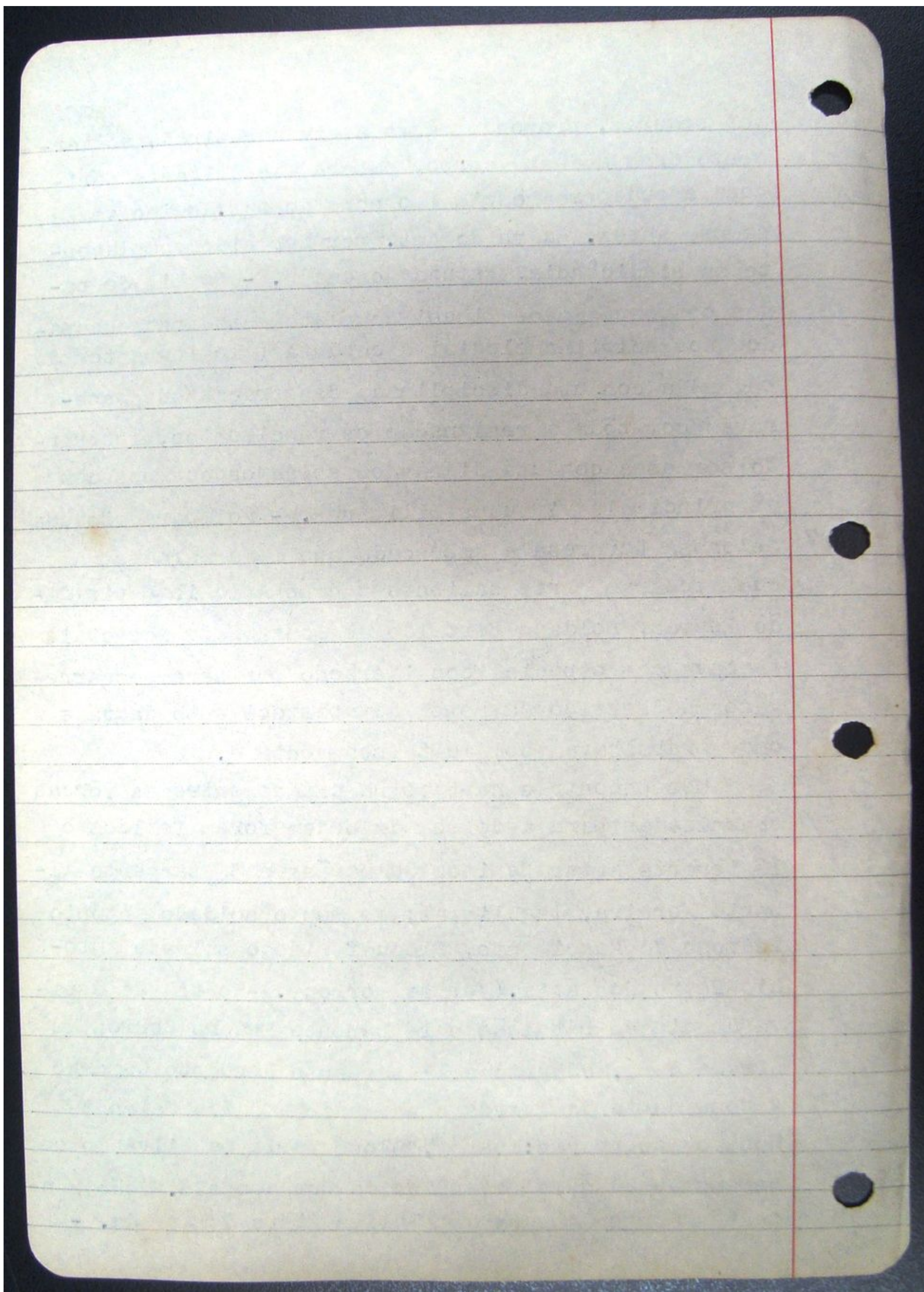
te.- Interrogando aos sargentos Aquino e Granja sobre os motivos da sublevação não quiseram dizer, alegando que obedeciam outras ordens. - O 3º sargento José Lydes Gomes de Barros, que comandava a guarda no epílogo dessa aventura sinistra e já me havia assegurado a sua lealdade, de que mais tarde me certifiquei, disse-me que a causa ao levante era desejarem as etapas de campanha que já tinham sido pagas em gêneros. - No interrogatório que fiz às praças encarregadas pelos chefes da sedição de arrombarem o cofre (foi arrombado?), apurei que os insubordinados pretendiam roubar a importância que supunham existir em cofre e que dias antes havia sido recolhida para pagamento dos vencimentos de julho a dezembro (não foi pago então?) do ano findo e que por minha felicidade tinha sido depositada na véspera na Agência do Banco do Brasil (160:000\$000) e que por ter sido levada pelo tesoureiro depois do expediente do dia 26 (a que hora terminava o expediente?), não foi publicada em boletim; ignorando isto os saqueadores, que imaginavam encontrassem ainda no cofre. Tenho motivos fundamentais (quais seriam?) que além desse móvel existiam interesses políticos a que o sargento Aquino obedecia e que somente no inquerito poderá ser esclarecido.

Em 11 deste mês tive denúncia de uma sublevação que os sargentos Aquino e Granja preparavam e cuja causa se dizia prender ao atraso de vencimentos. Procedendo pessoalmente à sindicância não encontrei pro-

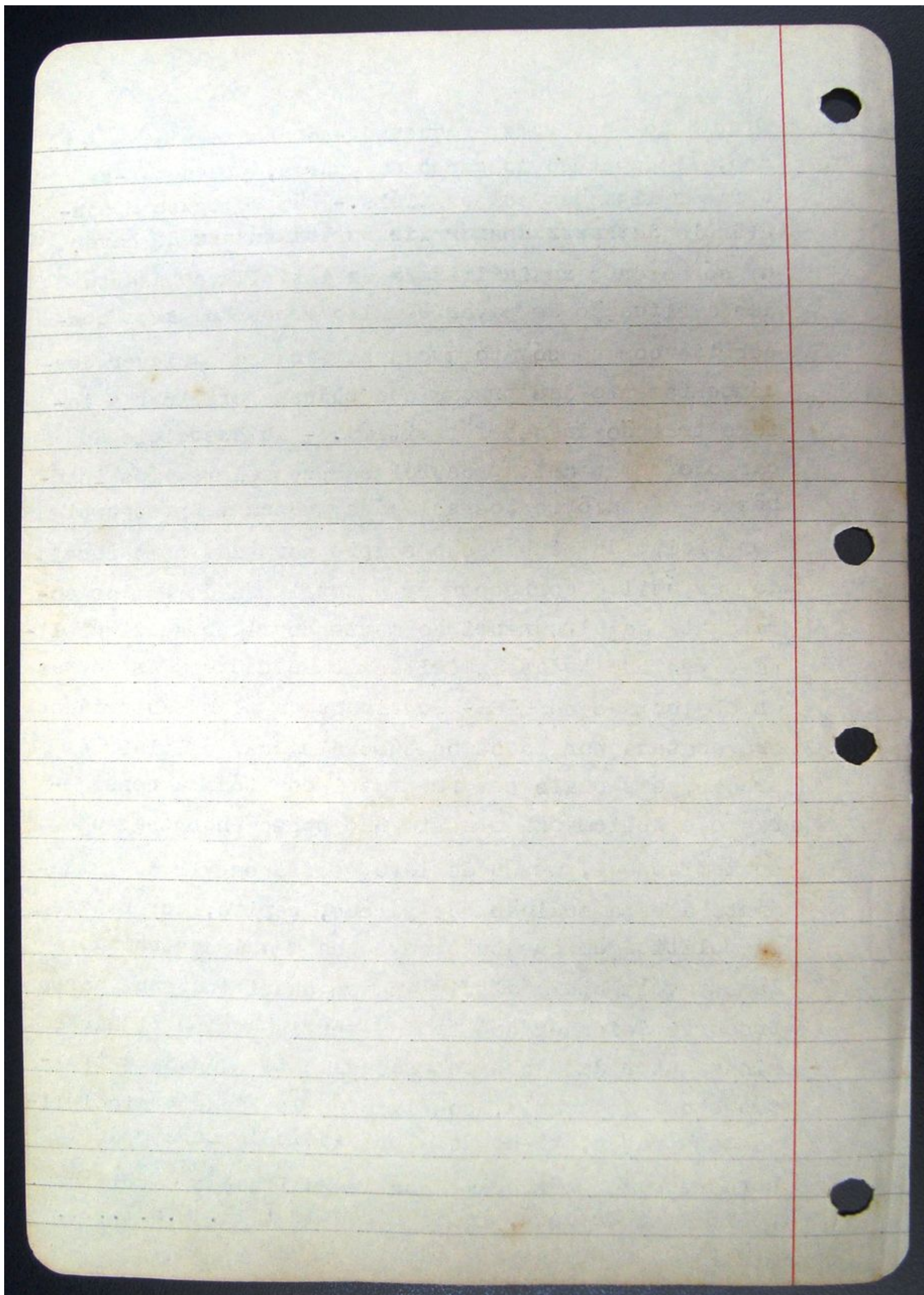


vas seguras, propondo mesmo assim a retirada do sargento Granja dêste corpo, embora não julgasse perigosa a sua permanência (o nome do sgt. Aquino vem sempre antes. Raiva do cmt. por ter sido complacente na sindicância? Estudar o cmt) . - Depois de pagos os vencimentos fiquei completamente despreocupado nos boletins elogiei a conduta (elogiou antes de pagar) a conduta disciplinada das praças que esperavam com tôda a resignação os vencimentos, mostrando ser essa conduta digna dos soldados que possuem as principais virtudes militares. - Foi para mim uma dolorosa surpresa a emboscada que me armaram e na qual tomaram parte saliente o cabo Antonio Espiridião Ferraz, soldado Bertoldo de Souza Papa aos quais tratava com especial consideração por serem encarregados do serviço da bomba de abastecimento d'água e onde trabalhavam com muita boa vontade.

Nos encontros havidos na cidade entre as forças organizadas para a defesa do ordem foram feridos o 1º tenente Artur Benitez Guimarães e 3º sargento Alberto Moreira, legalistas; morreu o soldado Antonio Pedroso do Nascimento, ficou ferido o soldado Antonio Pedro dos Reis. (Ver se morreu). - No dia 26 estava de dia ao batalhão o 1º tenente Eudoro Correa de Arruda e Sá, adjunto o 1º sargento Herodoto Camargo e comandante da guarda o sargento Medardo Jaime da Rosa com as praças: cabo 149 José Maria da Silva Gomes, aspirante Joaquim Severiano da Cunha e sds. João Montezuma Jorge da Cunha e Alcides Pinto de Arruda. -



O soldado Montezuma, recusando-se obedecer os rebeldes, ficou preso no corpo da guarda, prestando-se a fazer ligações com os fiéis.- Não me acusa a consciência ~~de haver~~ de haver um só momento ~~me intimidado~~ me intimidado diante dessa situação de pavor e muito menos de haver corrido com um só ato que justificasse qualquer descontentamento das praças que pudesse originar a infame traição de que fui vítima. - No exercício do cargo de comandante procurei sempre zelar pelos interesses e conforto dos soldados; nunca me preocupei com efeito de minha ação sempre norteadas pelo desejo de ser útil e corresponder à confiança do senhor comandante da Circunscrição mantendo rigorosa disciplina e punindo todas as faltas de acordo com as regras estabelecidas no RISC- Sentia que a minha autoridade era acatada por todos os subordinados, oficiais e praças, aos quais sempre tratei com toda a consideração e delicadeza e assim não posso encontrar um só motivo que, mesmo de leve, possa servir de fundamento a essa sedição que parece, repito, ter raízes na politicagem que tudo envenena e vai destruindo lamentavelmente a disciplina em quasi todos os corpos. Procurei defender com toda a energia e sinceridade a minha autoridade que desgraçadamente atacada à traição e quando dormia, confiado na lealdade e disciplina das praças, vi-me dela privado pelo espaço de 10 horas que me pareceram anos de humilhação e tristeza. Quartel em Corumbá, 28 de Março de 1925. L.O.P....."

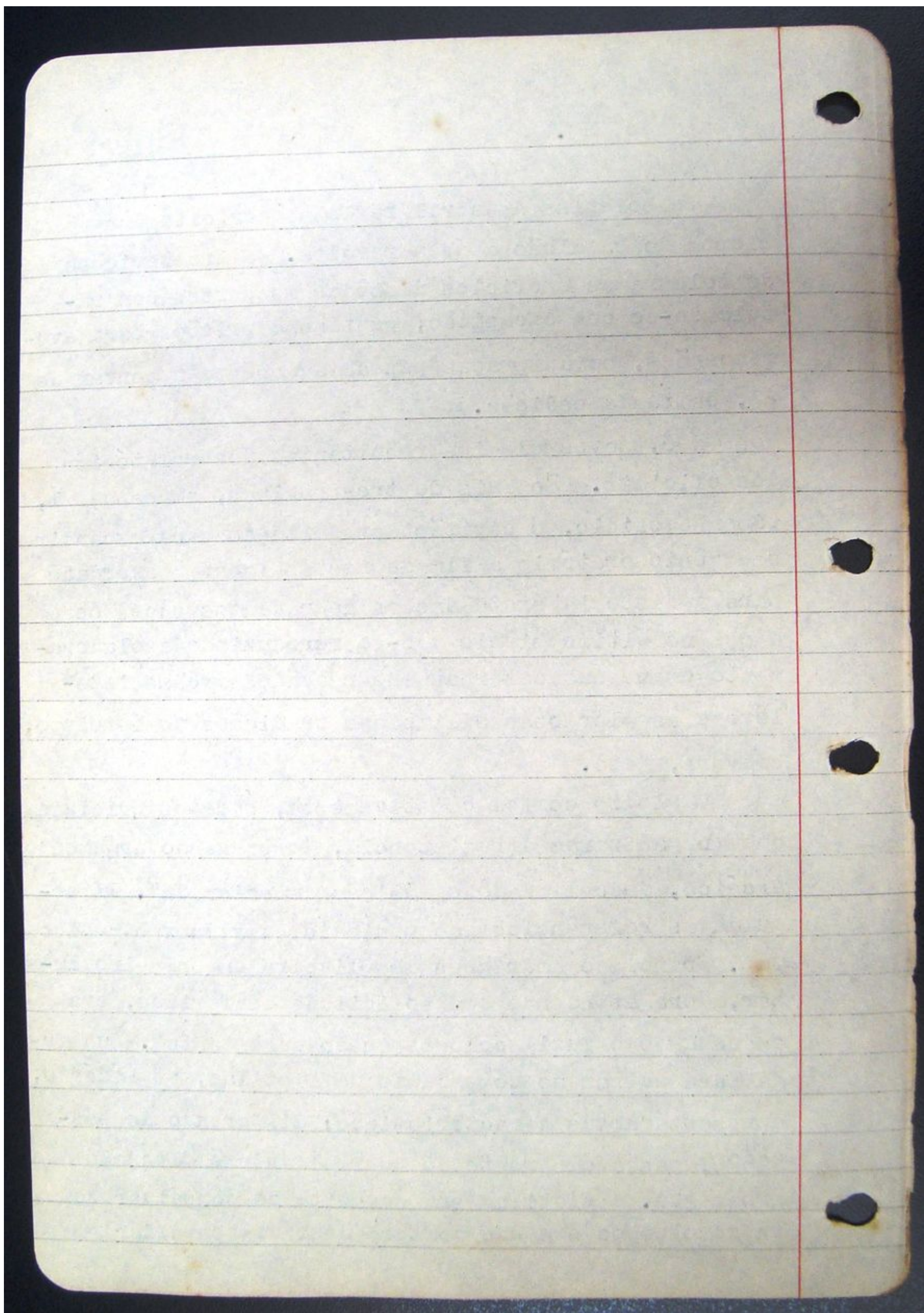


Março, 23.

Os boletins de abril refletem perfeitamente o ambiente do batalhão após a revolta. Há transcrições de telegramas e ofícios de todas as partes congratulando-se com o capitão, continuam prisões para averiguações, novas praças passam a ausente a contar de 27, data da sedição.

A 6, novos elogios resultantes dos relatórios dos oficiais. São mais de três páginas, em espaço 1, tamanho ofício, o capitão aproveitando para expandir seu gênio oratório a fim de restabelecer "a verdade para a história exata desses degradantes sucessos e que no último biênio vão-se reproduzindo desoladoramente em nossas casernas enegrecendo ^{com} manchas indeléveis as gloriosas e límpidas tradições de heroísmo, bravura, "etc.

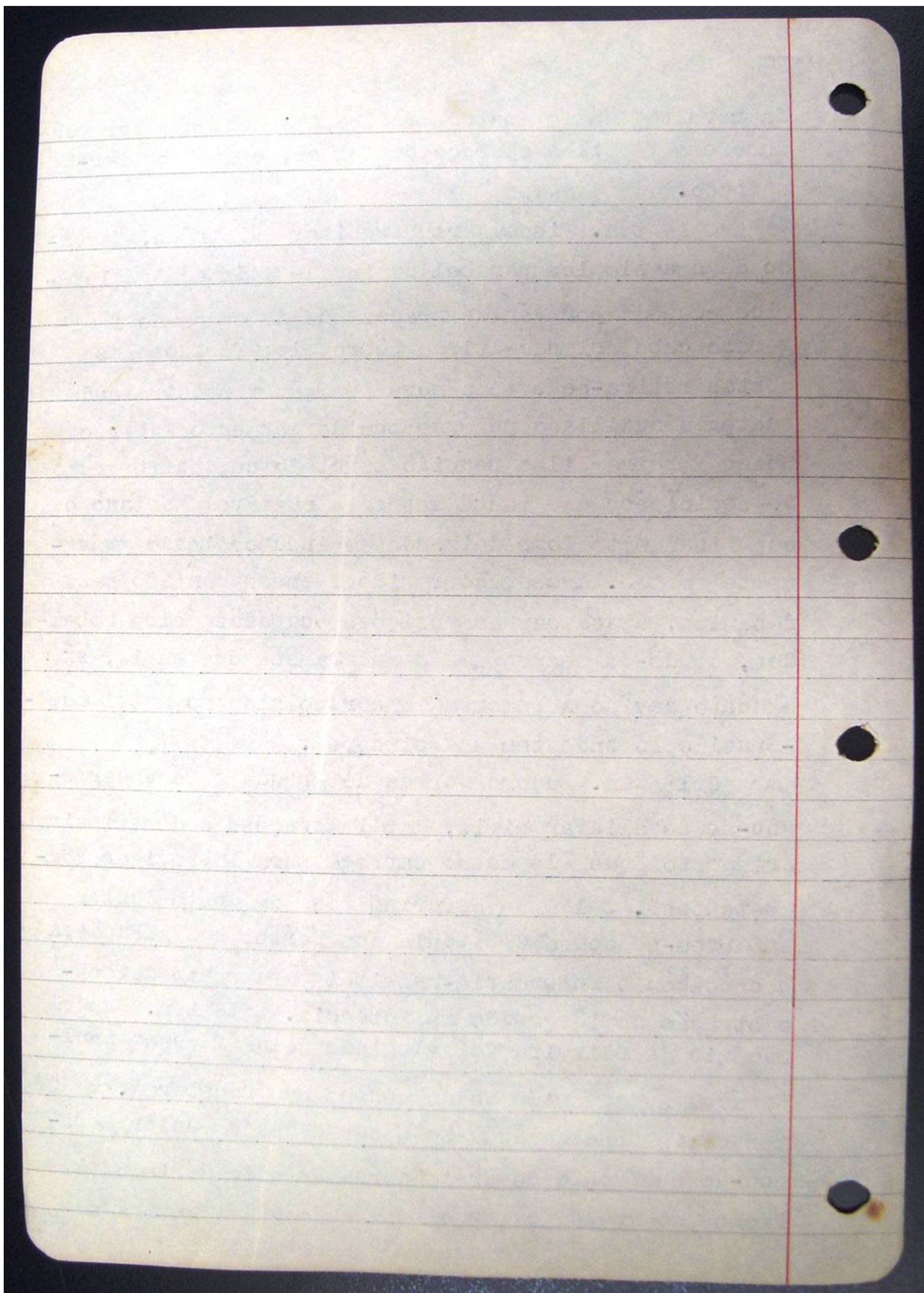
O elogio começa coletivamente, para os oficiais que organizaram a resistência, "empregando armamento arcaico, descalibrado e munição deteriorada". Em seguida as referências são nominais, ~~abrimos~~ o médico Cap. Francisco Rodrigues de Oliveira em primeiro lugar, "ora atendendo com solicitude os feridos, ora empunhando o fuzil como treinado combatante". Sua fuga para avisar ao comandante da flotilha, em Ládário, apresenta novas características: disfarçado de pescador, passa em frente do quartel onde é alvejado mas prossegue. A Flotilha era suspeita de compatar com os revoltosos segundo boatos "de civis partidários



da revolta" mas o doutor sonda e descobre não ser verdade e a flotilha aparece ou melhor, o monitor Pernambuco.

O 1º ten. fiscal Artur Benites Guimarães, "armado de uma simples parabellum invade a Estação Telefônica ocupada por várias praças que de ordem do famigerado cabo Arlindo atiram sobre ele; ferido pelas costas retira-se e toma nova posição fronteira onde sustenta auxiliado pelo destemido sargento Açberto Gomes Moreira Filho renhido tiroteio com outro grupo de sediciosos que tenta descer a rua Frei Mariano e que finalmente foge deixando um insubordinado gravemente ferido. Apesar de ferido e ensanguentado não desanima, ataca outras posições ocupadas pelos rebeldes, pondo-os sempre em debandada até que enfim, exausto devido à hemorragia é recolhido ao Hotel Luso-Brasileiro onde tem uma síncope".

O 1º ten. Eudoro Correa de Arruda e Sá encarregou-se de aliciar civis, dar instruções e distribuir armamento "que ele mesmo carrega para improvisar combatantes". O 1º ten Severino José da Costa Junior entendeu-se com a Capitania dos Portos e a Alfândega e escolheu o Enfermaria-Hospital para ponto de concentração de forças de resistência. O 1º ten. Manoel Sampaio de Oliveira foi elogiado pela "fleugma inalterável no cumprimento das ordens que recebera". O 2º ten comissionado Augusto Cesar Machado Junior abriu-se num monte de areia à rua Antonio Maria e fez frente ao grupo do sargento Granja e daí retira-se bem

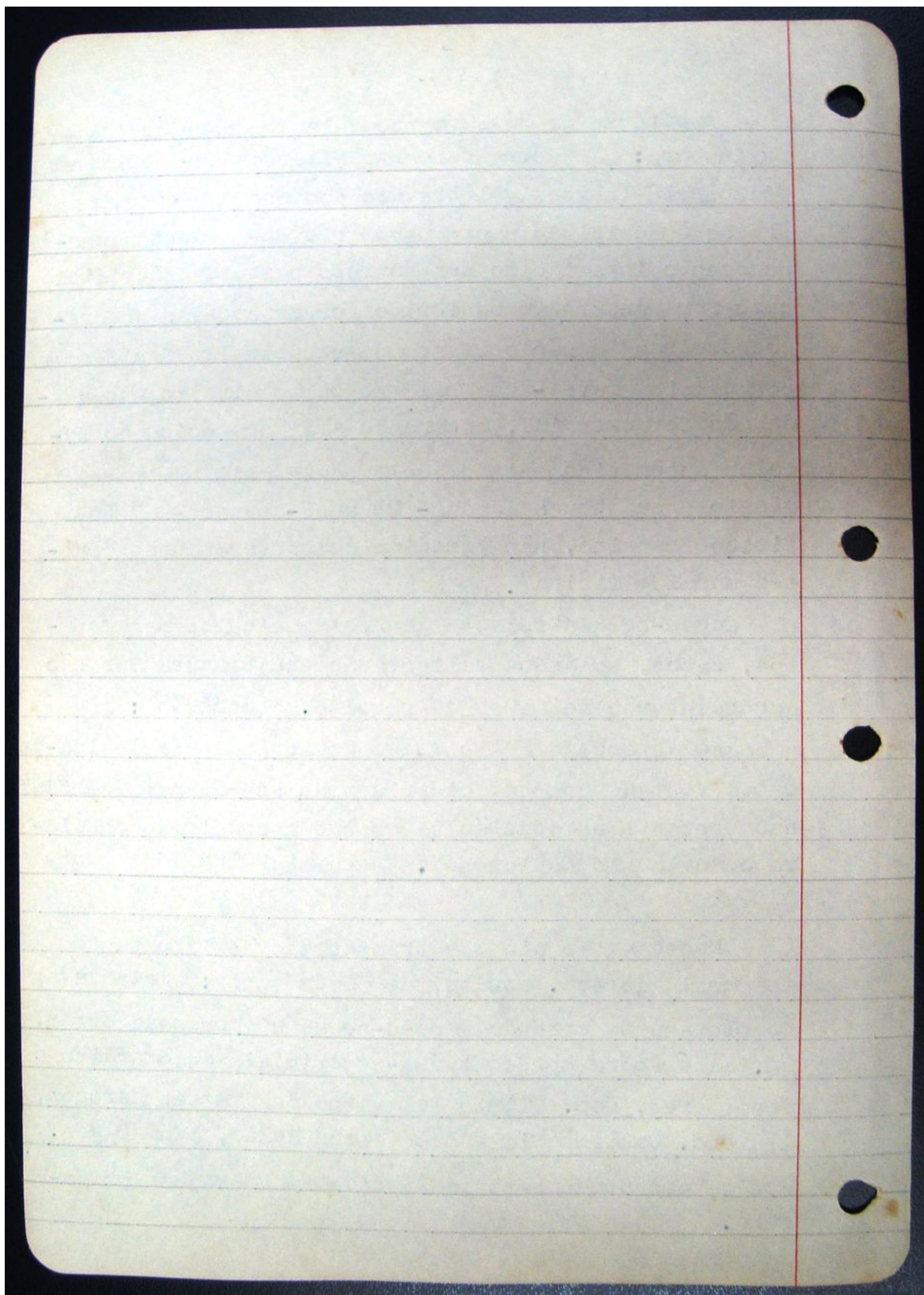


A citação de um sargento vale ser reproduzida na íntegra: "Ao jovem sargento Alberto Gomes Moreira filho pela inextinguível bravura com que combateu, mal armado e municiado e o sangue frio que ostentou permanecendo impávido no seu honroso posto de sacrifício onde fora quatro vezes ferido por duas balas que recochetearam e não obstante o seu primeiro ferimento ser o mais grave - uma bala no peito direito que ainda não foi extraída, encarecendo a figura épica do lutador autêntico e indomável, tanto mais admirável quanto a sua pouca idade - 22 anos- apenas - e o seu físico franzino, não pareciam comportar tanta robustez moral e física".

Segue-se uma relação grande de elogios a sargentos, cabos, soldados salientando sua bravura mas não acrescentando detalhes da revolta. Excessão :

"Ao aspersado Pedro Gomes de Aquino pela lealdade e boa vontade com que cumpriu todas as ordens recebidas não obstante na ocasião saber que o seu irmão chefia-va o movimento sedicioso".

Nesse mesmo dia 6 a transcrição de importante telegrama do Gen. Rondon, de 30 de março: "Catandivas completamente cercada rendeu-se às 20 horas de ontem, 29. Até agora apresentaram-se oficiais do exército desertores, Cap. Olinto Tolentino de Freitas Marques, 1º Tens. Castro Afilhado e Nelson Nello, etc" O gen. Rondon era Comandante das Forças em Operações no Paraná.

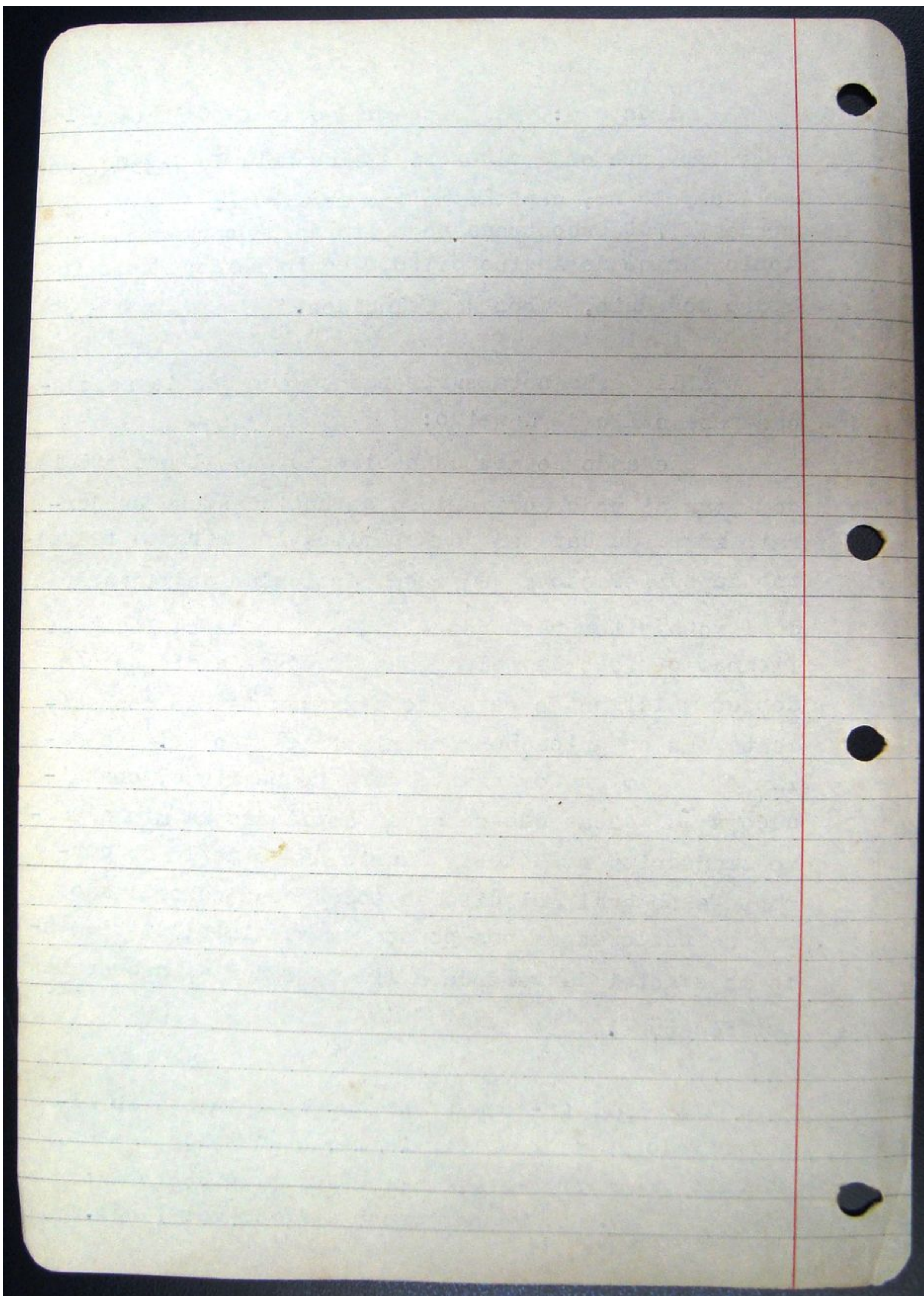


Ainda a 6: "Foi entregue ao sr 1º tenente tesoureiro para os devidos fins a quantia de 72\$500, remetida pelo sr, capitão médico dr diretor da E/H, sendo 70\$700 encontrada no bolso do 1º sargento Antonio Carlos de Aquino e 1\$800 no do soldado Antonio Pedro dos Reis, ambos já falecidos."

A 11 esta nota surpreendente que desvia as buscas para o Rio de Janeiro:

"Chegando ao meu conhecimento que alguns oficiais comentam de modo acrimonioso as notícias que os jornais ~~inexx~~ da Capital da República inseriram a respeito da sublevação de 27 e em particular de minha ação, declaro não ter responsabilidades nessas publicações ficando o bloco de telegramas oficiais à disposição dêsses maldizentes para que ~~conheçam~~ tenham conhecimento das comunicações por mim feitas ao Sr. Gen Malan (?) e ao Sr Comandante da C⁺rcunscrição, comunicações" essas que se acham ampliadas na minha parte transcrita no boletim diário nº 76 de 1º do corrente e no qual solicitei a todos meus subordinados que me ponderassem nos pontos em que involuntariamente me afastei da verdade a fim de fazer as necessárias retificações."

A 14 publica-se a ordem de recolhimento ao Almojarifado de um revólver imitação Schmidt Wesson, de cabo de madrepérola, tomado ao 1º sargento Antonio Carlos de Aquino, ao ser preso a 27 do mês findo.



e Shind
A 18 o boletim publica disposições a serem observadas quanto às visitas aos presos da revolta. Somente às 2as, 4as e sábados das 8 às 9 horas. Toda a correspondência será censurada pelo oficial de dia e todos os volumes por êle revistados.

No mesmo dia o comandante da 2a. companhia participa que efetuou o pagamento das praças daquela sbunidade, de acôrdo com a ordem publicada em boletim de 16 de março.

A 24, "afim de desengorgitar o xadrez", são tranferidos para os alojamentos respectivos 8 soldados.

A 25 o boletim publica que amnhã, dia 25, regressa a Campo-Grande o Major Alfredo Alberto de Alencastro, encarregado do inquérito para apurar os culpados da revolta. E a 27 publica-se a notícia de que o sargento Granja foi capturado e seguirá para Campo Grande a fim de ser ouvido pelo major encarregado do inquérito. Dessa forma, desvia-se a história para Campo-Grande, sede da Circunscrição

A última referência sôbre a revolta encontra-se a 28. É a relação dos artigos descarregados do Almo-xarifado por terem desaparecido com o arrombamento da porta. Entre outras coisas, 4 fuzis, 1 mosquetão, 2 pistolas, 1 sabre, 3274 cartuchos de guerra e 80 cartuchos de pistola. Também, uma bandeja de folha floreada...

Abstract for simple machine

Março, 24.

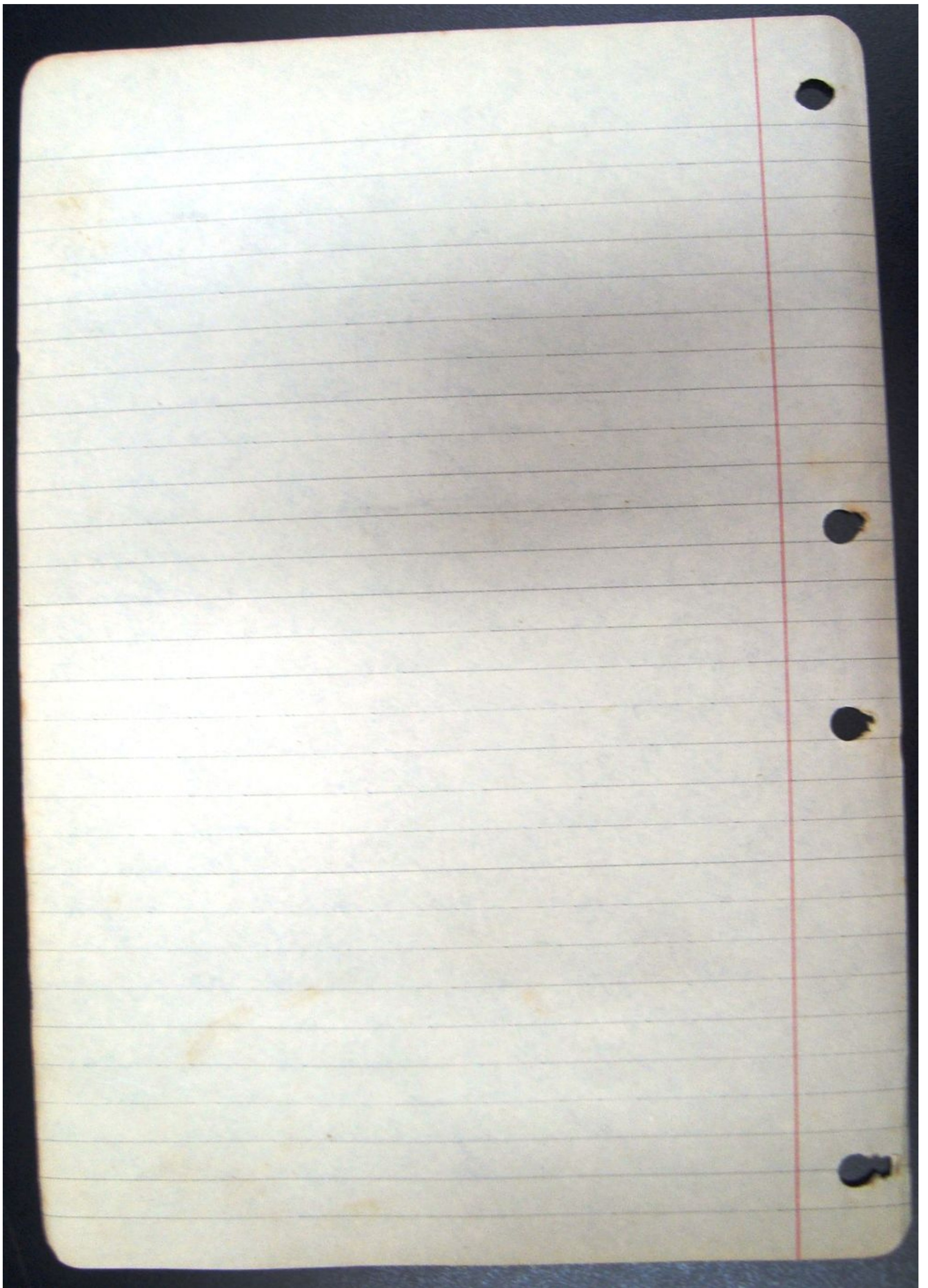
Por ser o enfermeiro de ~~dia~~ serviço e não ter sido encontrado de noite no quartel, ~~quando um companheiro precisava ser atendido, veio à mi-~~
nha presença.

Alto, magro, rosto claro, ~~as~~ mãos trêmulas, de encontro ao verde dos calcos, ~~uma~~ simples presença era ~~o que havia~~ e abstrata!

— Dizeri outro "segurando" par^{te} mim e fui à Enfermaria. Quando voltei, não achei minha cama. Não estava mais no posto de saúde. Esten grifado e não podia dormir no chão.

De quantas maneiras se pode dizer tudo isto! ~~Esten~~ Não escolheu al-
funna. Cada vez mais trêmulo, fala-
va aos poucos, esperando ser interrom-
pido a cada momento. Como a in-
terrupção não chegava, preferi continuar falando, ainda que fosse para se desdizer:

— Fui à aula. Meu pai é pobre e está pagando com dificuldade. É caro, esten preparando o exame para a Escola de Sargentos, não posso perder a aula.



No mesmo estilo, fizes inter-
rompidas, sempre à espera de mi-
termeos. Parecem-me mais pálidos,
olhei as faces encovadas, porém
firmes, as mãos ainda coladas, no
barril, agora com força para tri-
moverem menos. E considerai aquele
pôbre se se debaterdo pela vida,
tão pôbre, tão triste, tão abandonado,
talvez sem orientações alguma,
osso e carne crescendo, mais fa-
zenda para as roupas, o sapato
maior, a primeira gravata. E o
futuro?

Dubos, calados, também em pa-
recia esperar dele uma absolvição.
Perguntara apenas: "Que houve?" —
e ~~depois~~ ali ele desdobrava, em
duas ou três frases, o que bem se
pode chamar de drama.

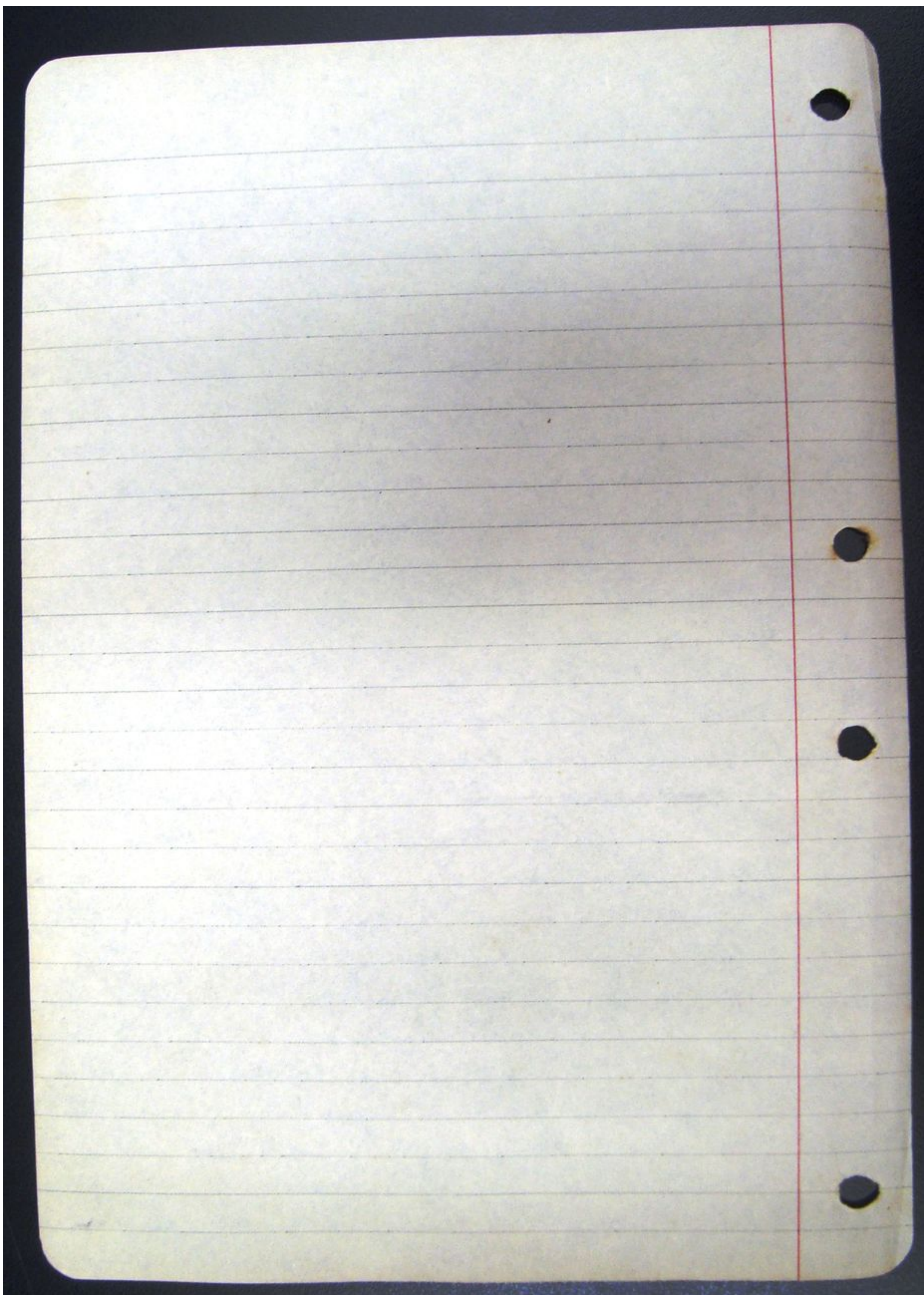
— O que houve, você saiu
pela segunda vez?

Foi para salvá-lo. Mas é
simples e honesto demais:

— Duze horas, mais ou menos.

Estava comprometido. Como pu-
deva sair do quartel depois do toque
de silêncio!

— Que disse você ao senhor



nela?

Perceber ^{para} ~~onde estava~~ ^{era} ~~o~~ con-
duzido. Nós demoramos a responder,
mas, neste ponto as mãos se aprox-
xaram, os olhos pareceram que dilati-
riam e o encurvado do rosto fi-
cou mais místico.

— Disse que ia à Enfermaria.

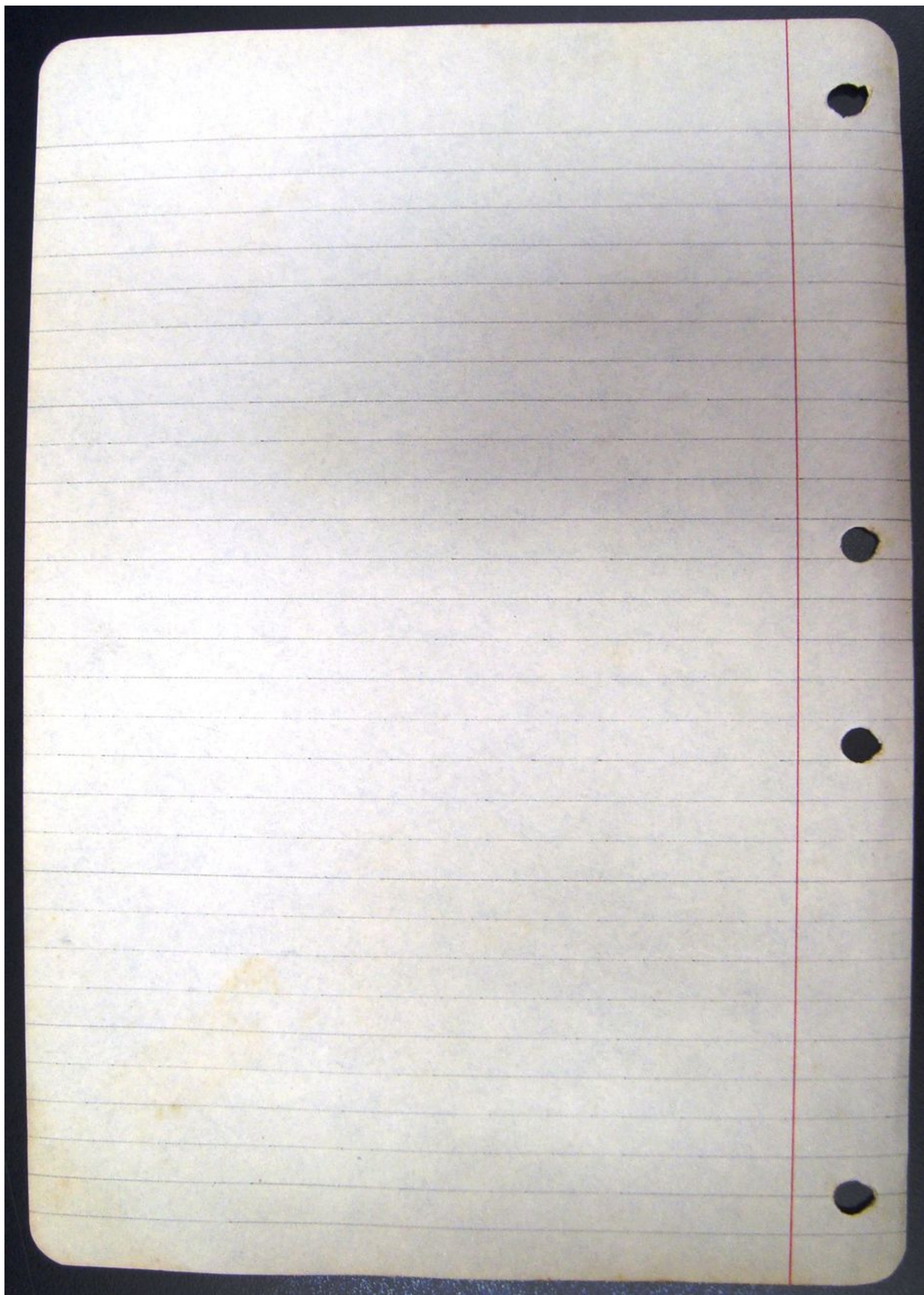
Nós precisava dizer, mas olhei
para a mesa, mexi em papéis,
ele esperando.

— Você mentiu.

Como é fácil abrir um regula-
mento, procurar a transgressão, ler,
medir, grave, calcular o número
de dias. Talvez, neste instante, este-
sem a considerando tão por nós
ter inventado uma história qual-
quer, talvez a história completa tenha
aparecido agora. Tarde. O que resta
dile é a humildade, a timidez, a
superfície ao que foi decidido.

— Pode ir.

Continência, a meia volta, —
que coisa terá formado?



Março, 26.

Nos funções de sub-comandante de Batalhão, tenho ouvido problemas, dificuldades de resolver, envolvendo a vida particular de soldados e sargentos.

Um deles:

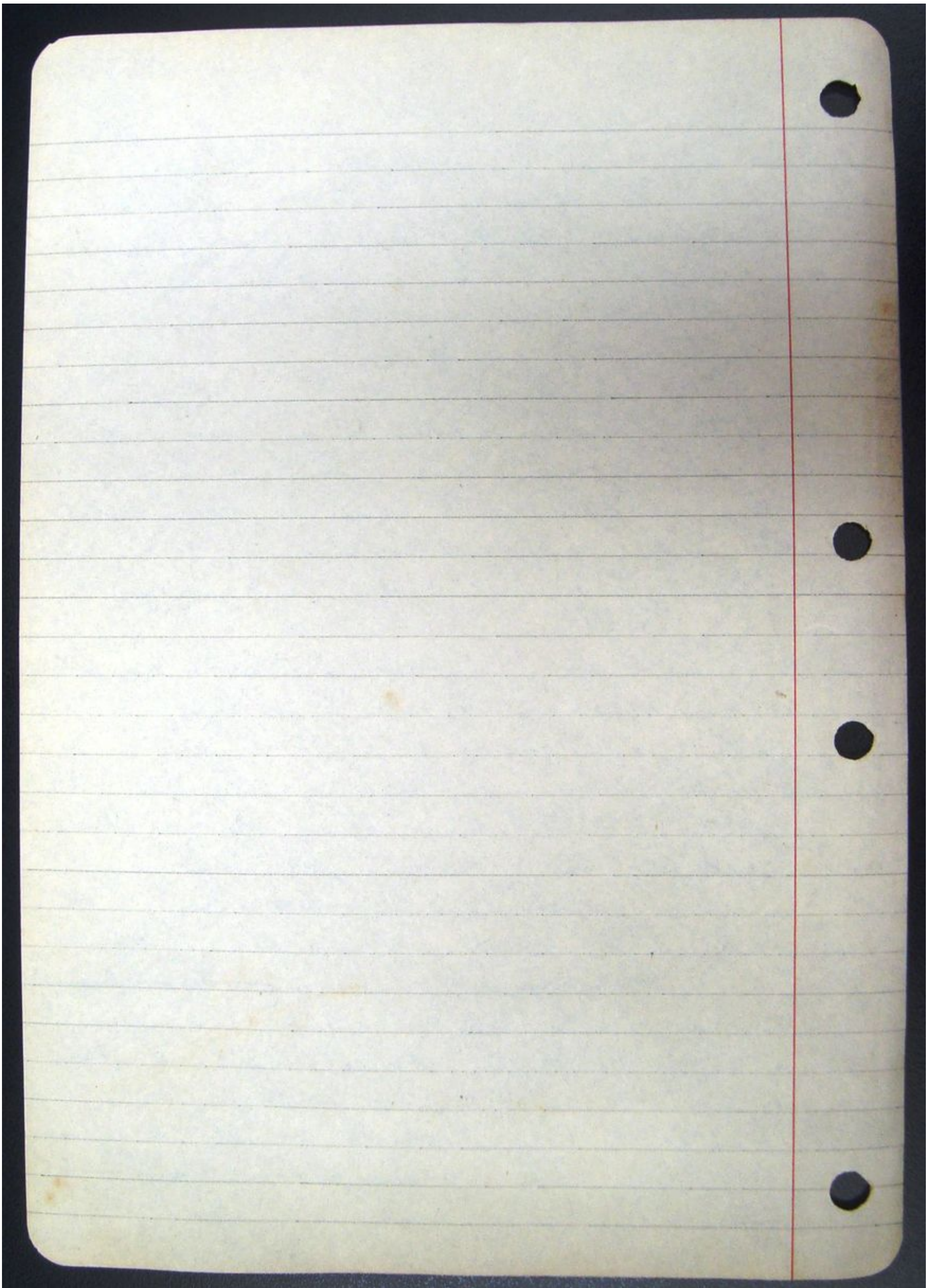
Chega em prantos a esposa de um sargento minico apresentar queixa contra a mulher de um soldado que, inclusive, chamou-a para brigar, "vamos resolver isto de mulher para mulher".

Digo o sargento que tudo confirma, informa ~~se~~ ser o soldado amigado com uma prostituta, todo morando numa espécie de vila, 1.200 cruzeiros por mês, outros sargentos, cabos e soldados com esposas ou amantes.

Primeira ideia: mandar o soldado mudar-se já que não é casado.

Digo o soldado que, ~~naturalmente~~ dá nova versão, a mulher do sargento é quem provoca, "chama minha mulher de puta", micinimira o sargento:

— Chega bilado de vez em quando, desrespeita minha dona, faz ~~ba-~~ ^{ba-} ~~na~~ ^{na} vila.
dona



Antes dele, também amigado, fica do lado do soldado, confirma suas palavras.

Segunda ideia: mandar o sargento mudar-se, estar morando em lugar incompatível com o decoro da casa, etc.

Mas seria dar razão ao soldado, fomentar a indisciplina.

Obrigar um dos dois a mudar-se não é solução. O problema da moradia em Curitiba é difícil, além disso, como oficial do exército não posso me conceder direito de polícia e isso é problema policial.

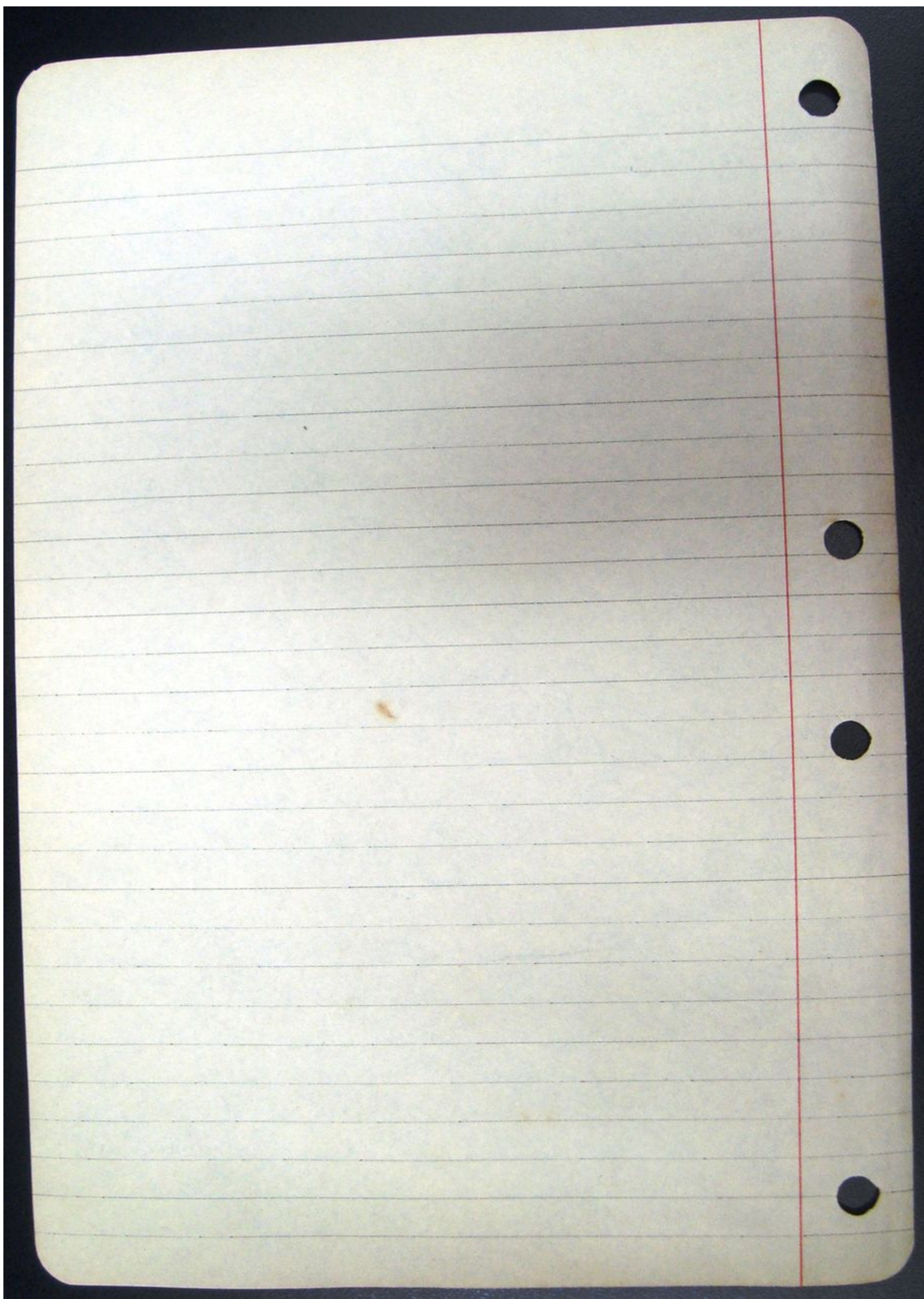
— Sargento, este assunto foge à minha alçada. Os moradores da vila que ficaram num abalois-eminado e buscam a retirada dos que não são legalmente moradores.

~~Antes dele~~, outra situação complicada, anormal, sem solução.

Entram duas moças humildes em meu gabinete.

— Vm pedir ao senhor para transferir meu irmão para outro lugar.

Como é serem soldados ou seus parentes pedir transferência pa-



na ficarem prontos. A irmã queria afastar o soldado de seu convívio.

Vem a explicação, difícil, em voz sumida, encabulada. Ela e a prima vivem em Ladário com os irmãos menores, seis irmãos, a mãe está doente no hospital da Marinha, no Rio, o pai ~~é~~ está pronto da esposa e é tenente da Marinha. O irmão soldado vai para casa, maltrata os irmãos, machuca ela, e... — aqui uma parada para a confissão de ~~motivos~~ máximas:

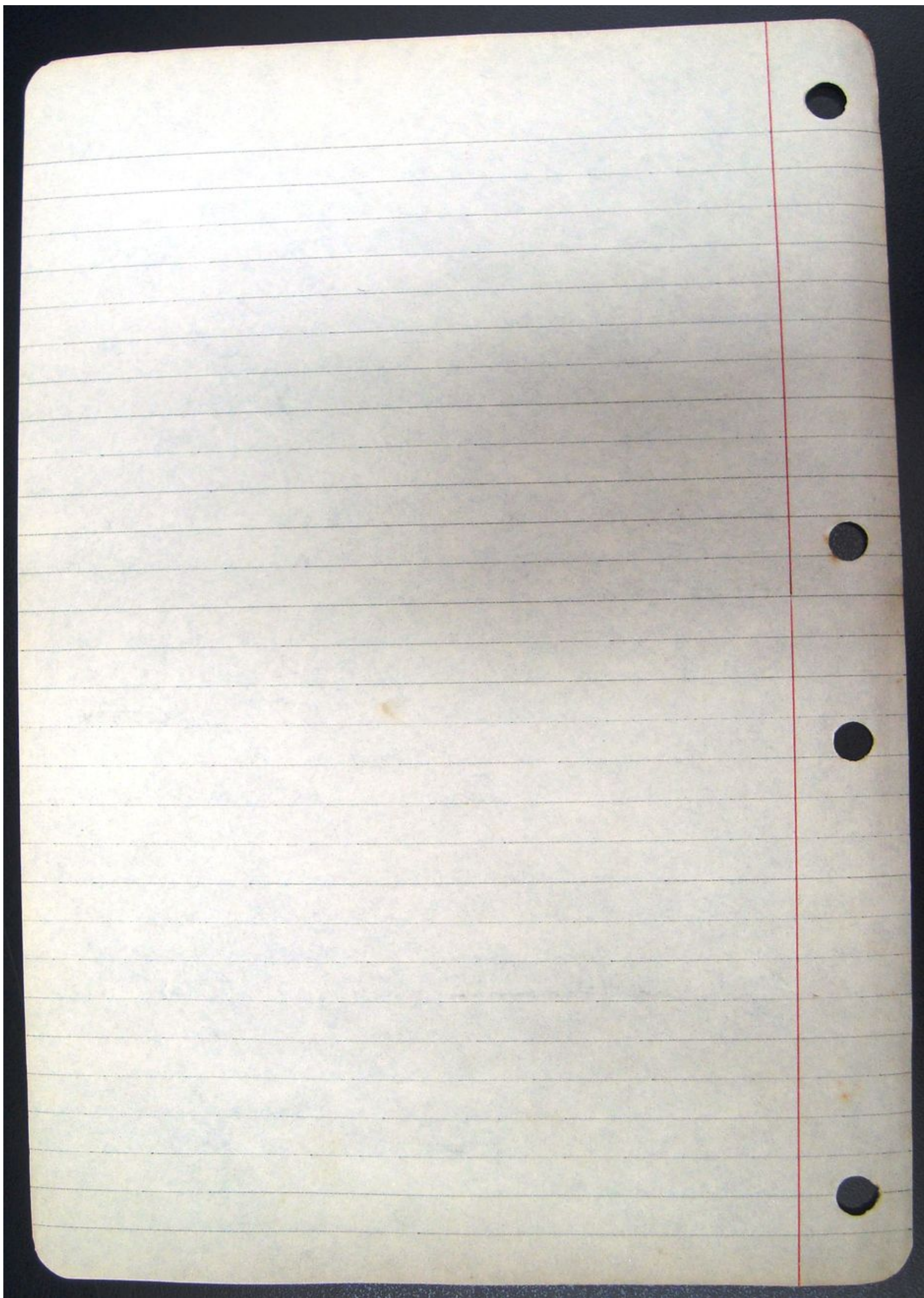
— Quer abusar de mim e de minha prima. Disse que se eu viesse no quartel ele me matava. ~~Estava~~ Fui na Marinha mas disseram que não podiam fazer nada porque ele é do Exército.

Embarcados, eu, ela, e prima. Faco perguntas, o rapaz sempre foi mau, o pai já o mandou para São Paulo, ~~volto~~ ~~para~~ não quis trabalhar lá, volto pior.

Procuro o coronel.

— Transferência não adianta. No fim do ano ~~ele~~ está aí a volta e recomeça tudo.

As moças esperam soluções na



sala contigua e volte com evasivas.

— Poderia deixá-lo preso mas quando fôr solto seria pior, ia enfiar-se em você.

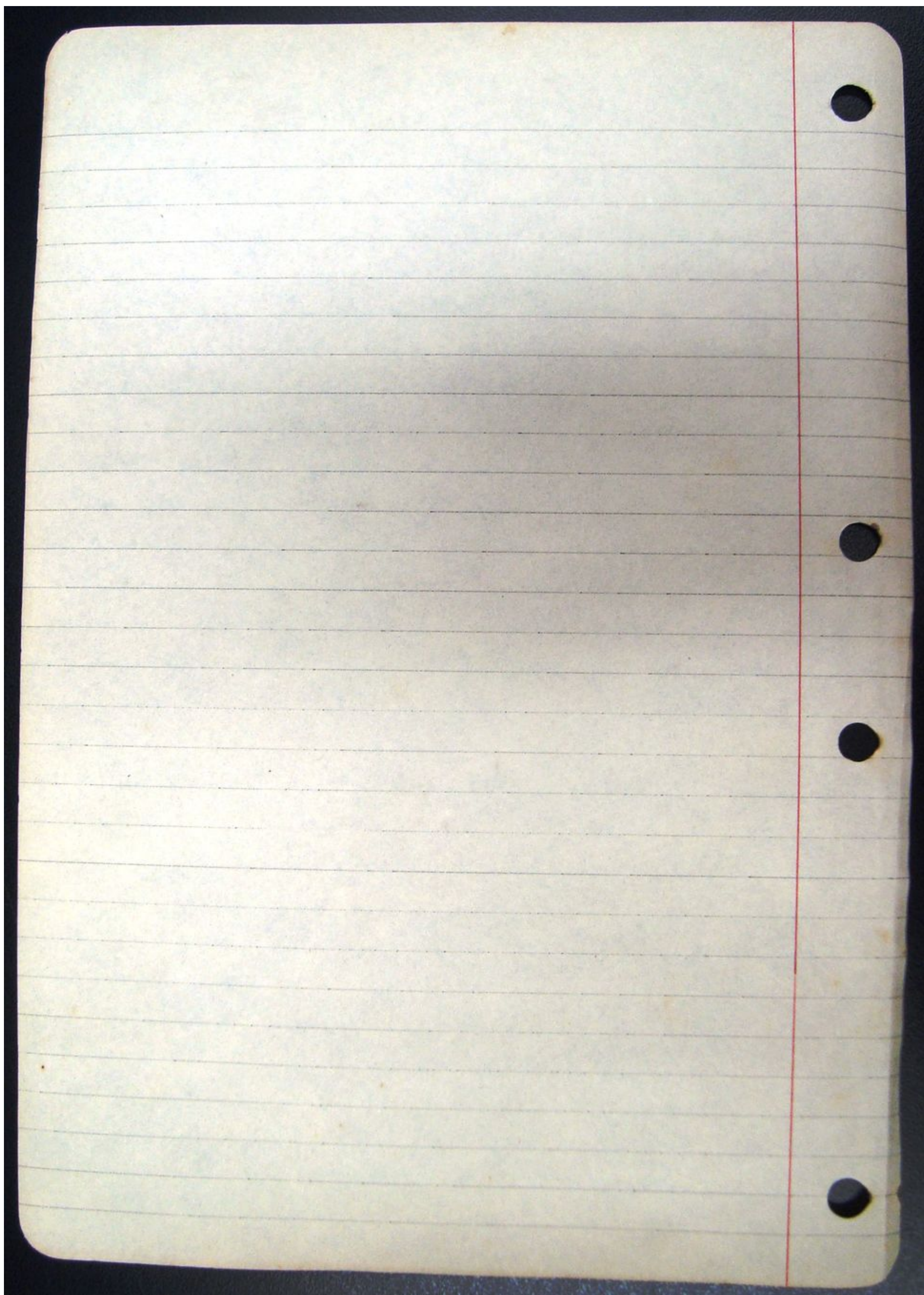
Você embora, minha impetuosidade me irrita. De repente, surge uma solução e volte ao comandante:

— Não seria possível mandar o homem para Porto Esperança? (1)

— Bem pensado. Mas há o seguinte: o destacamento funciona numa só casa onde mora o sargento com a esposa. Você compreende. Utilizam as mesmas instalações sanitárias, o sargento terá que ir em nos acobertar.

Não há solução. Argüa-se.

1 - Destacamento de fronteira, a 60 Km de Coimbra.



Março, 27.

Um mês de Coimbra. Talvez agora o tempo comece a passar mais depressa. Sti aqui esperava ansioso a correspondência e, olhando para o relógio, surpreendia-me verificando que ~~st~~ ainda não havia tempo para a resposta.

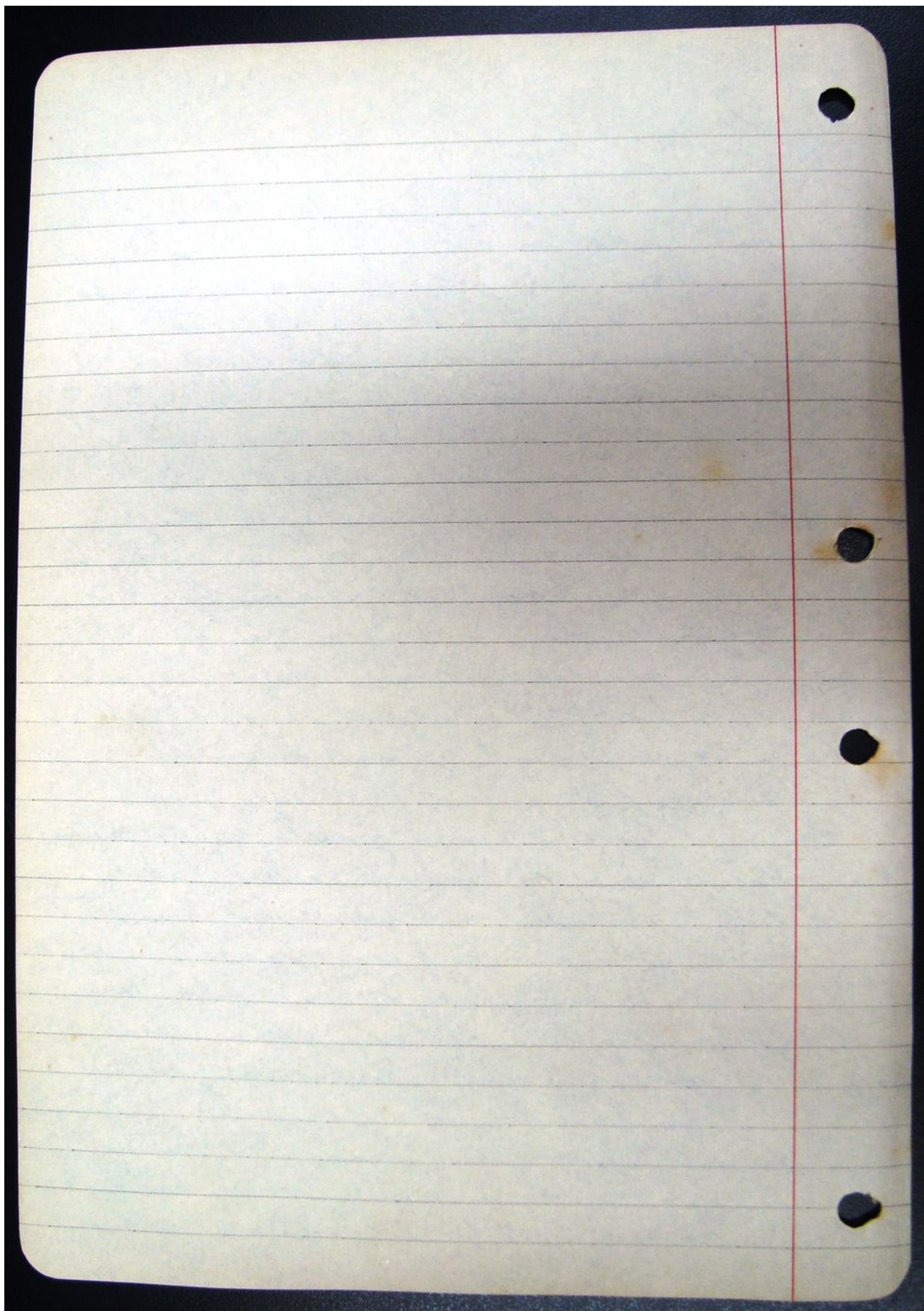
De 28 de Janeiro a 12 de março, sem notícias, sem respostas, o relógio nemava-se a andar. Agora chegam cartas demais. Stas me tomam de mais tempo. Diariamente devo responder algumas para não amontoar.

Balanco: cartas expedidas, 30; cartas postas 8. Escrevi para 23 pessoas e 10 pessoas já responderam. Cartas recebidas, 17.

Com o tempo é certo que as cartas vão rarear, de parte a parte. Talvez eu mantenha correspondência constante com seis a oito pessoas, no máximo.

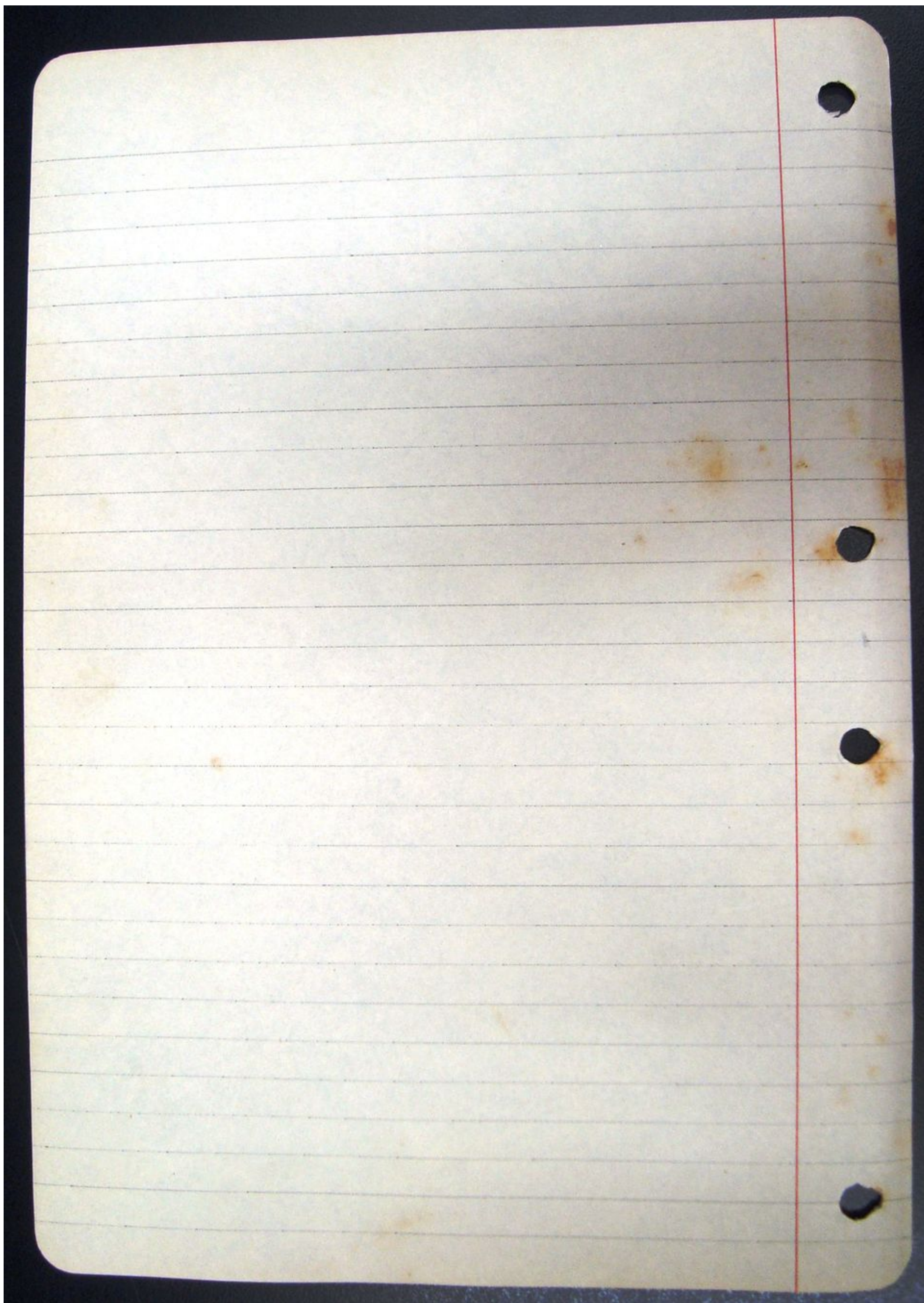
A não ser o Diário, nada mais tenho escrito. Leitura: alguns contos da antologia latino-americana e Le Siabli et le Bon Dieu, de Perle. Pouco. Preciso reabilitar o lugar dos livros.

Praticamente, de 5 da manhã às 17 horas, é disponível do quartel. Para



outros ocupações (literatura, fantar,
cinema - ~~é~~ por outra) restam-me cinco
horas porque às 22 devo dormir
para aproveitar 7 horas de sono. Há
mais a considerar os quartos-feiros
e sábados de tarde, e os domingos.

É preciso estabelecer um pro-
grama.

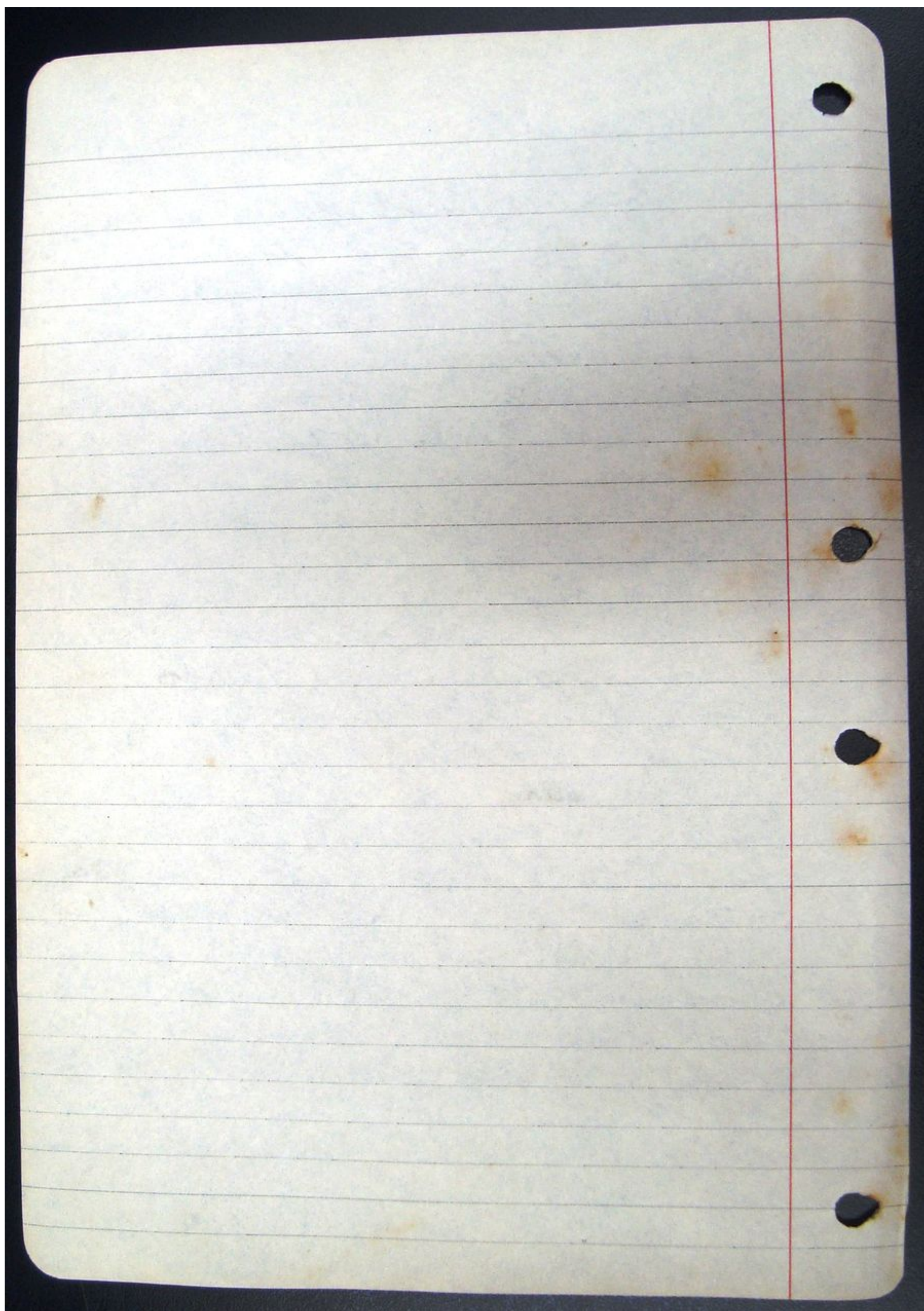


Março, 28.

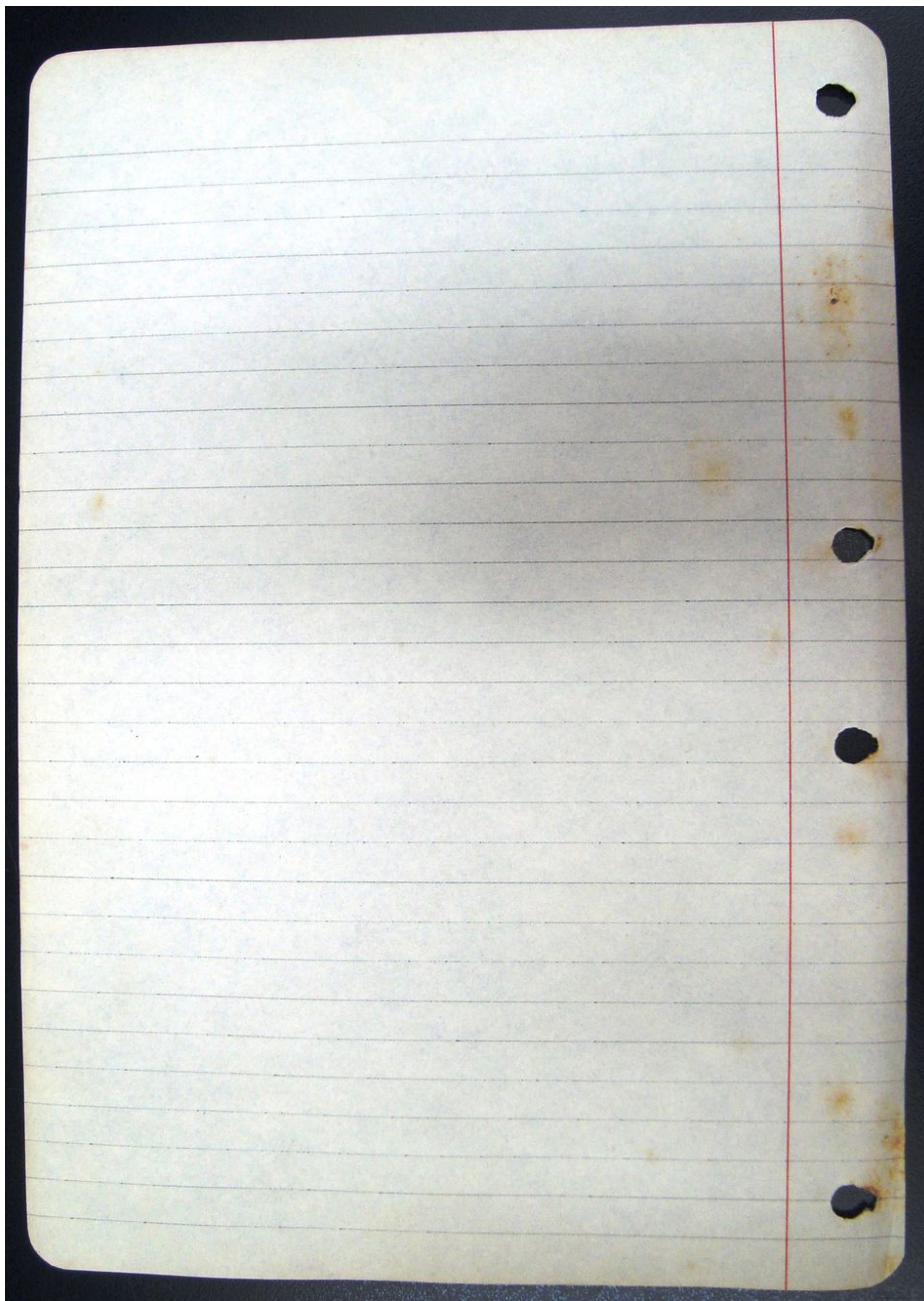
Encontrei um chaveiro, arpolo migue-
lada com três chaves denominadas
Kent, Stel, Iman. Desconhecida,
à primeira vista, concretizaram lo-
po ~~uma~~ porta, gaveta, tampa de mala.
Kent significa abrir o apartamento
1003, encontram ~~to~~ ~~vago~~ livros, dis-
cos, meus quadros, um resistente pé
de antúrios que jamais floresceu. Stel
é um pequeno livro de quatro gavetas.
A chave descobre na gaveta maior três
livros manuscritos; diário ~~com~~ nitidamen-
te sem importância conservado para
atestar trabalho - tímido, superficial,
porém útil. A chave da mala está en-
ferrujada. ~~Até~~ Paro Fundo, Porto Alegre,
Realengo, Bezerra, Natal ^{Pinto}, Casais do Sul,
Juiz de Fora, Belém ^{Maciel}, Rio, Curitiba -
cidades em que Iman trabalhou.

Maior, mais ativa, Kent domina
o chaveiro; Stel perde o migue-lado dia
a dia e se amarela de encontro à pri-
meira; a última, raquítica, silhueta
de fortaleza a duas seteiras, é a mais
conformada: sempre aqui, no máximo,
uma vez por ano.

Mostraram-se hoje, de repente,



saltando da favela para o chão, certa
de que irão funcionar pela Páscoa, na
dispensa da Semana Santa. Felice.
A viagem custa 8 mil cruzeiros.

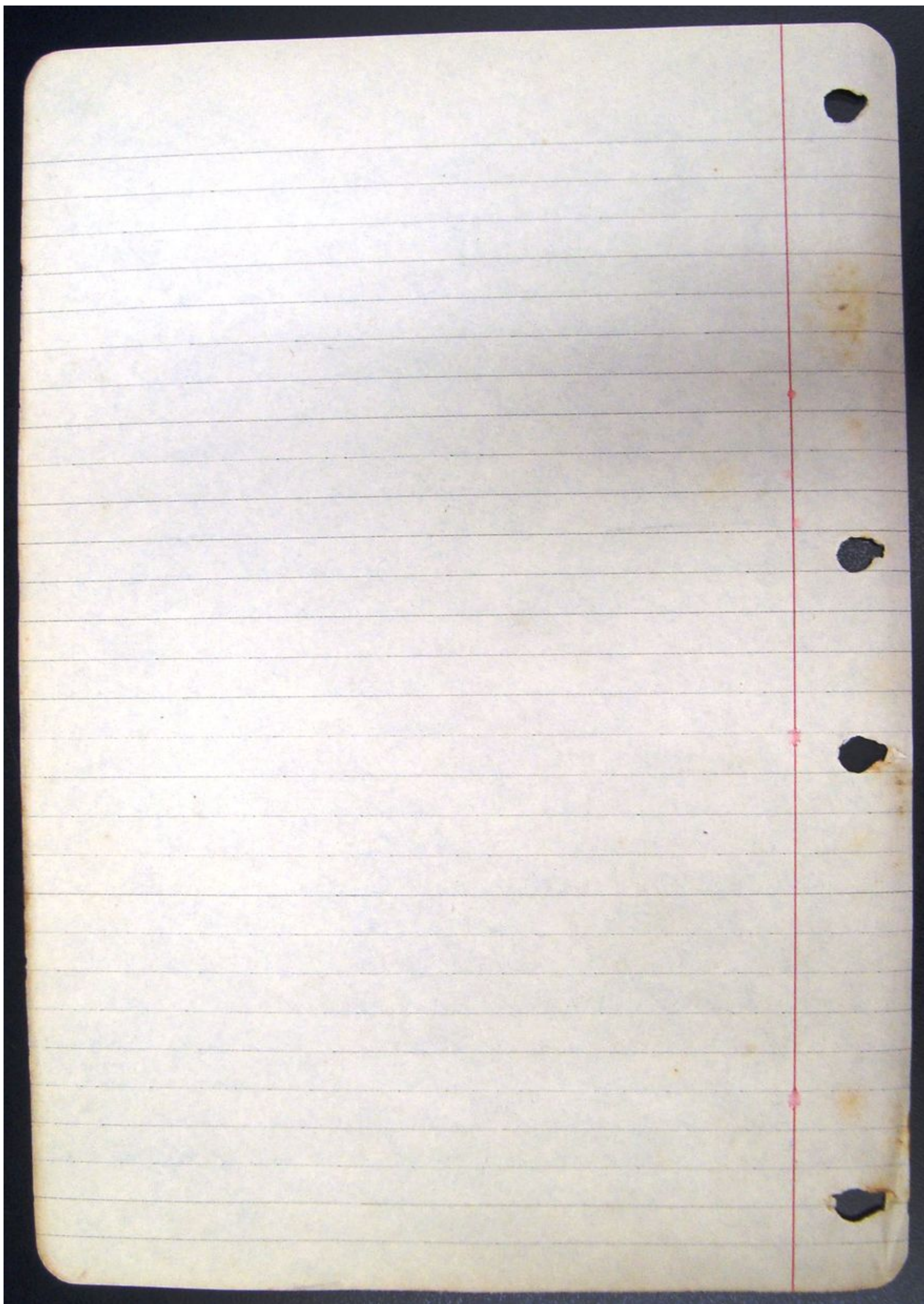


Março, 29.

Dois fenômenos interdependentes: calor e mosquito. O primeiro obriga-nos a manter ~~as~~ portas abertas; ~~as~~ ^{as} ~~luz~~ ^{luz} chama insetos dos mais variados tipos e cores. Os mosquitos propriamente ditos têm evoluído: não se anunciam pelo canto, picam através da roupa e untam o ferrão com ~~uma~~ substância analgésica para iludir o paciente. Luchados de sangue, estorram-se na mão que os descobre.

Canco mas de um artifício muito usado em Comumba: substituir vidros por tela fina. A tarde de hoje foi empregada nesse serviço. Retirei oito vidros da porta dos fundos enquanto o soldado vidraceiro fazia outros tantos na frente.

A tela verde é transparente e é perfeitamente igual a que se usa em Tijuca, para cobrir a porta dos armários guarda-cuina. Alhando através, vejo um pudim de laranja, um prato com bananas, outro com três pratos de peixe para o jantar.



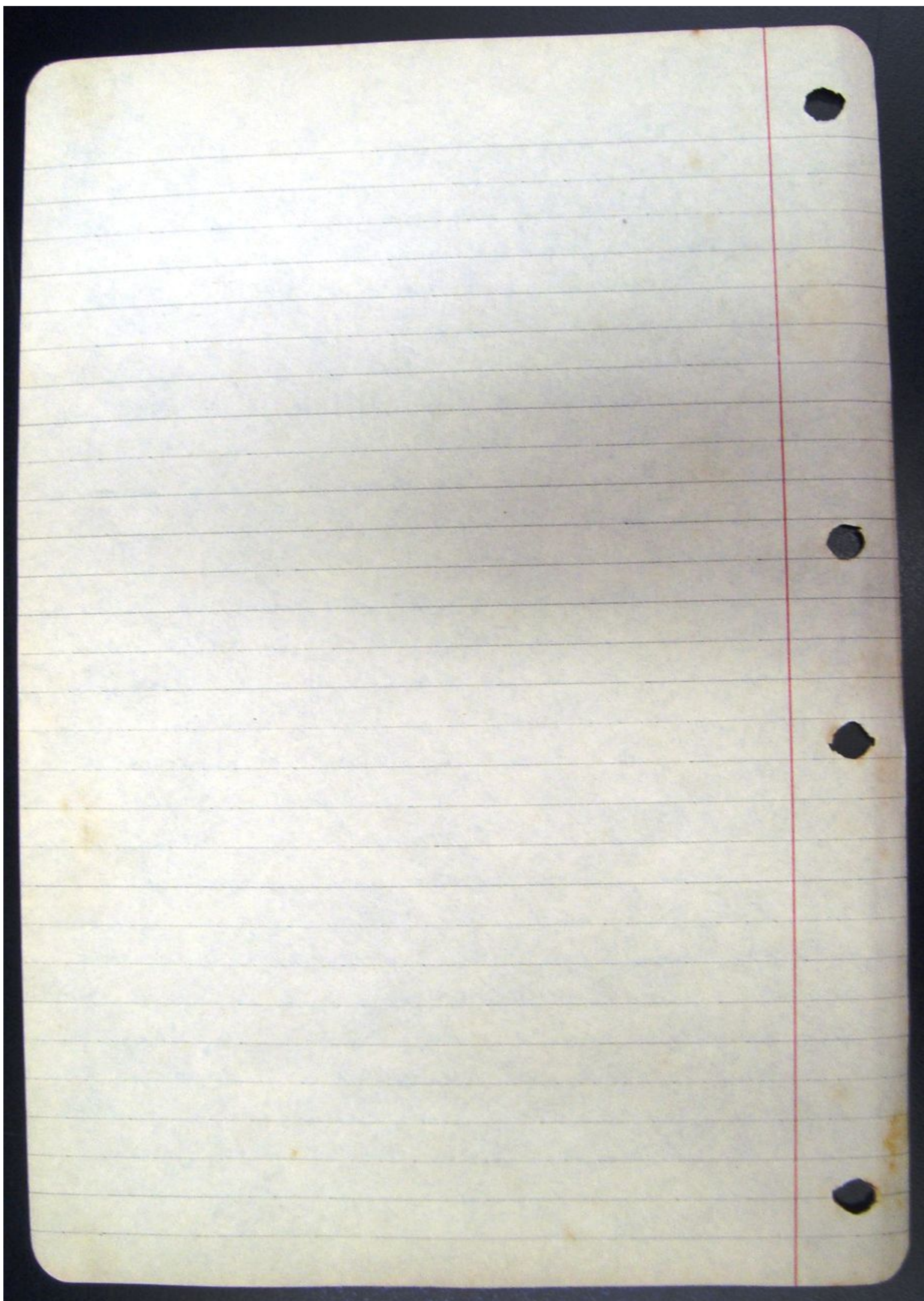
Domingo, 30.

Nome pessoas à mesa, no almoço oferecido pelo comandante do batalhão: Gen. Ademar de Azevedo e senhora, Cel. José Rubens Botelli (o comandante) e senhora, Major Cinthia, e senhora, Comandante Fontenelle e Tenente Brás do, da Base Naval de Ladário e eu.

Cheguei cedo demais. Sentia-me à varanda esperando o anfitrião que demorou a ~~me~~ vir para aparecer gemendo-se de dor de cabeça. Falou sempre muito baixo, a ponto de eu ter de aguçar o ouvido para entender e rir.

45 minutos depois de assunto de quartel, chegaram os outros convidados, todos juntos. Apresentação, perguntas, formais, mas pouco, foi esquecido. Continuaram assunto anteriormente interrompidos, sobre pessoas ou coisas desconhecidas. Diverti-me a ouvir e comparar a entonação de voz, as gargalhadas. Uma mudança inesperada ocorreu com meu comandante: falou alto demais, como certos atores que, à todo custo, querem sobressair-se.

A senhora do general fez-me



perguntas, dezoito, que admitem respostas
tipo teste: sim, não, ainda não,
talvez mais tarde, é possível. Mas
sei porque falar em Fortaleza
que entendem Porto Alegre e disse.

— Já sei em Porto Alegre.

O verbo ~~me~~ sou mal me
reconhecer. Talvez para Porto Alegre
nos ficam bem mas o que pode
fazer uma espécie de general em Co-
rumbá senão "servir"?

Mais tarde falamos em sua
viagem ao Rio.

— A senhora vai ao Rio?

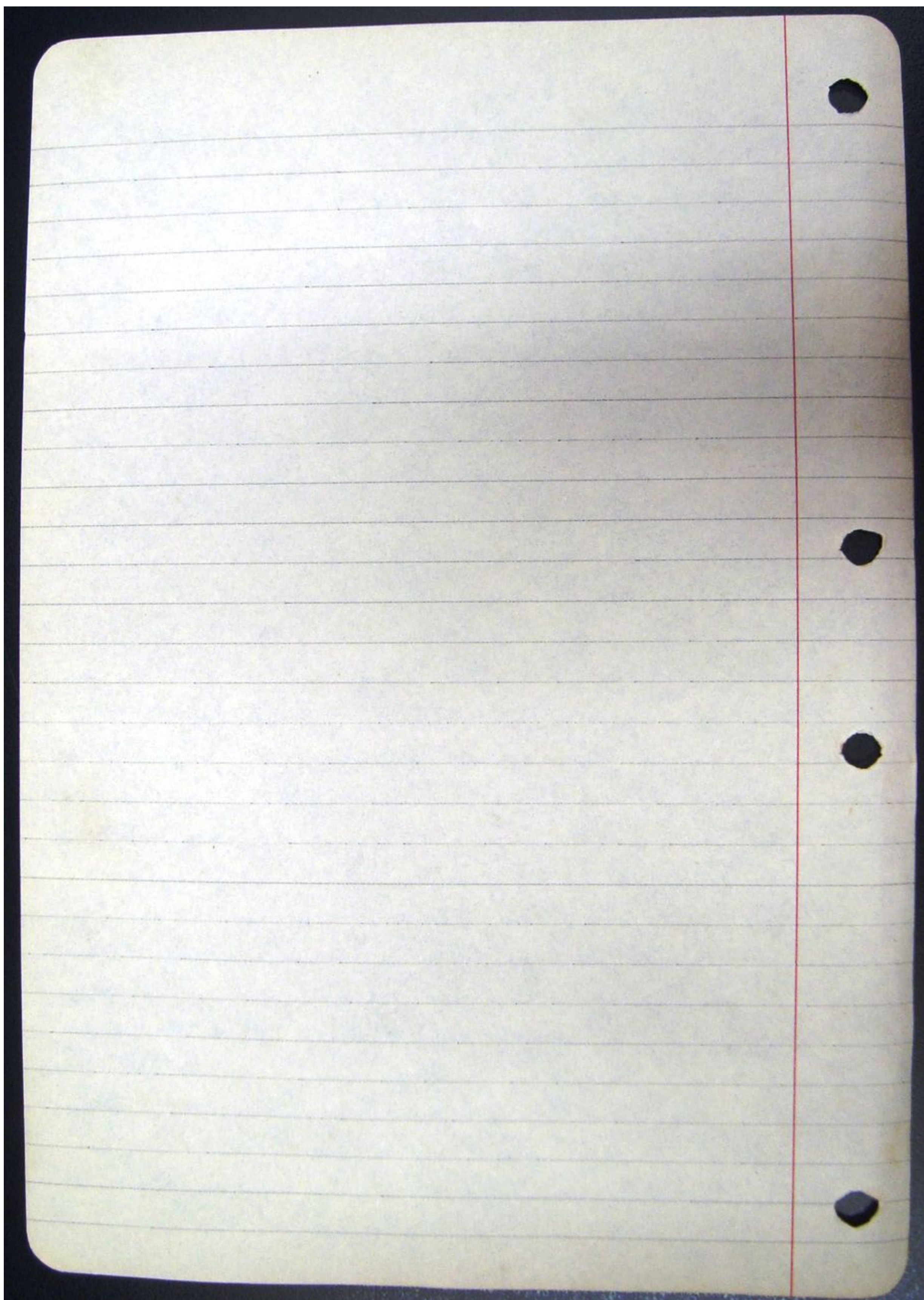
— Vou para o Rio — retificou
muito séria. Mas posso ficar aqui.

Terminado o almoço, fomos todos
esperar o café na varanda. Organiza-
ram-se dois grupos e logo iniciaram-se
o jogo de cartas?

— Nós sabe jogar bicha? — per-
gunta o general. É preciso aprender
para passar o tempo.

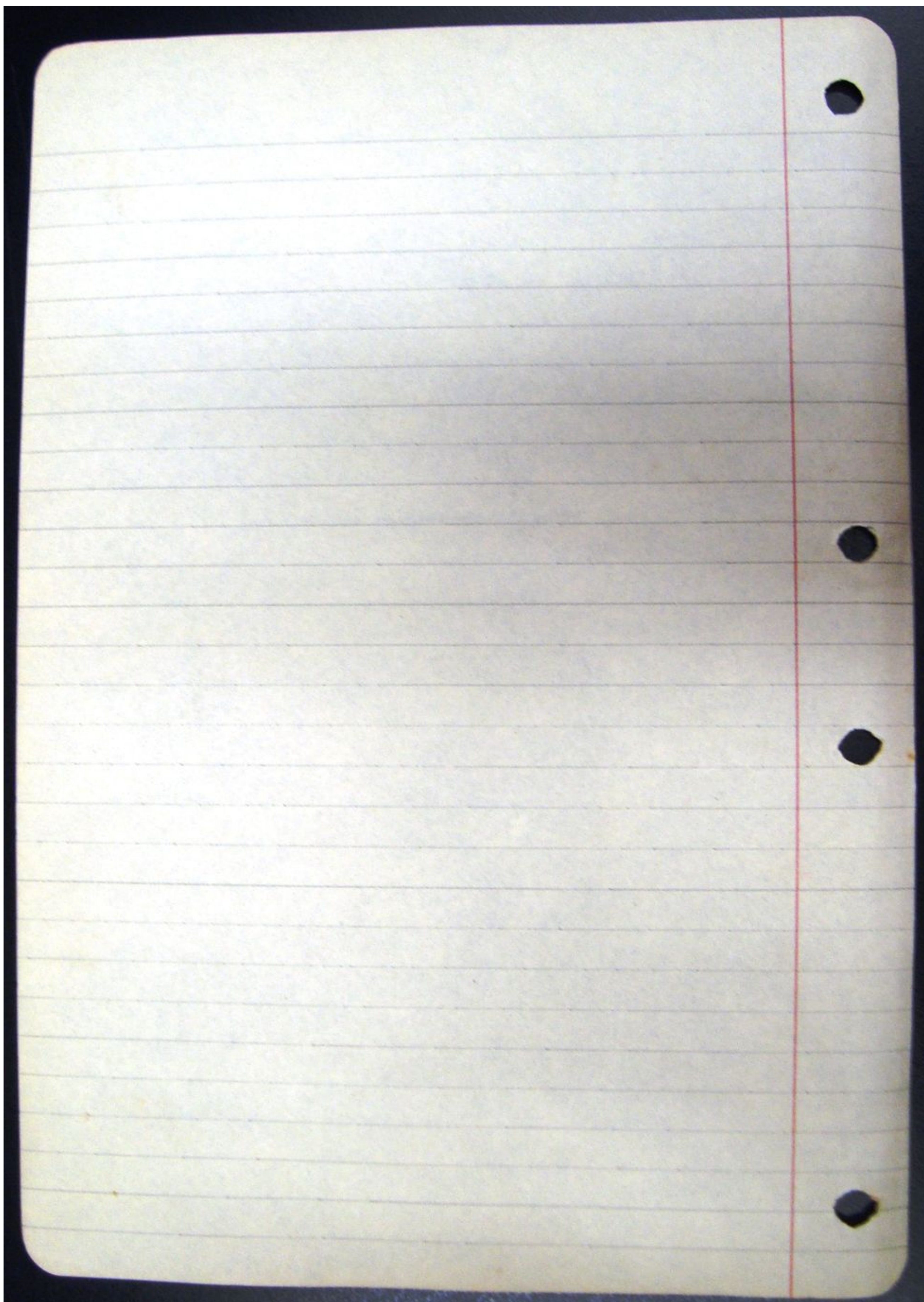
~~Em poucos dias a situação~~

Pouco depois, todos comprometidos
com a bicha. Uma das senhoras com
tardava ^{distraidamente} e o coronel andava "O Deus
Me tirou da Vida". Bom, contá-lo de
si embora mas nos ficava bem.



Do terminar a primeira partida em 2000 pontos, descobri uma pilha de revistas de rádio e cinema. Entre elas um folheto sobre a Estrada de Ferro Brasil-Bolívia.

Quando a segunda partida de linha terminou eu estava preocupado com um dado numérico: para cada quilômetro quadrado de Mato Grosso há 80 centímetros de estrada de ferro. ~~Em comparação~~

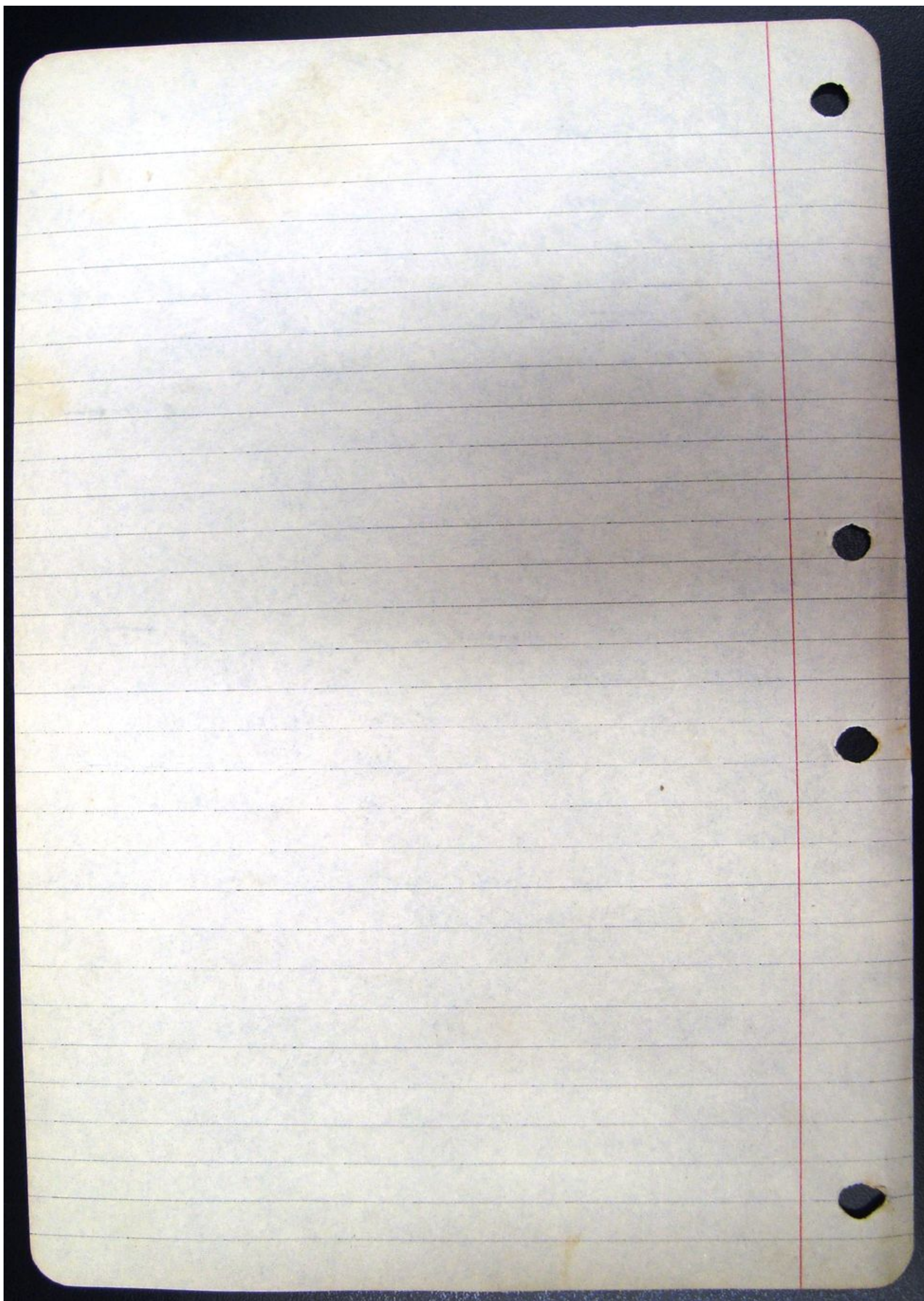


Therac, 31.

Chuva torrencial, a luz apaga-se. Duas velas acesas, no cruzeiro iluminam a última revista chegada do Rio. ~~Therac~~ Com a substituição dos vidros pela tela, cria-se novo problema: a chuva atravessa os ~~crus~~ fios cruzados erega o chão. Desloca-se a cama, tapete, sapatos.

As chamas das velas, deitam-se para a direita e o esfermescito compõe estalactites avermelhadas, amareladas, brancas. ~~Therac~~ ~~hora sem luz~~ ~~velas~~ ~~pela metade~~ Velas pela metade, a lâmpada se acende. Alho ratifeto para a nova agulha ~~substituição~~: cadeia preguiçosa em tecido azul-marinho e brancos.

Estou preparado para o "ritual" da Semana Santa.

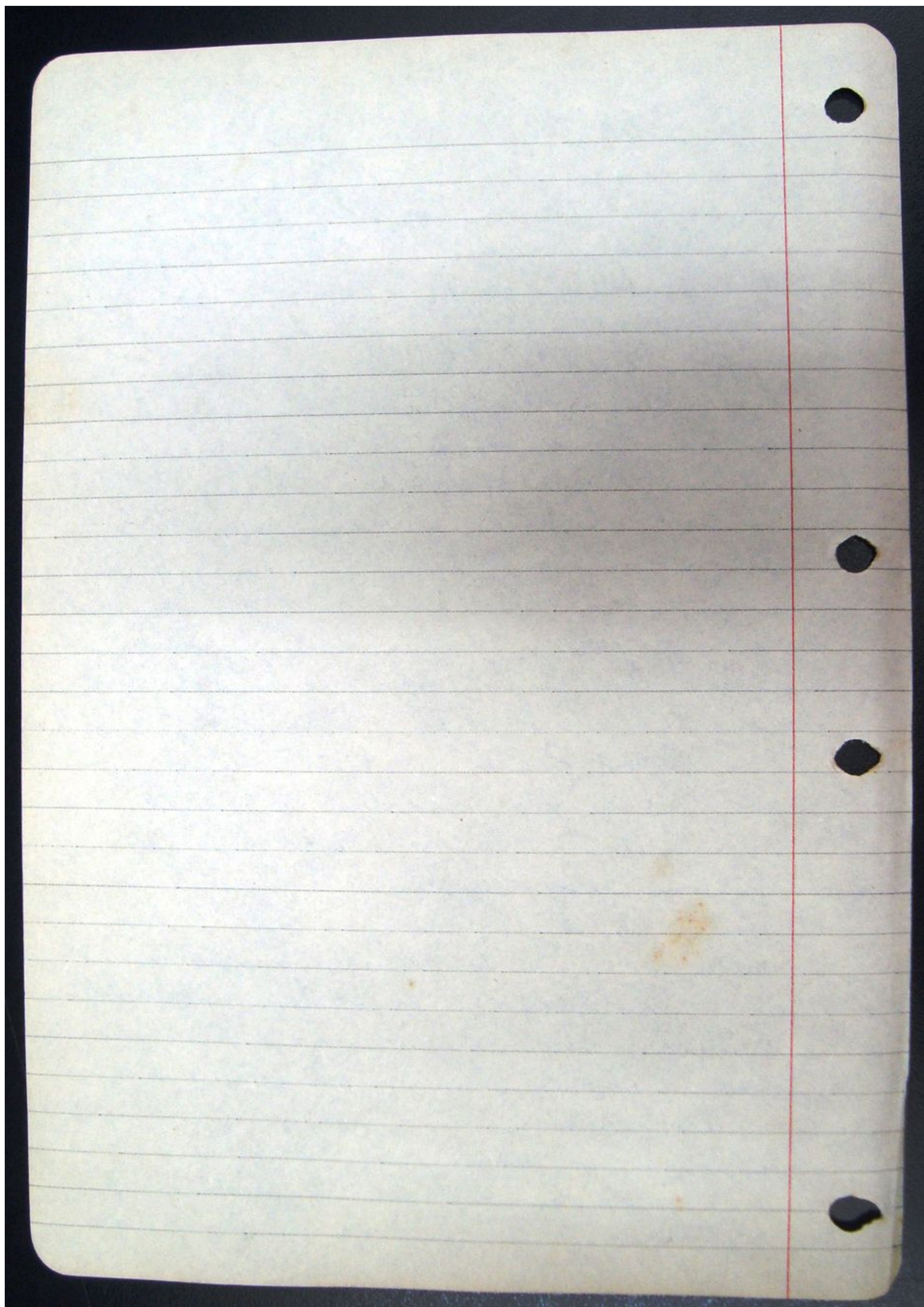


1.º de Abril.

Notícia da Fazenda Nhuvai movimenta a cidade. "O Momento" publica que uma mensagem via RT (rádio-transmissor?) foi captada às 11.45 e nela se dá conta de que caíram naquela fazenda "destrocos do satélite artificial russo Sputnik". Como a transmissão naquela hora era próxima o jornal publica a nota "com toda a reserva".

Se há girando no espaço satélites russos e americanos, como poderiam ter concluído que os destroços do sputnik? Mas se capitou disso. ~~Ata~~ Penseas, repórteres do comércio local procuraram o general e o comandante da Base Naval para minimizar providências. Num bar o farcon me diz que o general pediu um avião à Base Aérea de Campo Grande para sobrevoar a fazenda e localizar o objeto. Na pensão, foi o comandante da Marinha quem tomou essas providências.

Em caráter particular soube de algo mais íntimo: o general foi efetivamente procurado e posto ao



corrente da novidade. Contar a um auxiliar.

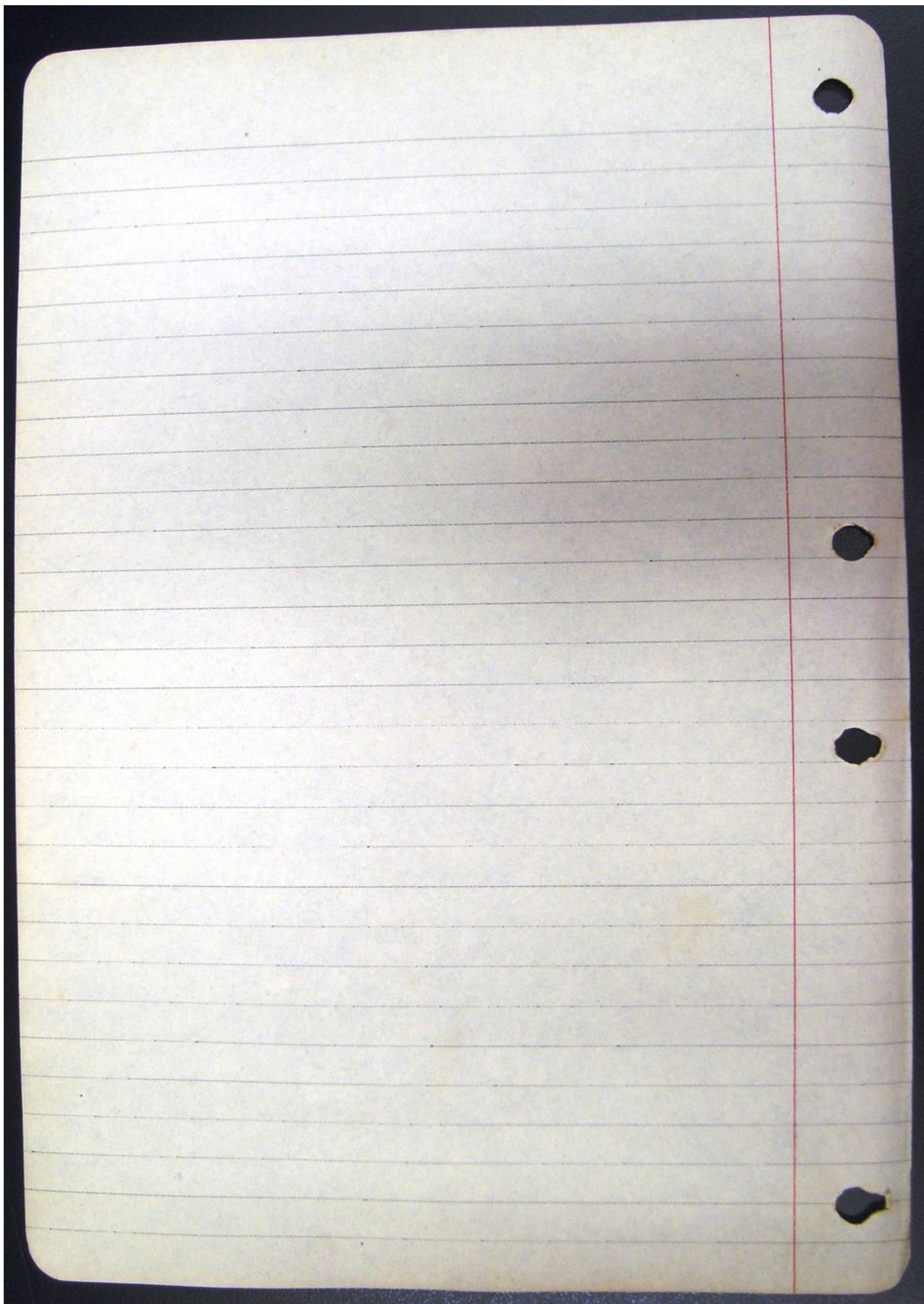
— Cuidado, funeral. Acho que essa história é "primeiro de abril".

O funeral também passou numa possibilidade mas, como o fato não é de todo impossível (não há sputniks pirados?) ficou a dúvida. Acresce outro ponto:

— A pessoa que me trouxe a notícia não tem, absolutamente, intimidade comigo para me passar um "primeiro de abril".

Resolvi aguardar maiores detalhes. O comerciante prometeu voltar ~~com~~ a confirmação ou o desmentido.

A última versão da queda do sputnik é plausível e desconsolante: O temporal da noite anterior, que apagou as luzes da cidade, teria desmontado o catameinto da fazenda Nhuvai, que atende pelo nome de Sputnik.



Abril, 2.

Terminou minha aventura da compra do dicionário.

Como não trouxe o Candido de Figueiredo por ser muito pesado, resolvi comprar o dicionário de Durêlis Buargue de Holanda. Na Tipografia Cornu-ense, Cr\$ 280,00. Abri um lugar na estante e ~~coloquei~~ a primeira consulta foi feita pelo major W. que ~~resolver~~ decidi adquirir outro.

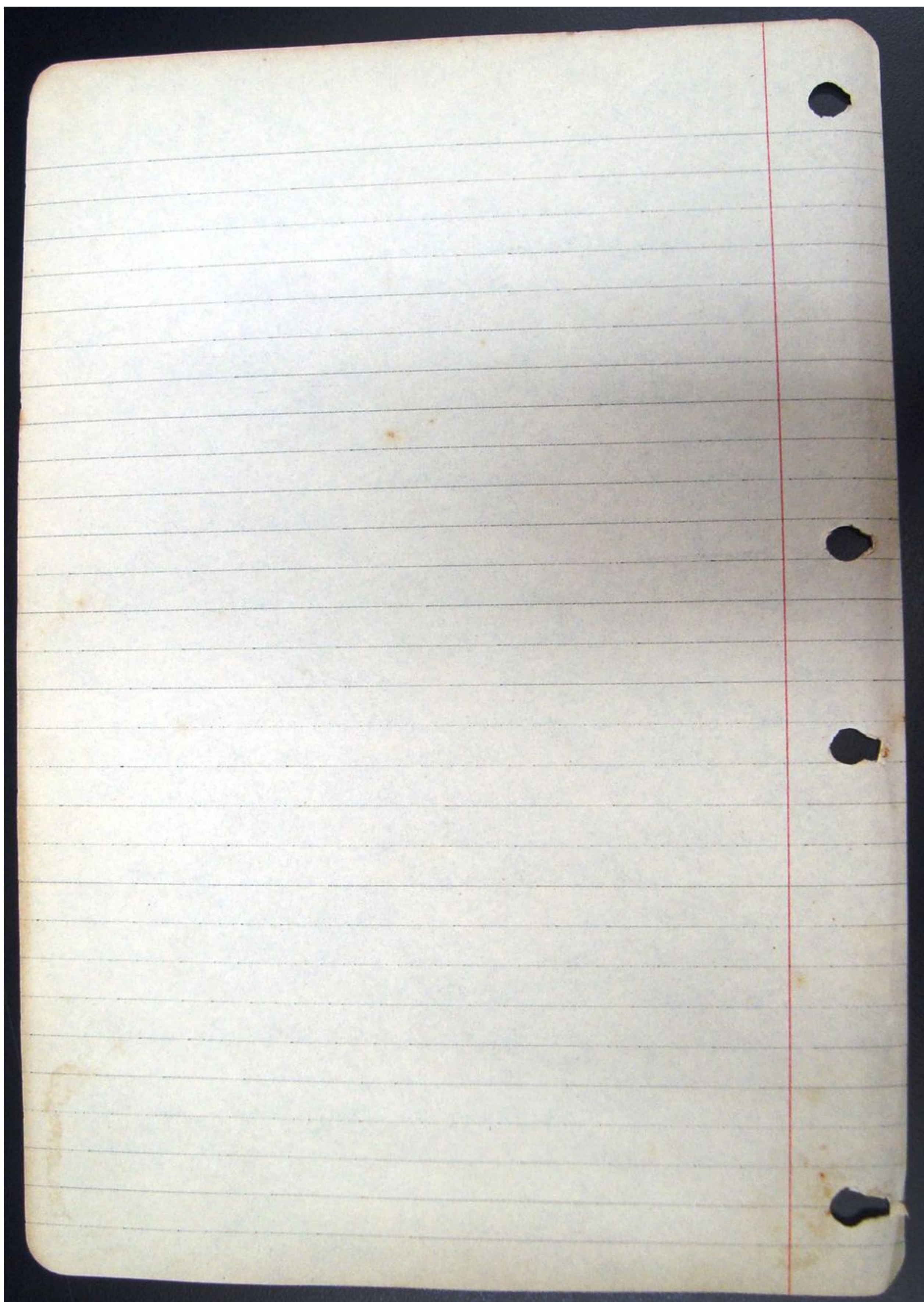
Procurou na Casa Lemos. Cr\$ 170,00.

Minha antiga raiva contra o comércio voltou violenta. O gerente da Cornuense certificou-me pelo telefone que o Lemos vende mesmo a 170 e prontificou-se a devolver-me o dinheiro.

O telefone e a parância são mais rápidos que meus passos. Quando cheguei à Casa Lemos o câmbio havia subido para 280.

— Estávamos vendidos por preço errado.

Mandarei buscar um de avião nem que pague mil emzeiros.

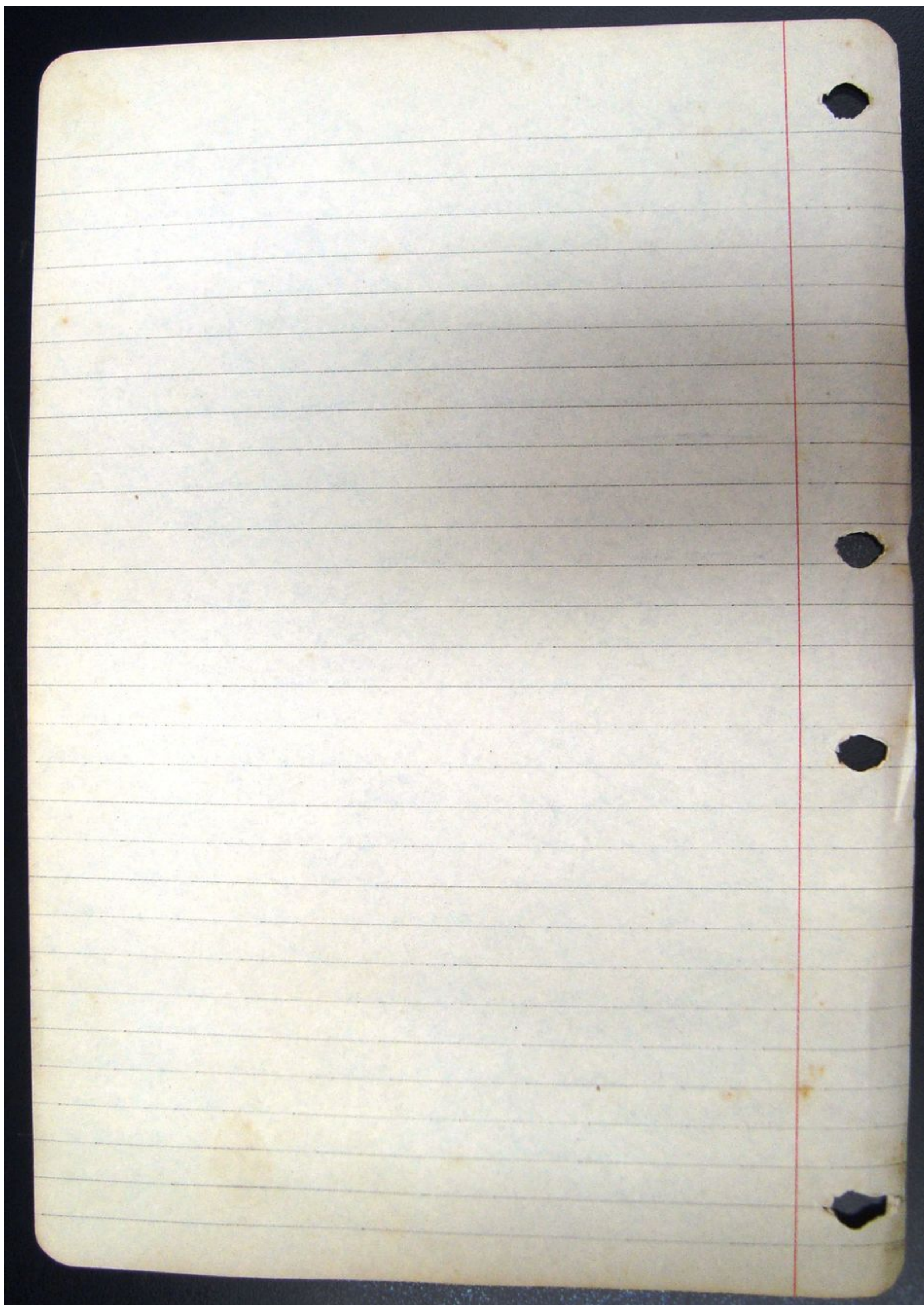


Abril, 3.

Sócrates tomou parte na Revolução de 1932. Escreveu um livro de 92 páginas, "A Caminho do Front - Fatos e Episódios da Campanha de Murtinho", dedicado aos sargentos do 17.º BC. ~~"pela gentil acolhida que, certamente, há de dispensar a este livro"~~ a quem se confessa imensamente grato ~~ao~~ ~~"pela gentil acolhida que há de dispensar ao livro"~~ a este livro.

Nas notas ou no texto nada se aprofunda sobre a identidade do autor. Foi um sargento - informaram-me. Modesto, em página alguma se revela. Escreve com simplicidade resvalando porquinhos, vezes, para o terreno "literário". E quando o faz a ingenuidade das miçangas não chega a comprometê-lo. "A lua, lá no alto do céu, grande como uma bola de futebol e branca como um céu de neve, rola no espaço e se constitui numa testemunha do combate."

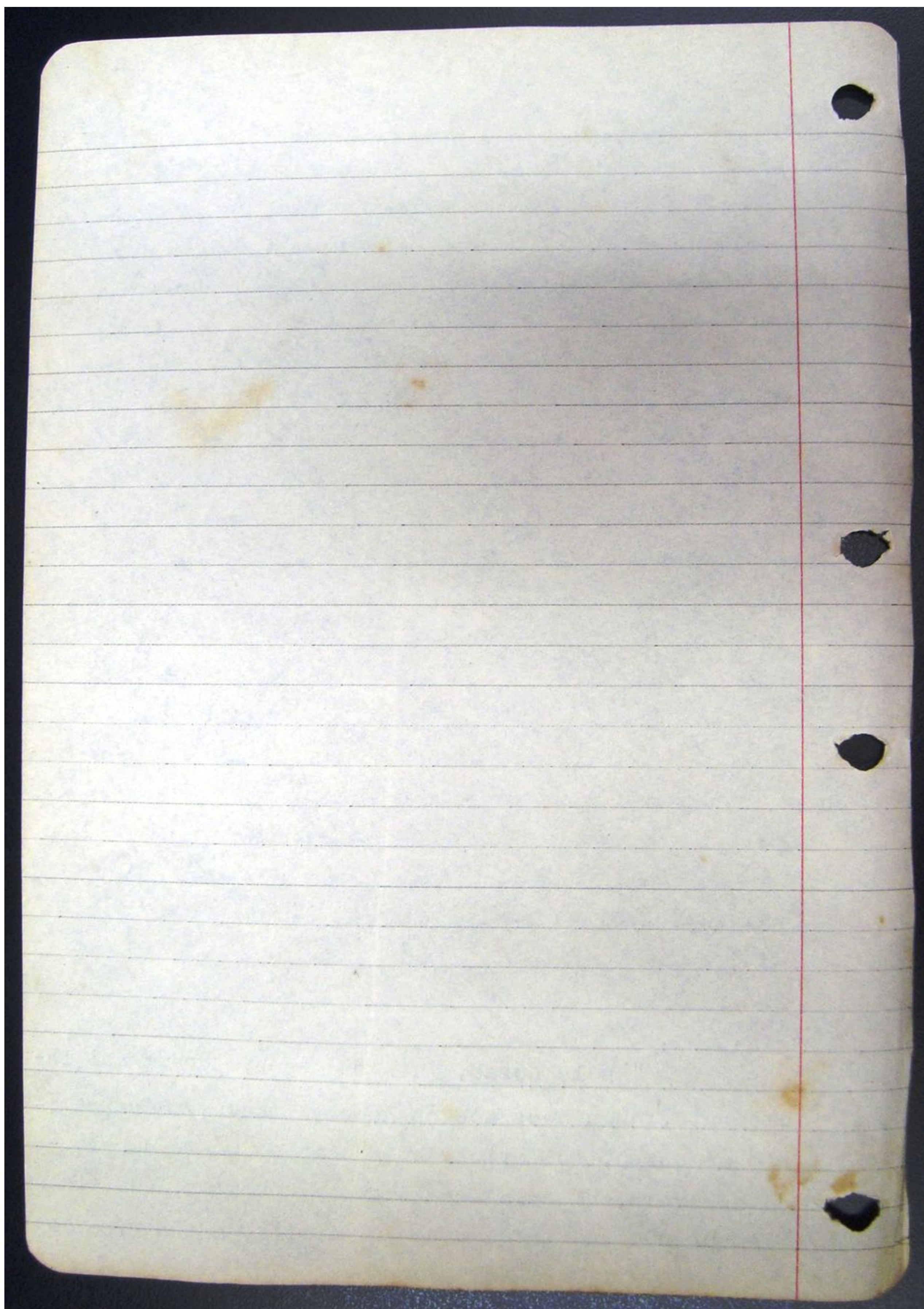
O livrinho iniciou-se com o preparativo para o embarque a bordo do "Argentina", na ~~manhã~~ ^{tarde e noite} de 2 de agosto de 1932, no porto de Cuiabá. As despedidas são comovidas e "um nó serrateiro se forma



na paragem as fumaças (o soldado) que tudo aquilo vai deixar, a troco de quê? Mas, eis que a lenda toca "Um calado na néga, maldade"... e o nó como por encanto desaparece e a elefria torna a reinar em seu semblante".

Do Destacamento Nery da Fonseca, de que fazia parte o 17:BC, com o intuito de impedir aos "constitucionais" a tomada de Porto Murtinho por, com o bloqueio de Santos e de todo o litoral paraguaiense, pretendiam utilizar-se do rio Paraguai como via de acesso ao teatro de operações. Para o cumprimento dessa missão o Destacamento separou-se da Coluna Geral Manuel Ribels a tal ponto que passou a agir isoladamente. Nenhuma comunicação havia ~~entre~~ entre os comandos: o telégrafo de Murtinho foi interrompido e o rádio do 17:BC não estava em bom funcionamento." Essa circunstância ~~de~~ caracteriza bem a espécie de "guerra" que se realizava. Como consequência, levou em episódio de uma, infortunante:

"Às 14 horas, mais ou menos, sob um sol inclemente, quando os nossos homens procuravam refrigério ao corpo, foi avistada em cima do morro uma força a cavalo, calculadamente uns 200 homens, que vinha flanqueando uma serra à nossa direita, com o fito de



sair à retaguarda.

"Essa região é pobre de árvores frondosas, de maneira que de cima do morro se avistava léguas e léguas para a frente e derreior.

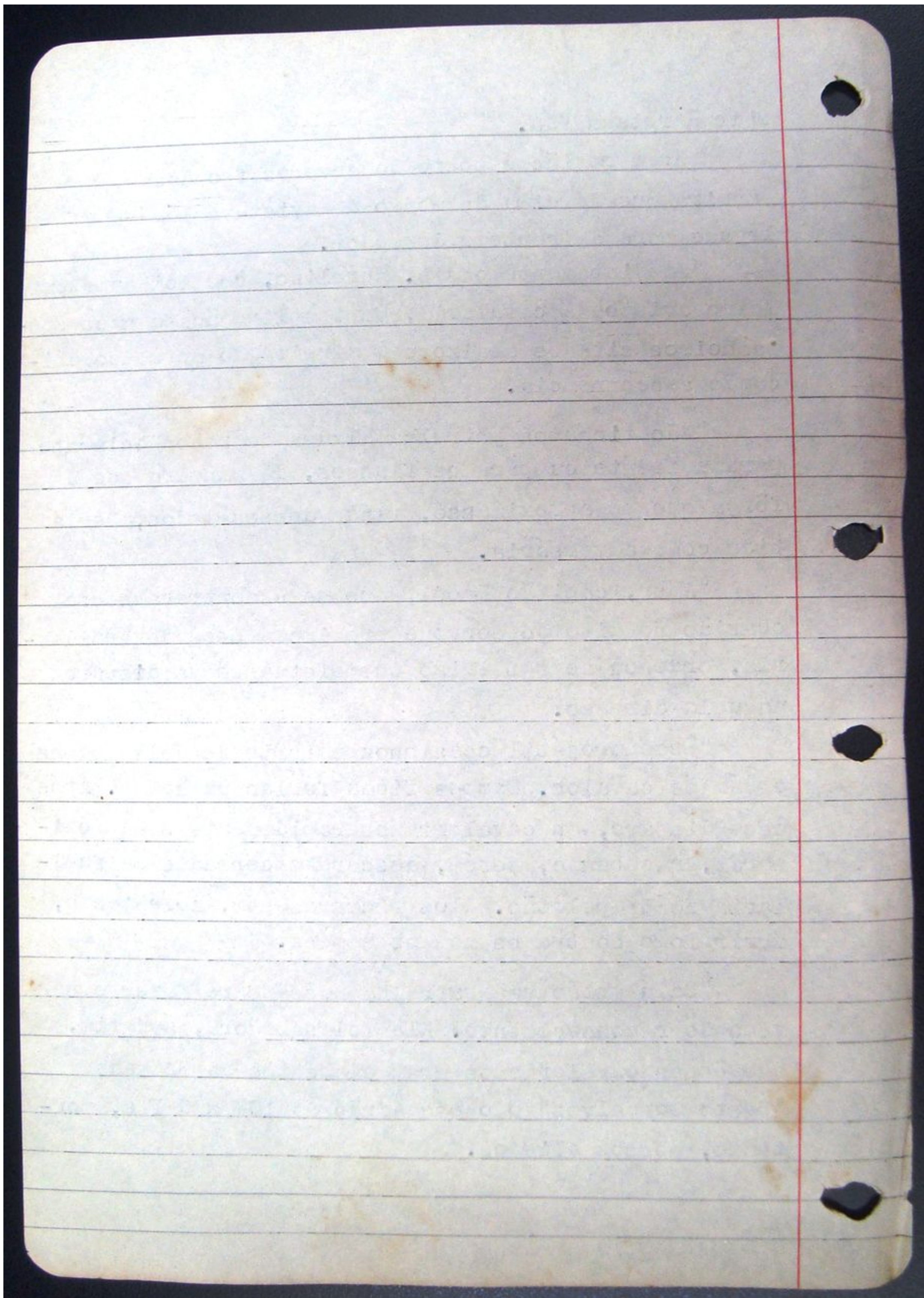
"Imediatamente o sgt. Aurelino, que foi quem primeiro avistou a cavalaria, mandou ligação para os companheiros situados abaixo e à direita do morro comunicando a ocorrência.

"Não tínhamos patrulha alguma de reconhecimento para a frente ou para os flancos, de maneira que a força que se aproximasse, vinda desses lados, seria tida como adversária.

"A sr. capitão Leoni, que se encontrava nessa ocasião no alto do morro e próximo à peça de artilharia, ordenou ao sgt Trigo que efetuasse um disparo naquela direção.

"Esse projétil ocasionou a morte de dois homens e vários cavalos. Também ficou ferido um homem. Após esse disparo, os cavalerianos rapidamente se aproximaram, recebendo, porém, descargas cerradas de fuzilaria do 3º pelotão. Eles recuaram sem, no entanto, abrir fogo contra os nossos homens.

"Saiu então uma patrulha nossa para fazer o serviço de reconhecimento. Ela foi sabedora, por fim, que esses cavalerianos eram elementos da Brigada "Bento Gonçalves" e o esquadrão do 10º R C I e, portanto, nossos aliados."



A observação do avanço ~~do~~ inimigo era feita por intermédio de um avião. Sem oferecer combate, os "ditatoriais" recuavam para Porto Murtinho. Foram organizadas posições defensivas no Perdido, em S. Joaquim, na Bodoquena, na Mandiocassada e no Taboal. A última posição, em Porto Murtinho, seria a decisiva, cenário do combate de 22 horas com a vitória do Destacamento Nery da Fonseca.

O início do combate foi melancólico:

"Cerca de meio-dia (de 10 de setembro), o atirador de uma peça daquela seção que tinha por missão enfiar a estrada, lobrigou no meio dela três peões e dentre estes um oficial, pelo cinto talabarte que ostentava.

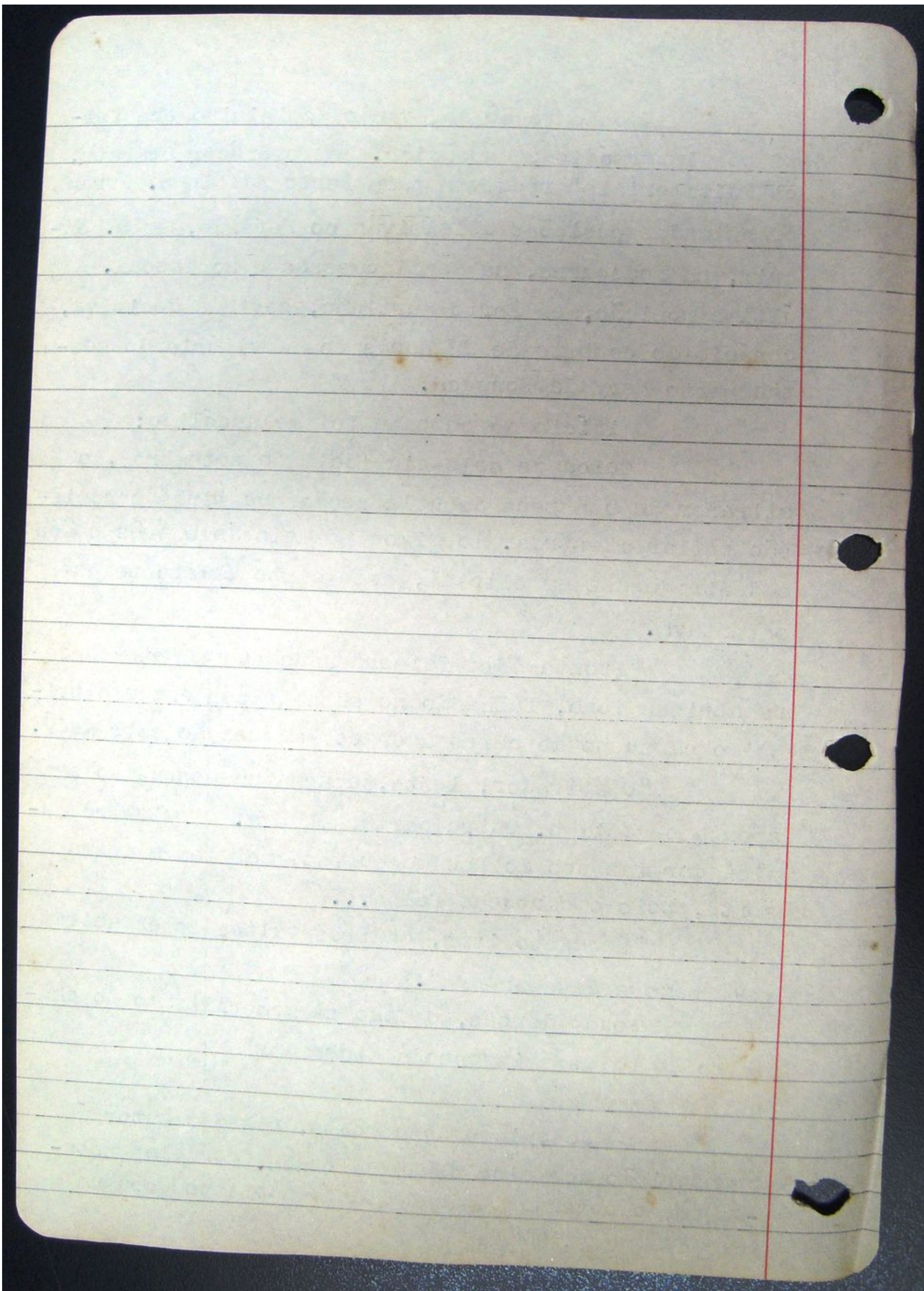
"Prontamente foi ordenado que a metralhadora abrisse fogo, falhando no entanto por estar o primeiro cartucho do carregador com a munição estragada.

"O atirador, lesto, apanha um mosquetão e aperta o gatilho. Outro cartucho nega. O primeiro municiador faz uso do seu mosquetão, mas tem a mesma sorte, pois o cartucho falha...

"Enquanto isto, os três vultos se esgueiram pelo mato e desaparecem".

Pouco depois, o fogo se generaliza e "o chuveiro de balas é intenso e aterrador".

Da descrição do combate, passa o autor à transcrição dos elogios de campanha. Por eles nota-se que o comandante do Destacamento lutou com um



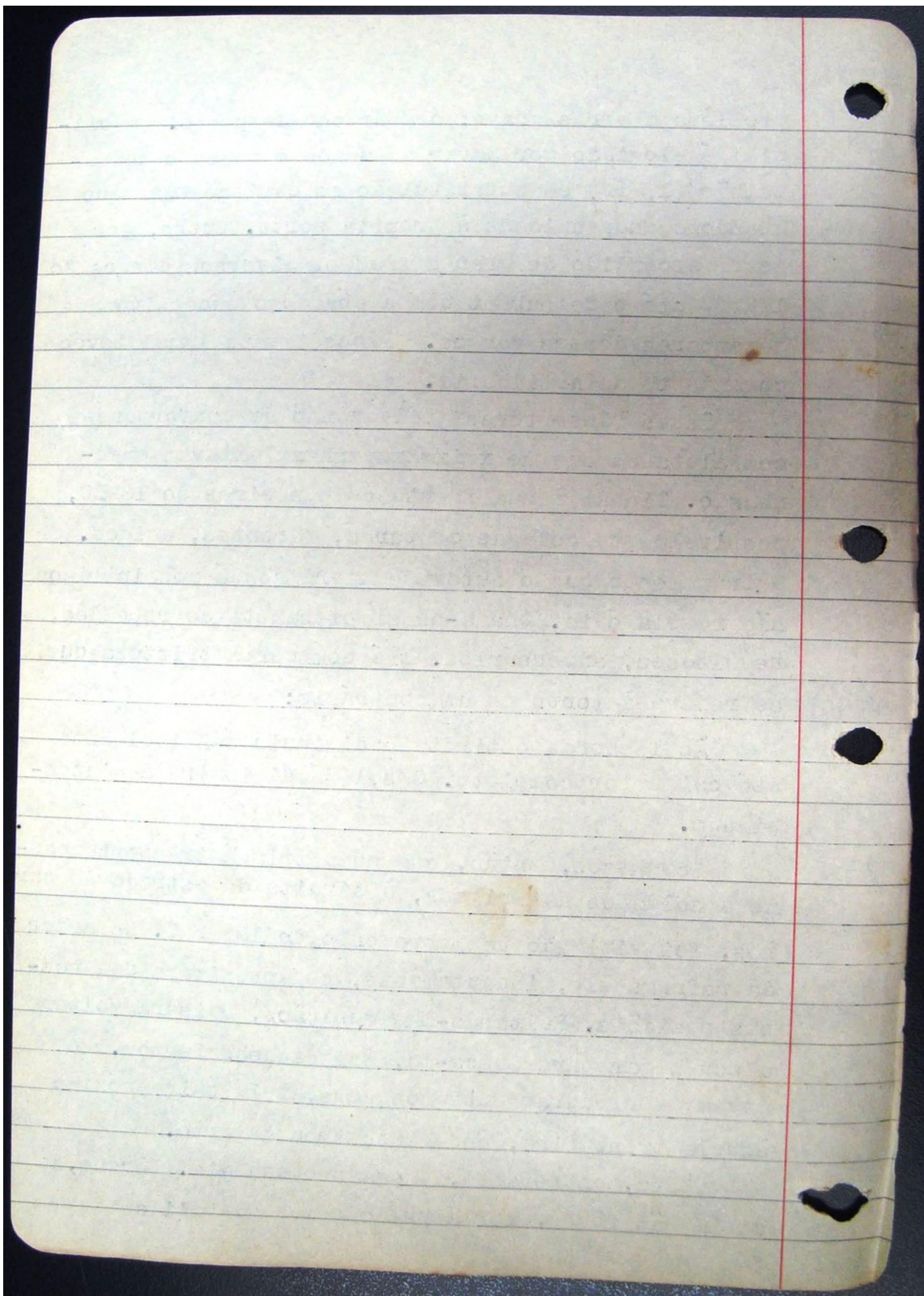
problema deveras grave: o abandono de posto. Um oficial é elogiado por haver assumido o comando do Batalhão (17^oBC) em substituição ao capitão Omar que abandonou sua unidade à própria sorte. Outro, por haver ascendido "de grau a grau os diversos cargos do 17^o BC até o de SubCmt com a abandono sucessivo dos detentores desses cargos." Procedimento igual teve o comandante da Artilharia.

Esses "desertores" talvez não se conformassem com a luta em que se ~~iriam expor~~ estavam empenhando. Tinham à sua frente companheiros do 18^oBC, possivelmente colegas de turma, parentes, amigos. O tratamento que o autor do livrinho dá aos inimigos não revela ódio. Chama-os simplesmente de rebeldes, revoltosos, adversários. E é com certa tristeza que se refere à morte de um contrário:

"Às 16 horas o tiroteio diminuiu sensivelmente até calar por completo. O sol já diminuira de intensidade.

"Soubemos, então, que numa trincheira pertencente a soldados da Brigada, à direita da estrada de carros, foi vitimado um pobre cabo do 18^o B C. No ardor da refrega ele, incautamente, se aproximara das nossas posições. Faltando-lhe munições, quisera voltar a seu lugar para buscá-la, mas se desorientou. Ao invés de procurar entre os seus, veio sair próximo àquela trincheira, onde encontrou a morte.

"Era, entretanto, chegado o seu dia. Porque, se assim não fôsse, seria prêso pelos que ali estavam



e não morto.

"Ao se aproximar da trincheira, perguntou se eram seus companheiros que ali ~~estavam~~ se achavam. Os nossos reconheceram logo que era inimigo. Mas, se tivessem um pouco de calma responderiam de maneira contrária ao que responderam, deixariam o homem melhor se aproximar e, então, o prenderiam.

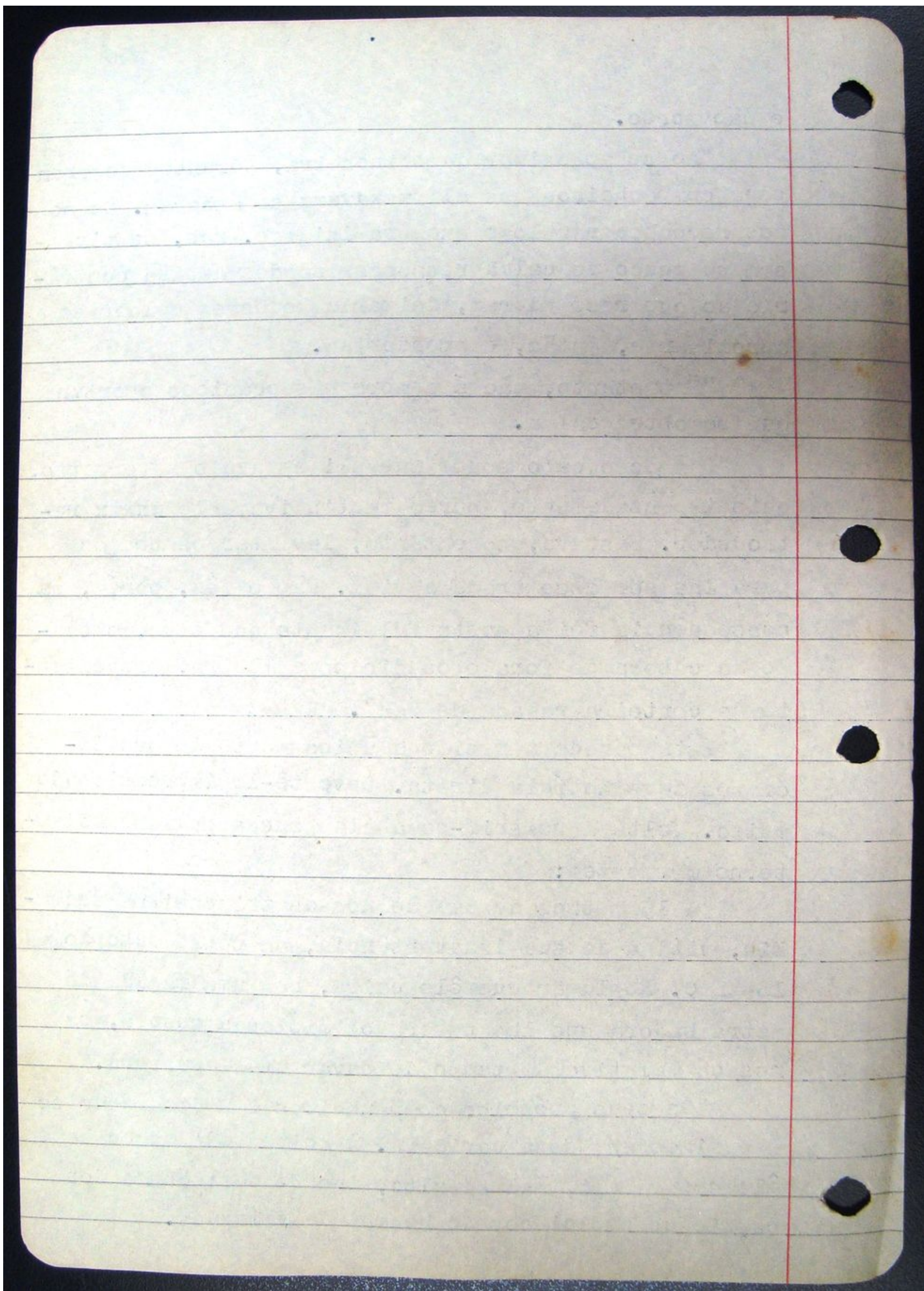
"Entretanto, não é sempre nas ocasiões oportunas que se obtém calma.

"Quando o cabo soube que ali estava o adversário, quis impensadamente, porém instintivamente ~~fugir~~ retracer. Bastava, no entanto, levantar os braços para lhe ser assegurada a vida. Não o fez, porém, e a consequência foi a morte fulminante que teve, o tampo da cabeça de fora e os miolos à mostra, proveniente de certa rajada de FMH".

Esta parece ter sido a única morte de que Sócrates teve notícia direta. Deve tê-lo impressionado muito. Volta a referir-se a ela poucas páginas adiante, no mesmo tom:

"A 15 metros de uma de nossas trincheiras sucumbiu, vítima de sua inadvertência, um pobre cabo do 18º B C. No lugar que ele caíra, com uma rajada de metralhadora que lhe pusera os miolos à mostra, os nossos mal tiveram tempo de cavar uma sepultura.

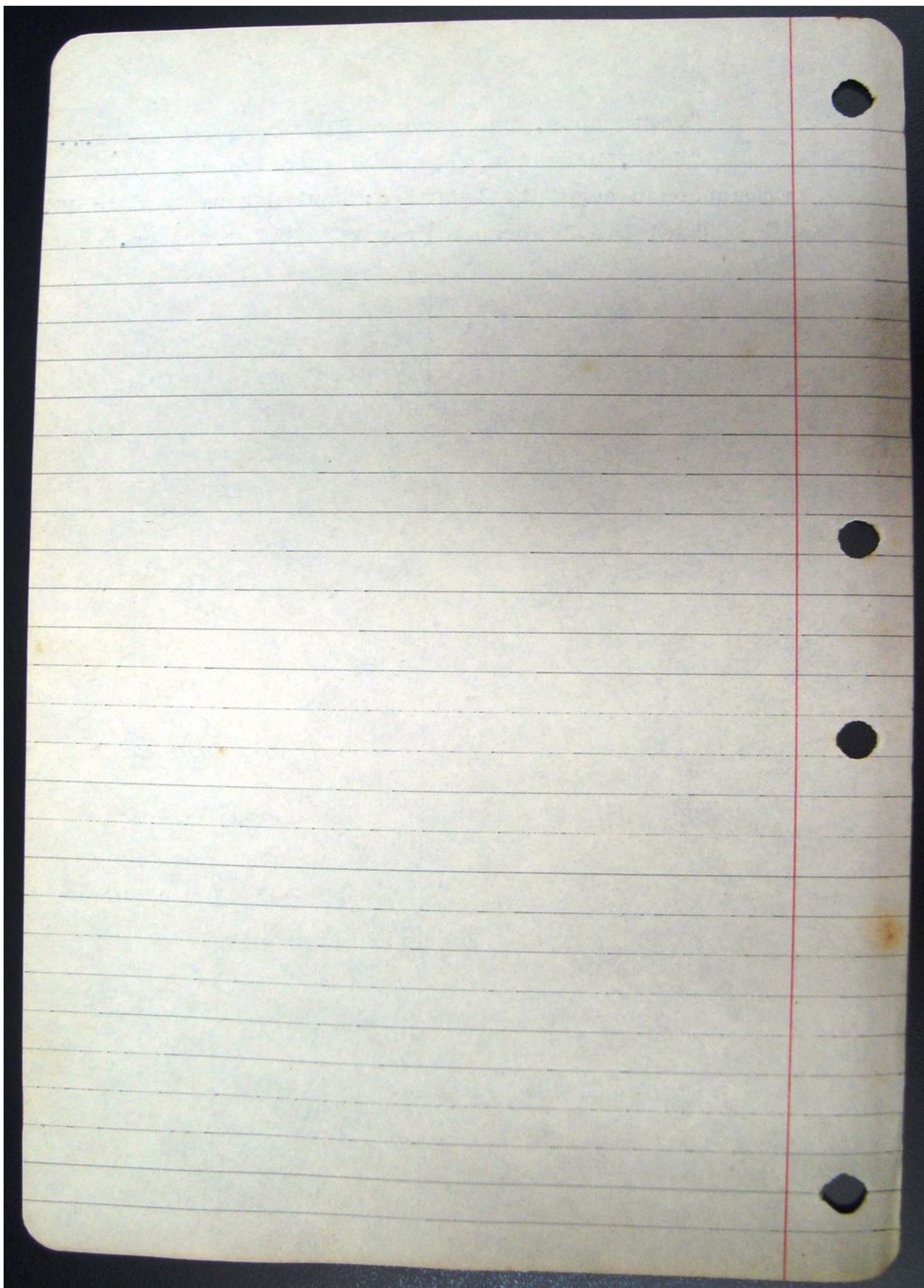
"Os seus próprios companheiros impediram que se lhe fizesse essa caridade. À noite toda do combate ele esteve ali, mal sepulto, inerte testemunha dos caprichos ambiciosos de homens desvairados.



"Certamente, nem soubera ele por que morrera....

"Hoje, quem por ali passa encontra uma tosca cruz com o seguinte letreiro: "Aqui jaz um cabo do 18."

"Foi uma lembrança preparada pelos nossos."



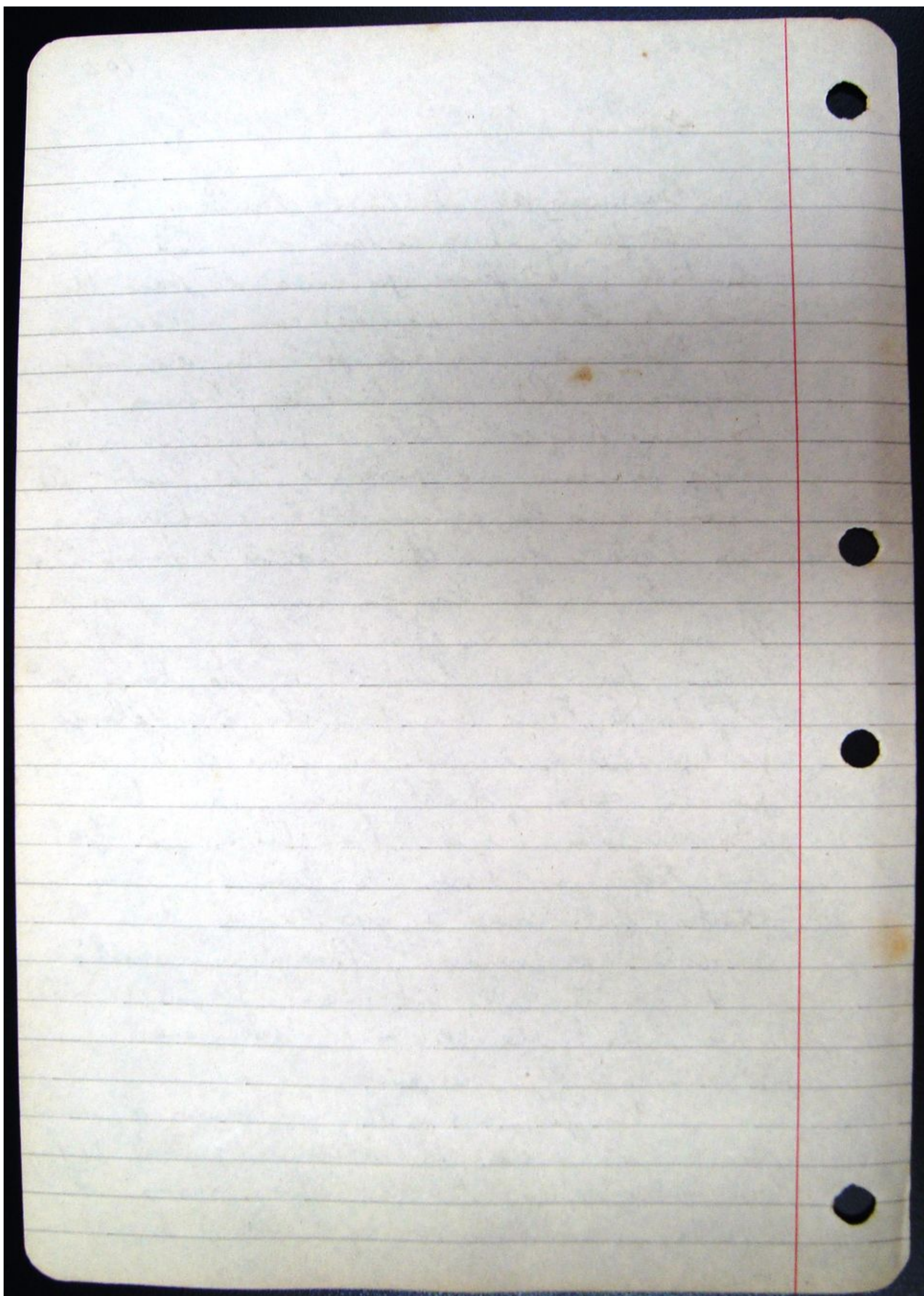
Sonrises, 6.

Balanco da Semana Santa:

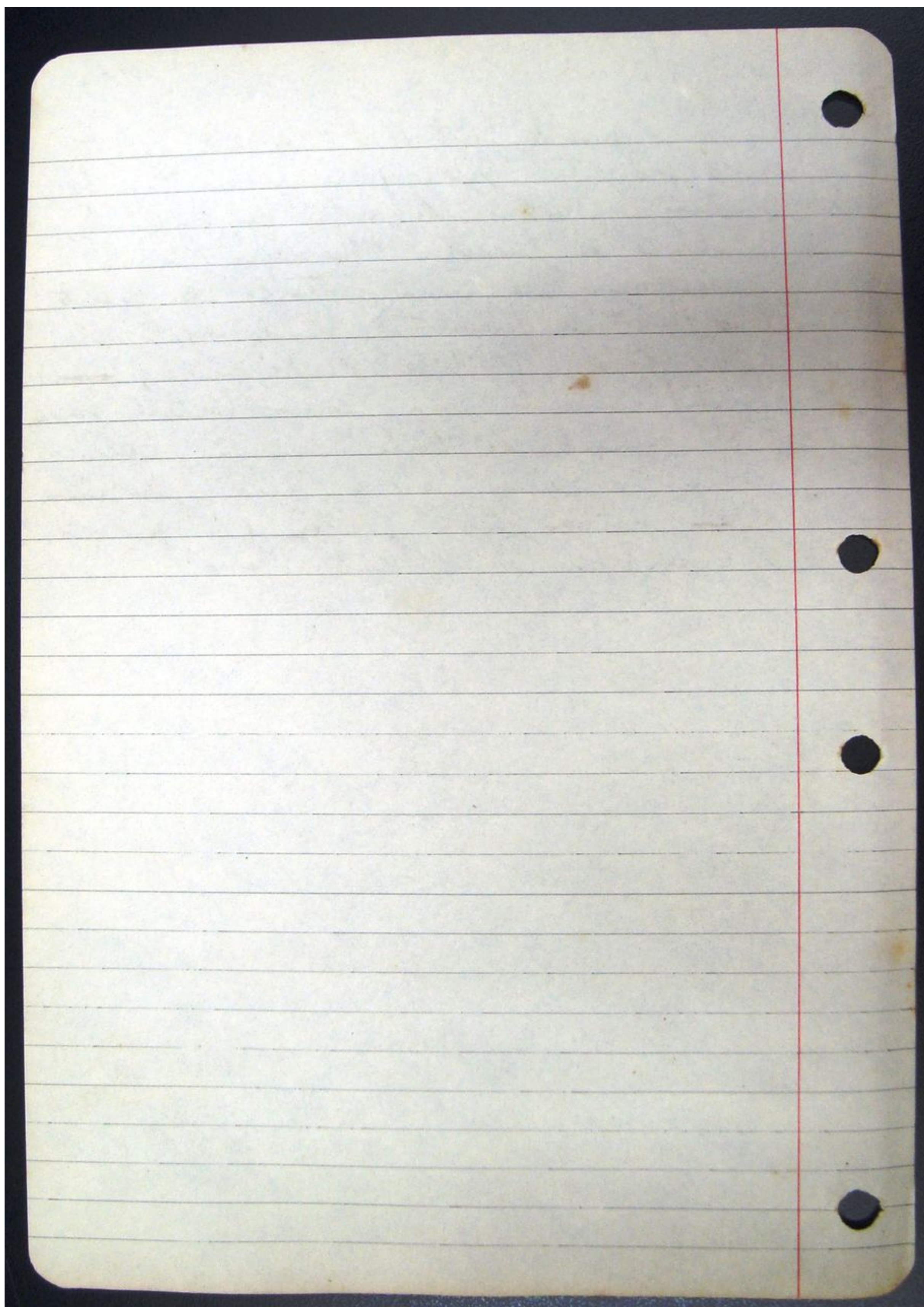
5.^a feira, almoços com o Tenente Dumi, dentista, 6.^a feira, piscina da Base Naval de Lázaro, almoços com o comandante Palhano. Sábado foi um dia útil: chegam do Rio um livro de Thomas Mann, "Do Círculo Negro". Rebi e preparei um artigo a ser no próximo "Para Todos". Hsp. aniversário do comandante e churrasco em Porto Esdras. Oficialidade e familiares.

Depois do almoço saí um jeep da Marinha para Puerto Suarez, a primeira povoação boliviana ao longo da Estrada de Ferro Brasil-Bolívia. Vilarejo pobre, apenas uma rua sem calçamento, poucas casas, hotel Sucre, um bar. As mesmas bebidas brasileiras que há em todos os bares do Brasil, mais vinho boliviano e graspa a duzentos cruzeiros a garrafa. Provei um cálice e dei vinte cruzeiros para pagar. Três: uma bela nota de mil bolivianos que significam dez cruzeiros.

No jeep, além de um major do exército e dois oficiais da Marinha, um professor russo de ballet, M. Pierre, após adimanos (somados aos aperitivos) provocou



um pesado "entuchat" de um capitão
de fragata. Sua presença em Coimbra
deu-n a filha de outro comandante,
chama de ballet. Monsieur Pierre
deslocou-me para o tempo de cadete,
e Ballet da juventude dando espetáculos
na Escola Militar de Rezende, ~~com~~
conhecimentos com Santos Castello Branco.
A caminho de Porto Alegre falar
com alguém sobre o Santos foi ~~a~~
~~de~~ coisa mais prazerosa que poderia
acontecer em Mato Grosso.



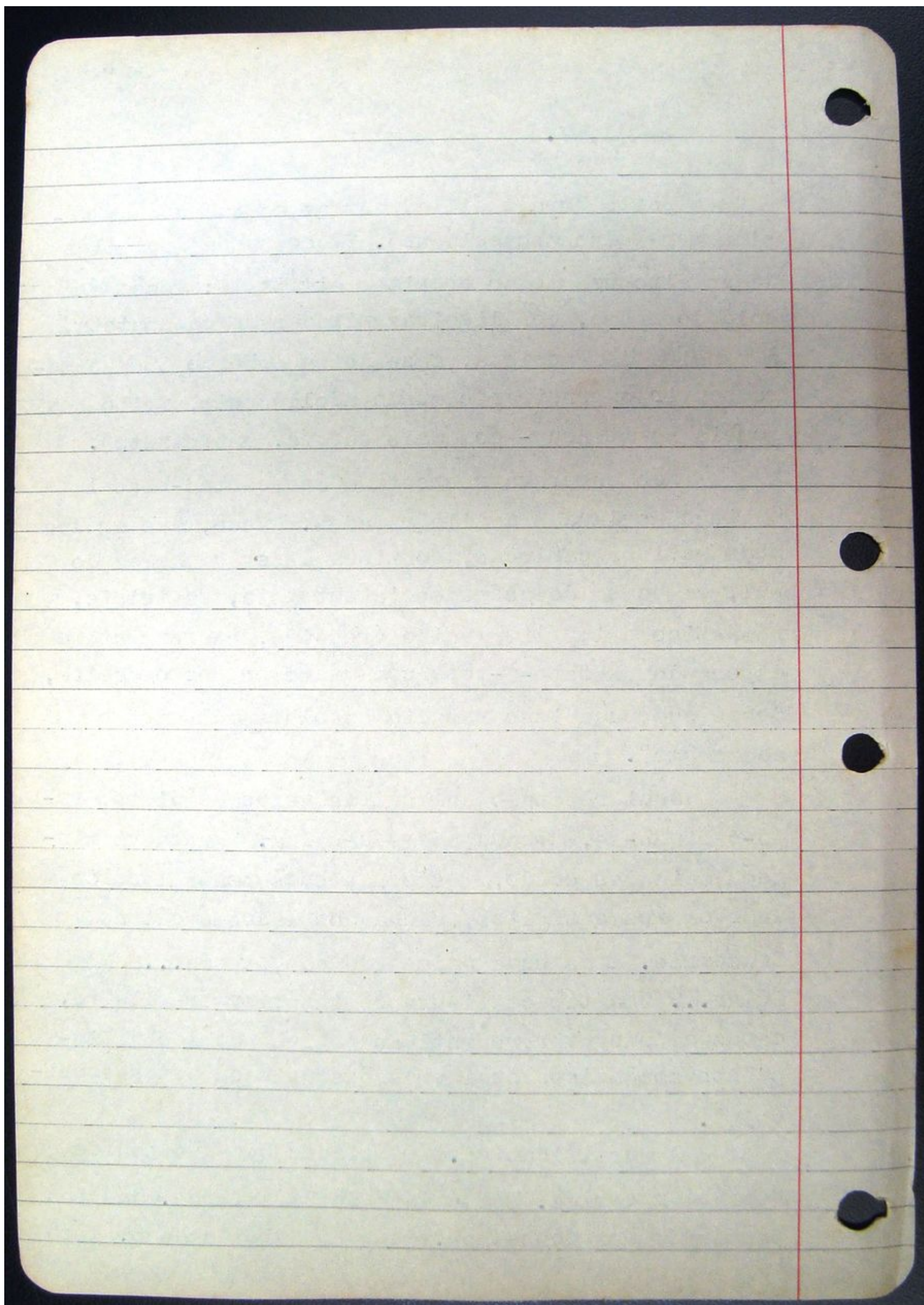
Abril, 7.

Carta dura e útil de um amigo que não se assina por falso esquecimento. "Você nunca foi flôr de asfalto nem mesmo escritor militante: você é soldado mesmo, com ligeiras pitadas de catequista, à maneira de Anchieta, fazendo um esforço imenso para sentir e penetrar o mundo adolescente, feito Raul Pompéia no Ateneu - com mais doçura, entretanto".

Não esperava resposta a meu cartão-postal e eis duas laudas datilografadas. "Você, apesar dos maus hábitos cariocas, continua a ser um homem do sul, um homem de ascendência européia, um triste, romântico e infeliz menino crescido, eternamente à espera de um tête-à-tête com qualquer que o queira, desde que tudo isso resulte em olhos molhados e aconchêgo".

Aqui repete o que muitas vezes me disse, vejo-o rindo-se, preocupado e canalha. "Nunca vi ninguém mais deslocado, mesmo nas suas tentativas de usar ombros estreitos, racha dos lados e outras frescuras. E as suas meias brancas, então... Nem falar... Uma típica figura do interior brasileiro, capaz de escrever românticas páginas ao leo de impulsos românticos ou impressões mais ou menos sensíveis".

A justificativa: "Considere que não sou de responder cartas. Estou fazendo um esforço. Não sou também de dar conselhos. Estou me violentando. Isso

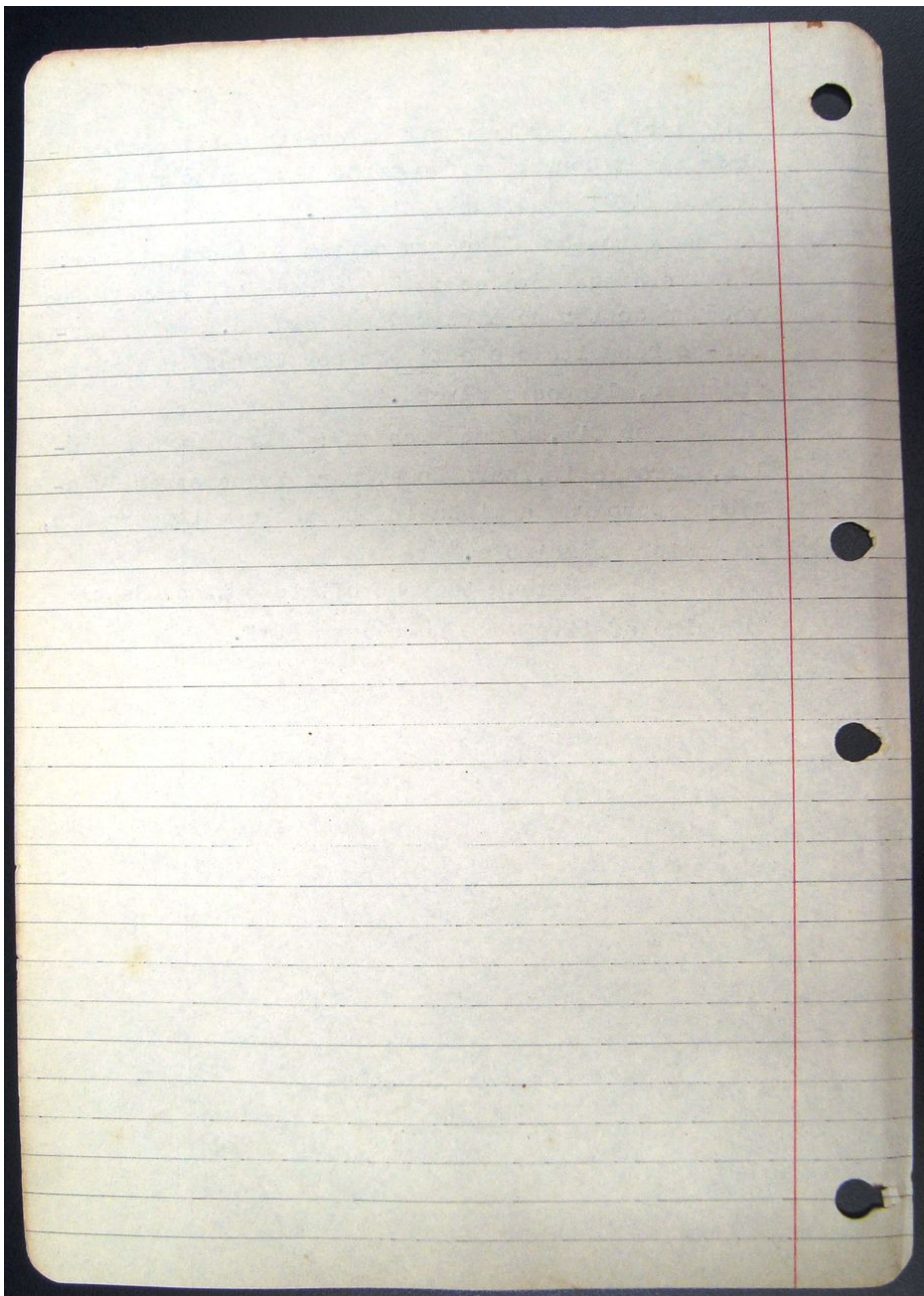


tudo por desejar que você aproveite a sua oportunidade aí em Corumbá e não tenha ilusões sobre a rua Barata Ribeiro e seus fantasmas."

O tom de Rilke nas cartas ao poeta militar: "Aceite a sua nova comissão, a nova importância que você há de ter no âmbito dessa cidade. Aceite tornar-se respeitado e estimado por vários pracinhas ingênuos, limpos e puros".

Por fim, a nota pessoal: "Parto para a Itália, para Paris, para Roma, para todos esses lugares que povoaram a minha infância sem muito encanto, sem maior entusiasmo."

Duas páginas tamanho ofício em troca de um "impulso afetivo" que nele despertei.



Abril, 9.

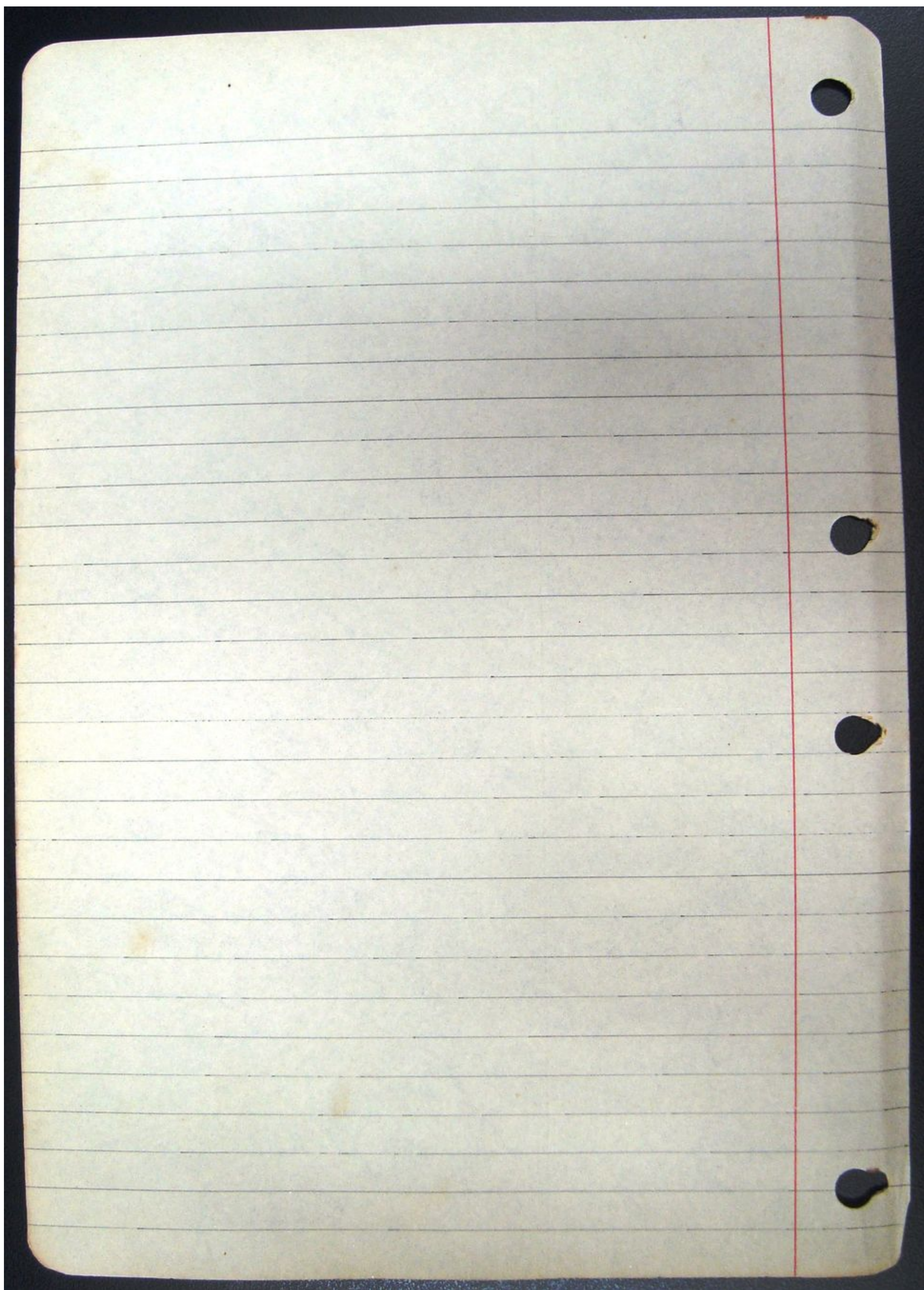
~~44~~ Falta de sorte nas buscas da revolta dos sargentos. Os boletins da Circunscrição, em 1925 comandada pelo gen. Alfredo Malan d'Angosse, revelaram quase nada.

A 25 de abril o sargento Ganga, vindo exilado de Aguiadana, é recolhido ao xadrez do 18:BC, incommunicável. Nessa data até 31 de dezembro do mesmo ano (1925) nenhuma outra referência ao sargento que conseguiu fugir ao fuzilamento. Ou terá me escapado à busca?

Foi um ano difícil, o Brasil às voltas com revolução. Quase diariamente o boletim publica constatações de destacamentos, resultados de combates, mortos em consequência, elogios, embarque de tropas. Tentação de desviar a busca.

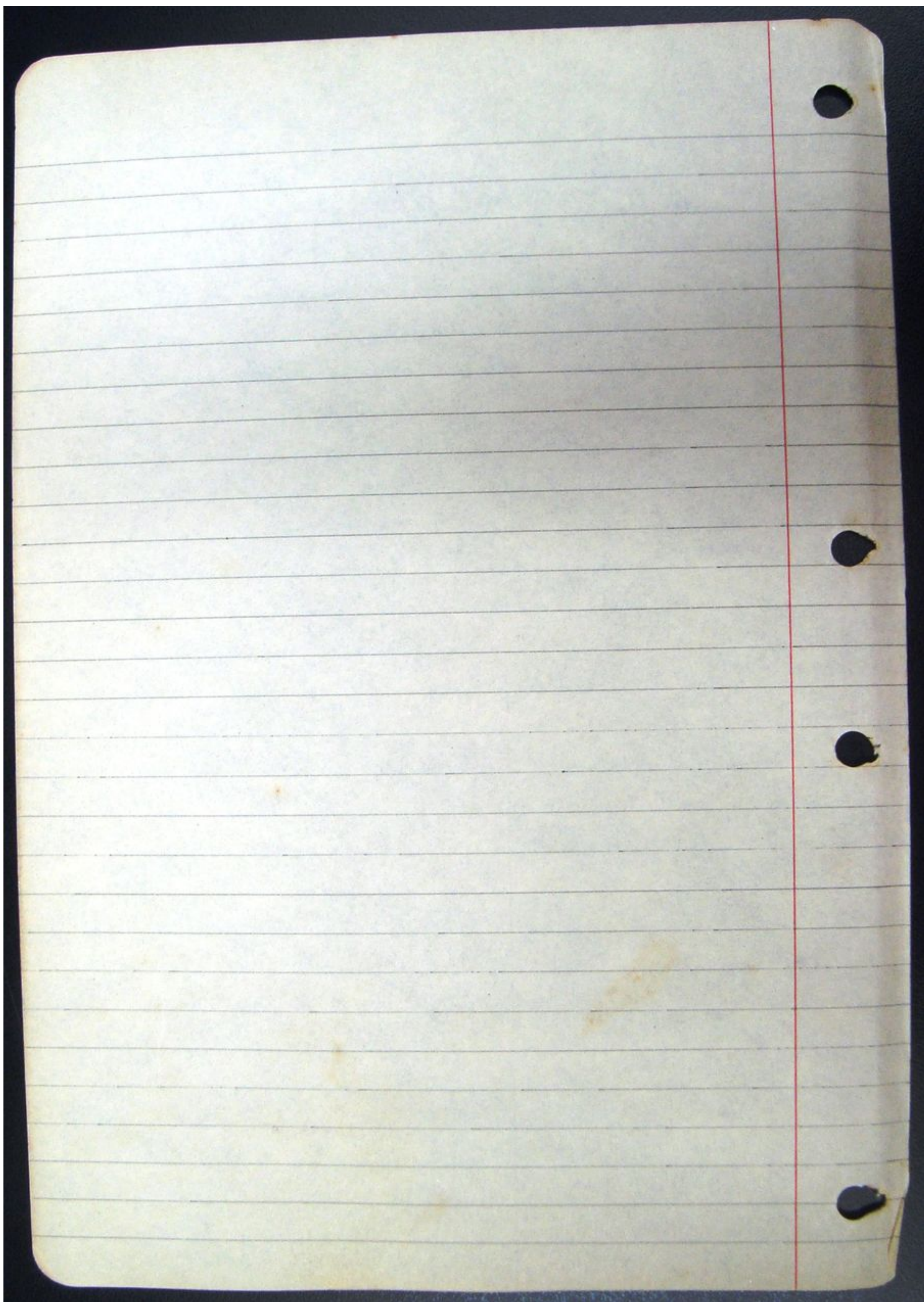
A última referência encontrada sobre a revolta em Combe está registrada a 2 de junho, num elogio ao capitão Luiz Pinto, por haver deixado o comando do 17:BC. Diz um trecho:

"Na reprensa ao levante que rema-



nascentes de intriga, mas a guerra conseguiram fazer explodir em março findo o Capitão Luiz Pinto apim com energia e desassombro. Para fazer respeitar o principio de autoridade não hesitam em assumir providencias que a manutenção da ordem e da disciplina exigiam.

Nota-se, pela frase final, que o comandante da Circunscriçao não reprova e mesmo aprovava o fuzilamento do sargento Aguiar. Tem-se mesmo a impressão de que o general vai completar: "não hesitam em..." - O final, "providencias que a manutenção da ordem e da disciplina exigiam" são atribuições regulamentares, que ninguém hesita em tomá-las. Mas o general hesita em completar a frase.



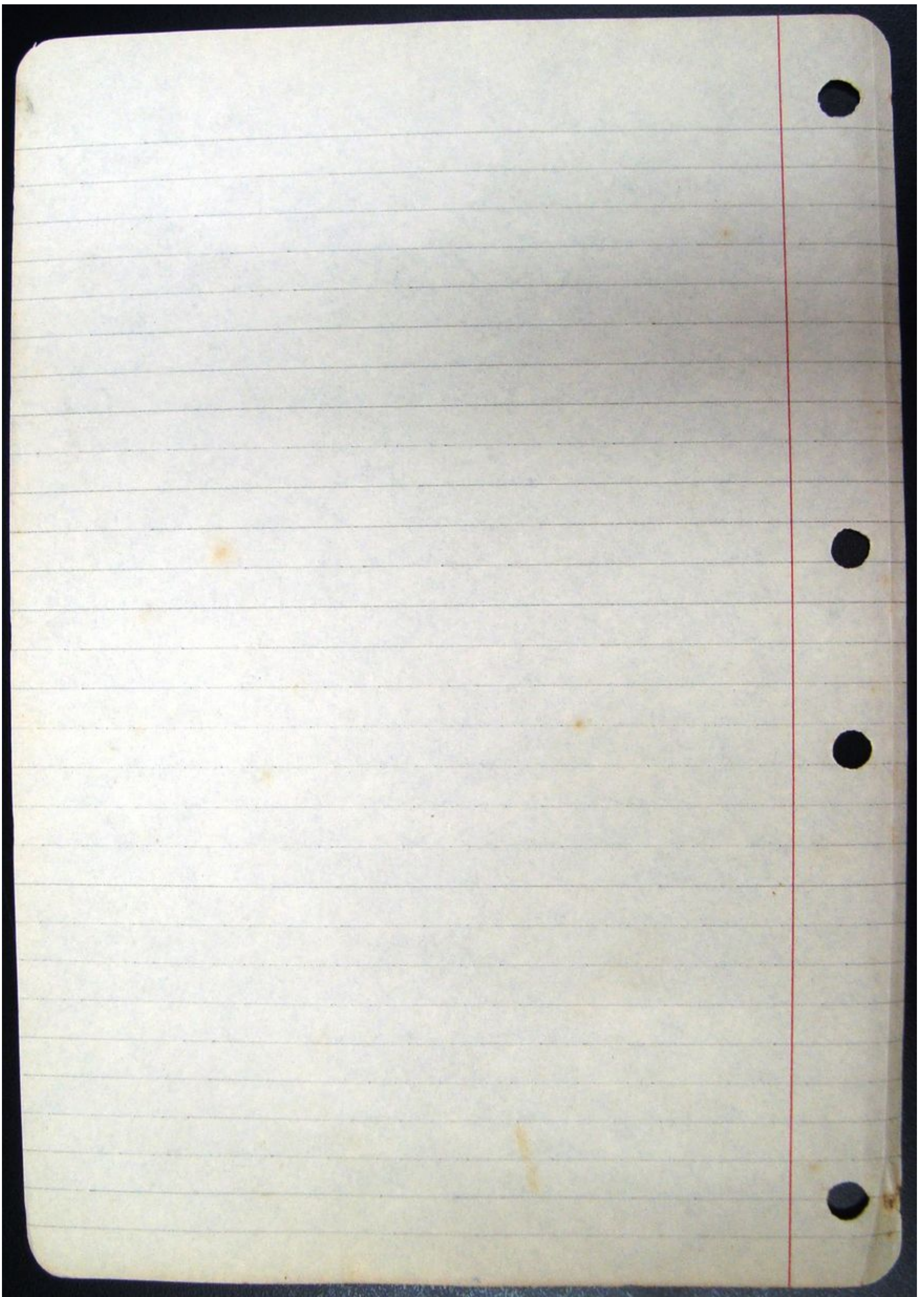
10 de abril.

O tenente mineiro casou-se com filha de fazendeiro, em Cornudá. Livre do serviço do exército pela portaria que a licença das filhas, foi descansar na fazenda. E fazenda quer dizer caçada.

Montada pronta, espiçando a timbala, dirigi o cavalo para a portaria e lancei-me pelos matos e campos sem fim de Mato Grosso. Nada se sabe de sua conjectura, até o momento em que fiz uma descoberta: estava perdido. Resolver voltar sobre os passos, isto é, os do cavalo, mas, em terras do pantanal só vagar e experimentar e que se encontra. Mais andava, mais se perdia.

Raciocínio: "Atravessarei uma portaria, se encontrar a cerca encontrarei a fazenda." Depois de algum tempo de caminhar, atravessar bosques e campos, aparecer a cerca, logo após uma portaria, velha, quebrada, em tudo diferente da outra.

☞ Sol com, a noite chegou, o cavalo espelhou de cansaço. Não só tive na espiçada para enfrentar as onças. Por quê? Não aparecer. O cruzeiro não veio a indicar. Lhe o sul, mas, que lhe adiantava o sul se seu norte era a fa-



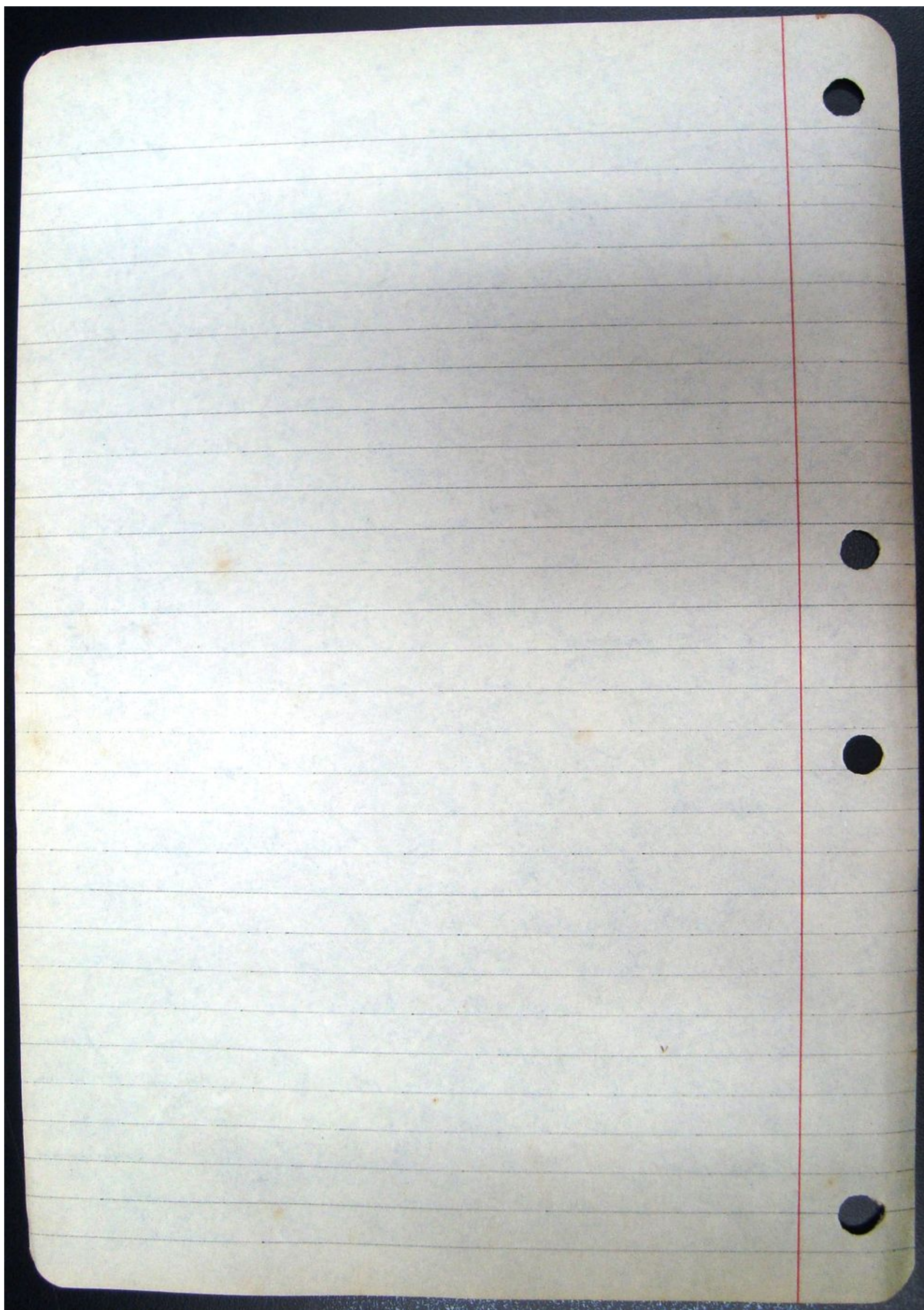
zenda e não sabia o azimute para en-
contrá-la? Nenhuma luz acesa ao
redor, sequer uma montanha para
orientá-la.

Duty de amanhecer retomou a mar-
cha. Perdeu o chapéu ao atravessar o
mato e os capatazes o encontraram.
Morreu? Tiroteio de mais de trinta armas,
para orientar o tenente. Nada ouve.
Continua a dirigir o cavalo, sempre no
sentido oposto à casa, o animal mes-
pilhando no pantanal até à barriga,
dócil, quieto, submisso, participando
até da ~~casca~~ ~~suposta~~ ~~evolução~~ do oficial.
Não fôra isso, porque não se virou para
o cavaleiro e disse:

— O senhor quer voltar para a
fazenda? Então volte as rédeas.

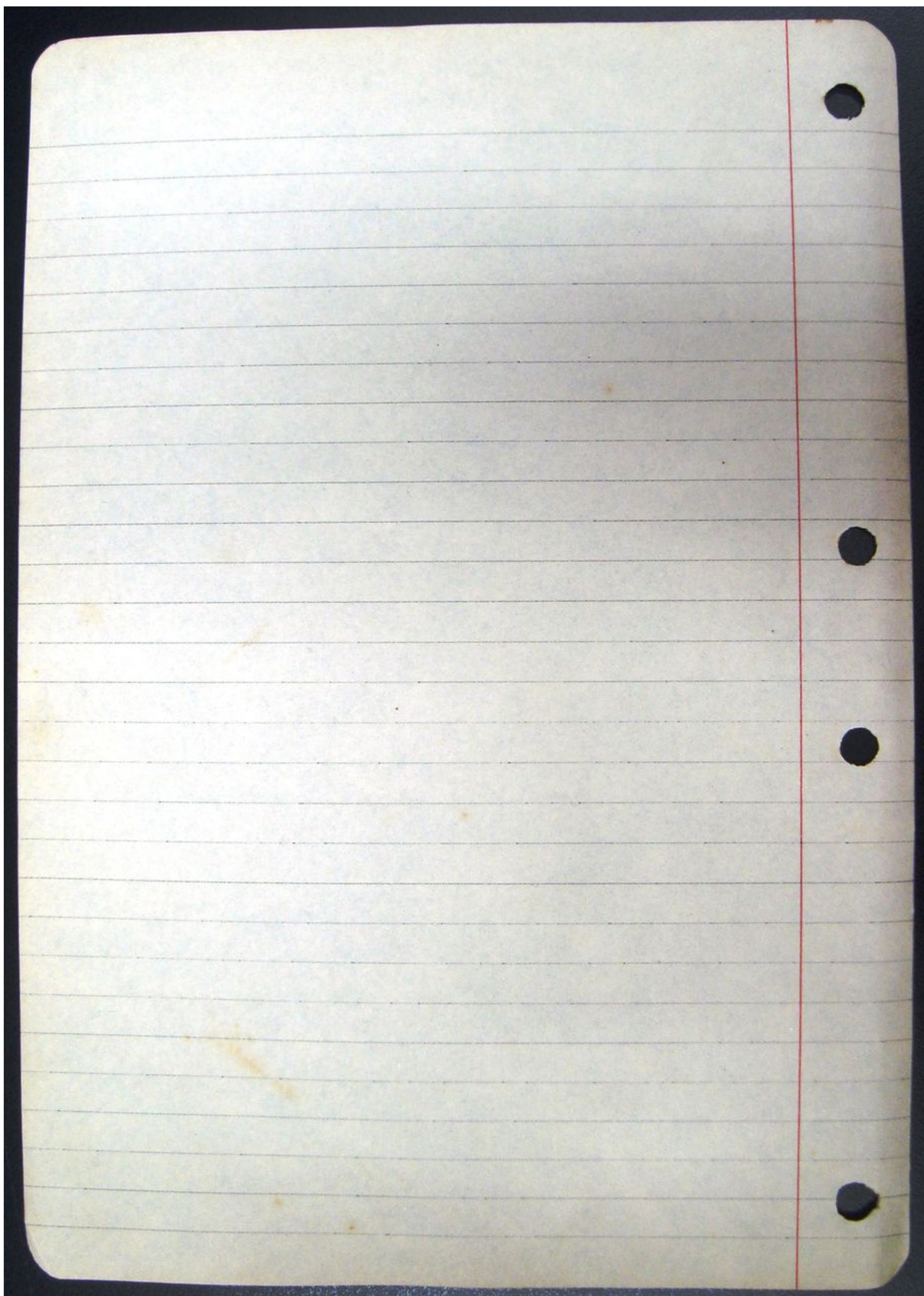
Não ocorreu ao tenente a solução
válida. Persistiu no comando. Morreu mas
não me rendo.

Então um som entrou-lhe pelos
ouvidos. Logo, logo, pararam sobre o ca-
valeiro e ele parou. Nenhum pássaro pro-
jeta sombra tão grande. Era avião mesmo.
Desceu no campo e alcançou o tenente que
chegando em casa, tomou banho, ~~almoçou~~
jantou e dormiu, exatamente como se
tivesse acabado de chegar do quartel.



— Qualquer dia vai de novo, capitão. Mas agora já sei o que deve fazer.

Não perguntem o que era.



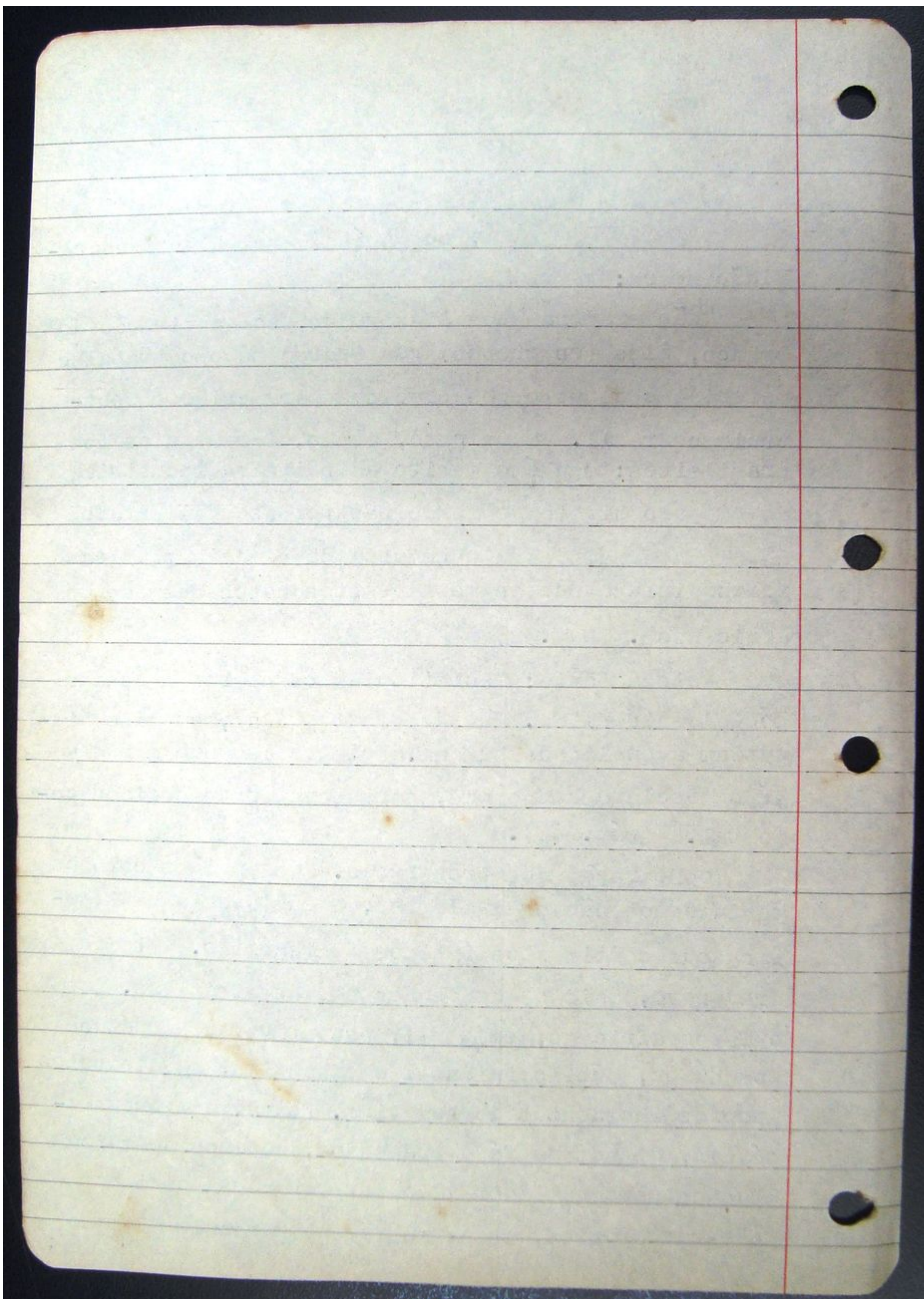
Abril, 11.

Pandá Calógera, em "Formação Histórica do Brasil", ~~de~~ capítulo relativo à escravidão negra:

"Não exagera quem disser que, sob a direção do branco, eles (os pretos) realizaram todo o trabalho material e os esforços precisos para criar e construir o Brasil. Em um caso, mesmo, foram guias dos brasileiros: seu é o mérito da primeira indústria de preparo direto do ferro nas forjas rudimentares de Minas Gerais, fruto natural da ciência prática ~~saxax~~ infusa nesses metalúrgistas natos que são os africanos". (pág. 32) (X)

Mais adiante: "Constituíam os negros a camada social mais baixa. Tão desconsideradas, que lhe discutiam a qualidade humana. Foi preciso que a Santa Sé os declarasse homens, para serem reconhecidos como tal." (pág. 40).

Final Comparação das três raças. "Os antigos colonos portugueses não eram alegres, e custavam a manifestar seus sentimentos íntimos de regozijo. O índio era grave, mais ou menos nas mesmas diretivas. Mas o fator africano, em geral, ostentava um perpétuo bom humor, júbilo infantil e expansivo, gáudio pelos menores incidentes de sua vida. Essencialmente sensíveis, dignos de fé e dedicados, capazes de serem levados para qualquer lado por bandade e carinhos e palavras brandas, os negros colaboraram de fato no

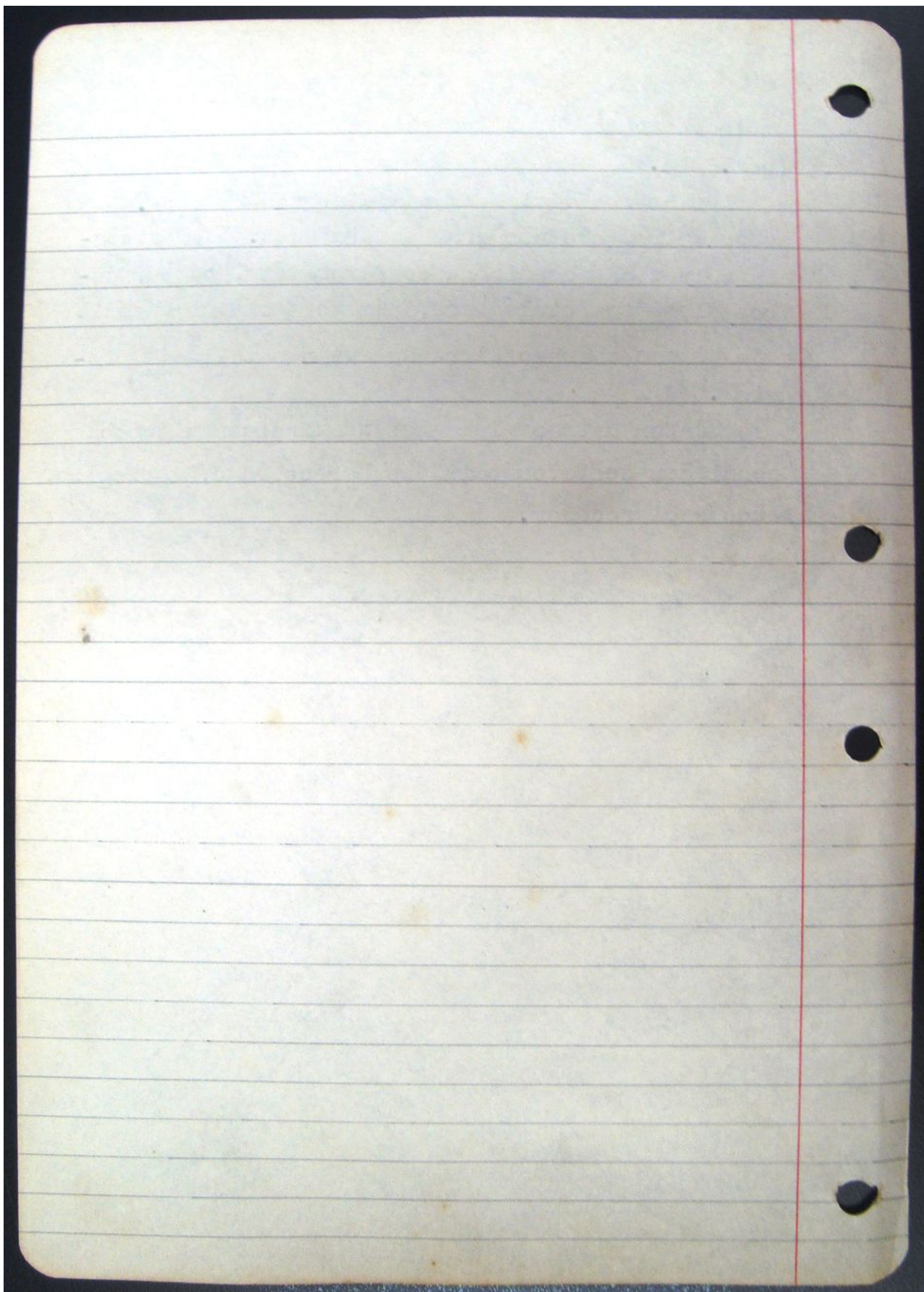


ameigamento da dureza primitiva do colono português" (pág. 41).

Os negros viviam em média apenas 25 anos. O autor afirma que ^{como regra} não eram maltratados. "Consequência talvez das condições desfavoráveis, ou por outros elementos biológicos, sua mortalidade excedia a do branco e mesmo ultrapassava a natalidade própria".

Tanto "outros elementos ^{biológicos} ~~desfavoráveis~~" como "condições desfavoráveis" me parece vago, impreciso, pouco esclarecedor.

Difícil aceitar que não fossem maltratados uma vez que ali sua qualidade humana era discutida.



Abril, 13.

Em Ladário ocorre um crime de que resulta a morte de um ladrão de canos de água.

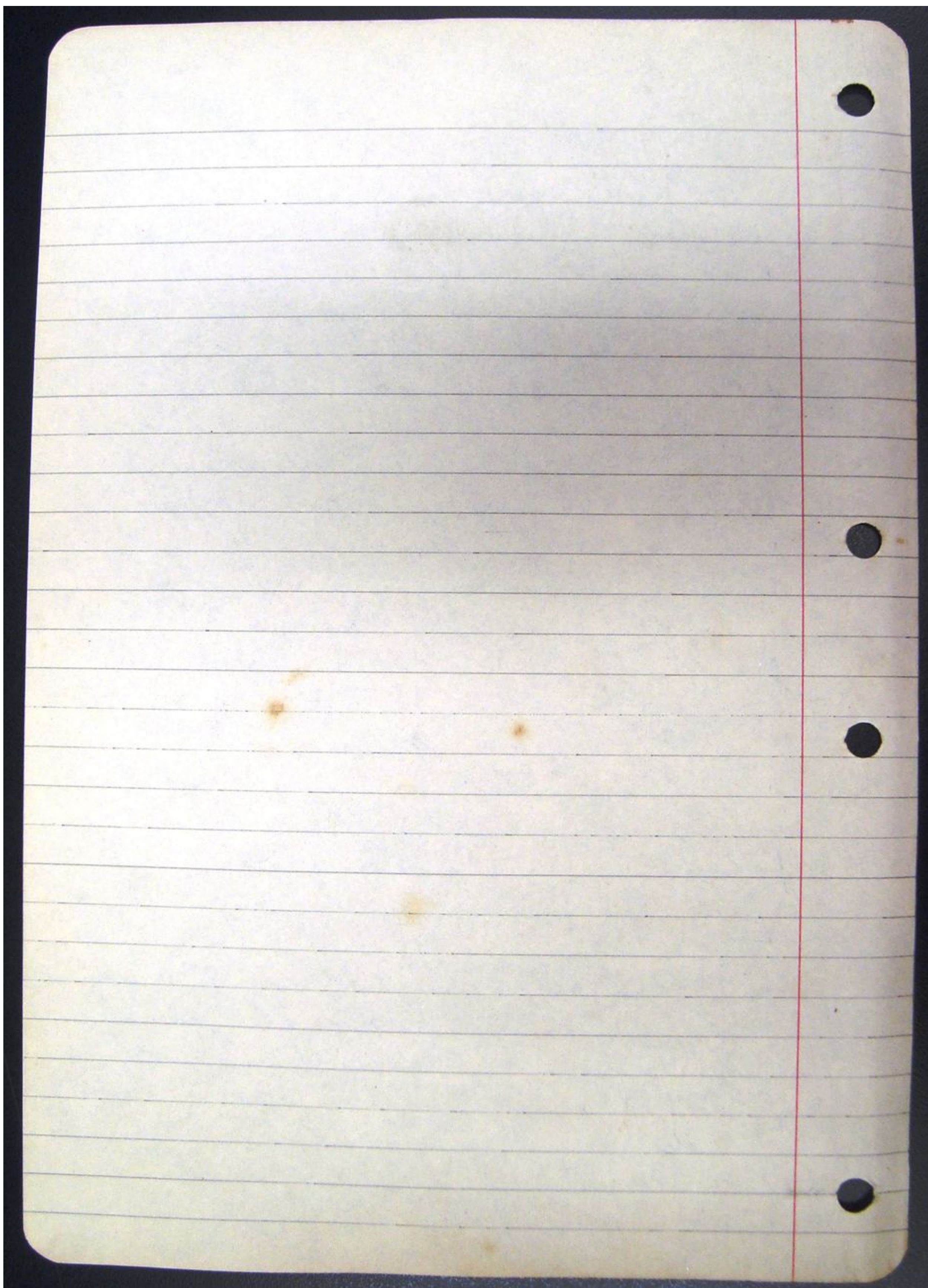
Um português verifica todos os dias o desaparecimento de canos do depósito, situado nas paletas, e recorre à polícia. Enquanto há guarda em vigia, os canos não desaparecem. Mas o português não pode despendar com o serviço e suspende a vigilância. Recomeçam os furtos.

O português volta ao delegado que lhe dá um conselho:

— Arme uma espingarda.

O português prepara tudo com um dispositivo primário e simples: ao ser retirado o cano a arma dispara e, com o estampido, viria cercando o furtivo para pegar o furtivo.

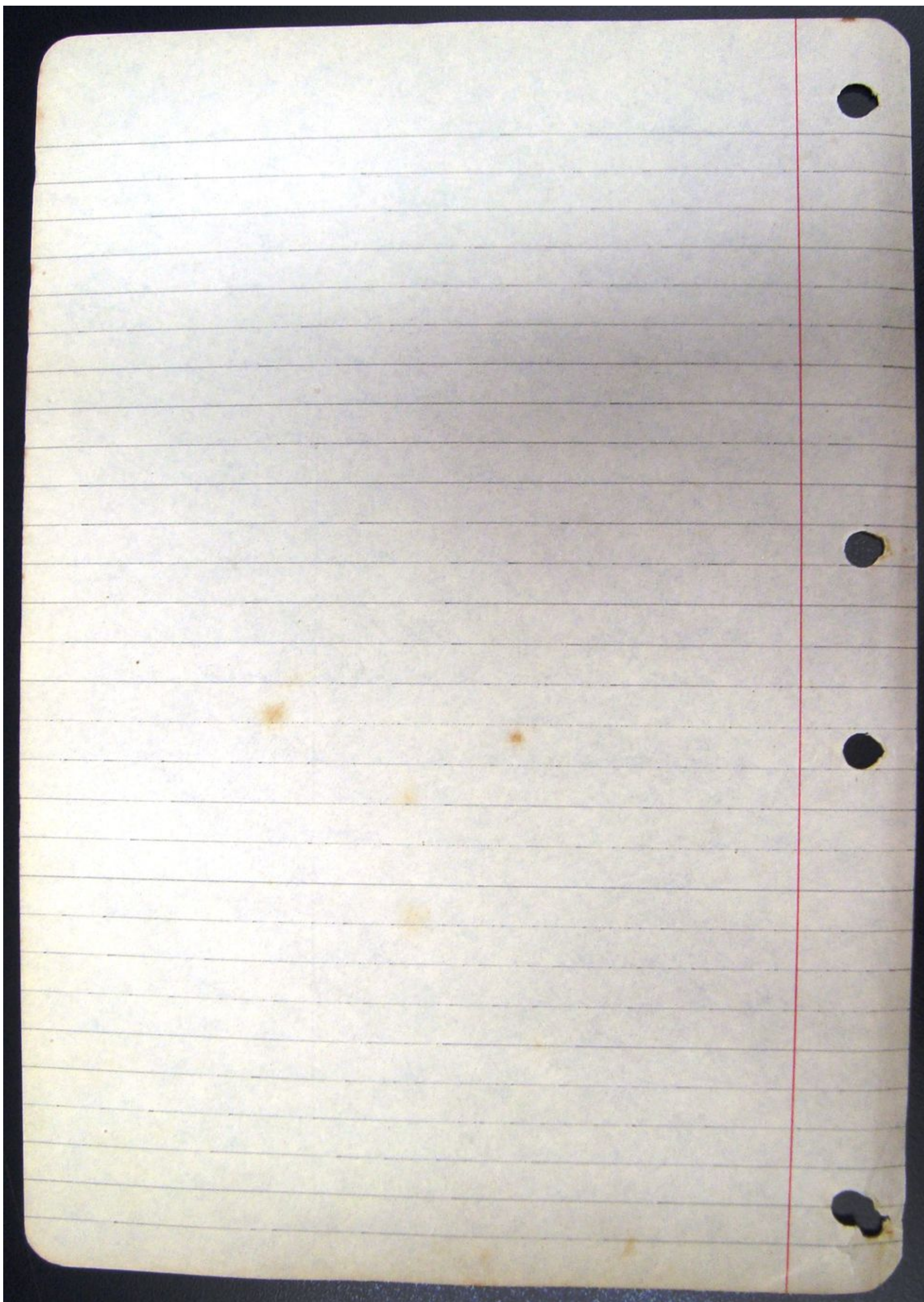
Dois dias a armadilha não funcionou. Mas no terceiro (e fatídica importância do número três) a espingarda disparou, acertando na cabeça do homem que não teve tempo de levar nada: morreu junto aos canos, sem nenhuma palavra.



Abril, 14.

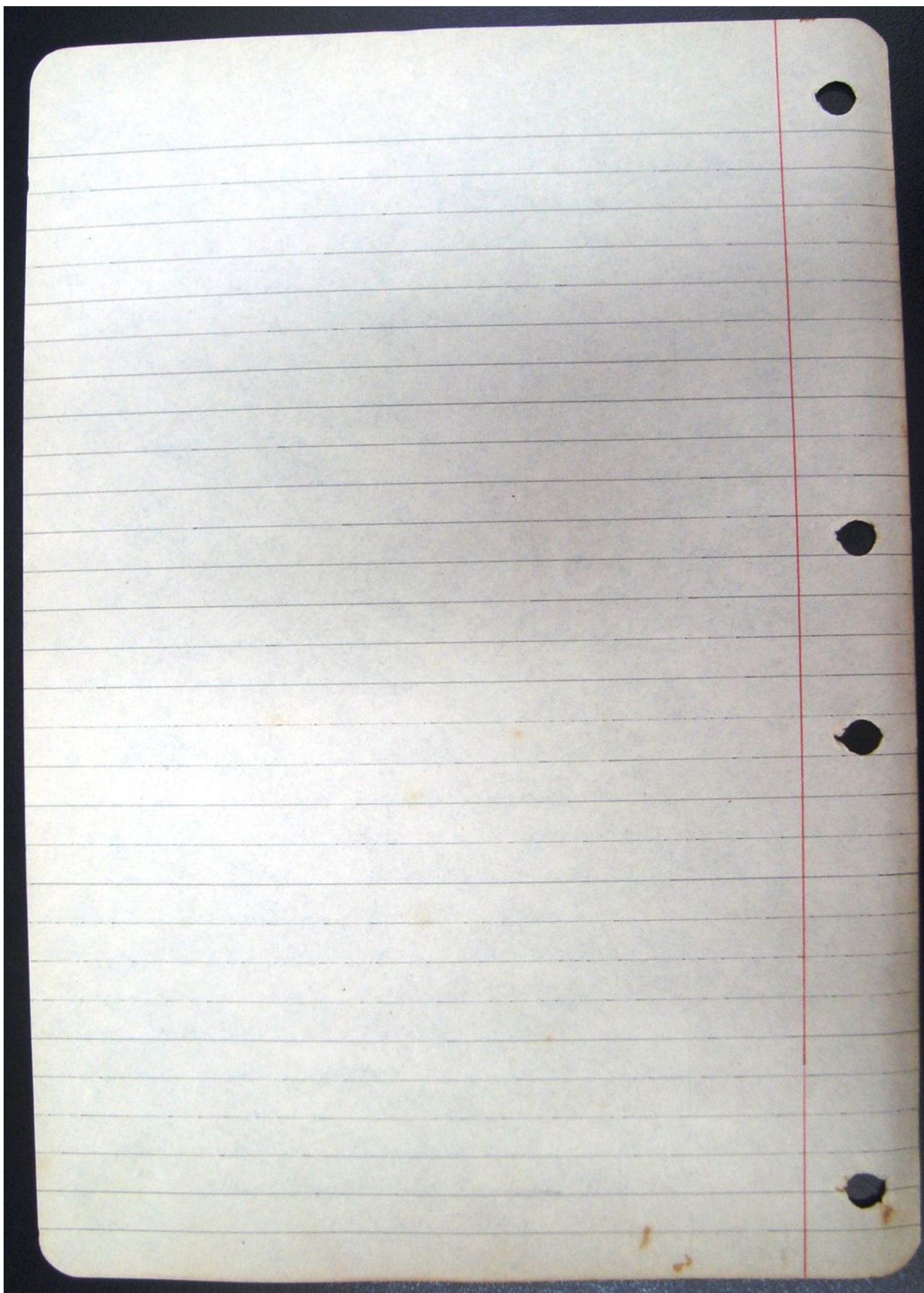
Dia movimentado com a chegada do general, de paragem para Forte Coimbra. De manhã, fexina geral no batalhão, e, tege hora, recepção no aeroporto, de tarde visita de S. Secia ao quartel, de noite despedida no cais do porto, a bordo do navio de serviços de Navapacos da Baía do Prata.

O general é de uma raça que os poucos de estingue, famoso em todo o exercito, em todo o Brasil por sua intemperança e arbitrariedade. Permi em Natal ao tempo da guerra, o regimento com efetivo completo necessitando de pulso de ferro para controlar. Quando lá cheguei havia uma prova de sua paragem: o parilha do rancho fora integralmente transformado em xadões e os soldados comiam ~~em~~ maninitas, de pe, em banacas improvisadas aos fundos do quartel. Sua fama transformou-se em legenda e hoje temos dificuldade em separar a verdade da imaginação. Ainda em Natal ouvi várias histórias e duas me ficaram na lembrança.



Naquê tempo de anti-guerra o regimento e a cidade sofriam a atração do desespero de mais de mil homens com os nervos prontos a espedir pelas menores razões. Certo noite um cabo seplubia do bunde e motorneiro e se encamper de conduzir o veículo. Tíal a fora, em di-reção ao quartel, sob a aprovação dos pára-peros, todos soldados sugertos aos mesmos sentimentos de páris e revolta. Ao ter conhecimento do fato, o general (intão coronel) athena-sei como na linha, há todos os homens em forma e os conduz ao quartel ao xadê.

De outra feita o regimento sai para uma marcha de treinamento. No repens, a dois quilômetros do quartel a tropa cansada nada mais despendo senão chegar e livrar-se da mochila, um-no teque de "alto", em seguida, o de rancho. A poeira, o calor, os músculos doloridos, ninguém ~~se~~ pensava em parar naquela hora da tarde. Mas foram arpanizados as filas e, aos poucos, a ~~uma~~ canção trecom-se pela fome. Quando estava tudo

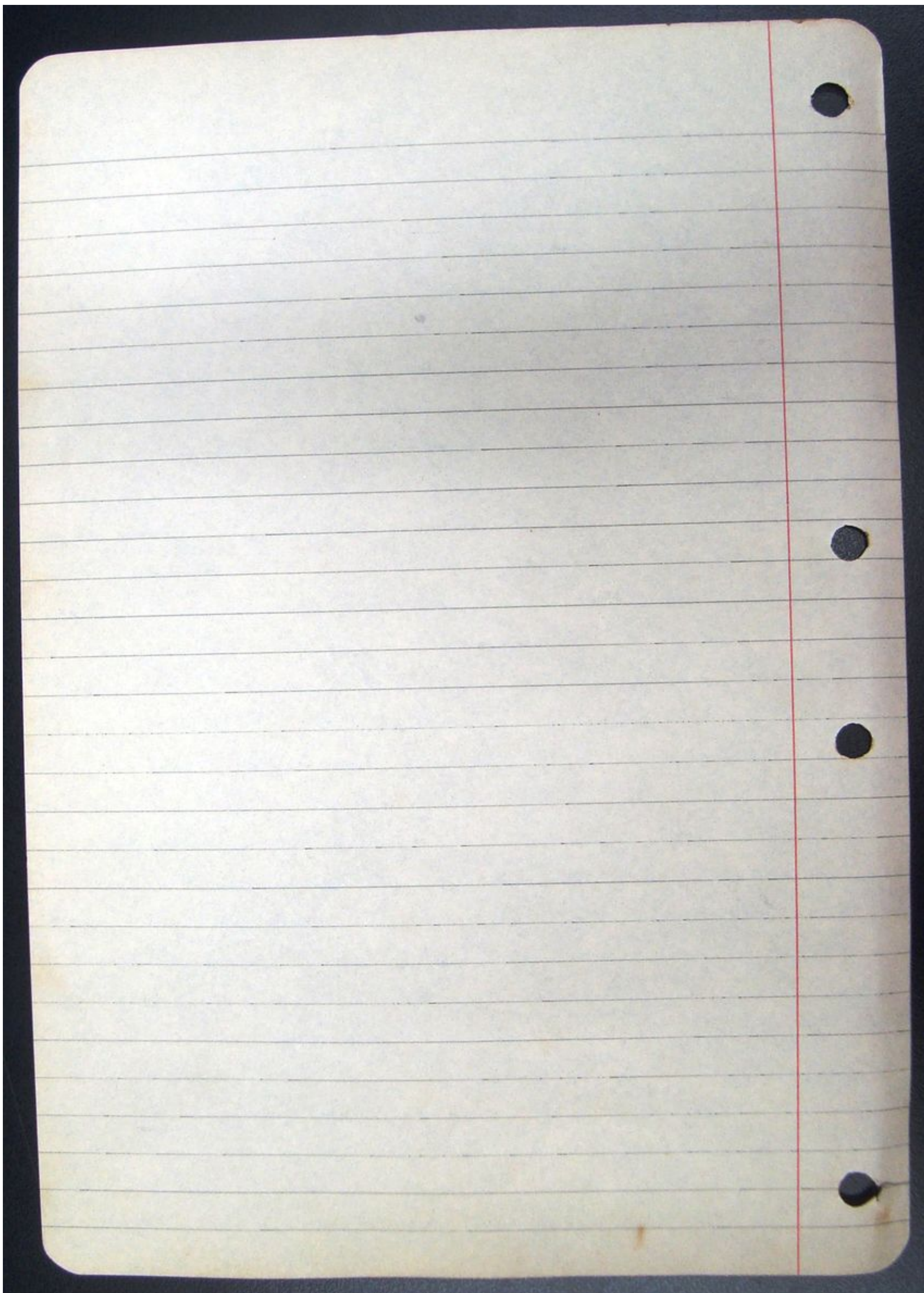


pronto camburões à margem da estrada, soldados rancheiros com a colher pronta a servir a arroz, feijão, a carne, o general (então coronel) sinapizar um incidente singular.

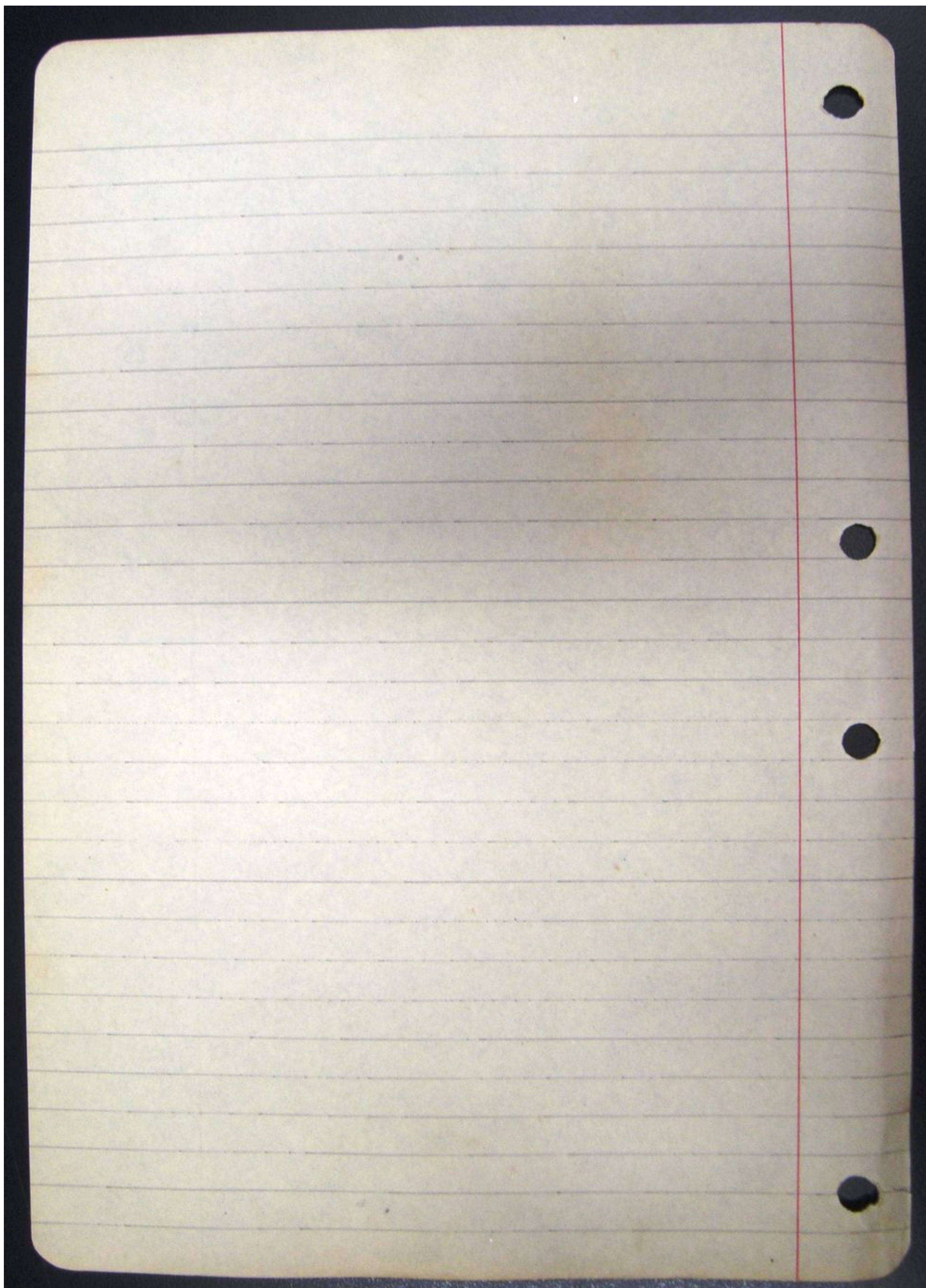
— Viem os camburões de com-
da. O aríacas acaba de nos desco-
ber e bombardeou a loja.

Foi este homem que visitou o quartel hoje, em um comando para recebê-lo. Nada em seu porte, no rosto, q. denunciar-lhe o temperamento. Um general como centenas de outros. Sorriso, espírito vivo, accompanhei-o por todas as dependências. Espírito de minúcia, olha todos os detalhes: uma toalha escondida atrás do armário, teias de aranha no banheiro da praça. Desejou ver os aspirantes e a dis. falar com brandura, e preciso cortar o cabelo, muito mais hipocrisia. rapa-lo até às me-lhas.

O homem surpreendeu-me. Nada mais existe nele do que foi, a não ser a exigência de coisas, cer-tas, direito que lhe assiste.



Sei não perdôo ao general uma coisa. Ignorava que Coimbra não seja unidade de Fronteira, isto é, não tenha as vantagens dessas unidades. Quando eu fui de Fora ao general, havia-me surpreendido com outra ignorância, fruto da convivência única com o exército do asfalto — o exército do Rio de Janeiro. Não se lembrava esse general que ainda existiam estruturas, baseadas a base no exército bonileiro. Em sua ingenuidade, imaginava toda a tropa transportada a motor e certamente calcularia a distância para uma operação a 30 Km por hora, em vez de 4 Km a pé.



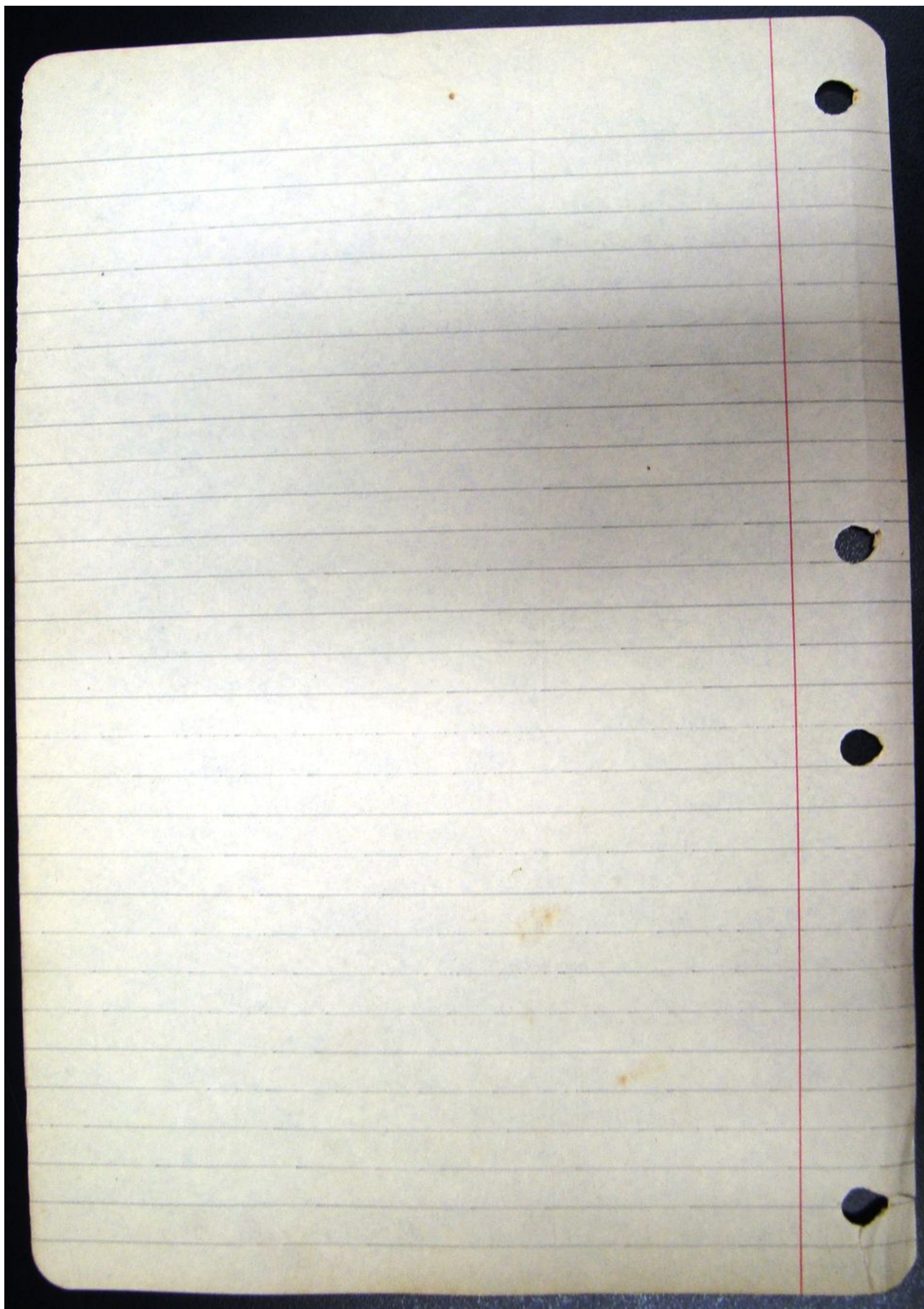
Abail, 15.

A estação de passageiros da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil funciona provisoriamente num grande armazém de carga. Cheguei aí às 5 e meia para uma viagem a Porto Esperança, vila onde o T.F.B.C. mantém um destacamento de guarda e vigilância à ponte Barão do Rio Branco.

Um boliviano, funcionário da Estrada de Ferro Brasil-Bolívia, que se inicia também num armazém, veio dizer que o auto de linha estava pronto para partir e ~~embarkamos~~, um vapor, outro capitão, um sargento e eu, para inspecção ao destacamento e estudo de novas medidas de caráter militar. No carro, outro boliviano, mecânico da mesma ferrovia.

Porto em movimento, parecia estar no interior de uma barca, tal o balanço do carro. É também o formato e a estrutura. Quadrado, quatro poltronas ao fundo e duas à frente separadas pela caixa do motor, vidracas à volta, quatro em cada face, pintadas de verde por fora, o interior cinzento e amarelo.

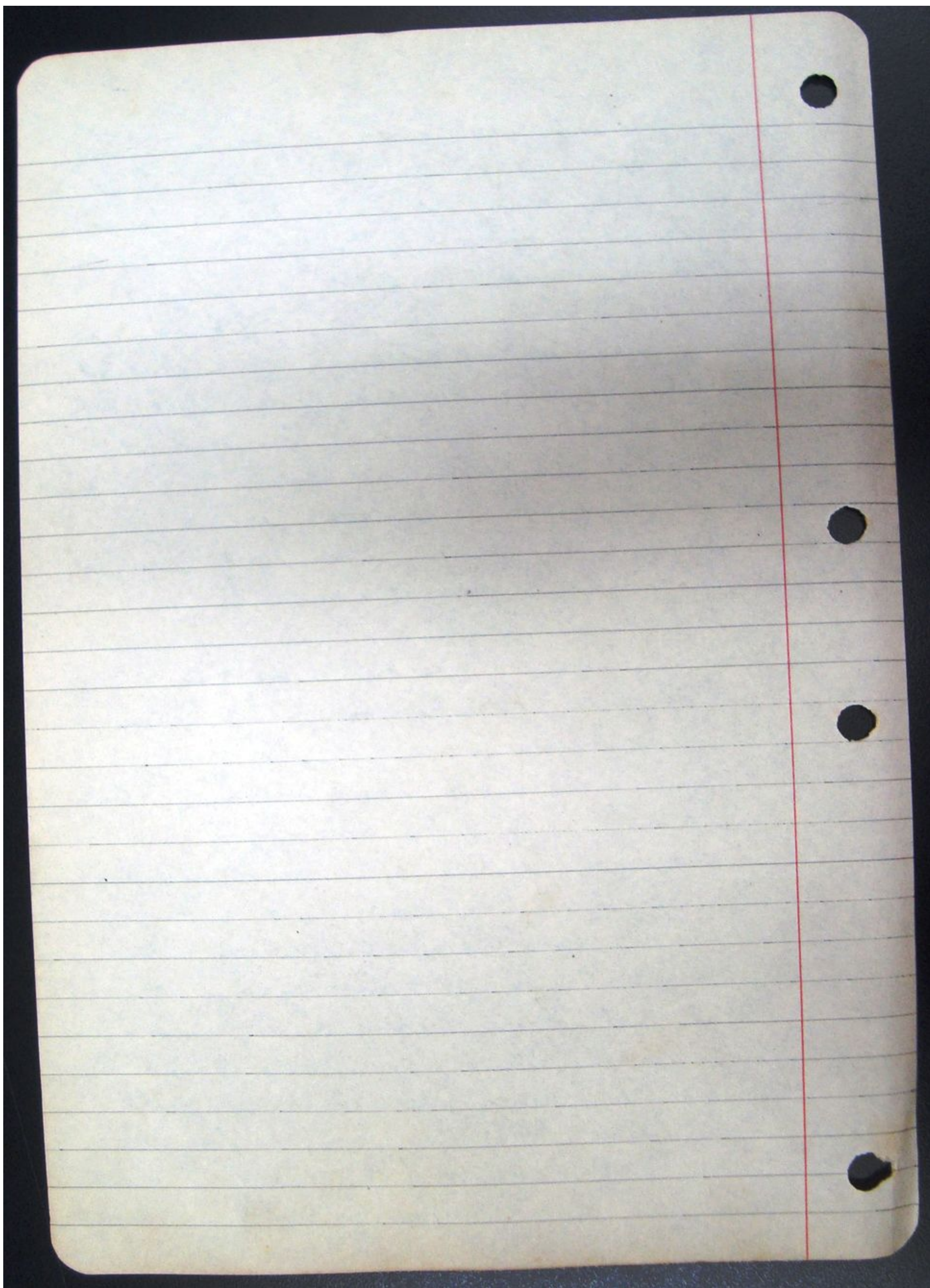
Alt. Umanu, 45 minutos para 18 km de percurso. O auto Bitola estreita, trilhos



irregulares provocando solavancos, dormentes à flor da terra, ora enterrados, ora em leito de cascalhos, taludes verticais, alertos na rocha pura. Em Umuçum, duas horas de espera que a linha fosse desimpedida. Depois, o funcionário da estrada, duas galinhas, quatro pintos de dias, um de mês, dois cachorros. Com o amanhecer abriu-se um "trem de lastro" - destinado à conservação da ferrovia e que permanece em serviço por três meses - e o cozinheiro nos ofereceu café em canecos esmalçados.

Para o trem de parafusos e roscas nos trilhos. Aos poucos ficam para trás as elevações da Serra do Umuçum - onde existem as fajidas de manjarão - e fantasmagórico o pantanal, com regiões inundadas, outras secas, espraiando-se sem limite de um lado e outro do aterro onde corre a ferrovia. Retos enormes (pela quilometragem constatai uma de 10 Km), de vez em quando surge pequena estaca com um grupo de casas do pessoal da Estrada, gado espalhado pelos campos, uma onça.

— Fazendeiro nat deixo matar onça que come cobra e rouba o gado -

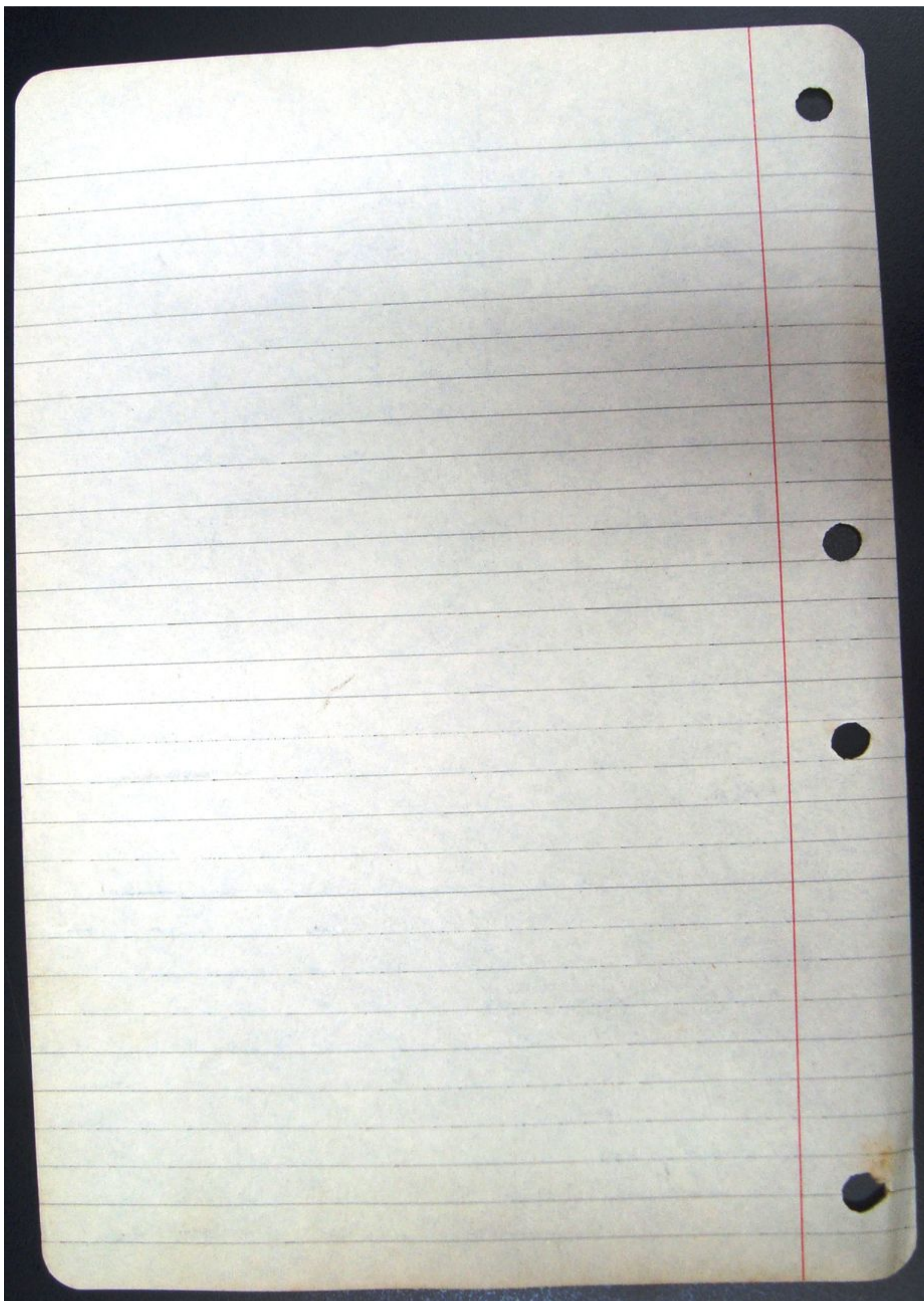


explica o sargento.

A estrada fica pior e o saedepo aumenta. Mais de duas horas para percorrer os sessenta quilômetros que nos separam de Porto Esperança. (1) Os dormentes, assentados sobre ~~o~~ ^{os} ~~estros~~ ^{estros} frouxos e desbarançados pelas chuvas, nos oferecem muita segurança. (2) Os trilhos apresentam secos tão irregulares, que se percebem à distância. Mas o estro se impõe pelas cheias periódicas que cobrem os campos a mais de metro.

Aparece a ponte por detrás de um bosque ralo, como em toda a região. Impressionante em sua grandeza, estende-se por 2009 metros, ~~de cima~~ altura máxima de 20 metros acima do nível do rio Parapuarí. "Ponte Barão do Rio Branco", ~~escrito em um~~ ^{escrito em um} ~~alho~~ ^{alho} dez anos (1940-1950) para construí-la, em cimento armado, linha simples, cinco arcos grandiosos para abarcar o rio.

A vila fica na margem esquerda, a 2 km da ponte, e já tem ~~uma~~ importância. Antes da construção da estrada de ferro. Era o porto principal de ~~recebimento~~ ^{recebimento} da produção do ^{Porto de} São do de Mato Grosso para o ~~Atlântico~~ ^{Atlântico} que



para aí convergiam a fim de baldear para o trem. Um hotel de madeira grande, abandonado, relembra a plôria parada da Uila. Hoje o movimento do porto reduziu-se ao mato de Ponta-Pora que se encoa para um país Argentina.

A lancha que nos traz ao destacamento para as longas das margens do rio, onde casabre, se enfileirava. Os habitantes exercem duas profissões: quando há navios, estivadores; na falta destes, pescadores, que o rio dá muito paci, derrade, pintado.

— Quando vem a enchente ils fazem girar dentro de casa para não dormirem na água.

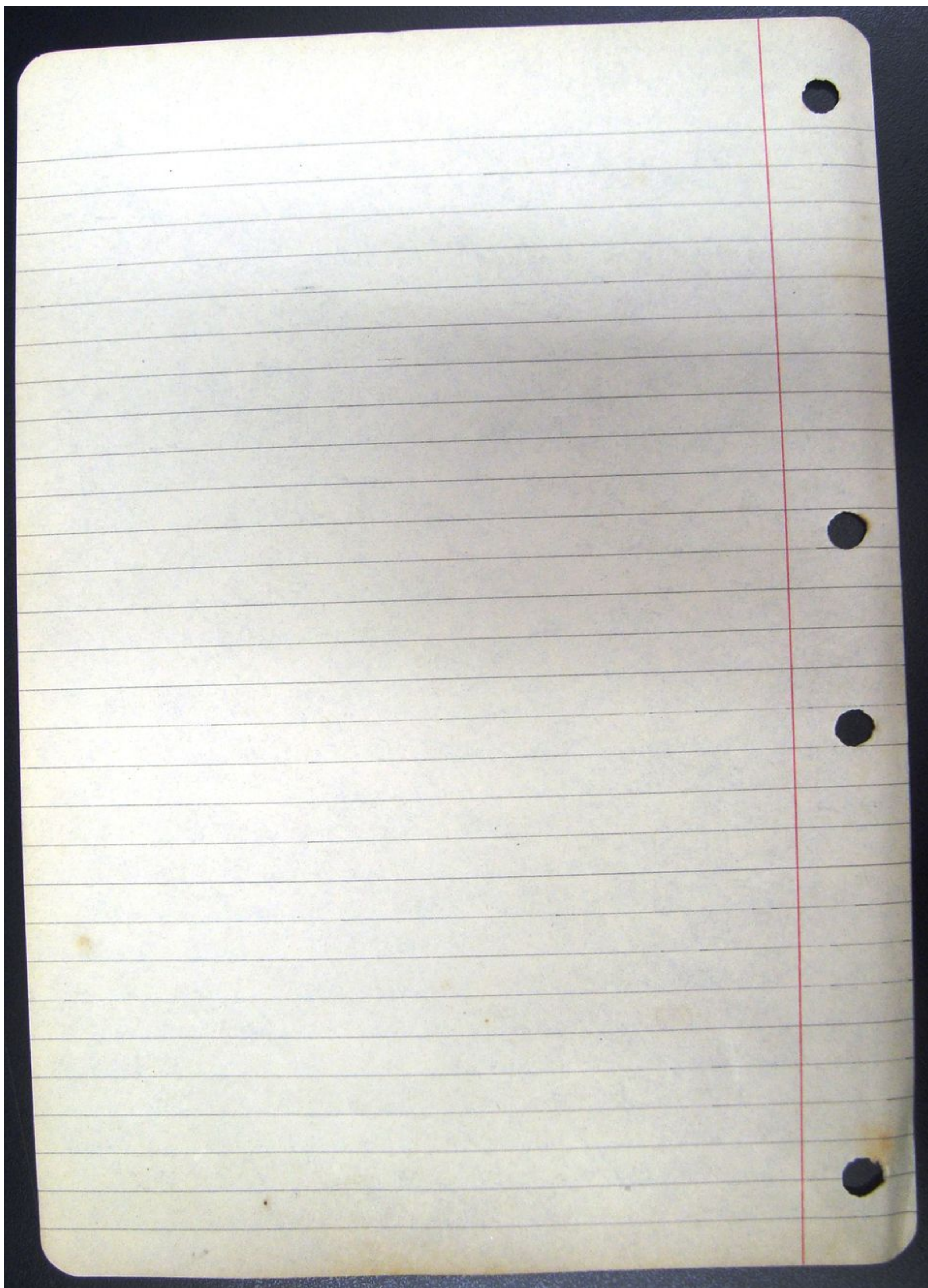
— Por que não constroem as casas de ansoalho suspenso?

— Finto pobre, capitão. Se a cheia é muito grande, ils vão tentar a vida noutro lugar.

No estremo da vila uma torre de petroleo.

— De americanos. Quando iam comecar a perfurar, o governo proibiu.

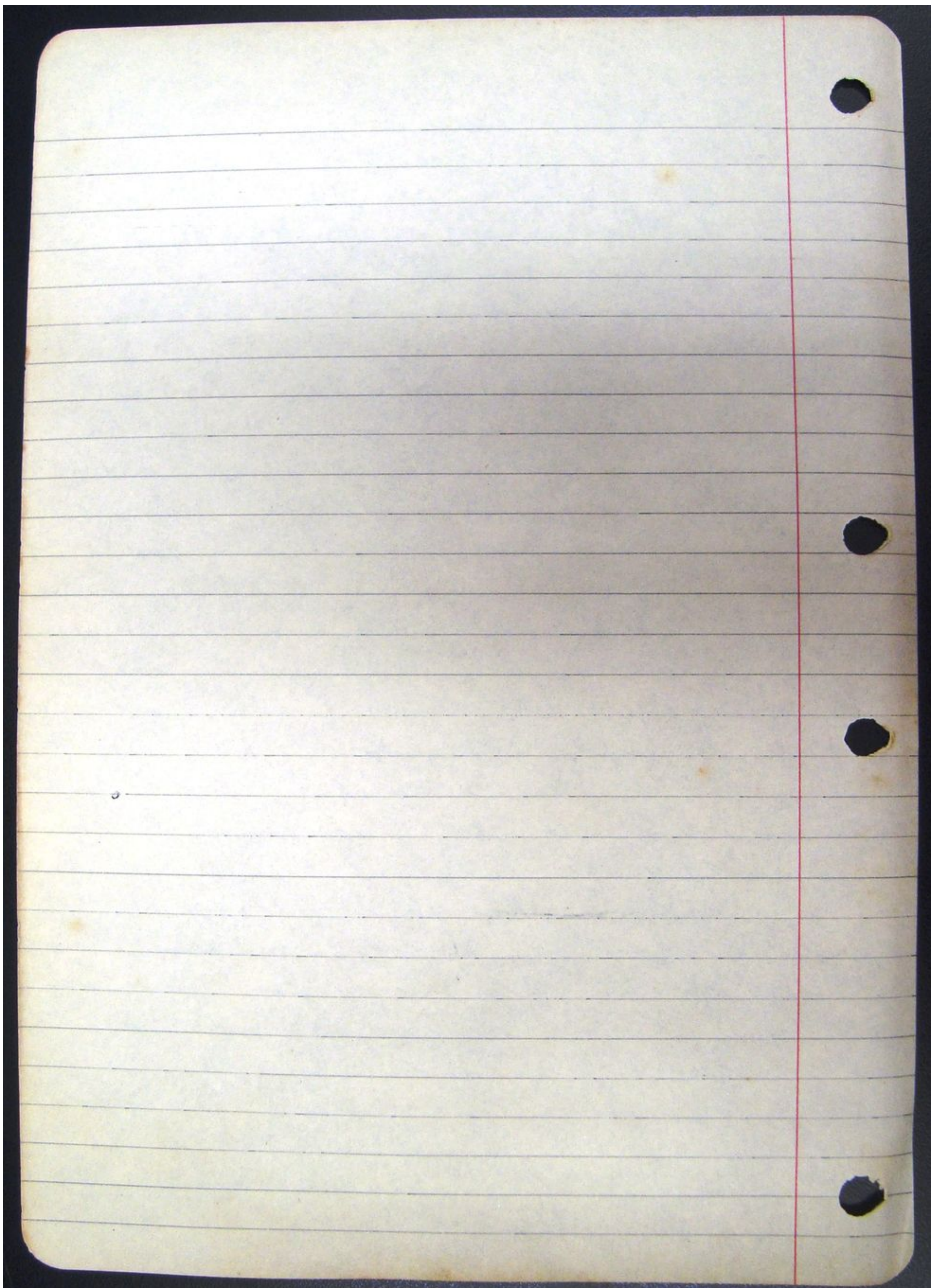
Deixaram tudo: torre, carros, motos, peças, ovullos. Um depósito,

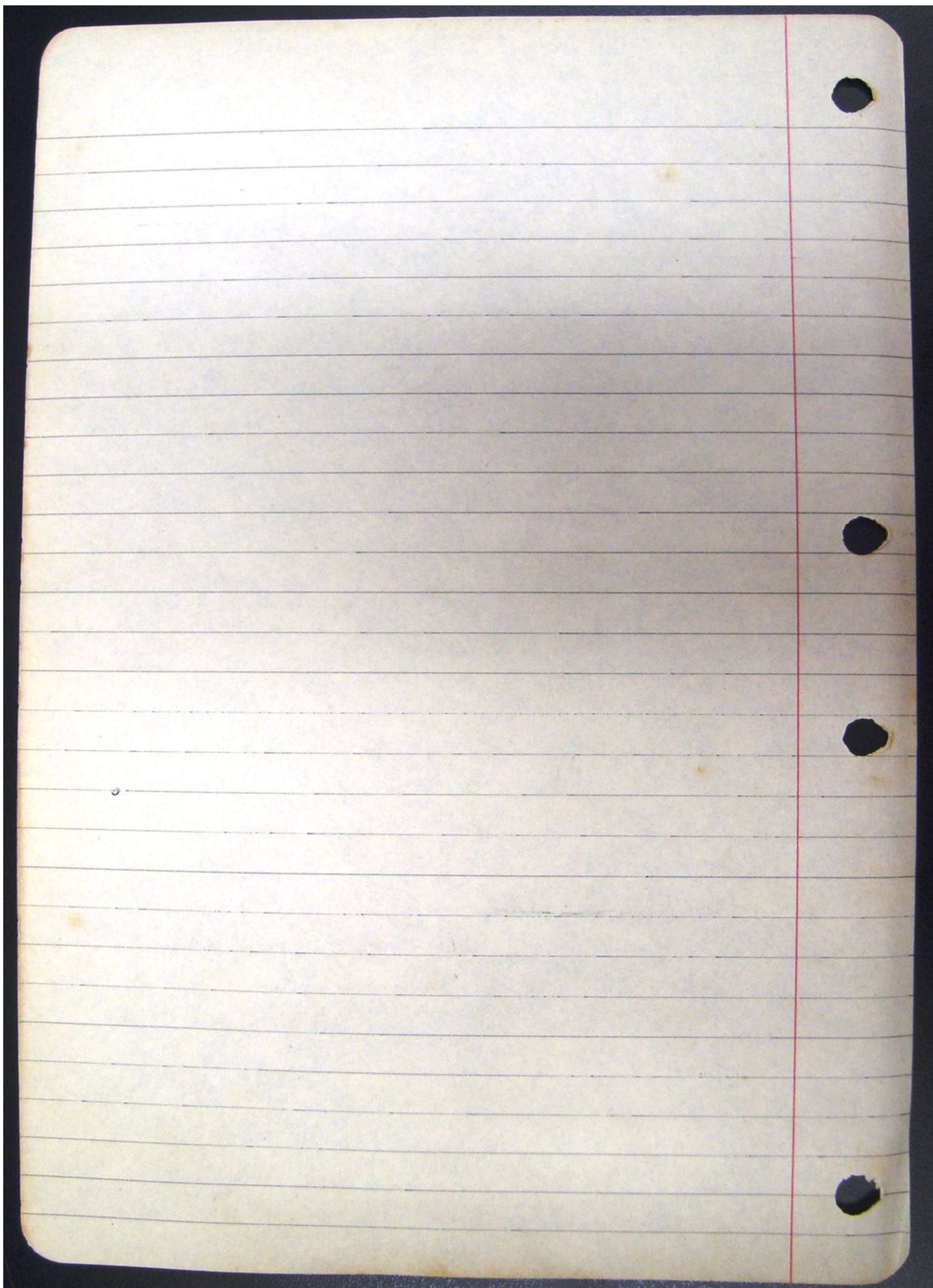


já destilhado, guarda quantidade de
de peças, enfermando.

— Há um resfriado. Mas
o senhor sabe, de noite. Cada
qual leva sua telha, um pedaço
de cano, madeira para o barão.

Vinto ao Districamento Federal,
placa de madeira com a Barma da
República, "17: BC" em amarelo sobre
verde, coisa oferecida ao sericito
pela Noroeste. Uma escada de
dez degraus (a chuva atinge o terceiro
e os moradores usam canoa) conduz
à varanda. Três portas. À direita,
um quarto pequeno, mora o sar-
pento rádio-telegrafista com mulher
e dois filhos; à esquerda, outra peça
idêntica abriga o sarpento do distri-
camento, casado, uma filha. A porta
central ~~conduz~~ leva à sala de pan-
tar — as que poderia ser uma sala
de jantar. Guardas-roupa, improvisam
uma parede escondendo a estação
de rádio, ^{a caixa de outro rádio-quadro} e pequeno depósito; na
parte maior, as camas ^{duplas} dos soldados
e a mesa de refeições. Ao fundo,
cozinha e instalações sanitárias,
comuns a todos.





— Servi aqui da' ponto para
promocão, e' a vantagem, capitão.
E recebe mais 5% do que no Rio
— diz o sargento rindo.

Pergunto a um soldado:

— Há quanto tempo você está
aqui?

— Dois anos e três meses.

— Você vai dar baixa em junho.
Que vai fazer depois?

— Trabalhar.

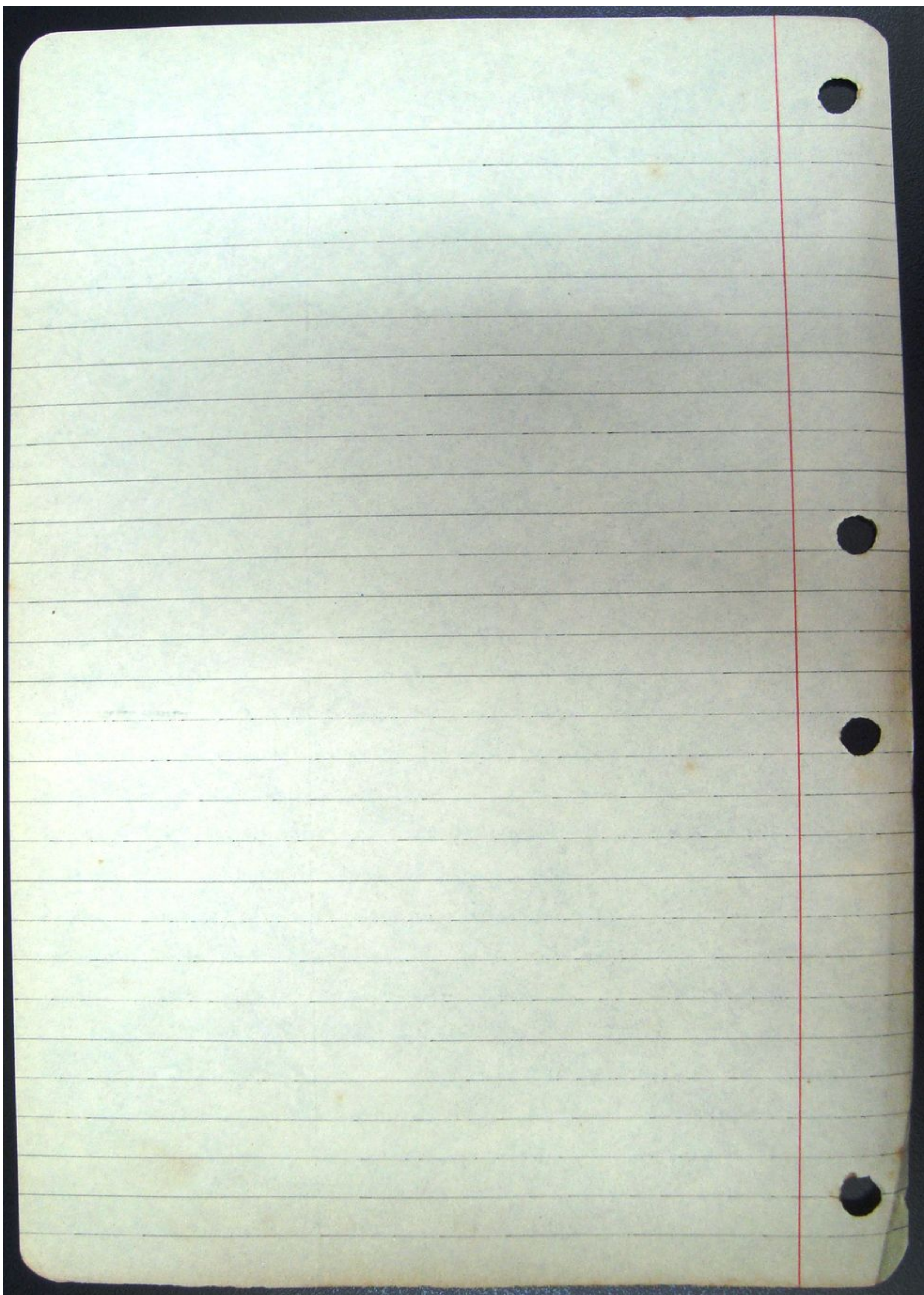
— Trabalhar em quê?

— Qualquer coisa.

Sem profissões definidas, dois
anos limpando armamentos, campean-
do e descampeando trem ~~ou~~ a
chalança de Forte Coimbra, que será
de um homem? Enquanto no exército,
faziam curso desarmachados e enfa-
dos (cerca de três mil enfechos) mas
não têm direito à alimentação. Enfe-
çam metade do que recebem a uma
mulher que dá conta.

— De começo a gente se
revezava na cozinha. Mas dava
muita confusão, mas têm feito outro
mas...

Depois do almoço no Restaurante,

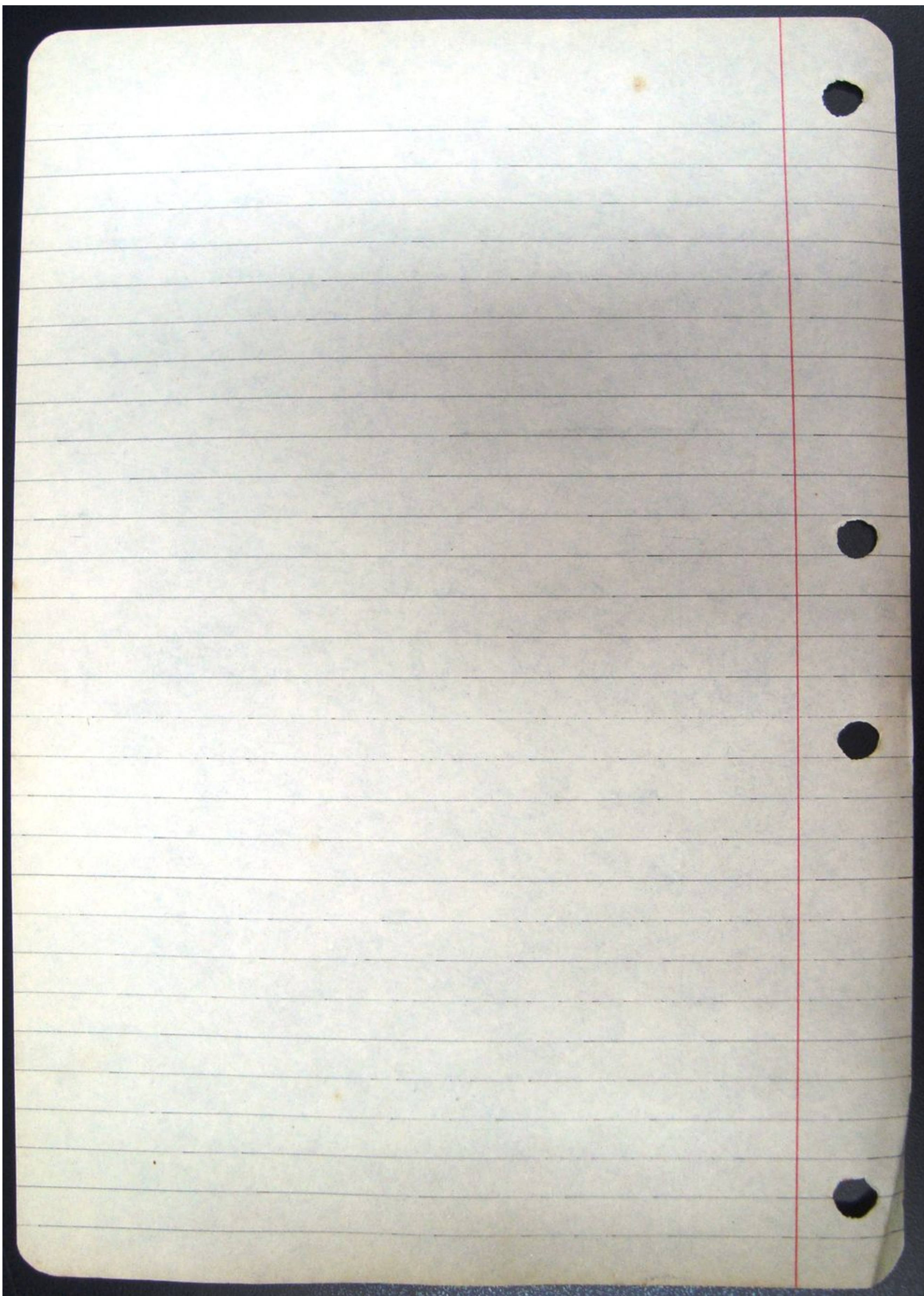


onde os bolivianos também chegaram,
repente, às 14 horas. O carro de linha
à espera no ramal de Porto Espinosa,
avancamos caminho para pegar
a linha principal, atravessamos o
pontão e o caminho, sacudindo mais
que na vinda pela prensa de todos,
vencemos os 80 Km em 2 e meia horas.
~~A kilometragem~~ Os marcos quilométricos
estavam a passar, 1277, 1278,
e precisamente às 17.30 estávamos em
1348 Km de Buenos - origem da nume-
ração - e chegamos a Corumbá.

Pó na volta e que cheguei num
detalhe interessante. Em certo momento
^{motorista} os bolivianos peticionaram com ambas as
mãos e procurei o volante que devia
estar abandonado. Não havia. E para
que, se os trilhos dão o sentido da
marcha?

$$\begin{array}{r} 348 \\ 277 \\ \hline 71 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 530 \\ 270 \\ \hline 8 \end{array}$$



Abil, 17.

Cartolina branca dobrada, CONVITE
em verde na capa. Abil. Doi textos,
ambos em azul. O da esquerda:

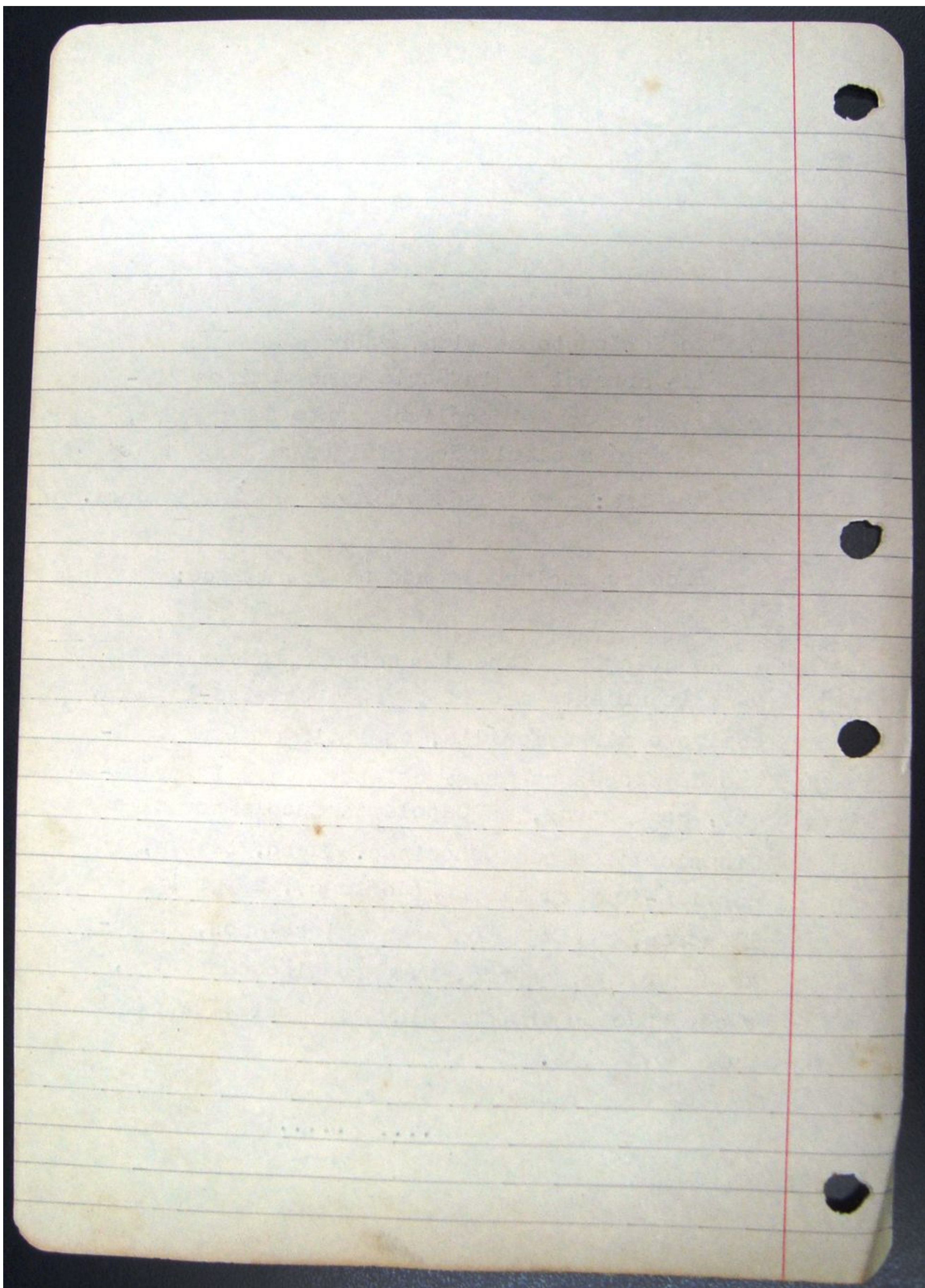
"No horizonte da vida, entre a suavidade
do arrebol da infância e os matizes diá-
fanos do melancólico poente da velhice,
está a claridade refulgente do pleno
dia: a mocidade vibrante e idealizadora."

Procuro esclarecimento na outra face:

Ao atingir a fase da mocidade, envolvida
na mais ardente alegria, venho convidá-lo para,
comigo e minha família, assistir à Missa em A-
ção de Graças que será celebrada dia 19 (sába-
do), às 6 horas, na Capela da Escola Normal e
Ginásio Imaculada Conceição. Quero, também,
convidá-lo para dia 20 (domingo), a partir das
11 horas, festejar os meus quinze/anos, na Fa-
zenda Urucum, quando, numa reunião campestre,
recordando os anos da minha infância, entrarei
numa nova vida.

Com os agradecimentos da

M.... A.....



18 de Abril.

A lista telefônica de Curitiba é impar. Talvez seja a única do mundo em que os telefones, além das entradas normais (pelo nome, endereço, profissão), aparecem também na ordem numérica crescente. "Se souber o número do telefone, procure na secção numérica continuada" — eis aqui o catálogo. Para quê? O raciocínio normal de quem procura um livro dessa espécie seria sempre: "Qual será o telefone de fulano; mas me lembro do sobrenome mas sei que mora em tal lugar; sei que é proprietário de um bar, etc, etc". — A ~~lista numérica~~ relação numérica vem ampliar as perguntas num sentido desconcertante. A pessoa, naturalmente, pensará:

— Quero falar com o telefone 331. A quem pertencera? — Temo, pois, a valorização do aparelho em detrimento da pessoa.

Ou então:

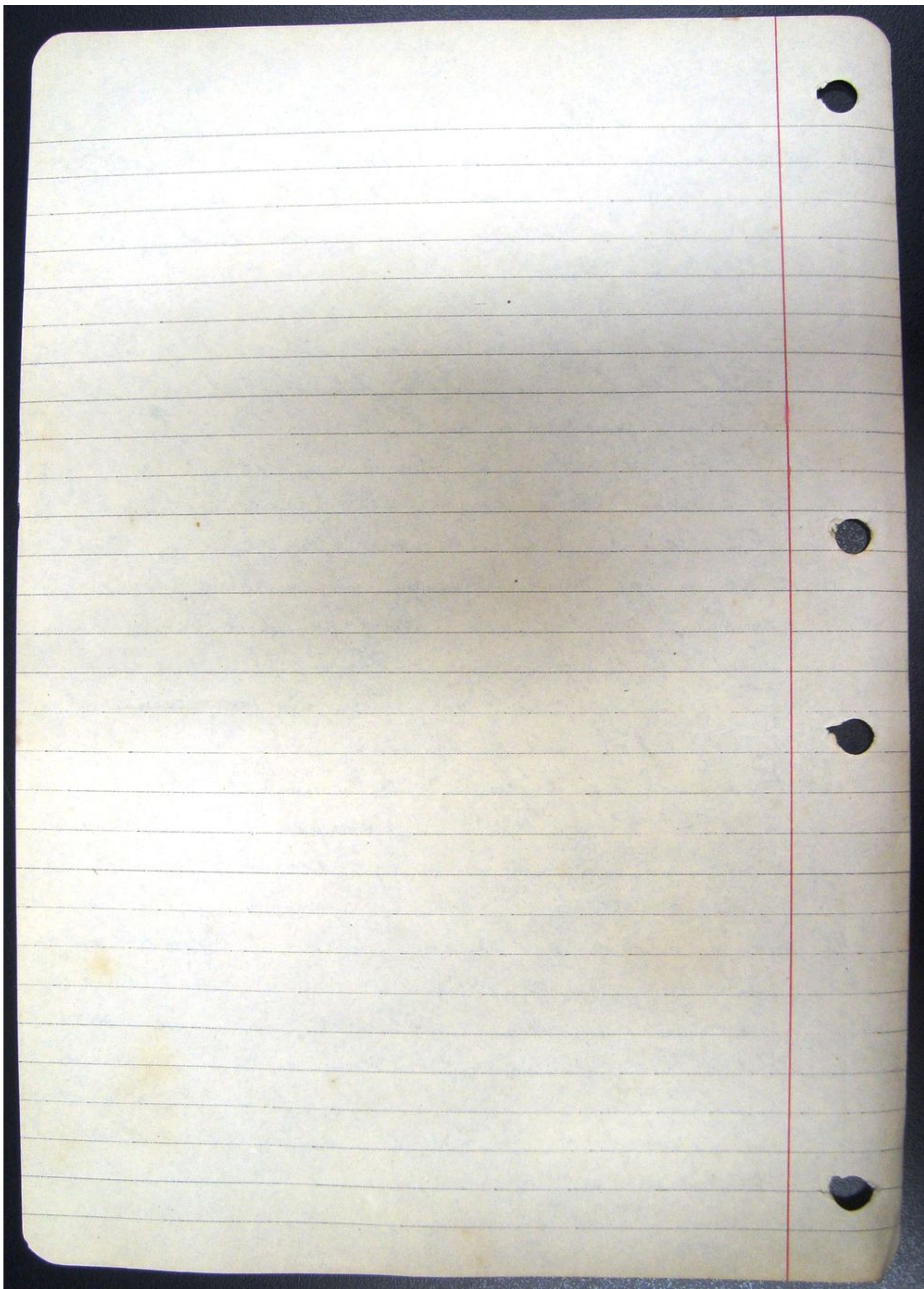
— Preciso uma ligação com o Banco do Brasil. Será 315? — Vai à lista continuada e não é. Por tentativas, acabará descobrindo.

O distrito foi criado em 1838, elevado à cati-
goria de cidade em 1878

A lista numérica continuada dá uma informação precisa: em Curitiba existem 464 assimantes. (Informação que, como se vê, pode ser dada em 5 palavras).

Mas, o resto são qualidades, na Lista Telefônica Classificada de Curitiba. É um guia da cidade, útil a todos. Registra horários de bancos, repartições, movimento de trens e até preços de passagem; transcreve leis do trânsito, exigências para exame de habilitação à carteira de motorista, multas de trânsito e - parte mais importante - um roteiro para monografia sobre o município de Curitiba.

Por aí se aprende muita coisa. População da cidade, estimativa de 1954: 29.563 habitantes. Temperatura: máxima, 43; mínima 5. Prevalece a nacionalidade brasileira mas, existem também sírio-libaneses, turcos, bolívia e paraguaios, os primeiros no comércio e novos vizinhos "voltando-se mais ao trabalho braçal". Economia: pecuária e extração mineral. O capítulo da produção extrativa justifica a fama da região em cacá e pesca:

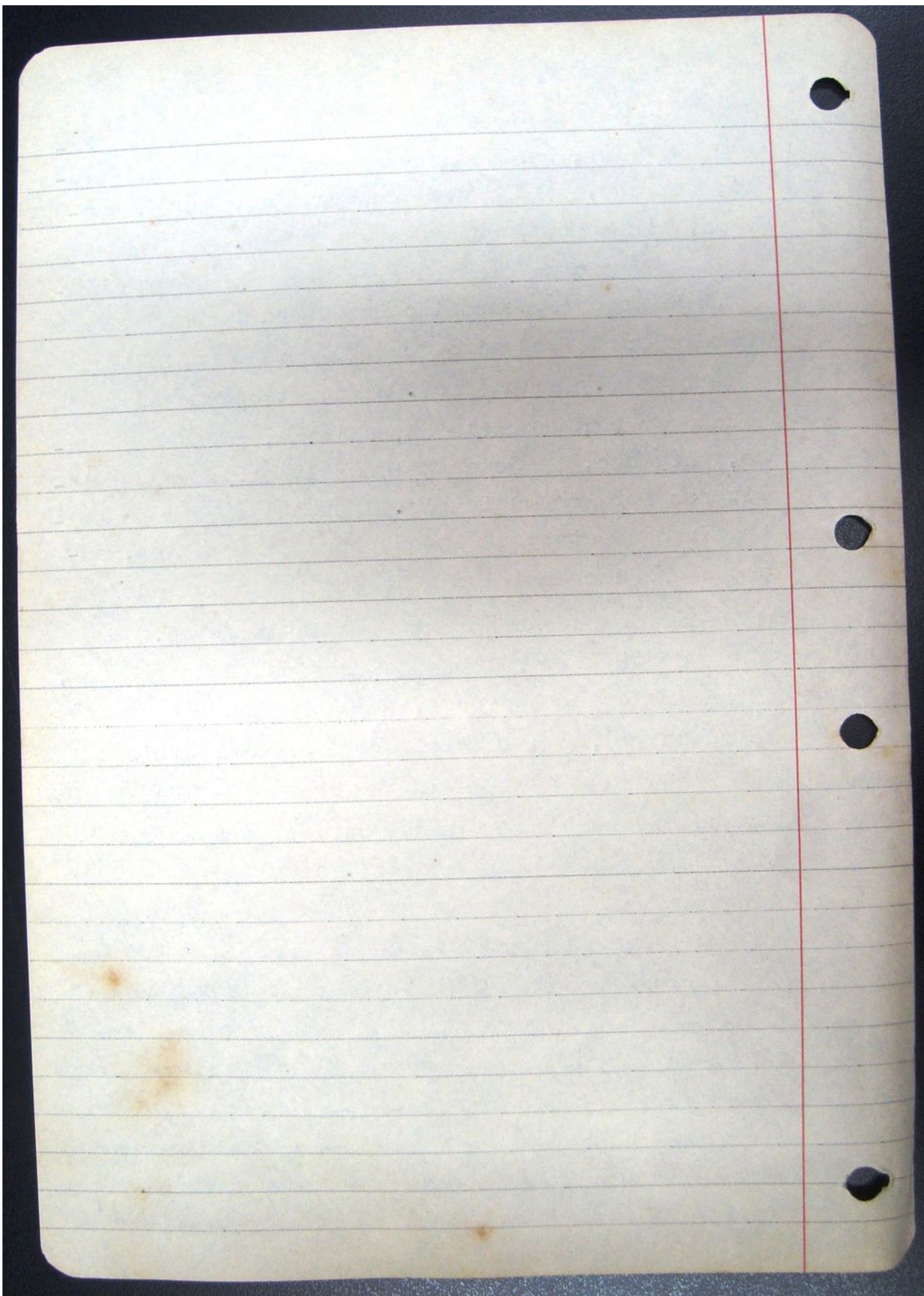


"O Rio Paraguai e seus afluentes têm abundância de pesca, destacando-se o pacú, pintado, surubí, dourado, sardinha, pacupeva, jaú, bagre, curvina, giripoca, jurupencem e piranha.

"Havendo um Sindicato de Pescadores cujo produto de pesca é consumido no município e exportado a maior parte do peixe dourado para a Capital do Estado de S. Paulo (sic). A caça também é bastante rica de onça, jaguatirica, caetitú, capivara, veado, tatú etc, sendo as peles silvestres industrializadas fora do município. A produção de lenha extraída das matas que apenas bordejam os rios, supre o consumo municipal e é ainda aproveitada pelas empresas de navegação e indústria de ferro.

"Conta Corumbá com uma fábrica de ferro gusa, extraído do Morro Urucum, a maior mina de manganês do mundo (?), uma fábrica de cimento moderníssima com capacidade de produção de 50 mil quilos diários; grande extensão de areias e vários fornos de cal, tijolos, telhas e congêneres".

A natureza pantanosa do solo dificulta a abertura de estradas de rodagem. De certo modo se vai a Campo Grande, a Guiala, a parte alguma. Aviação, trem, transporte fluvial resolvem o problema. E os grandes de distâncias entre os aeroportos (somados ao preço das paragens) anulam nosso desejo de viajar: para São Paulo, 1276



Km; para o Rio 1649 Km.

Na lista telefônica figuram não só os aminantes como "todos os interessados que desejarem a expansão dos seus negócios e em especial aos vizinhos que aportarem esta Cidade Branca". Assim está escrito. Não sei se é o caso dos visitantes se inscreverem no livro.

Sob a rubrica de criadores de gado figuram 822 nomes, salvo êno ou omissões. Em 21 fazendas, há pistas para crias.

Qualquer turista em Comba está armado de grande fonte de informações. Falta a planta da cidade. Restituiria muito bem a tal lista numérica continuada.



Abril, 19.

Como poderia supor que duas figuras
deste livro se transformariam em per-
sonagens de vicente romance de amor?
O soldado enfermeiro de 24 de março e a
moça M. A., de ent-entem, "que pouco a pouco
se formou no sol do espelho" e vai come-
morar os 15 anos em Brucum.

Batidos à porta de meu quarto. ~~Leilão~~
Trinido e tímido, entrou.

— Não deu tempo para entrar com
a parte. Fui convidado para dançar a
valsa de 15 anos. ~~com uma~~ O senhor
~~podere~~ pode assinar a permissão?

Deabara ~~dele~~ leu um poema de Gru-
mond e lembrei-me de M. A., também Maria,
"de Maria simplesmente, ou de mar de ca-
navia mar murmurante".

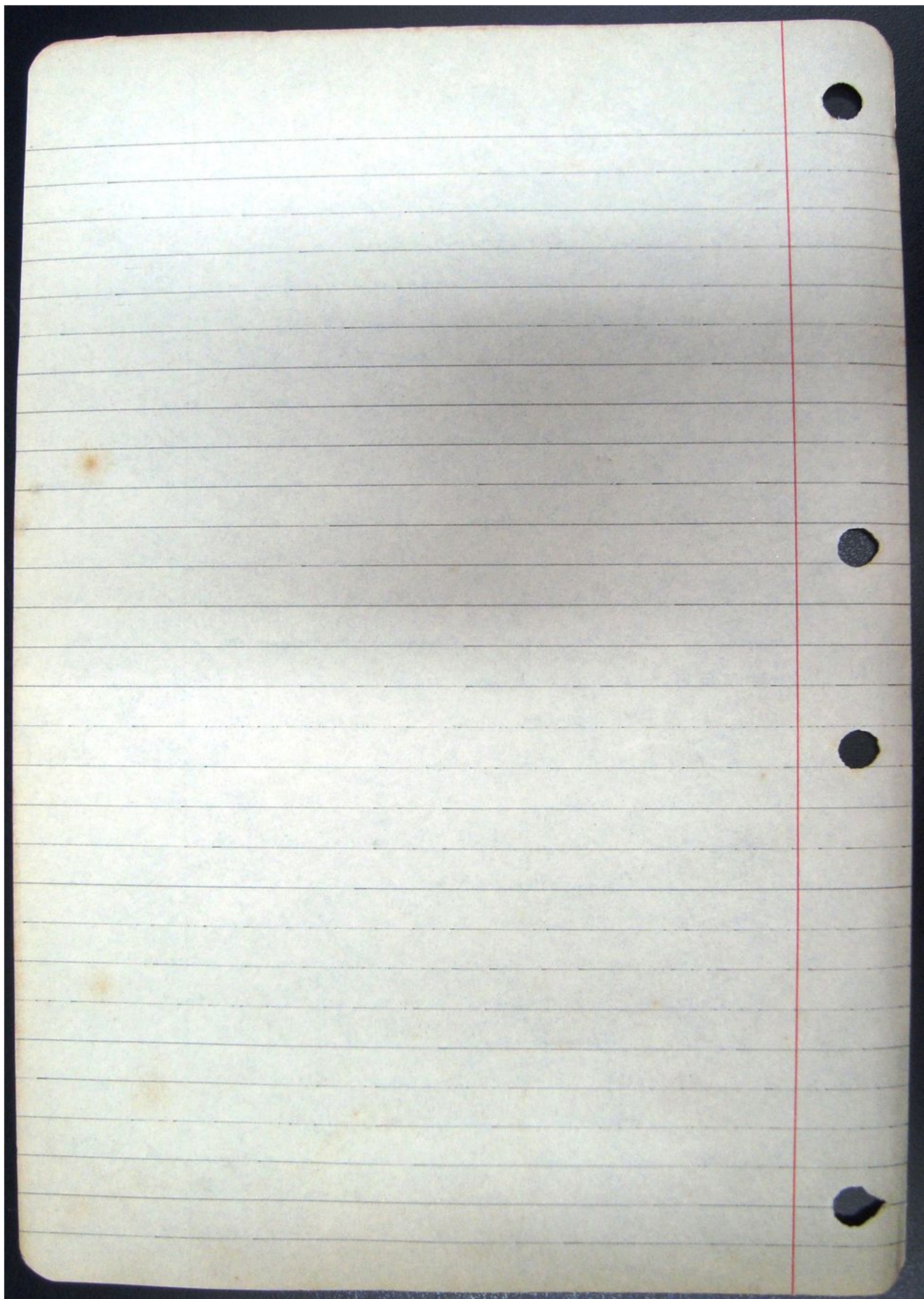
Na permissão, o nome.

— Meu pai é alemão.

Conversamos alguns minutos e,
sem chegar a animar-se, sorria, ao pro-
tificar ~~os~~ o canto dos olhos.

— Minha mãe é baiana.

~~Verifiquei que~~ Mas é tão pobre
como me parecia. Pai fazendeiro, lí-
gua de terra ^{em Cáceres}, com preguiça porque ran-
ham muito fado e a fazenda é en-



trigue a estranho. Só dois filhos, um fotógrafo e ele, que quer ~~fazer~~ cursar a Escola de Prática do Exército para depois ser médico ou farmacêutico.

— Meu pai viaja para uma companhia americana e lá de quatro em quatro meses é que aparece na fazenda.

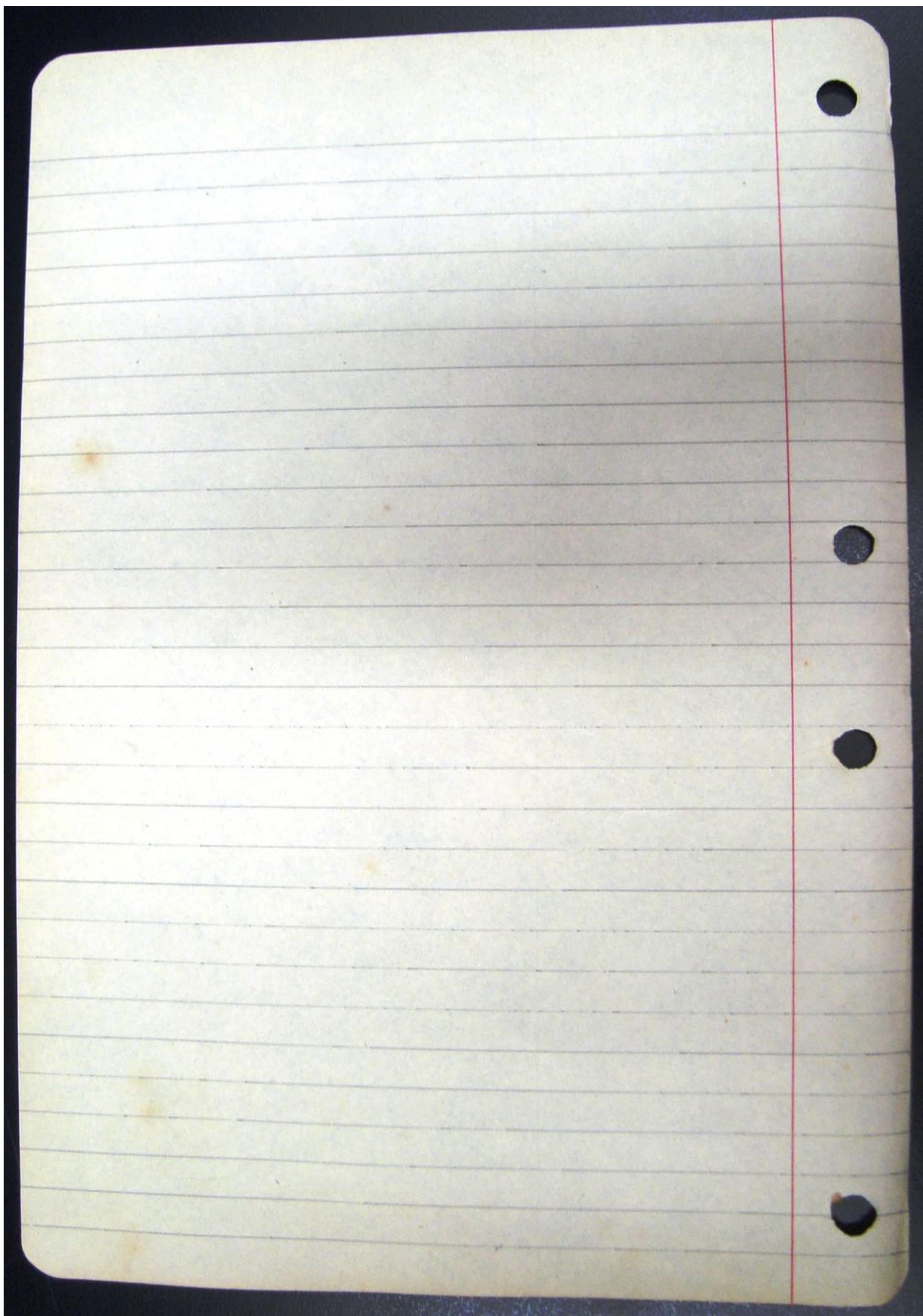
Nós quer encampar os filhos de um encargo, pesado, ~~de~~ migrato, e a fazenda não dá lucro.

— Então você vai dançar a valsa?

Prontamente ~~responde~~ ^{responde} esquecendo o ar sério com que falava do pai, dos negócios, de seus planos e sorriu.

— E', me preparem.

Como ~~podemos~~ ^{podemos} deixar de animar a permissão? Ele que se transforme em verso "e se debuce à beira-rio e pau na estrada e converse com a menina em assuntos importantíssimos que não adianta o rei esenta".



Phil, 20

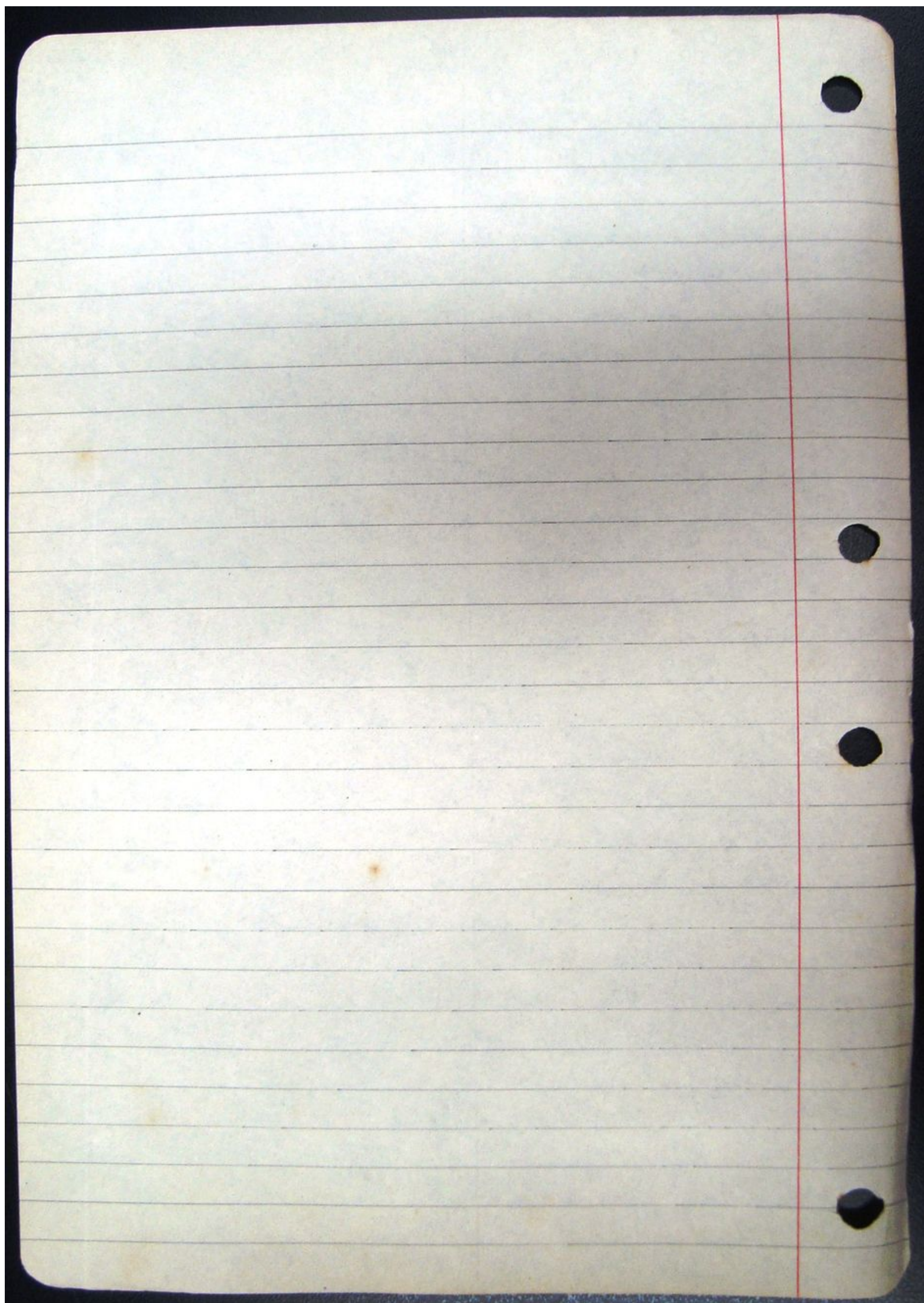
Se é preciso tempo para se amar uma pessoa, muito mais para uma cidade, ser múltiplos, de ressonâncias extensas, em vez de intensas, ^{ampliadas} concentradas. Para quem deixa uma cidade grande a pequena limita, sufoca; mas a vida em comum provoca sentimento oposto ao da capital: se lá queríamos aparecer, desajam aqui ficar ocultos - o que é impossível. E ao pouco a cidade pequena nos envolve. Festas, ~~de~~ cinema comum, restaurante único, presença continua, bom dia, boa tarde, aqui é capital, dizem que é escritor. Solteiros, bom partido. Como se ele ignorasse o estado civil e, num estado, ficam noivo em seguida - o solteiro impedido.

- Você acaba casando por aqui. Não volta mais para o Rio.

Mal-estar. O mesmo em Natal, Caetés do sul, Porto Alegre, Frij de Fora. Só o Rio admite o homem só.

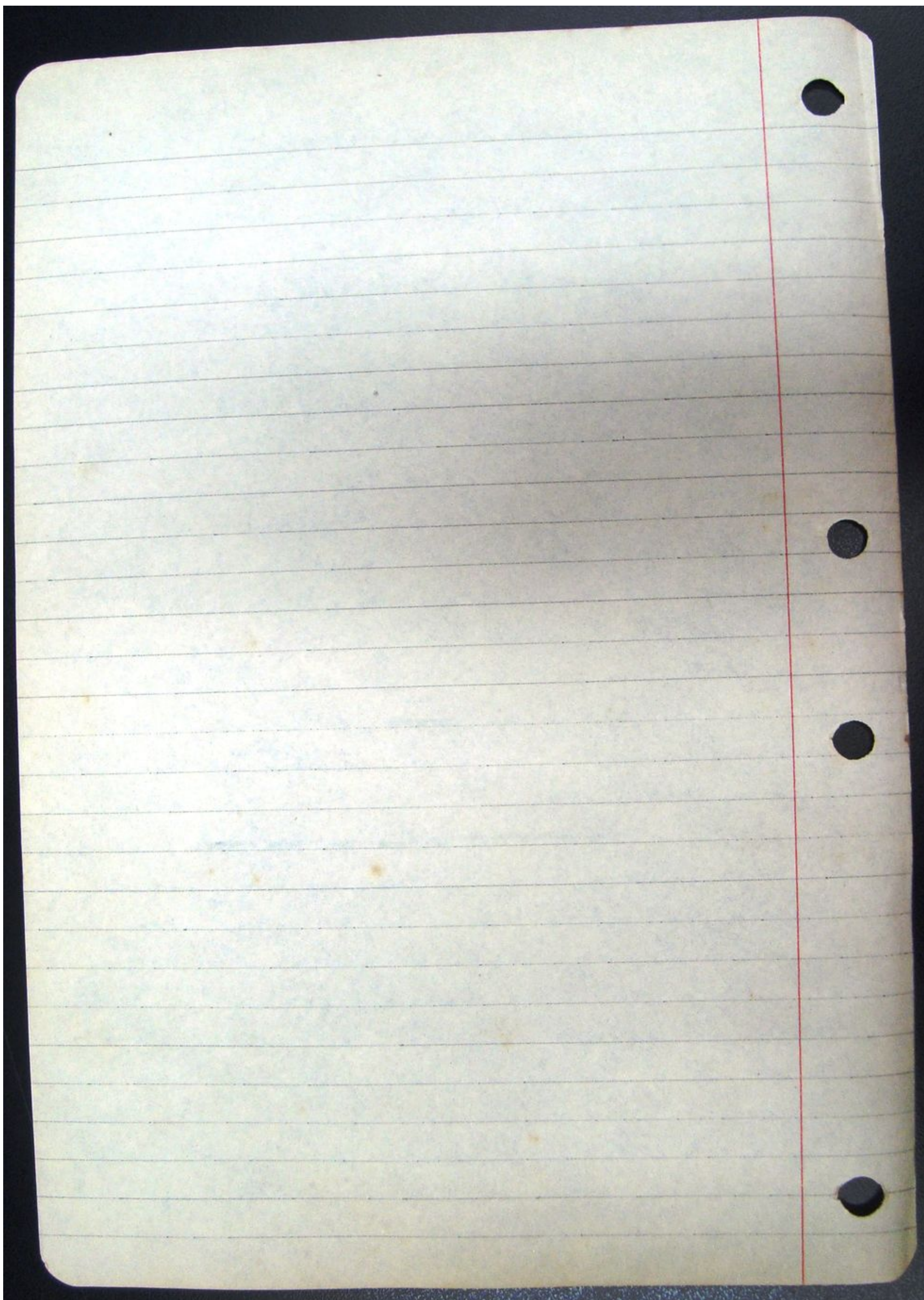
Então amigos:

- Como lá tem três ou quatro coisas que estariam bem em qualquer cidade grande.



- Você faz esta aquisição o "olho local" - diz o major. Qualquer dia arranja uma fazendinha e perdemos a companhia.

Fico pensando no "olho local". Não há dúvida de que o hábito transforma as aparências, de coisas e pessoas. Não há dúvida até mesmo o Hotel Venizelos que, ao "olho turístico", não passa de um paraíso. [Explis as coisas que me parecem boas. O cinema, cadeira estofada, decoração moderna em tons suaves, sem exageros. Em Porto Alegre, até 1952, não havia cinema comparável ao Tupi. Grande Hotel, de comida primária ~~mas~~, e apresentações tratamentos, serviço ~~excelente~~ ^{excepcional}. Bar da Bananeira. Fim de Fora e Casos do Sul, ~~com~~ ^{com} ~~Casas~~ ^{casas} ~~indústrias~~ ^{parques} industriais de Minas e Rio Grande, não possuem uma casa equivalente, no gênero. Dois amplos terraços, cerca de cem mesas, orquestra e dança às terças, quinta, sábado e domingo. [A quarta coisa ainda não sei qual é. Mas alguns dias e descobrir quinta, sexta, sétima. É preciso não esquecer. Ainda faltam dias para completar um ano.



Abril, 22

O maior é homem de princípios, naturalmente. Mas sabe fundamentá-los com argumentos viáveis.

— Nós sou comunista porque nós acreditamos no Estado. Fazenda coletiva, por exemplo. Pode dar certo no Brasil? Nem os Correios e Telégrafos funcionam. Os minerais estratégicos, sim, devem ser nacionalizados para não cair nas mãos de estrangeiros. Petróleo e bauxita, nem se fala.

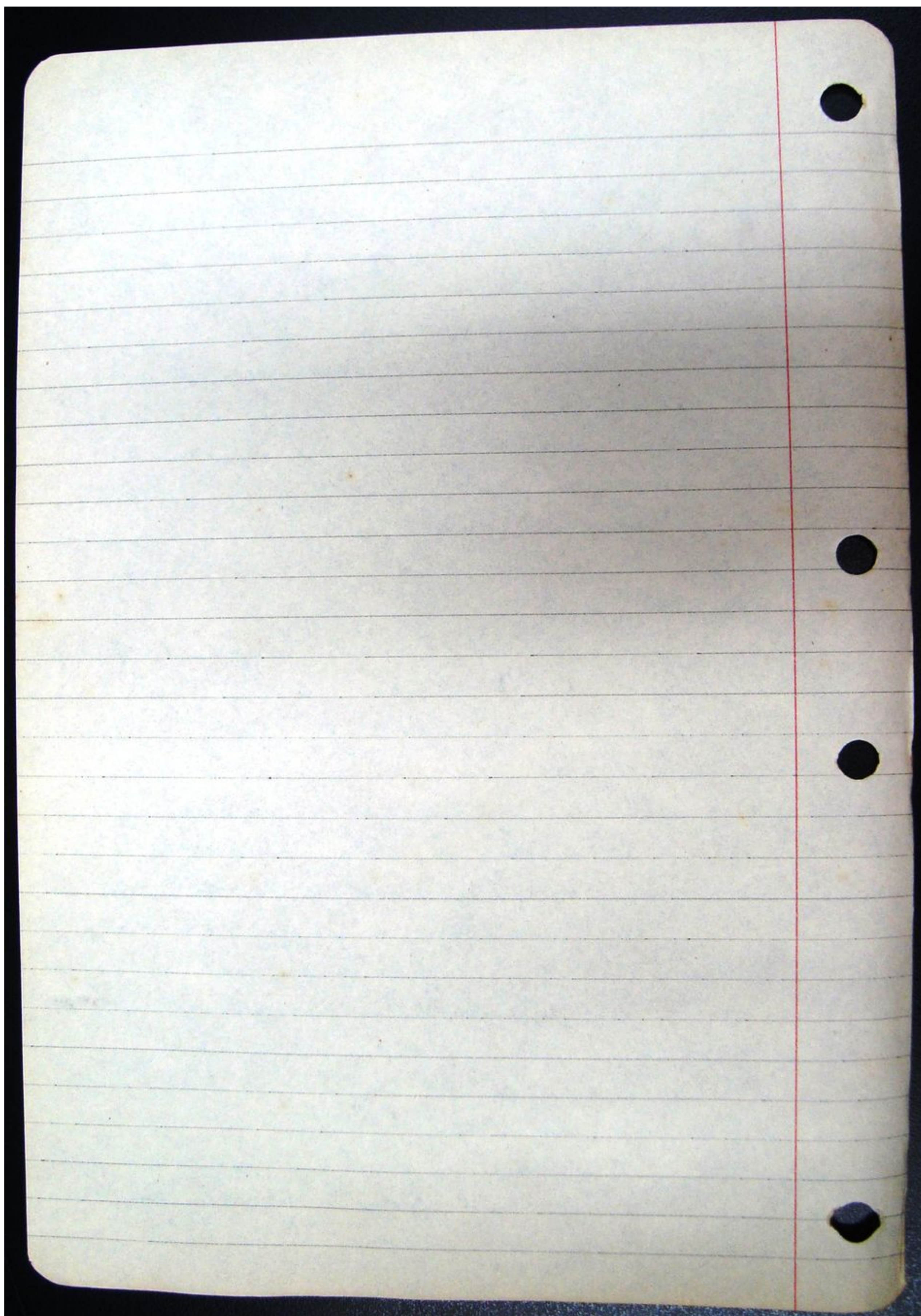
Em novos parcos, depois do jantar, nós para de falar até entrar no cinema, a que vai todas as noites. Encontra sempre o que dizer porque para e repara o assunto, monotono, a voz alta demais, chamando atenção.

Como, não, mas o médico, parava recém-formado, baixo, óculos, pronto a rir por qualquer motivo. De repente, sério, adota o famoso "ar ~~dent~~ dental" e pontifica:

— O soldado apresentava sintomas evidentes de pituitarismo.

Eu então:

— Nada de grave: hipotermia, causada por estafa, provavelmente.



Não deixo de perguntar o que signifi-
cam esses ~~hubs~~ palavras, mais hubs,
do que a tradução: histeria, desmaio.

↓ para a páf. - 126

Quero falar com fulano; qual será seu
telefone?

Quero falar com o 331; qual será seu
nome?

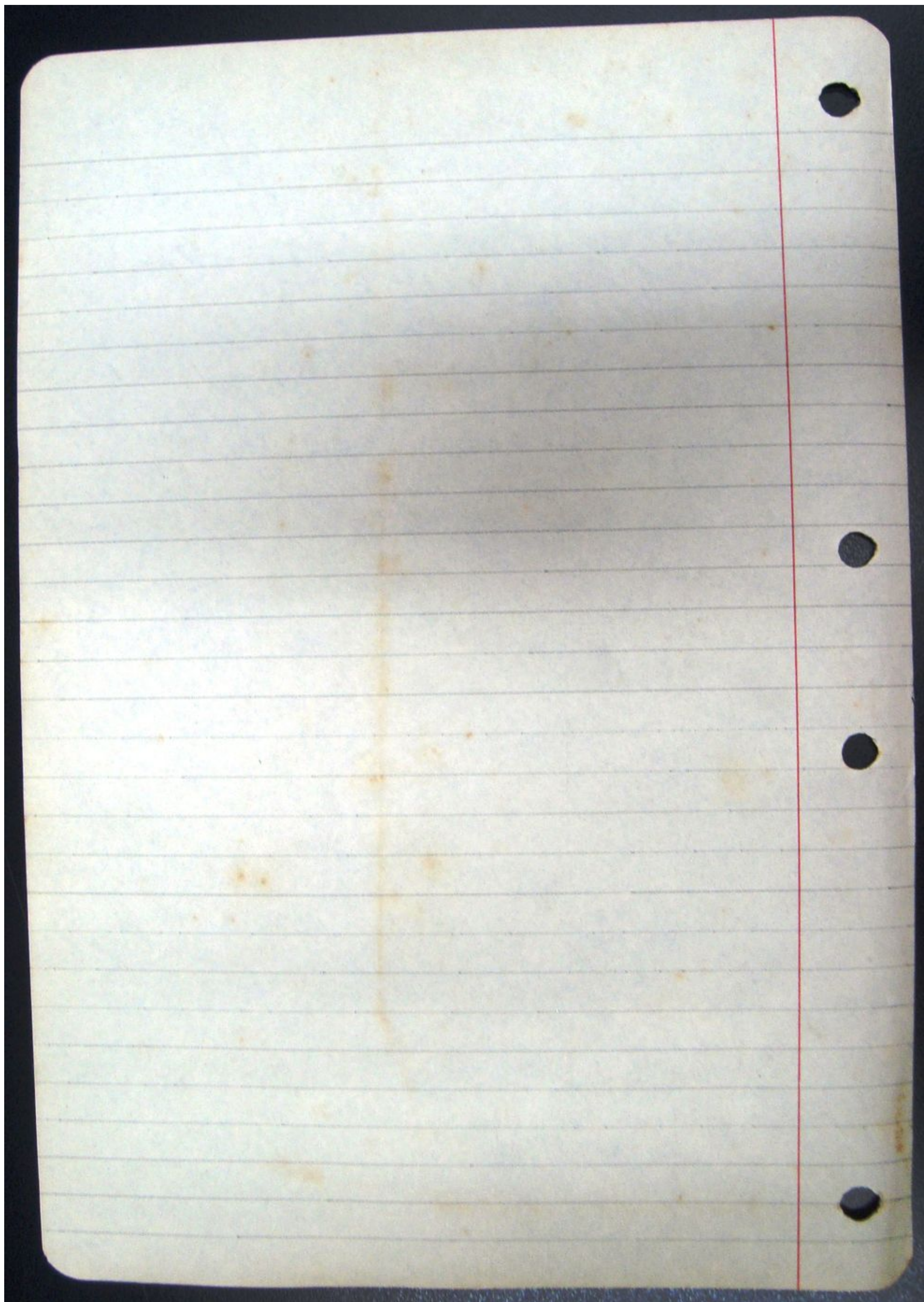
27 de abril.

Segundo mês em Coimbra.

A correspondência continua ativa. Recebi 17 e escrevi 22 cartas.

De leitura, apenas o livrinho sobre a revolução de 32, e "Formação História do Brasil", 508 páginas de Cândido Caldeira, e "O Livro Negro", de Thomas Mann.

Mas, escrevi um conto, "Segredo", ainda não revisado.



3 de maio.

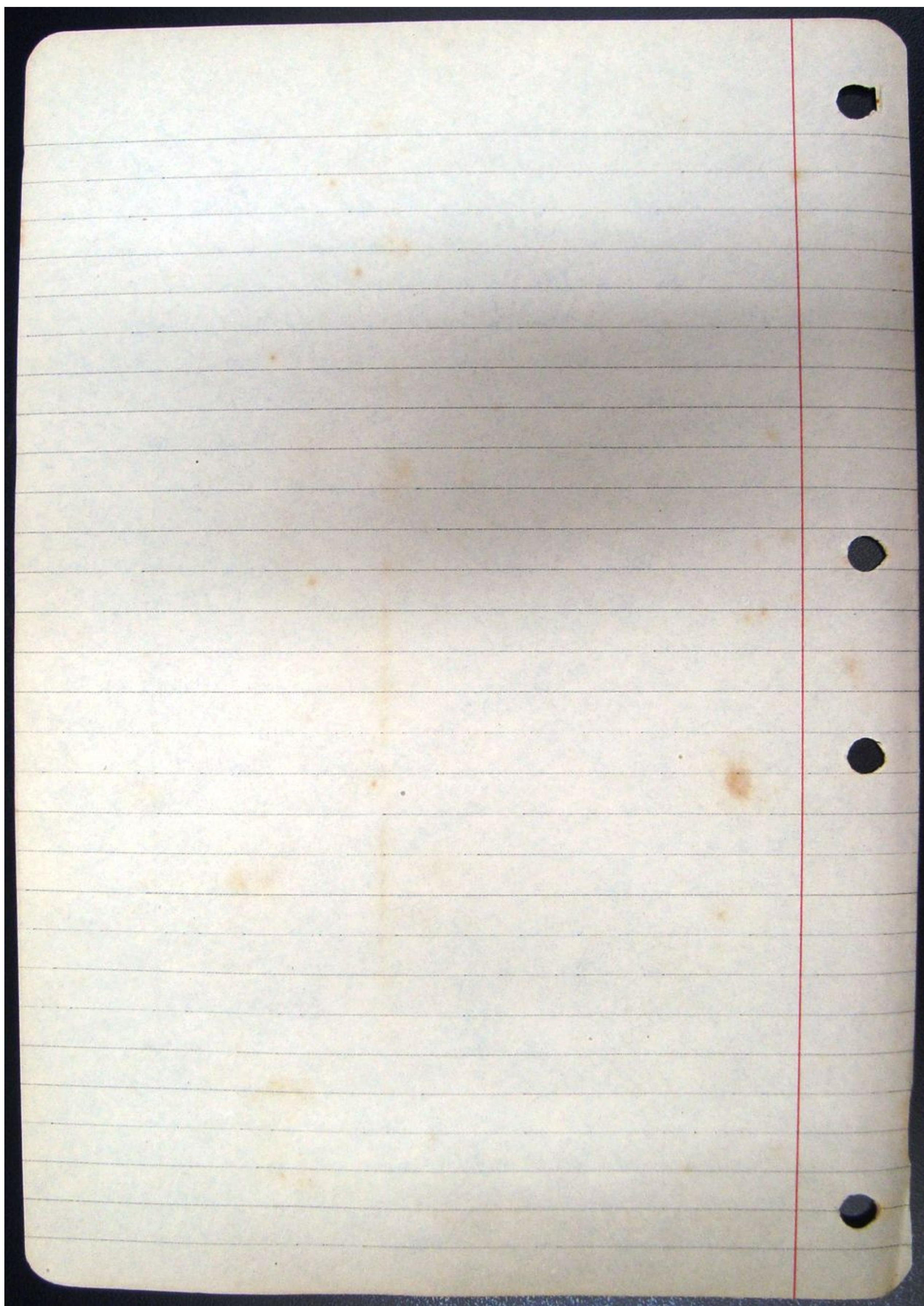
Partado, dez horas da noite.

Depois do jantar, o fascio de sempre com o major e o médico. Grande principal: a malfadada compra de um apartamento pelo major. Anos e anos, dinheiro empastado, adropado, fui, despachos, o turco encontrando sempre uma saída para burlar a lei e nos fazer entrega do apartamento.

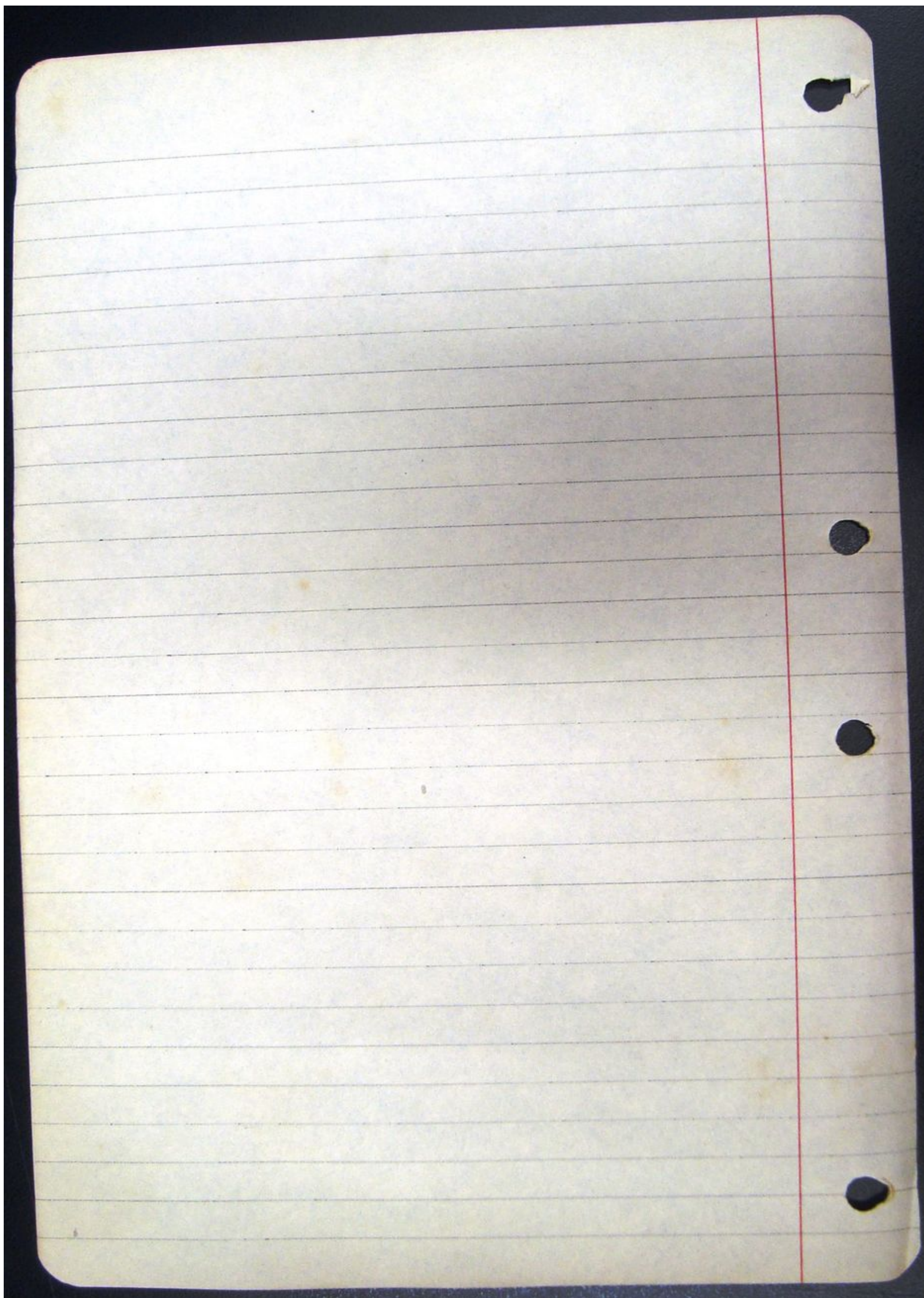
— Tudo porque nos seguiu um conselho de meu pai: "Nunca faças negócios com turcos e, sendo negócios de casa ou terreno, nada de recorrer à justiça. Entra logo em acordo com a outra parte" — lamenta-se o major.

Depois, parafeni pelo La Baramca, orquestra, cantor, danças. O dentor vai para casa ler e ~~fi~~ dar mais uma volta com o major. Arrega na Peritena Americana. E voltamos novamente, La Baramca, orquestra, etc.

A cem metros do La Baramca, ponto vital da cidade a esta hora, debaixo a rua Sete de Setembro, arborizada, escura. Calmamente paricando por de duas vacas, três terneiros, outros bichos. Em minha porta um pimento se



coca. Ninguém na rua. Então, escrevo
o que aí vai. Ouço o cantor do
bar, que é alto-falante ainda não
funcionava por algumas horas. Dez
horas e dez minutos.



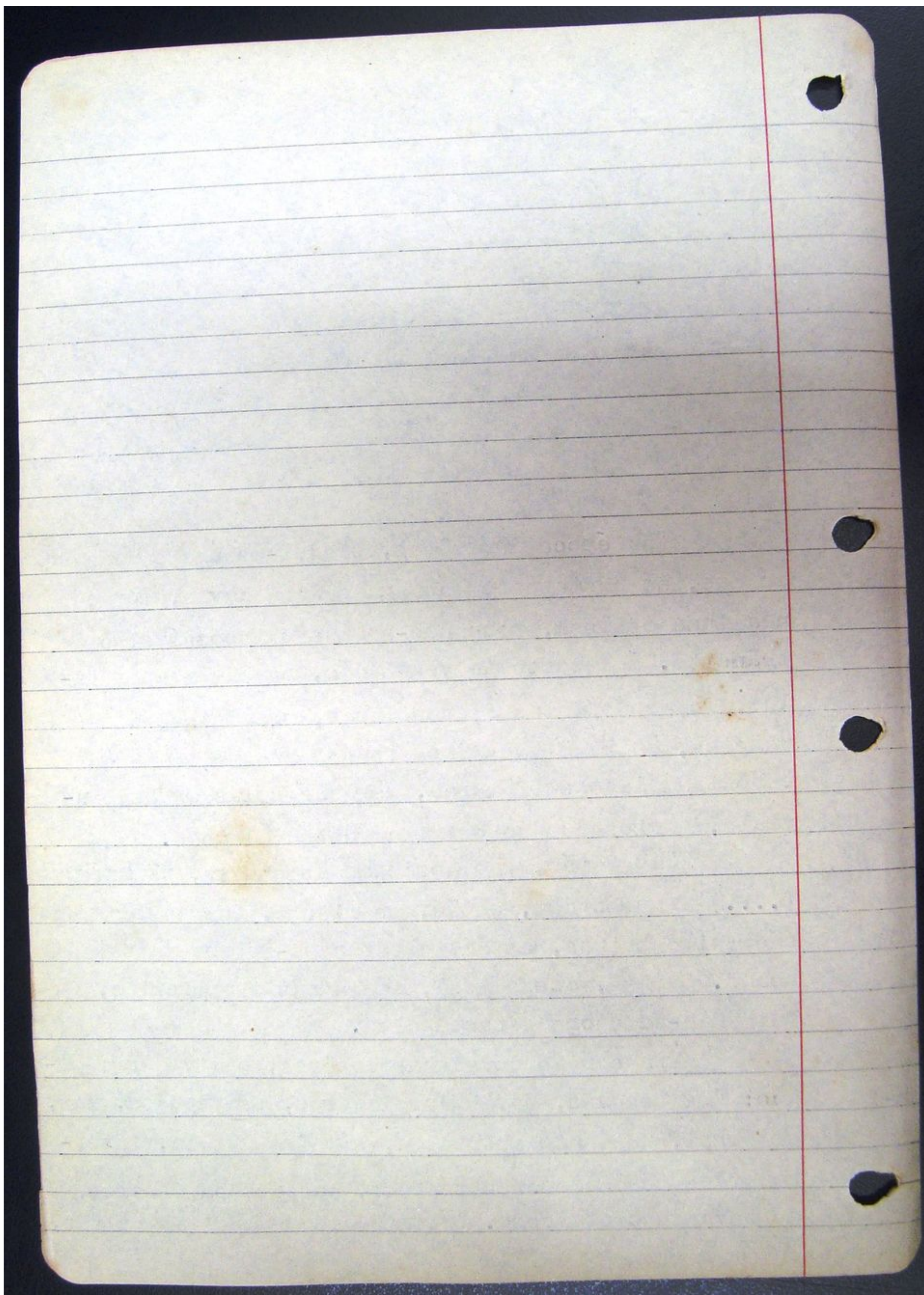
10 de Maio

A leitura de "A Paz no Chaco", agora iniciada, fornece-me dados sobre a terra do Mato Grosso. Há perfeita identidade entre esta e as do Chaco Boreal, que o ^{autor de Carvalho} livro ~~se~~ se propõe a descrever, pelo menos na parte relativa aos arredores de Cuiabá, fronteira à cidade, na outra margem do rio, e no caminho de Porto Esperança.

"Na época das sêcas, produz-se uma camada de pó que, ao contato com as águas das chuvas, forma uma lama espessa, tornando-se quase impossível o trânsito. É coberto ^(o terreno) de vegetação, ora de grande talhe, formando matas descontínuas, ora de espécies menores, entremeiadas de extensos prados, em que se encontram lagoas efêmeras, geradas pelas águas pluviais, e rios que se originam dessas lagoas.

"No verão, são copiosas as chuvas, ~~xxxxxx~~ (....) Transbordam, então, os rios e, como as margens são muito baixas, as águas estendem-se por vastas zonas. Surgem, desse modo, as lagoas temporárias, formando-se enormes pantanais".

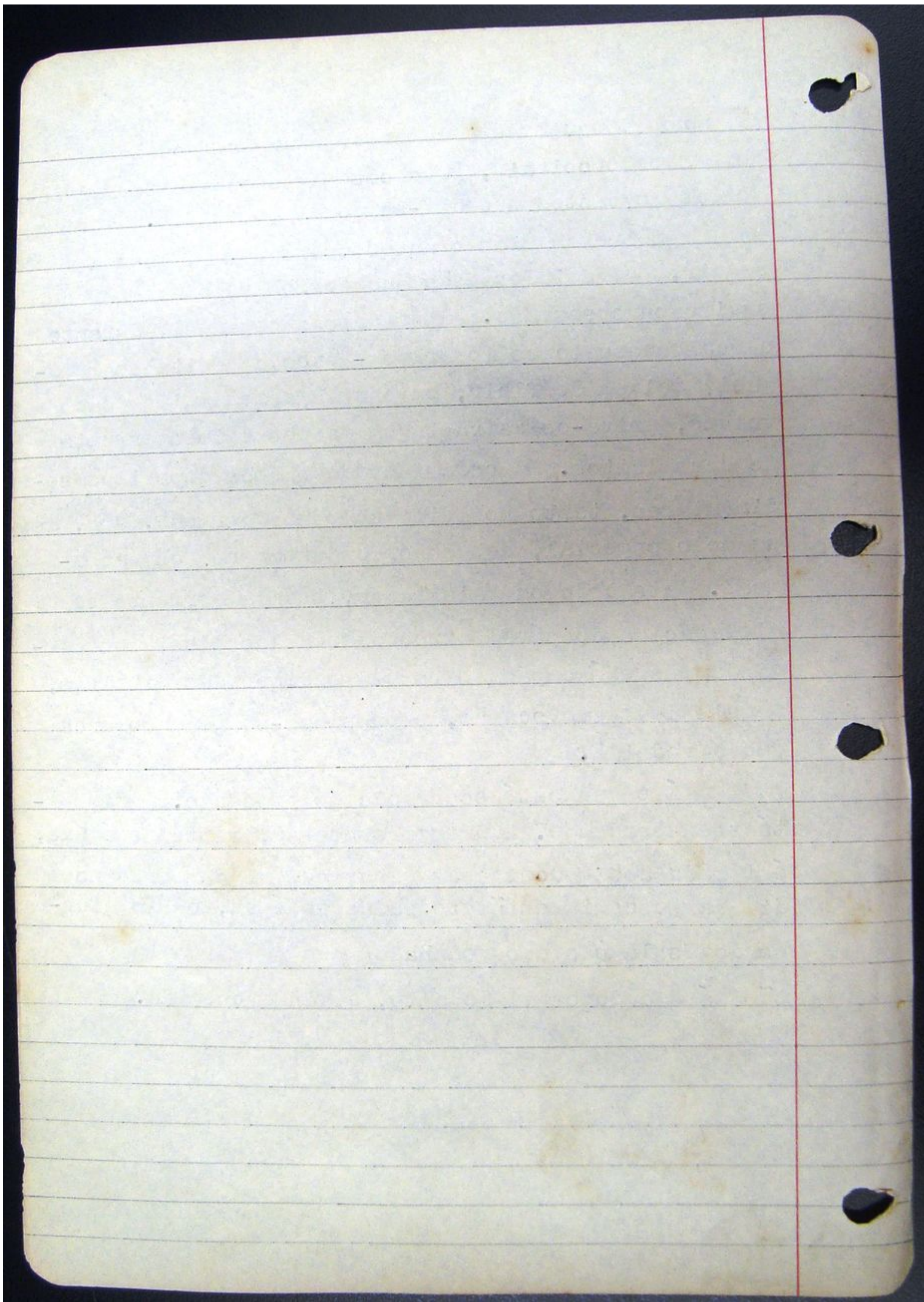
Transcrevendo alguns autores, o livro prossegue: "Os bosques, em alguns lugares, são densos, mas, em geral, um tanto abertos e, com frequência, interrompidos por numerosos trechos, maiores ou menores, de savanas e charcos". "Faixas de verdadeiras selvas,



pequenos bosques de palmeiras, clareiras ou zonas de prados tropicais, trechos pantanosos e terras cobertas de pastos sucedem-se com intervalos".

Sobre os rios o autor transcreve, logo a seguir, outra informação que corrobora o que tenho ouvido ou observado. "A estação seca anual, durante a qual quase todos (os rios - exceção feita ao Paraguai) deixam de fluir, ou chegam a ter muito pouco volume, priva-os da vantagem da posse ininterrupta de seus leitos. Em cada inundação seus depósitos sedimentares, tanto no leito como nas margens, vão, de um modo especial, descendo conjuntamente com as águas. Mais cedo ou mais tarde, toda a corrente se eleva acima do nível ~~excepcional~~ das planícies circundantes e é capaz de romper o dique das ribeiras, à mais leve provocação, e espalhar-se pela comarca que a rodeia".

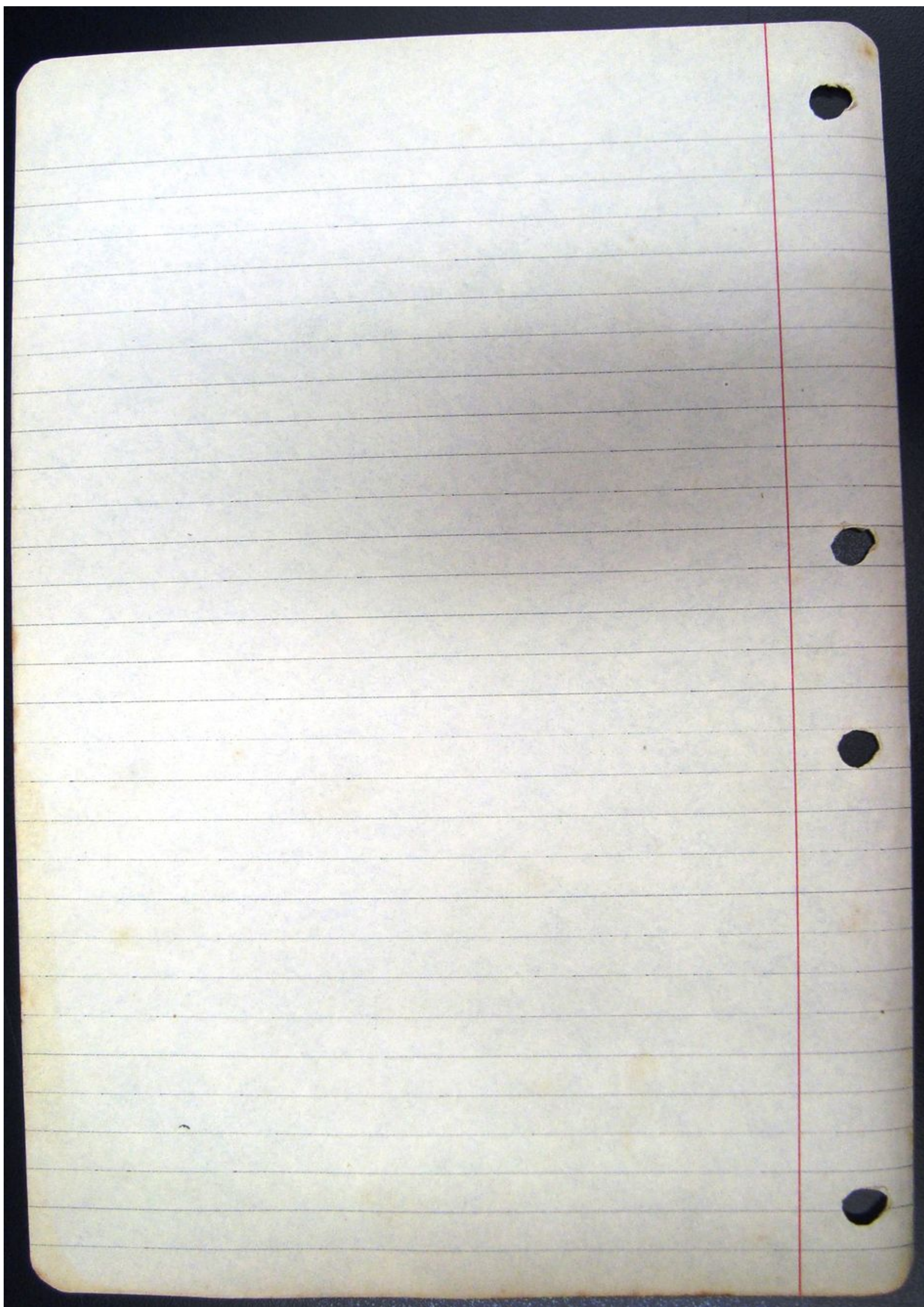
É o que está ocorrendo no presente. O rio está transbordando. A margem esquerda, rente às águas, é tomada aos poucos e as casas que vi de perto no dia da pescaria estão rodeadas de água, o rio formando as lagoas e os banhados que me deram impressão tão má quando os vi do alto, à minha chegada.



Mais, 31.

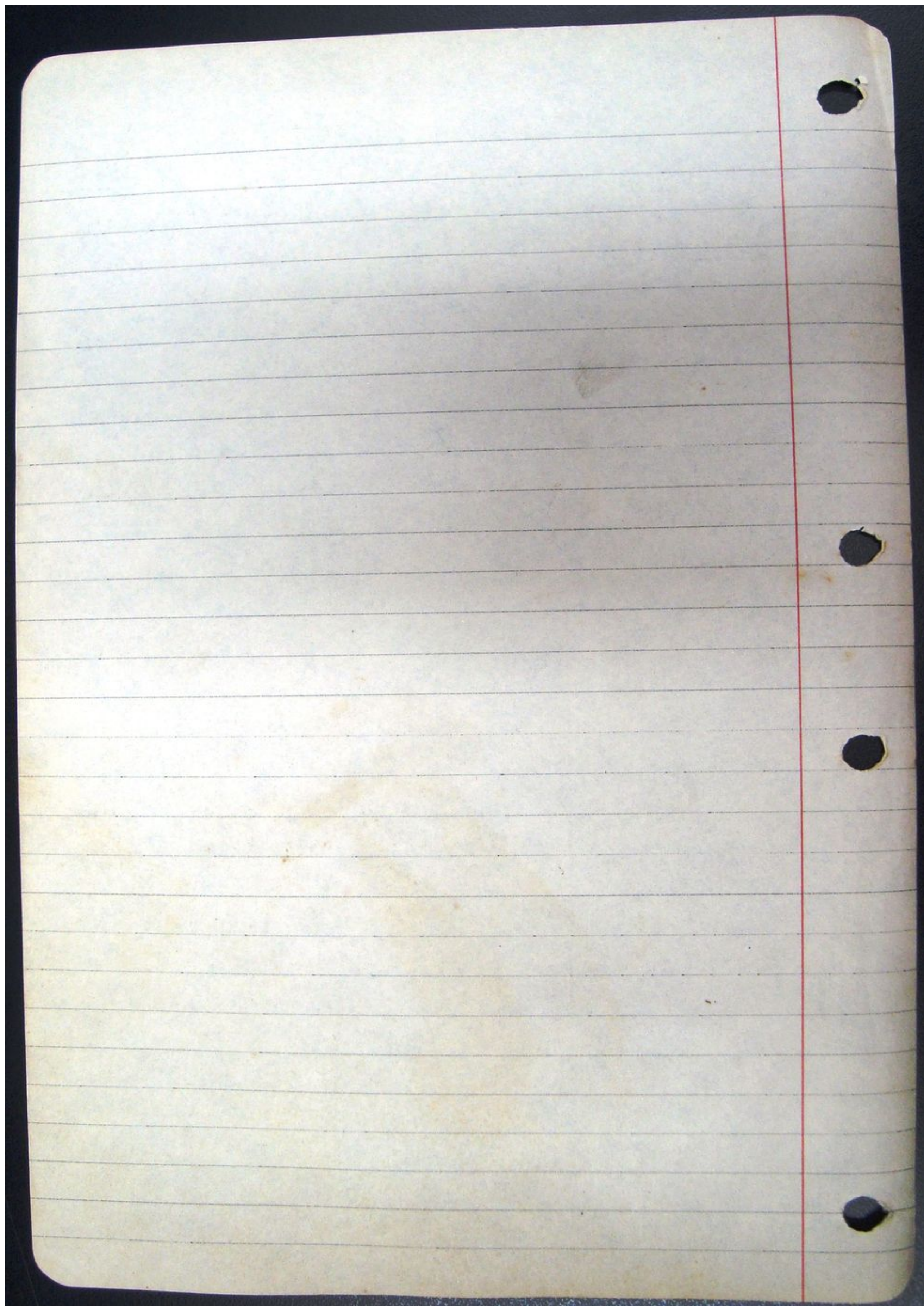
Parou. Vários dias sem o menor desejo de escrever neste diário. Mesmo hoje é muito mais por obrigação do que por prazer que me sentei à escrever. Obrigação de dizer que se passou o terceiro mês, que recebi 14 cartas e escrevi 18, que li dois livros (No Time For Comedy, de S.V. Behrman e Awake and Sing, de Clifford Odets), um livro homível de Moisés Quik e "D'Boy no Chaco", que tive de deixar pelo mês - infamissimamente atarefado.

É tem havido coisa para dizer. Um pântano no quartel, marcha de 32km, fôro insignificante e jamais pensado, nem aparelhos todos no Rio porque Célia News me disse: "Leva roupas leves..." O fôro sempre me irrita, mãos feladas, peso de roupas, água felada para o banho. É Coimbra preparada apenas para o calor: cachaça, altíssimas, chá de lã-drilhos. As ruas, o povo, trançaram-me a ideia Para Fim de, Casca do Sul, todos encasacados, tudo cinzento, pardo, triste. Aqui mesmo nesta cadeira onde se tem de escrever completamente sem, sem esconderdo pelo feito,



pernas, mas melhadas, agora haja roupa. Vantagem: os mosquitos desapareceram. Controle um que há cinco dias não sai da parede, mesmo lugar, congelado.

O quartel tem-me tomado tempo, uma suicidância complicada, bastante problema a solucionar mas, nada disso, sinceramente, influi no estado de coisas. Os bons propósitos e que desfalecem, a literatura se esvai, a vida aí de fora me chama, amigos desaparecem e eu me rendo. Os amigos desertam, não tenho uma pessoa com que discutir certos assuntos e problemas, a solidão me pesa, emojos, e eis-me aqui dando um ao pessoal e intruso a este diário, coisa que restringe a literatura. Melhor fazer reportagem. Conselho certo de um amigo: "Mesmo quando falamos na primeira pessoa, que seja sempre outra primeira pessoa, um alter ego, ainda que com raízes no nono ego."

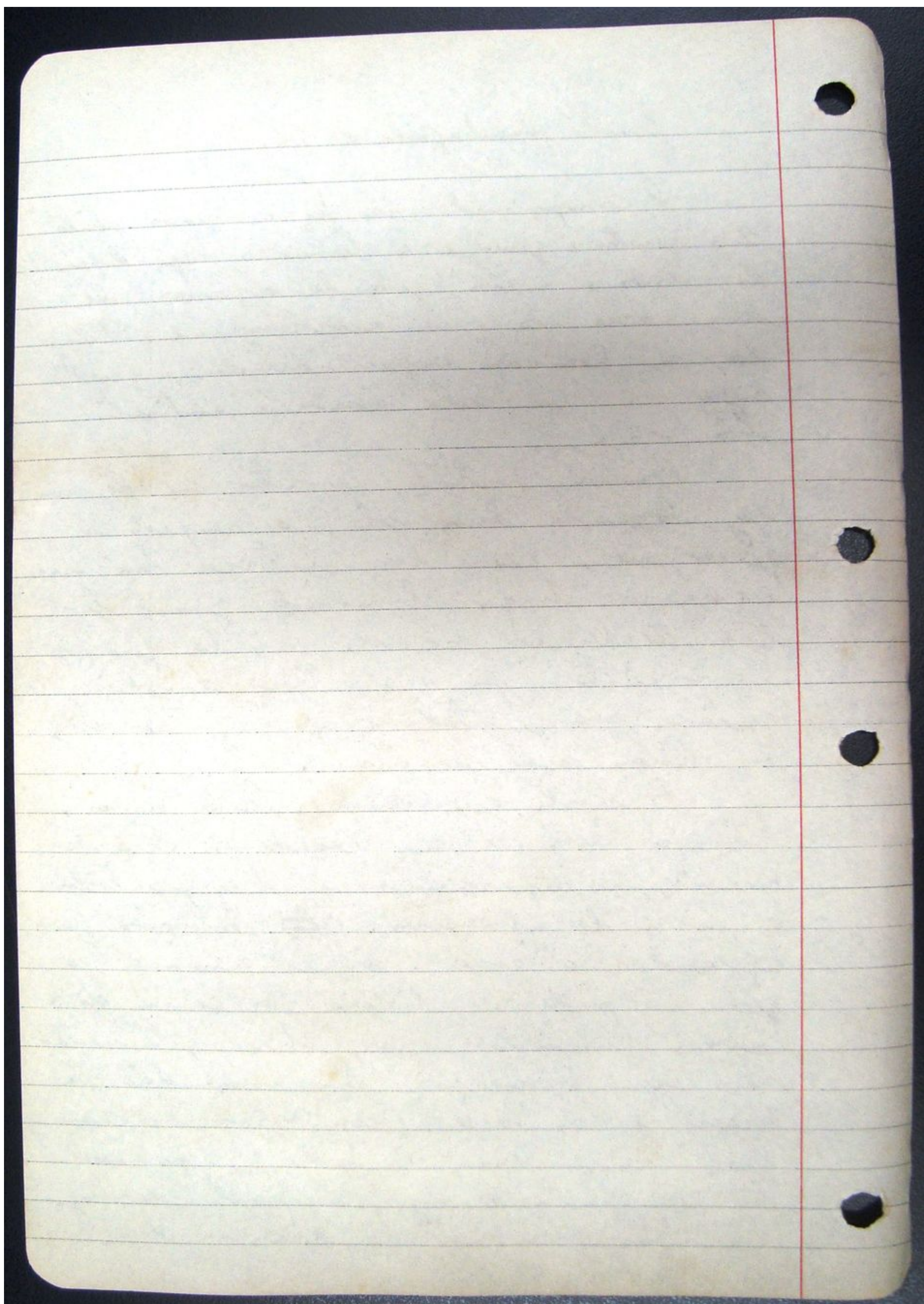


Junho, madrugada de 12.

O comprimido não fez o menor efeito. São quatro e quinze e tornei-o logo depois de duas e meia, quando o panar de um carro na rua acordou-me. Todos os horários experimentados, quatro cigarros, a vela acesa e estirada três vezes.

Resolvi, portanto, levantar-me de uma vez. Acendi duas velas, o lampião a querosene. Sem luz elétrica há uma semana. Impossibilidade quase total de ler ou escrever, ainda que fossem cartas, faz que a luz do dia gaste-se no quartel e a luz de velas os olhos não suportam.

A noite, que sempre tanto amei, transformou-se em pesadelo. Diariamente, ao aproximar-se traz-me toda a sorte de apreensões. ~~As~~ Soluções para aguandar o sono: ir ao cinema, o que não pode ser diário por causa dos filmes mexicanos e argentinos; conversar com o major na escuridão da praça e das ruas (conversar, no caso, quer dizer deixá-lo falar); ou saltar de ponto de luz em ponto de luz e acabar no último dilema — bar

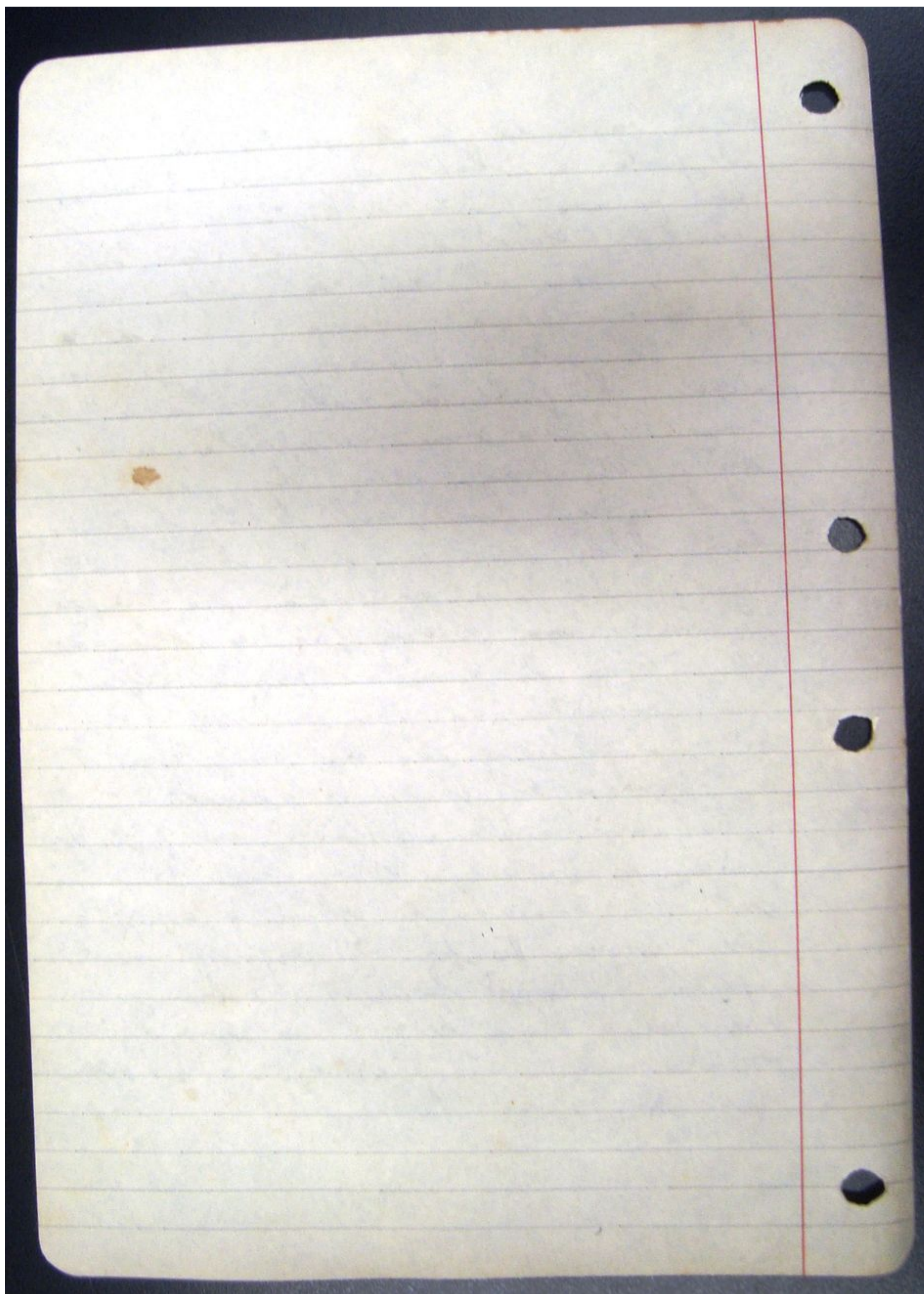


La Bananca, onde sempre há alguém disposto a beber e conversar tolices. Há poucos "pontos de luz": restaurante Cristal, ^{Portuguesa} Americana, Café São Paulo, mais um ou dois de menor importância para o caso.

Esgotado o programa, que se repete obrigatoriamente, volta-se para coisa (?) na mais completa escuridão. Na rua, além dos fomentos e bois sem dono, autênticos bêbados da cidade, um ou outro transeunte andando para anunciar-se ou de lanterna ~~na~~ ^{acesa} para orientação.

Quando acontece passar alguém em serenata, ou um automóvel de modelo rampado, ou simplesmente a coreia do pado — acordo. finto à cabeça, ela e fôfros, comprimidos para insônia. Mas, hoje fracassaram. Cansado de olhar o espermatozete esconer transparente, espumar-se ~~e~~, ~~apressa~~ ^{mais lentamente}, esbranquear-se como clara de ovo na frigideira — cansado, vim escrever esta página.

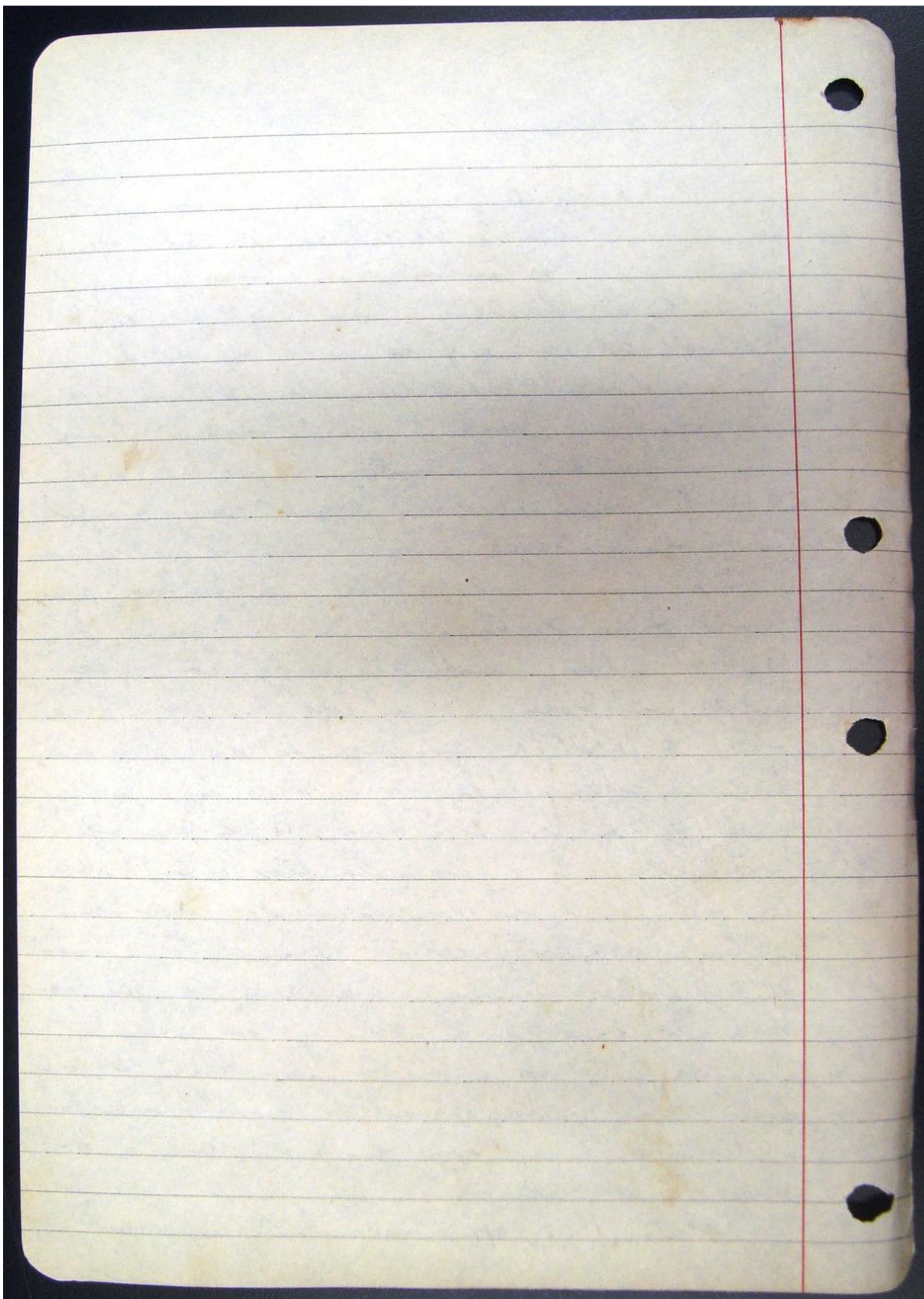
E agora?



Em viagem, a 25 de junho.

O que caracteriza, no teatro, o clássico triângulo é a relação obrigatória de cada personagem com os outros dois. Como na figura geométrica, há sempre uma ligação direta partindo de um ângulo para ajudar a compor os demais. Bem pensado, portanto, o que nos aconteceu recai nêsse "teorema" teatral tão combatido por tantos. O que nos salvou do lugar comum é que nêsse triângulo não foi clássico mas realismo... Para continuar com a simbologia matemática, denominemos aos vértices e a nós mesmos de A, B e C. Para caracterizar cada letra, façamos-lhe pela ordem de entrada em cena e na ordem alfabética, conjugando assim as duas fórmulas apresentadas comumente nos programas de teatro. Fico com o A, a personagem central cabe o B e para você toca o C. (Hesitei um pouco na designação de "personagem central" mas está correto. Com efeito, é central, em qualquer trama, a personagem que provoca, torna-se causa, conduz ou soluciona a maior parte dos conflitos em cena. Se você tomar cada verbo aí citados e relacioná-los a todas as cenas, verá que o B torna a dinâmica na coordenação).

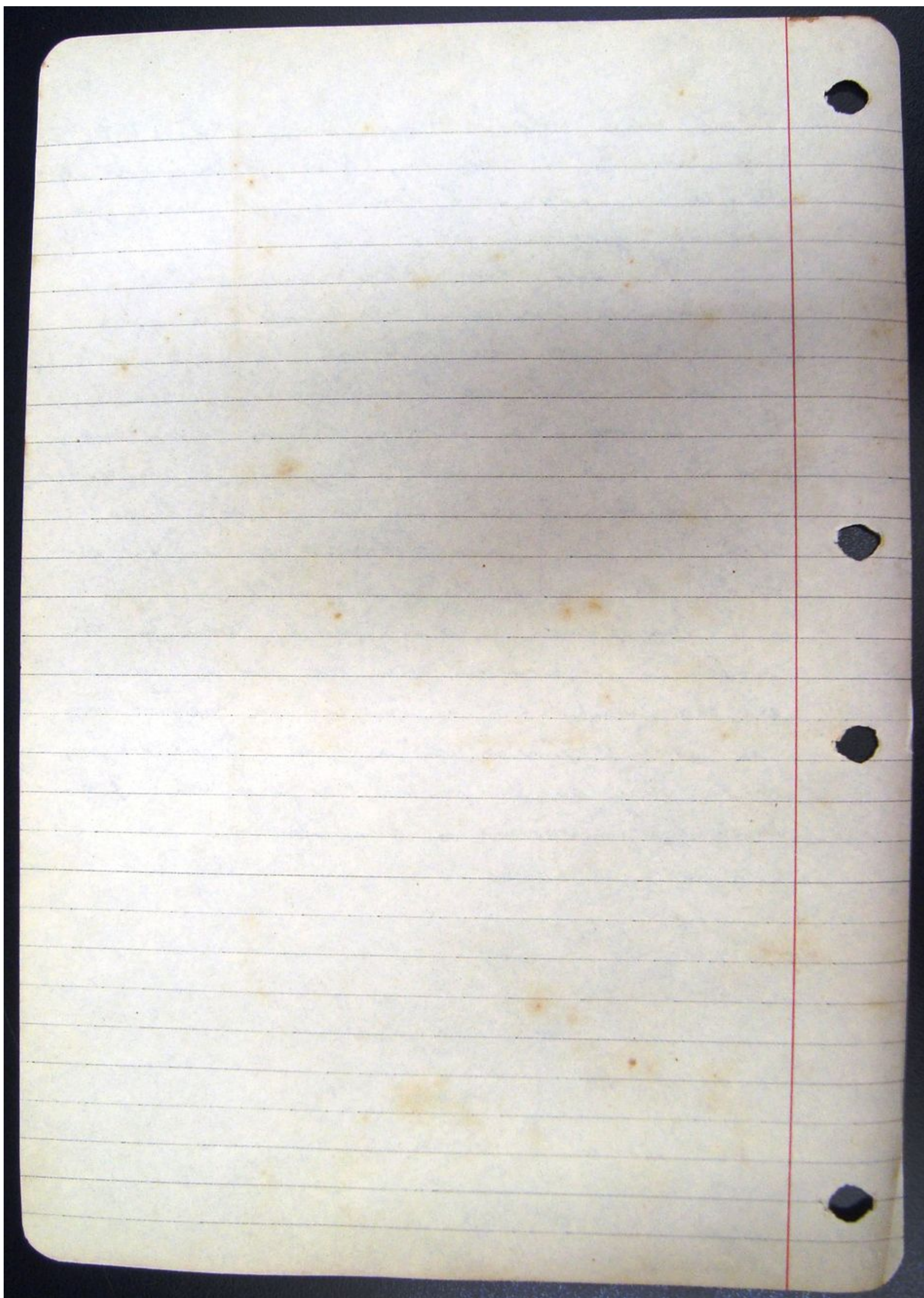
1.º ato: A e B, aproximação de C no final.



2.º ato: B e C, volta de A no final. 3.º ato: A, B e C em múltiplas relações, até ao afastamento de A, que caracteriza o desfecho, pelo menos no que se refere a triângulo.

A partir daí o "raciocínio teatral" é interrompido por uma circunstância sobremaneira bizarra: o texto integral da peça só é do conhecimento de B. Além de suas partes, A e C conhecem as demais apenas parcialmente (quando entram em confronto), ou por informações (quando não entram em cena). Disto decorre que B é o único dono e senhor da verdade, da "verdade de cada um".

Bem, meu caro ângulo C, essa tal circunstância bizarra é que nos deixa confuso e é ela também que impede a crítica imparcial. A única coisa que se pode fazer, nesta tomada de pontos "a posteriori", é analisar as consequências do desfecho.



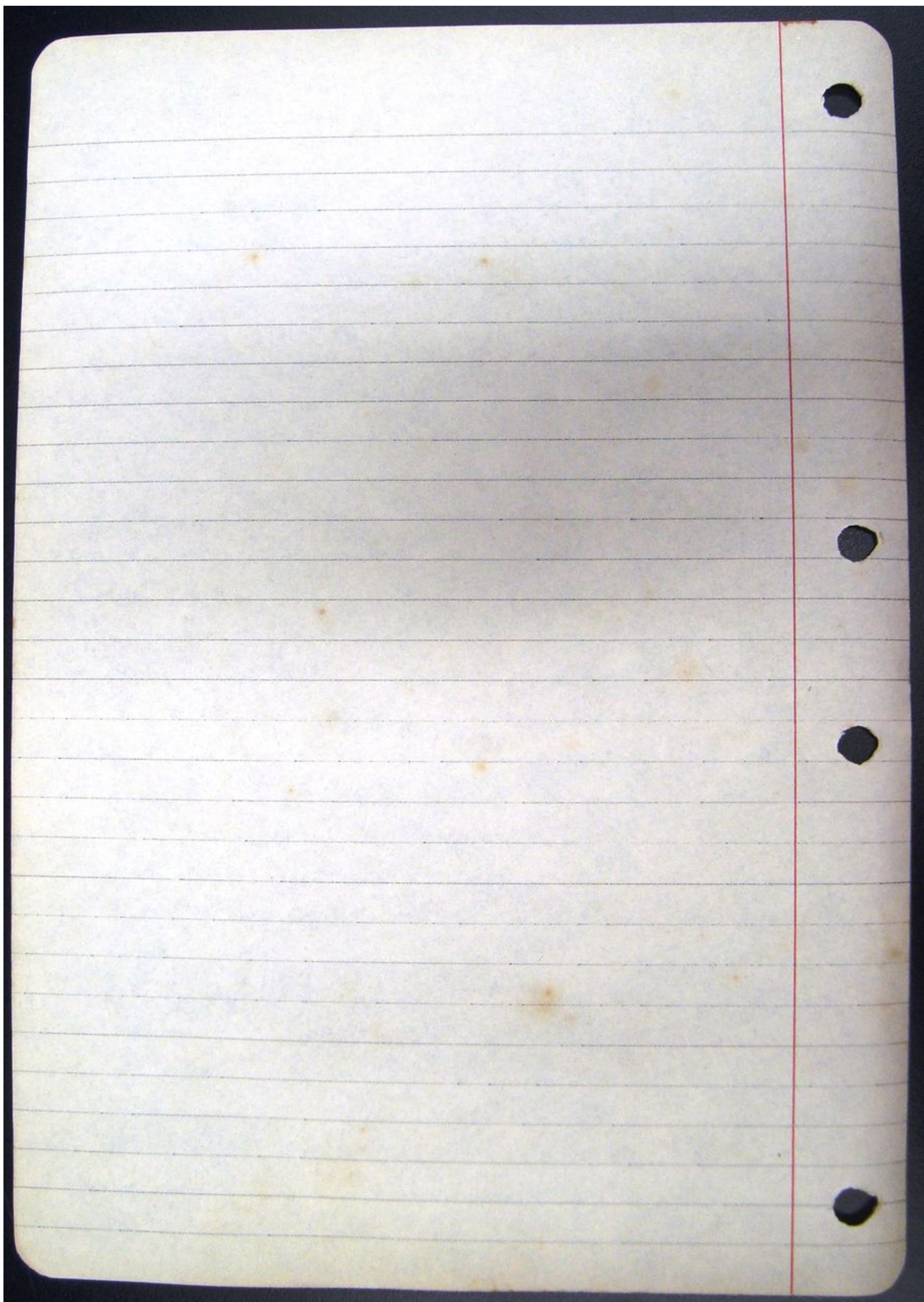
Apto, 18.

O quartel passou-se de um busto. Interferiu para superior que deveria ser posto voltado para o Rio Paraguai, costas para o quartel. Vencem o argumento da autoridade mói: frente para a cidade.

Haverá, a partir de agora, uma resposta a dar a todos os visitantes: "Foi um Aspirante que morreu, vítima da explosão de um petardo". A palavra "aspirante" não é intransitiva; aliada à morte, para a ~~to~~ ser trágica porque refere parente perdida. ~~o~~ Aspirante a Oficial morreu ao pretender dar mais fulgor à alvorada festiva das comemorações ao aniversário do Batalhão, a 9 de agosto de 1957.

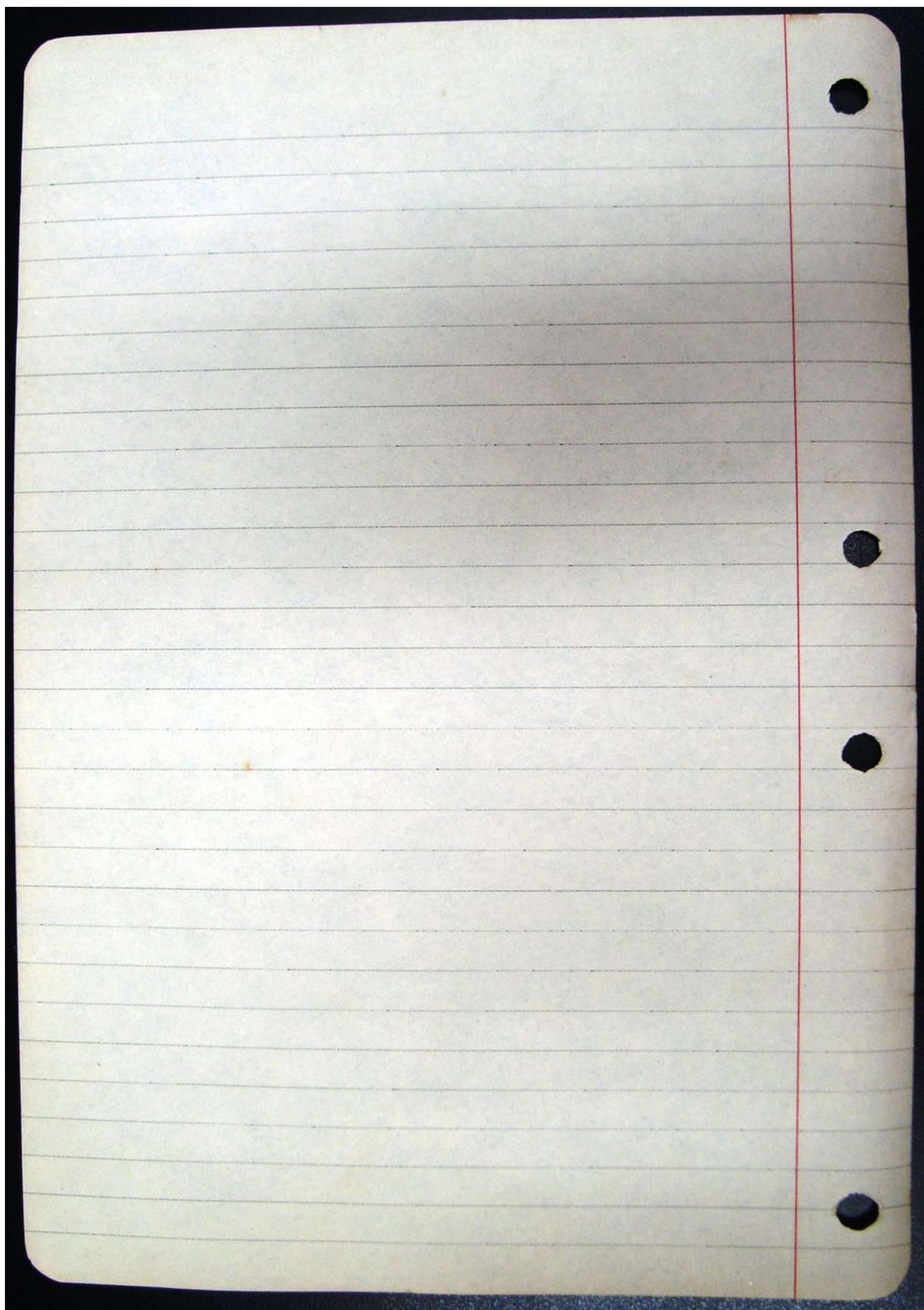
De tudo o que contaram sobre a morte, ficou-me um detalhe insignificante. A explosão deu-se sob uma árvore — a mesma onde foi fuzilado o sarjento de 1925. Accontece que os pássaros aninham nas árvores. Um dos pássaros não chegou a amanhecer: foi encontrado morto ao lado do aspirante.

É da inauguração do busto ~~fica~~ quando a cena mais dolorosa. O pai



desprendendo o pano que o encobria e a mãe, pequena, minada, pálida, — ele havia saído de dentro dela — alçando para o filho endurecido no bronze.

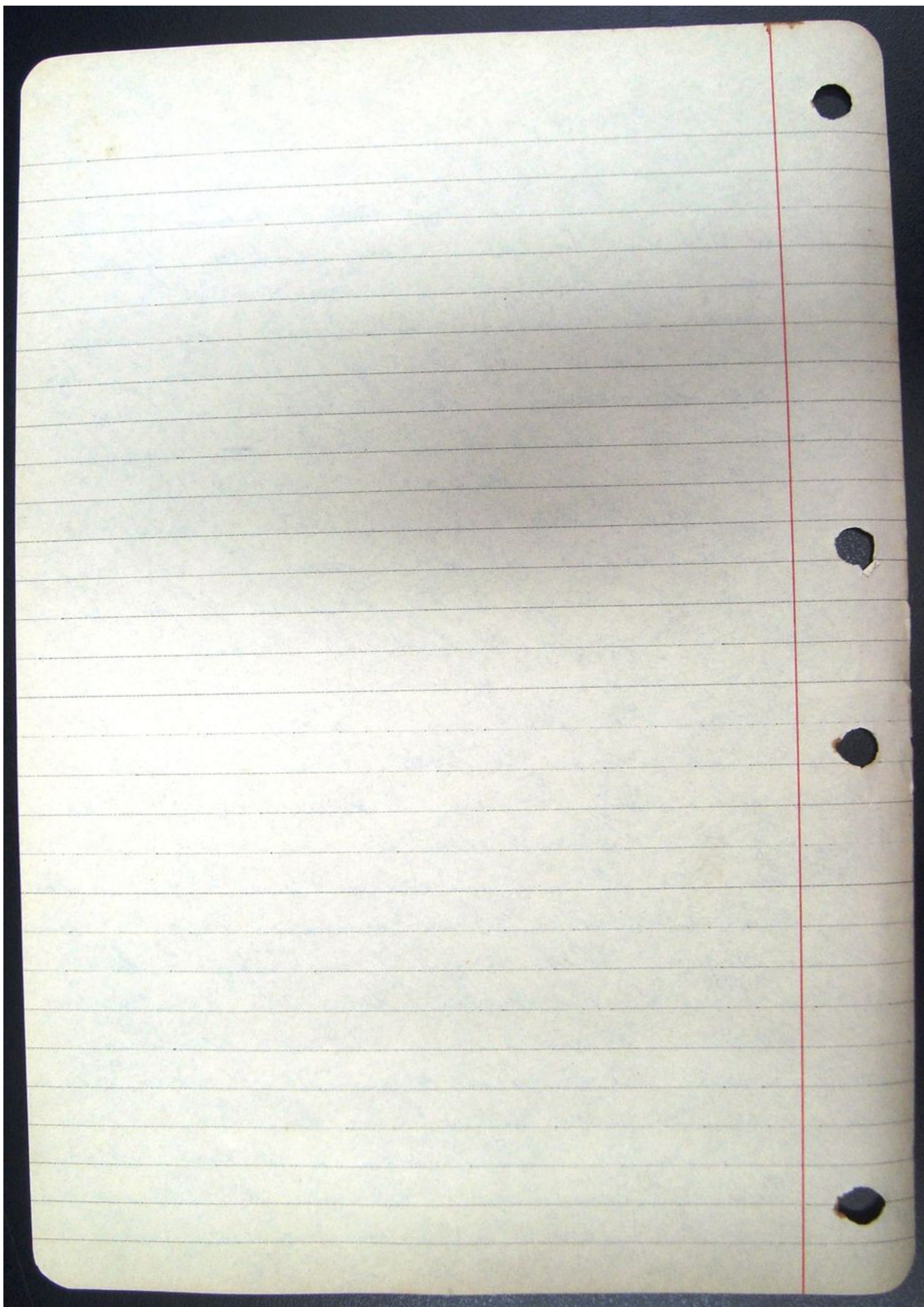
Todo quartel tem lenda. Uma formou-se com a morte do macedo. Que um pai fora comandante do 17: BC, quando capitão. Que fora ele o responsável pela fuzilamento do sarmento. Felice. O pai era de Butilharia, jamais poderia ter comandado este Batalhão. Mas a incapacidade desconhece a limitação da lógica e bastou o menino morrer próximo daquela árvore — que já nem é a mesma — para a lenda compor-se.



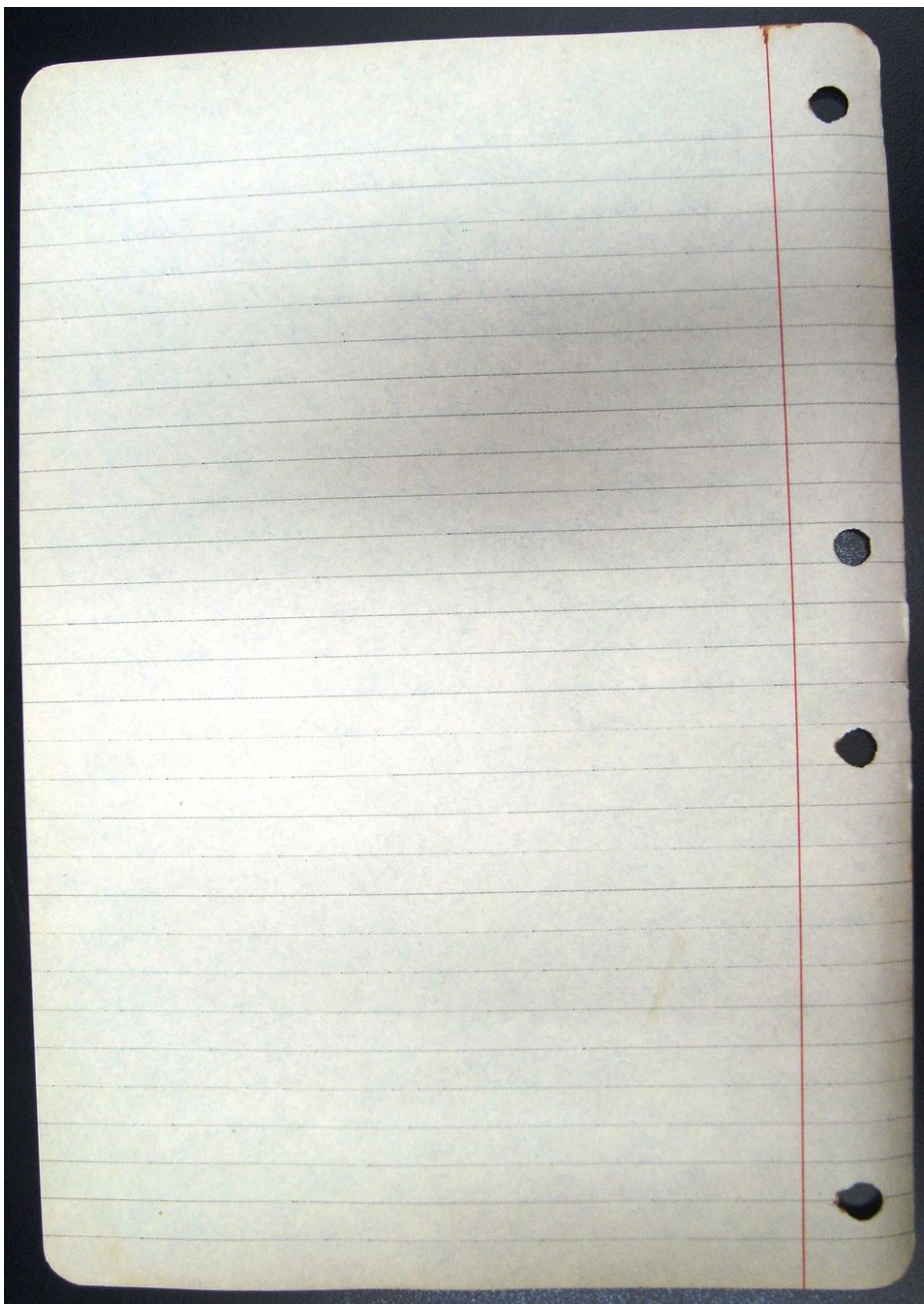
Apto, 30.

Em coisa de meia hora, ~~est~~ tudo
acalado. O caminhão encostou de rei,
soldados desceram, ~~tem~~ começaram
móveis, malas, miudezas, na esquí-
na oposta da Av. Gen. Rondon, outra
vez ~~de-a-í~~ o caminhão a rei, solda-
dos descargaram tudo ~~e~~ estava
feita a mudança.

Não podia mais suportar o acongue.
Caixa d'água a correr sem parar, noite
e dia. Inicialmente, deu resultado fe-
char o registro de entrada da água; por
fim, mistério absoluto, mesmo com
o registro fechado a água escorria.
O caminhão do lixo! Poderia acenar o
relógio pela luzinha desesperada às 5 da
tarde. Lamento ter deixado a bela ai-
vore de flores grandes e vermelhas caindo
na calçada. Não consegui descobrir-lhe
o nome. Alta, erguida, ultrapassando o
telhado, e a nota abafe da rua Dela-
mare. Perguntei a soldados, oficiais,
civis, até a um deputado federal, a
um poeta e formalista da terra: nin-
guém sabe identificar a árvore. Mal-
dita ignorância botânica brasileira.
A nova casa é velhinha e mal



dividida. Mais com o timento midies,
talvez provisoriamente. Paredes, largas,
esquadrias de ripa interior, toda o
madeiramento pintado a óleo azul
marinho, paredes em amarelo. Escuro,
soturna, transportada de Ouro Preto para
Mato Grosso. Os heróis da Inconfidên-
cia estão na sombra das pedras. O
enfornamento de um deles (qual foi?)
pode dar-se no banheiro lajeado sem
teto, telhas à mostra. Poeira branca
entra sem peias pelo toldado das fa-
nelas, materializando o vento. Mas
tem paisagem, que a frente dá para
uma praça inacabada, rio Para-
guai à vista, o pantanal.

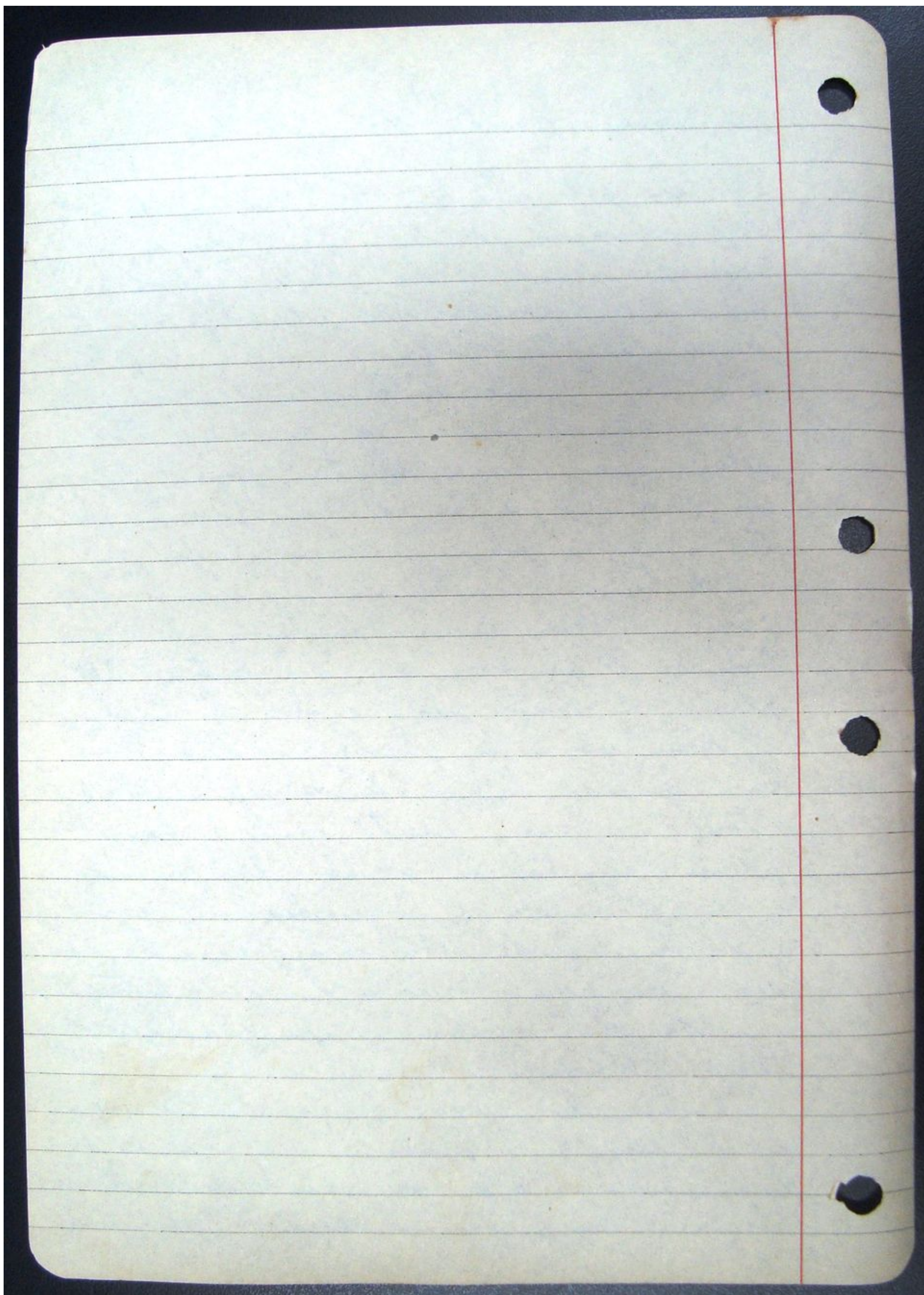


Campo Grande, 4 de Setembro.

De 7 da manhã às 23 horas, de ontem, dezesseis horas de tempo para chegar a Campo Grande. Pto. Pto. Esperança, paisagem conhecida. Logo adiante o pantanal desaparece e a vegetação é rala, quase inteiramente composta por uma só espécie de árvore, tronco reto, escuro, copa aberta, pouca folhagem, a impressão de que foram plantados com algum descaso, já que a distância entre elas varia um pouco. Mas, quem plantaria tal quantidade de árvores sem serventia? A perder de vista ~~para~~ todos os lados, o tem covendo trilhos colocados sem grande dificuldade, planície, retos imensos, luto sem pedras — poeira mudando a cor da farda.

Miranda e Aquidauana com pinto de cidade. No mais, paradas e mais paradas, resumindo-se à estaca, um rancho, nenhum metro quadrado de terra cultivada.

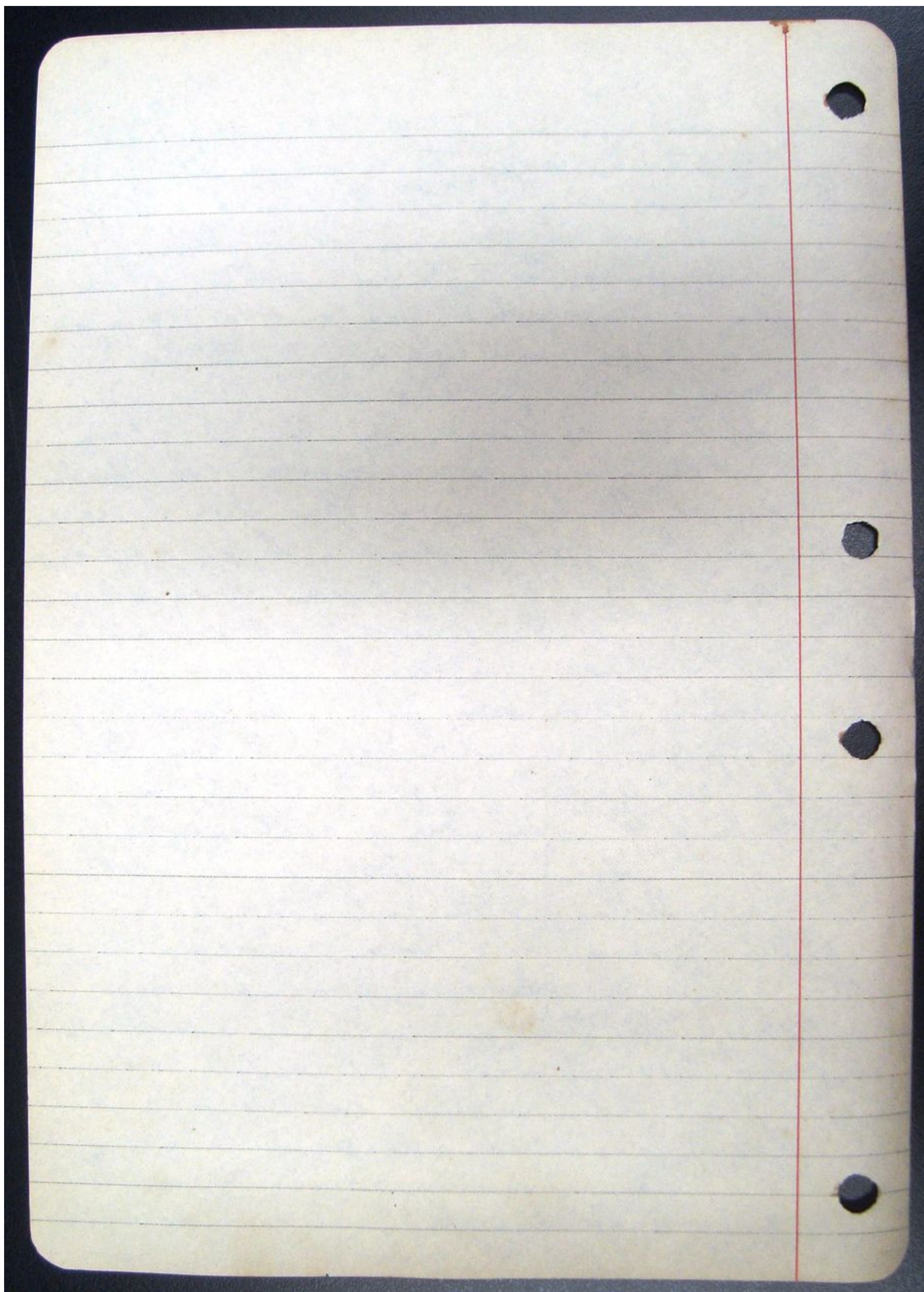
Em dois canos especiais, de segunda, segue a Companhia que vai desfilar em Campo Grande no Dia da Pátria. Oficiais e sarfentos no vagão de primeira



classe, comum aos demais panapeiros. Distrações: jogar tucos as baralho e porrinha com palitos de fósforo. Vapores para muito pensar. Nos Estados Unidos, uma companhia inteira de soldados incendiou-se no ar, quando os rapazes iam para o Natal em suas casas. Em que ano foi? País rico, soldados de avião; no Brasil, trem ou caminhão ou a cavalo. A Unidade de Cuiabá levou dois dias de caminhada pelos estrados de pó e calor; uma tropa de cavalaria desbeconou com os próprios meios até encontrar o trem para embarcar animais e pessoal. Num país pobre mas coerente criariam os soldados? O povo aplaude o capitão que abate a espada, o general que responde à continência. Poucos segundos. Sem guerra, veio-me à lembrança um alojamento do 17.º B.C. Cama, sem lena, soldados dormindo no ~~chão~~ de cimento, um comandante de companhia lançou mão de recurso inteligente:

— Cada soldado que remendar uma lena, fica sendo seu proprietário.

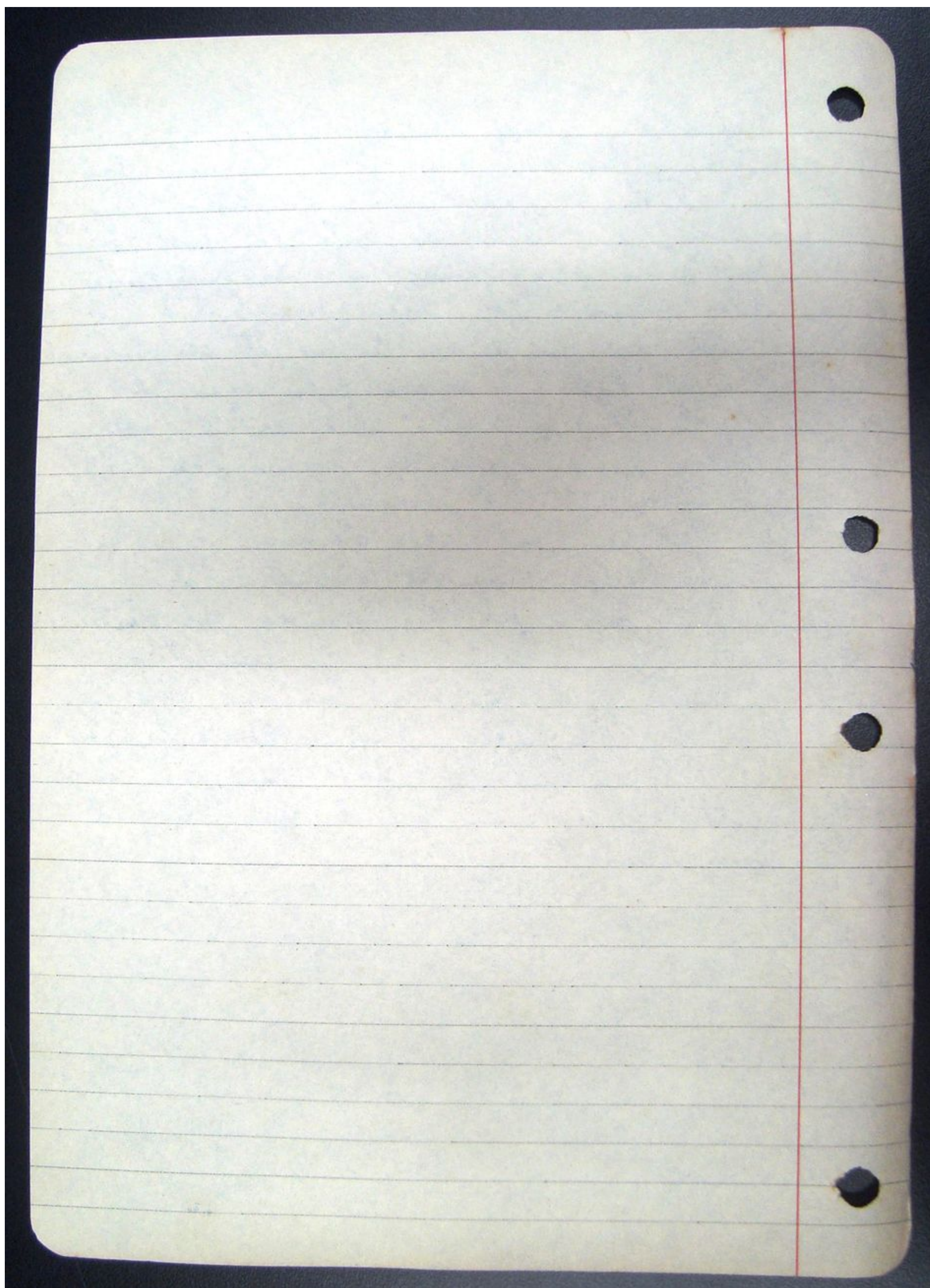
Éta a maneira de livrar-se da gripe e da disputa para não dormir



no chão gelado dos noites frias que inesperadamente acontecem em Coimbra.

Todos os expedientes remetidos para cima, em busca de soluções para o problema dos lenos, ainda não foram solucionados. A última tentativa foi feita ao comandante do II Exército que se interessou em solucioná-lo. Nada. Por que será tão difícil ~~se~~ verba para uma das necessidades fundamentais do homem!

Alguns soldados deixam de ir ao fantar para garantir o leno. Possivelmente, no vapor de segunda, existem outros que, cansados da competição, tenham preferido desfilas em Campos Grande, panopéia papa, comida papa, alojamento melhor em cama patente, o carinho de um lençol branco.

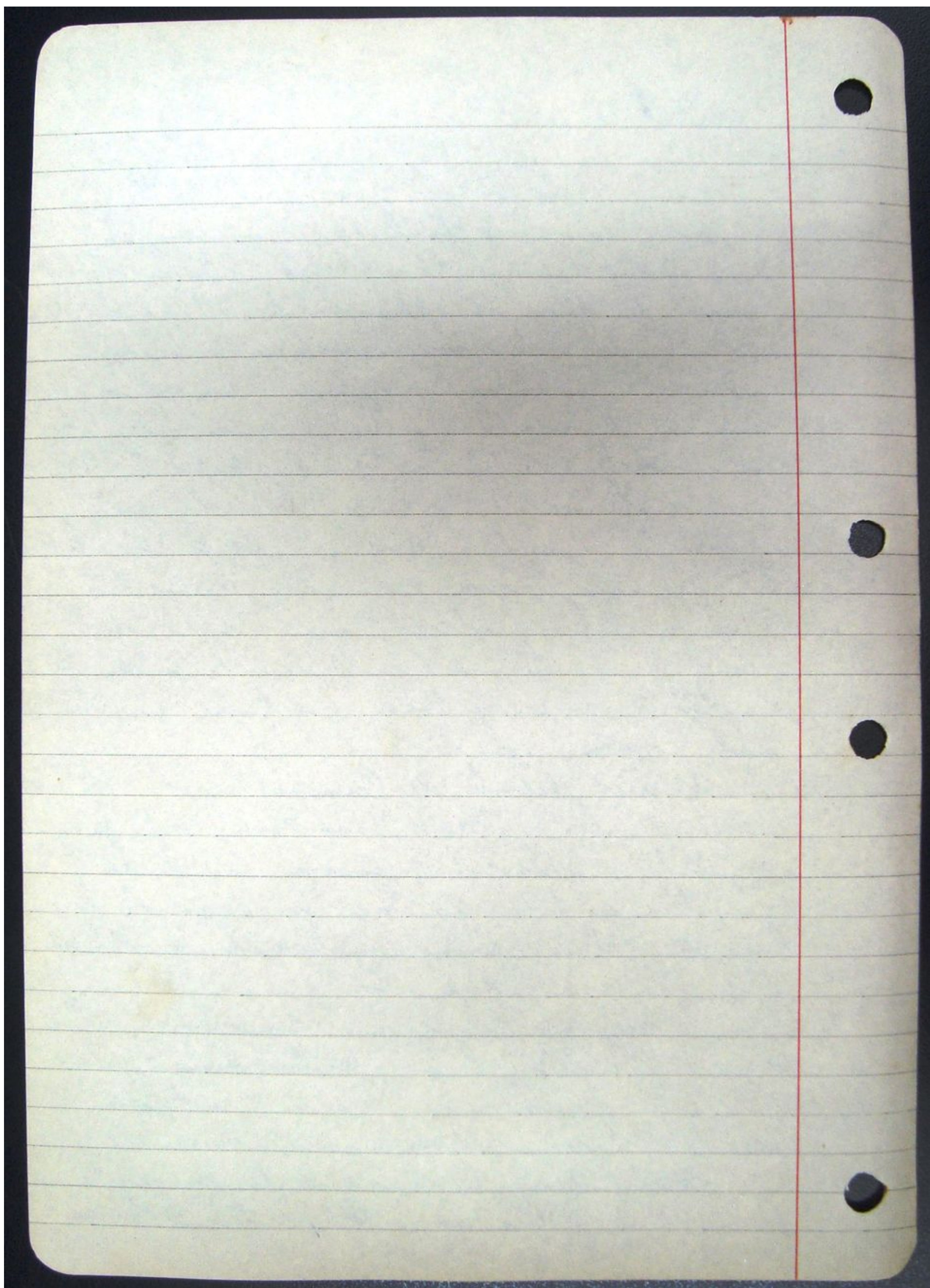


Set 5.

Campo Grande é uma bela cidade, de ruas largas, asfaltadas, imensas, a largura mais notável por força das casas de um só pavimento. Lembra cidades do oeste americano, vistas no cinema. Também aqui a aparência com o Nordeste: uma banca de for-
mais cheia de "literatura de cordel". Ho-
téis, restaurantes, bares, boas livrarias
(encontrei o último livro de Jorge Amado),
três cinemas, um bar com orquestra.
Na rua, militares, militares, de
toda a parte, exército, marinha de
hadrão, aeronáutica da Base que tem
sede nesta cidade.

Maior defeito de Campo Grande: a
falta de luz. Mal acontece, apa-
-re tudo, geladeiras, servem de enfeite,
no restaurante o jantar foi servido à
luz de velas. Outro motivo de angústia:
a poeira vermelha. Por ela, a terra
tem o nome de "cidade morena". Co-
umbá, "cidade branca" ~~também~~ pela
poeira calcária e Cuiabá, "cidade
verde". Pelas palmeiras das ruas.

No principal engarrafamento do centro,
Rua 14 de julho com Av Epitácio Pessoa,



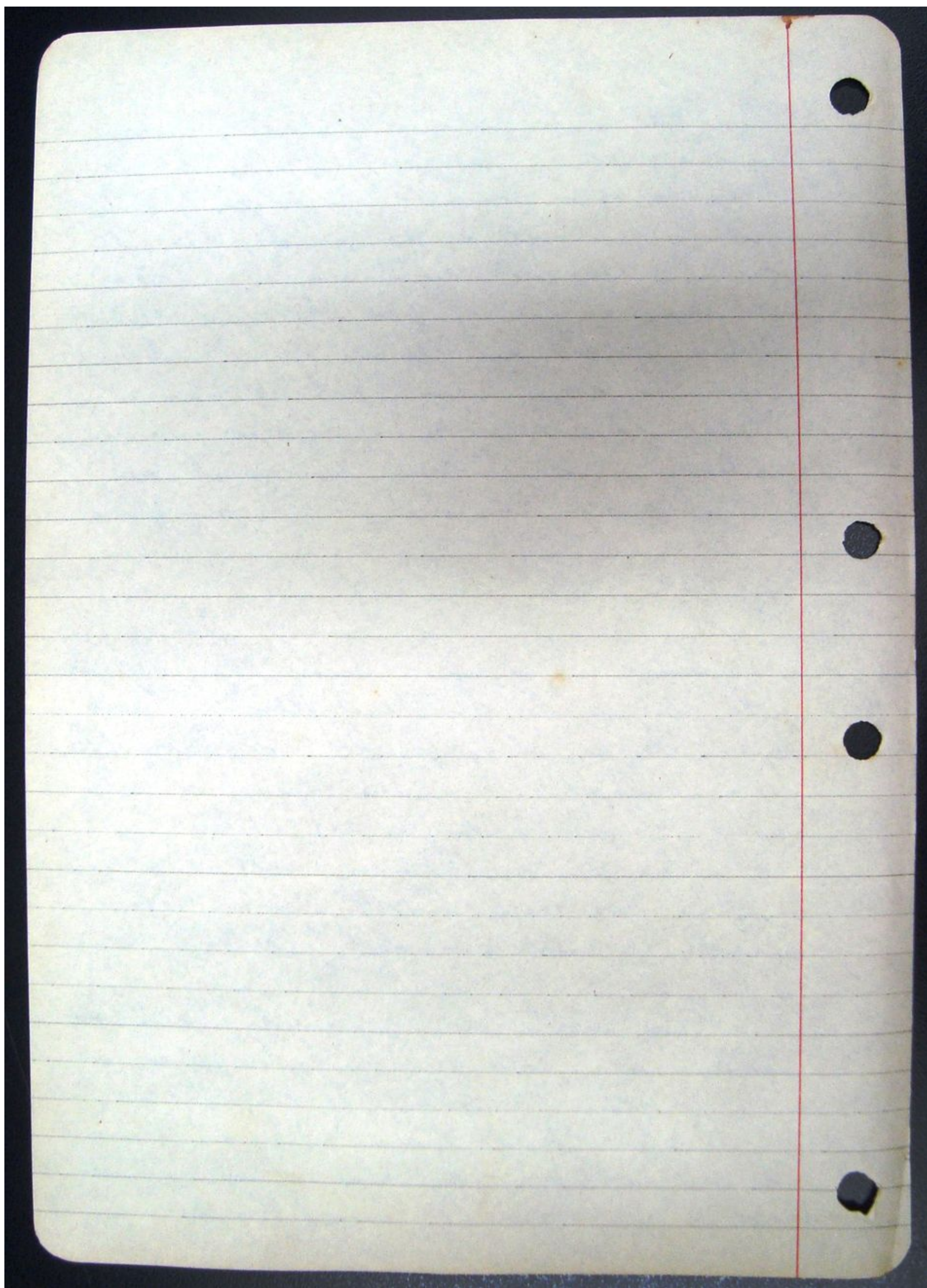
uma espécie de parque de diversões com
as damas e inocentes "percanas" de
brinde, lançamento de anela, nas
pneus, bicho e, ao fundo, grande
roda vertical iluminada a cores
várias, girando, girando, "fôps feito!"
Uma roleta em plena via pública,
fichas a bom preço, sob o patrocínio
ilegal da Ipepa que quer construir uma
catedral, a catedral em construção
em todas as cidades por que se passa.

Act 8

Comovimento e entusiasmo dos soldados
pelo sucesso do desfile de ontem. Conci-
entos, alegres, empregando o melhor esforço,
boa vontade máxima como se estives-
sem numa profusão definitiva.

Uma máscara, roupa verde, a ordem-
unida que despersonaliza — o vigor da
idade garante ~~a mente~~ tudo.

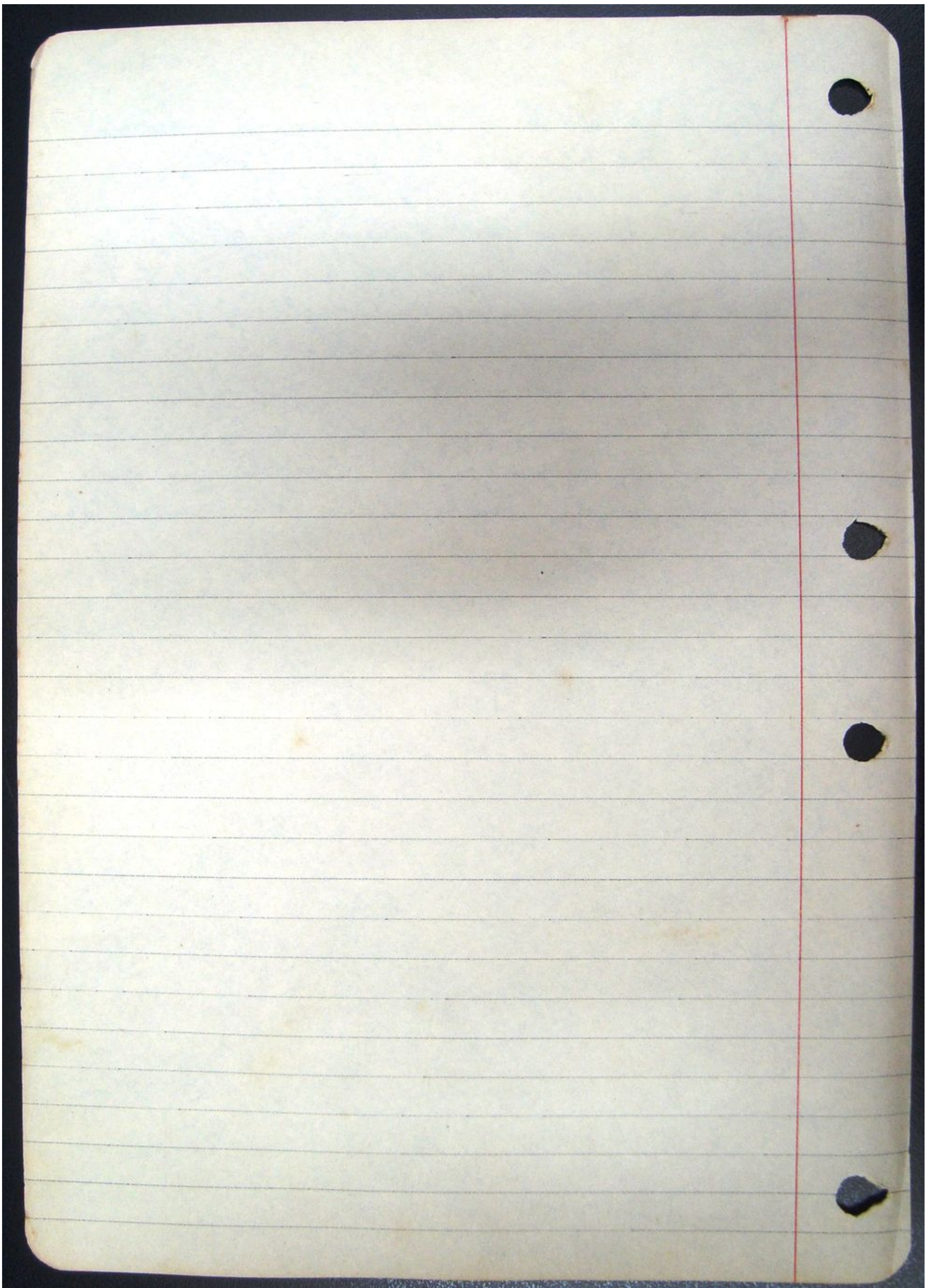
Na noite de 7, grande baile ~~de~~
~~para~~ ^{para} inauguração da rede social
do Clube Militar. A bem dizer, todo
o movimento de tropas foi para dar
brilho ao fim do dia. Tudo muito
bem, até soldados com uniformes



do Drapão da Independência ~~para~~
para sacramentar a fala. Mas a
moça louca, ainda de Comum para
um número de dança, perdeu a
calma ante o enigma da seta
e xingou o pobre tenente que lutava
por consentir o espetáculo:

— O senhor é um cavalo!

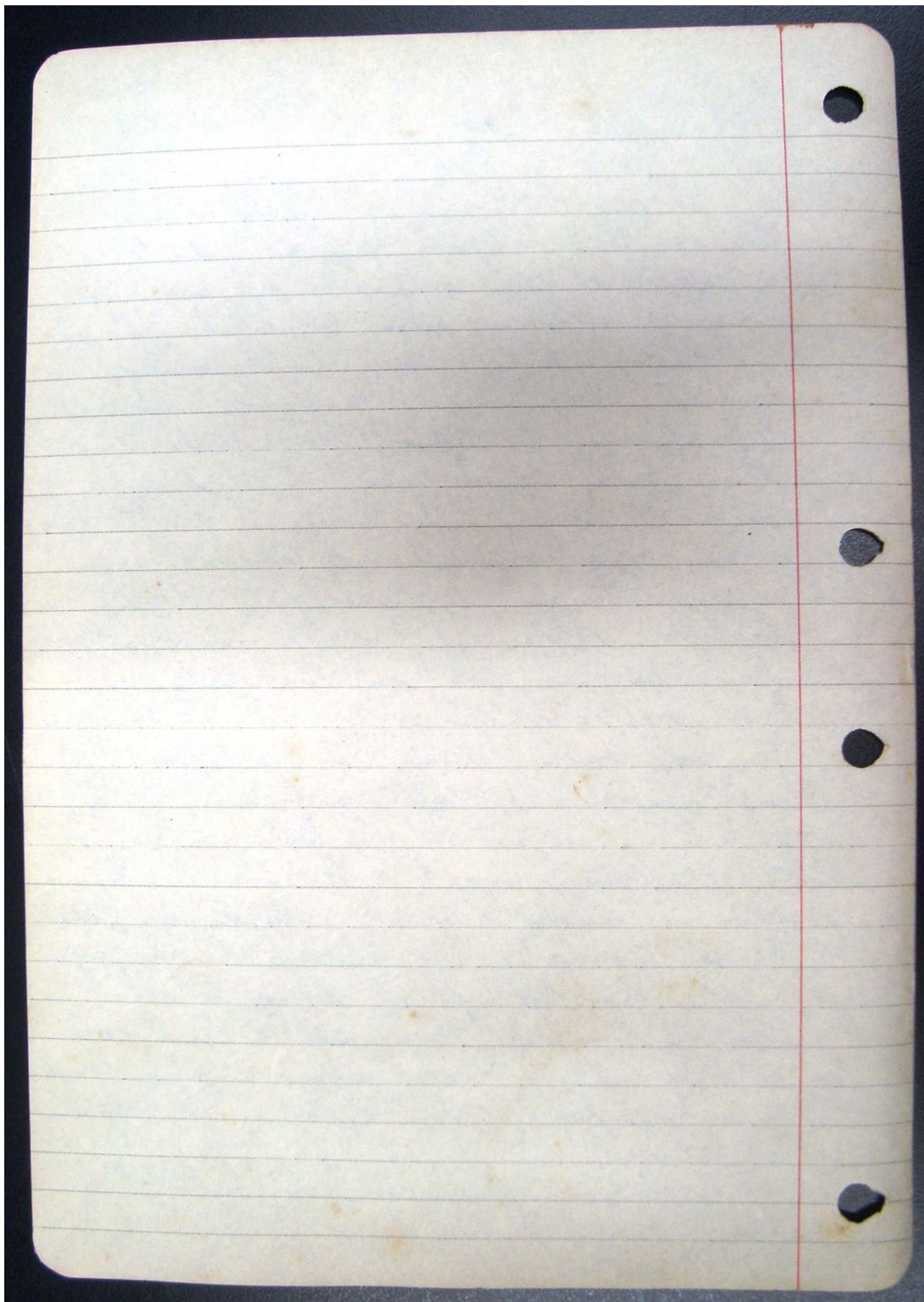
Foi o "suspense" da festa. A leveza
do traje, a graça da moça, nada
mais pôde salvá-la da culpabilidade.



Cumha, 11.

O que mais me impressionou em Campo Grande não foi a cidade, a falta de luz, a poeira, o esforço nem a despesa para concentração de soldados para uma continência à direita. Foi um pipama branco. Os oficiais ficaram hospedados em dois salos contíguos, biblioteca e parte da enfermaria, três e quatro camas respectivamente. O menor oficial, em estatura, apareceu com o pipama branco. Se uma feia entrasse ali fumando charuto, minha surpresa não seria maior. O capitão é de uma pessoa seca, dura, falando sempre na primeira pessoa, intransigência, o homem mau das fábulas. Por o pipama adocava-o. De flanela branca, ~~plissada~~ ^{plegada} à moda russa, fechada ao pescoço. No bolso, bordada a linha azul, as palavras mágicas: "Paz de ella". Imediatamente imaginou o cravica de colo, o babador debruado e cadarço de seda, hum viva a risca "Não me heijs".

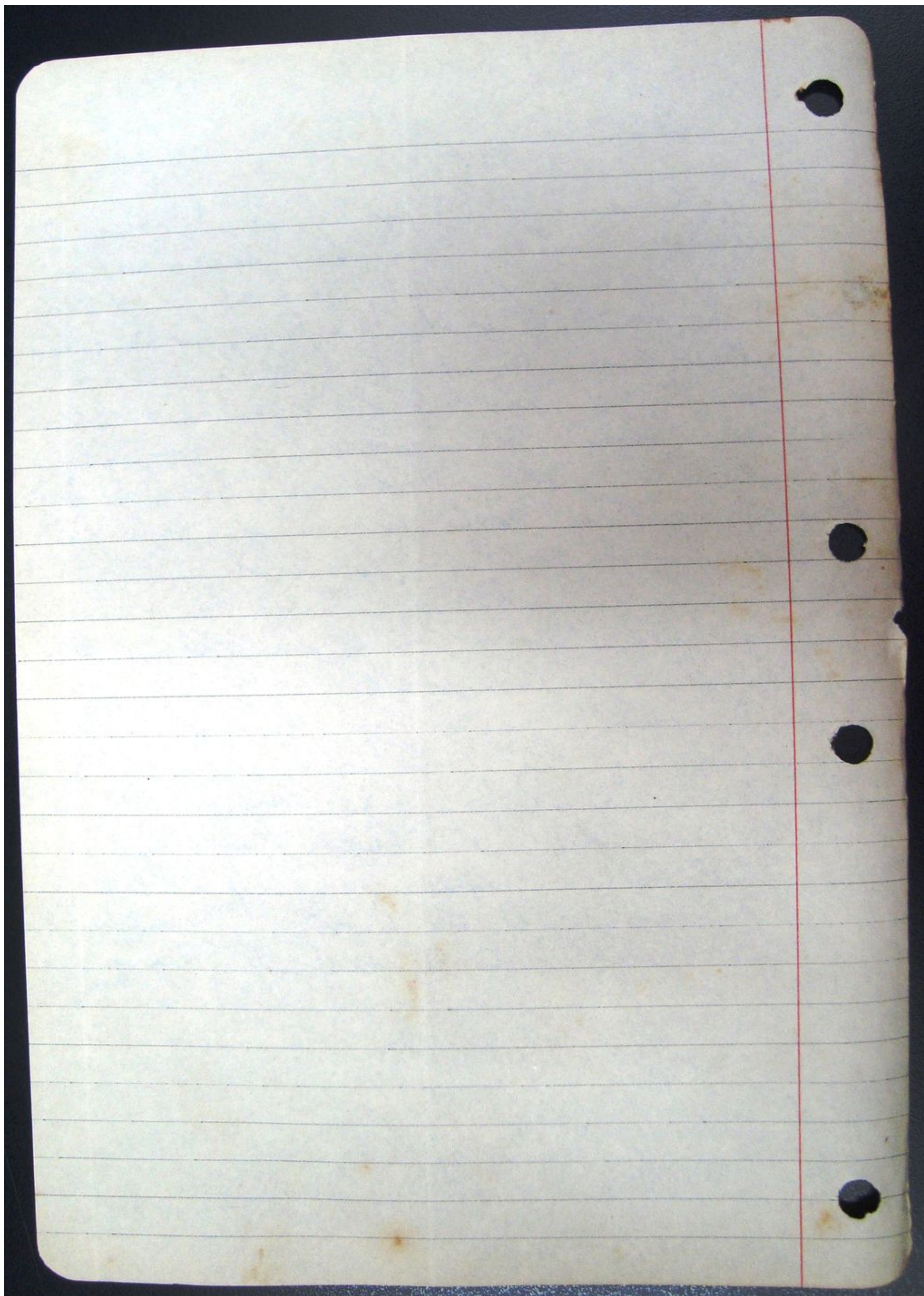
Nona vizinhança com a Bolívia traz essas consequências.



Dia 12.

Impunha-se ver o La Baranca e dançar. É o bar mais excêntrico e natural do Brasil. O rapaz do contra-baixo de cordas, estava de Fuzileiro Naval em Campo Grande; o mulato cantor é sargento da mesma corporação. Quem se encarrega da batagem é do Coneio Deuses Nacional, cabo da Tironântica, está dançando com uma mulher alta demais para ele. Oficiais, sargentos, soldados, todos dançam no mesmo salão — no bar super democrático de Coimbra.

Também os mocos, da mais alta estirpe, a dita "aristocracia bovina", até os humildes vendedores de discos ou moradores dos Casas Populares aí estão para desafiar a desigualdade de classes. O La Baranca merece um poema de Manuel Bandeira.



Set, 14

É hoje, domingo, que diges?

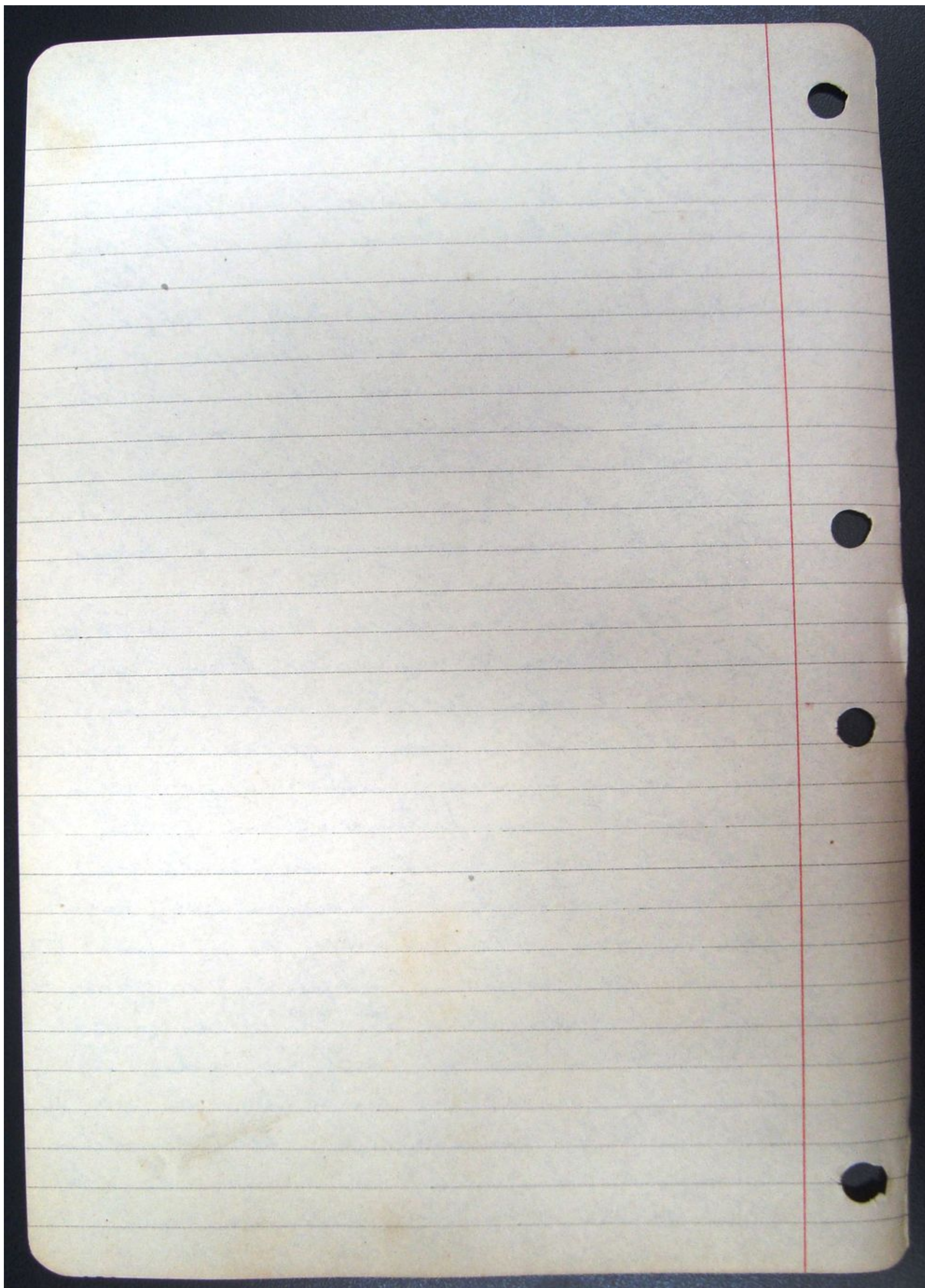
Levanti-me às 11 horas, manhã es-
cura, fria, sai pela Avenida General Ron-
don. O vento, desfazendo copas, antem-
vistas, tranqüilas, põe assembranças in-
suspeitadas nos ares. Na esquina,
o Inganville é uma montanha líbia,
desfeita em nuvens; na rua, as pal-
meiras, seguem versos verdes, sem
expressão gramatical para quem não
é poeta.



Set, 19.

O tenente médico é uma figura curiosa. Paraiibano baixinho, cabelos eslos e corapinha, ri com uma facilidade espantosa, suandindo todo o corpo. Usa óculos de ars de tartemga e fez o curso de medicina enquanto era sargento identificador do exército. Simpatico a todos, chamam-no de dentozinho e "men chapinha" - tratamento mais amigável que depreciativo.

No convivio diario de um casarão colonial, descubro caracteristicas inesperadas. O homem tem estranho método de vida, em pequenas coisas que nos definem melhor que os arranjos publicos. Pretendi casar (aliás, cheguei a Coimbra com essa intenção, sempre protelada) e economiza, só por que não tem móveis, salvo uma cama de rolêto e algumas cadeiras velhas, onde deposita livros, roupas, rádios de cabeceira, enfileiradas ao lado da cama - muralha de seu bem estar e comodismo. Há também uma coisa que serve de guarda-roupa: alguns táboas coladas com

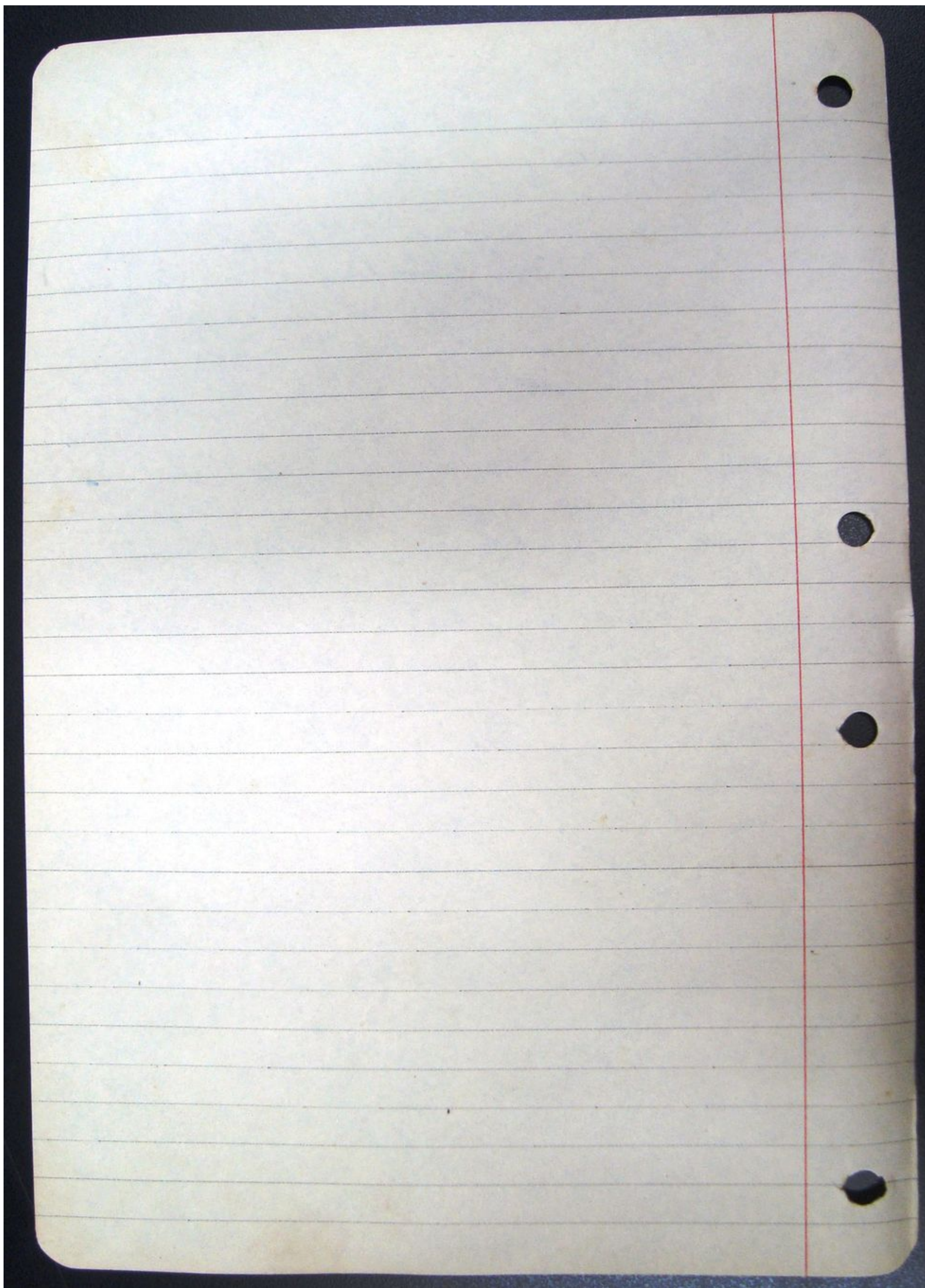


um leucal. Nós tem o hábito da or-
dem, fato que o filia à grande fami-
lia dos solteiros, mas um home-
miz insignificante chamam-me à
atenção. Todos ~~os~~ dias as madrugadas
o despertador toca, ele o trava e, em
seguida, guarda-o na mala.

— É ~~por~~ por causa da poeira-
explicar-me.

Para o consultório, que funciona
na sala da frente, comprou alguma
coisa: livro, estante, biscoito. O resto,
trouxe da Enfermaria do quartel.

Se o casamento demorar muito a
sair, acredito que se revestirá de
maior pompa, na Candelária, com
tapetes, multidões de velas, orquestra e
coisa.



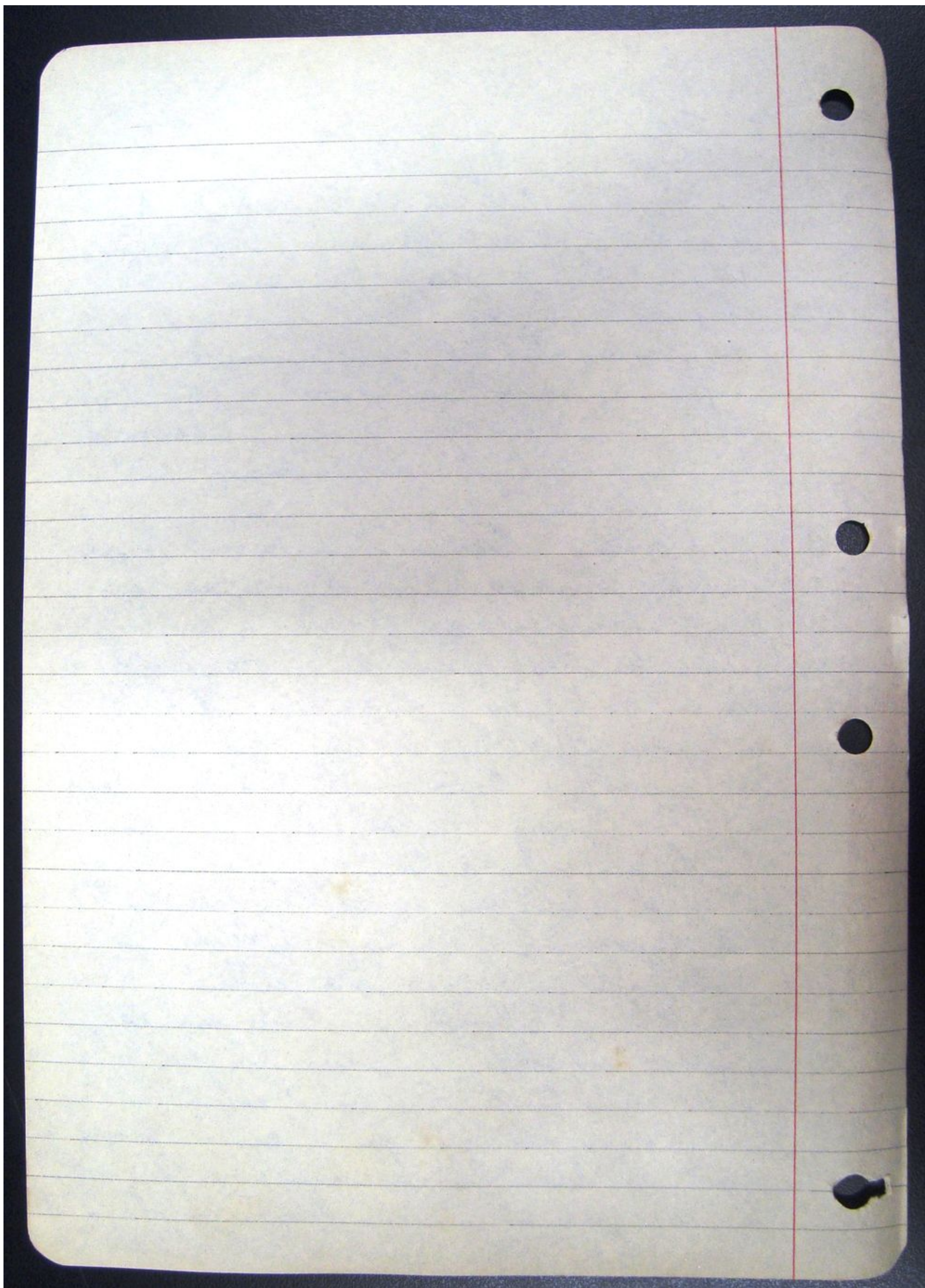
Set 20.

Visita à Fábrica de Cimento Portland Comumha'. Aprendi muita coisa porque jamais havia visto alguma. Da chegada dos caminhões com o calcário bruto até ao carregamento de vagões - sacos rotulados - tudo foi visto em detalhes, o engenheiro cortej e competente explicando as menores coisas.

Chingue. Palavra incorporada hoje a meu vocabulário. De origem inglesa, abranileirada, exprime as bolinhas verdes resultantes da mistura do calcário com a argila, depois de passar pelo forno de secagem, recebendo, à boca, um jato de fogo a 1500 graus célsius.

O engenheiro explica que o nome Portland, dado ao cimento resultante desse processo, é puro "mistério" do descobridor. Porque na cidade inglesa de Portland existem muitas pedras verdes, semelhantes ao chingue resultante da combustão.

Pois o chingue faz e é quase cimento. Basta tritura-lo e misturá-lo ao gesso (gipsita), na proporção de 97%.



193 250x.

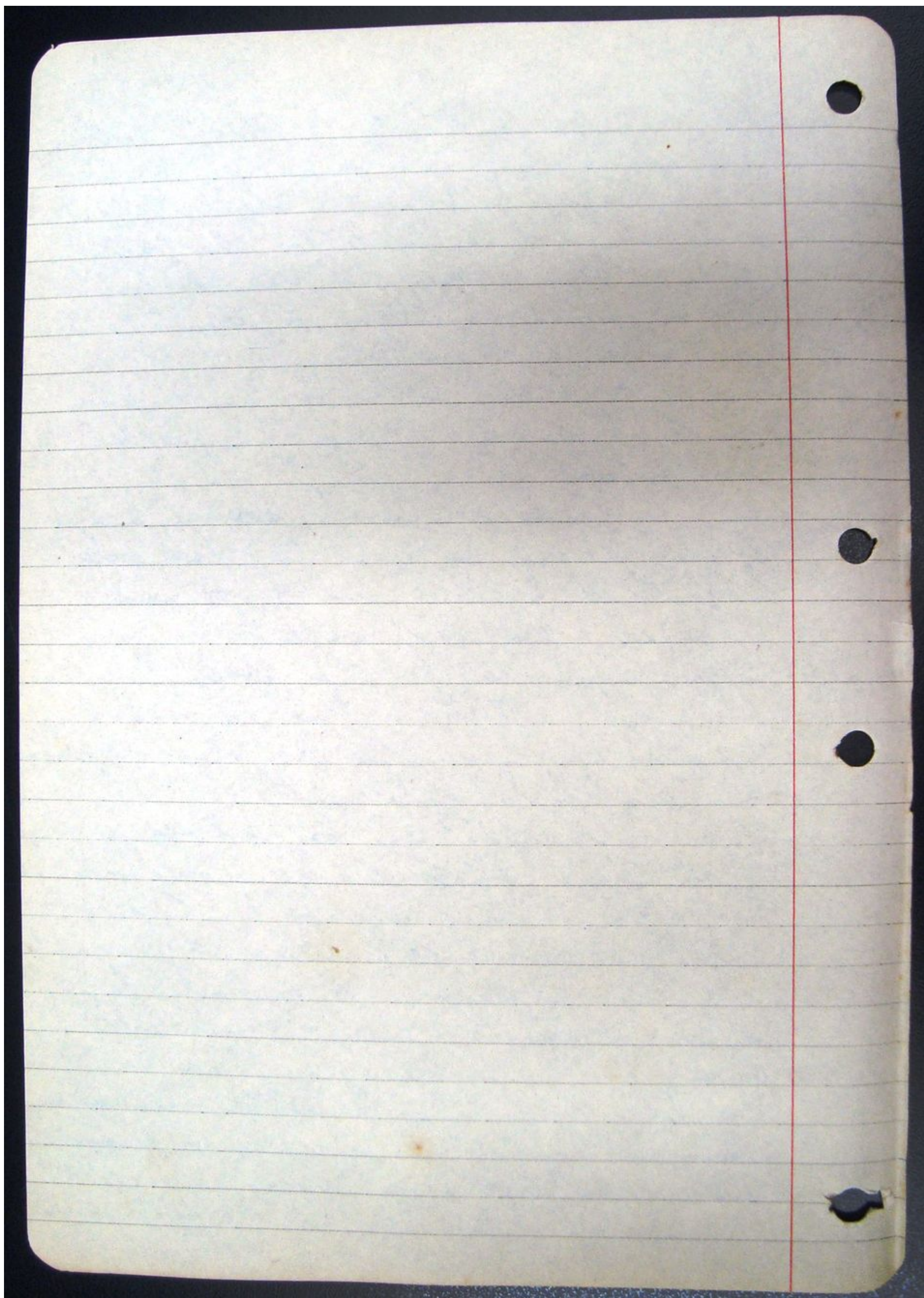
de chique para 3% de peso, e se tem o produto pronto a ensacar e vender.

Calcareos (80%) e argila (20%) são retirados das margens do Paraguai. Mas a gipsita vem de Pernambuco, via marítima a Santos, ferroviária a Curitiba.

— Aqui pertinho, na Bolívia, existe gipsita. Mas os leis proíbem a importação.

Tudo nacional, ~~mesmo~~ o combustível que sobe de Cubatão pela Noroeste do Brasil, salvo os sacos de papel. Mas propriamente os sacos, cujo papel também é brasileiro, mas a patente pertence a uma firma americana e só ela os vende para todo o Brasil.

A instalação da fábrica em Mato Grosso foi um golpe de audácia. Termina-se falta de mercado. Mas — fato que o engenheiro não soube ou não quis explicar — o cimento daqui é mais barato que o de São Paulo e São Paulo supre-se em Curitiba. Também os países limítrofes começaram ~~a~~ a interessar-se e a audácia deu resultados, o primeiro saco — saído em novembro de 1955 — abindo



campo para todos os entos.

Todos os setores da Fábrica estavam em funcionamento, inclusive usina termo-elétrica própria (que poderia fornecer energia à toda a cidade, com vantagens sobre a usina municipal), estações de purificação de água, silos, depósitos, forno, ensacamento, cobrindo vasta área - e não me lembro de ter visto vinte pessoas. Todo o equipamento é moderno, automático, os funcionários lá estão apenas para controlar os aparelhos e medidores. Num regime de 24 horas de trabalho diário, a fábrica emprega ^{poucos} ~~uma~~ ^{plata} ~~plata~~ ^{mas} ~~de~~ apenas duzentos homens, grande parte no trabalho braçal das jazidas e transporte dos minérios.

Surpreendeu-me a ausência de poeira. É que o material, quando não tratado por via úmida, desloca-se por tubulações ou rampas, ao abrigo do vento e porque, segundo explica o engenheiro, a argila de Bonmbá é extremamente plástica, vantagem que oferece sobre as demais argilas do país.

Na despedida, perguntei se

o calcário não ataca o organismo humano. Fala-se então em silicose, ~~produzida pela~~ amíga da tuberculose, resultante da respiração continuada ~~das poeiras~~ do pó das pedreiras. Nenhum caso registrado. O trabalho é feito a céu aberto e a natureza encampa-se de defender o homem.

Set 23.

Fim de semana movimentado, com baile e pic-nic. Nos salões do Comunaense, modernos, inacabados, realizam-se a festa da primavera, com desfile de penteados, no sábado. A sociedade local adora desfiles ^{de moda}. A propósito de tudo, ~~espanjamos-se~~ e arma-se a panarela. As cantoras de rádio que aparecem na cidade trazem sempre o guarda-roupa que as moças vestem para exibí-lo no palco. Se há bônus, no intervalo desfilam os modelos em voga. [De penteados, jamais havia visto. É estanhíssimo. Aparecem as luzes e no círculo luminoso do holofote aparece uma cabeça penteadada que volta para a assistência fulgar. O dramático da cena — por vezes fantasmagórica — é que as moças estão cobertas por uma capa preta para realçar apenas a cabeleira. Em seguida, soltam a capa e descem ~~para~~ à panarela para exibir o vestido, a criada chamada panheta, redonda, sinfonia, alvada. Domingo foi o pic-nic. Mais uma festa patrocinada pelo Batalhão,

em terras do Destacamento Federal de
Posto Escho. Motivos: promoção dos
aspirantes a segundos Tenentes, anivers-
sário de Cunha, dia da avó,
congratamentos das Forças Armadas.

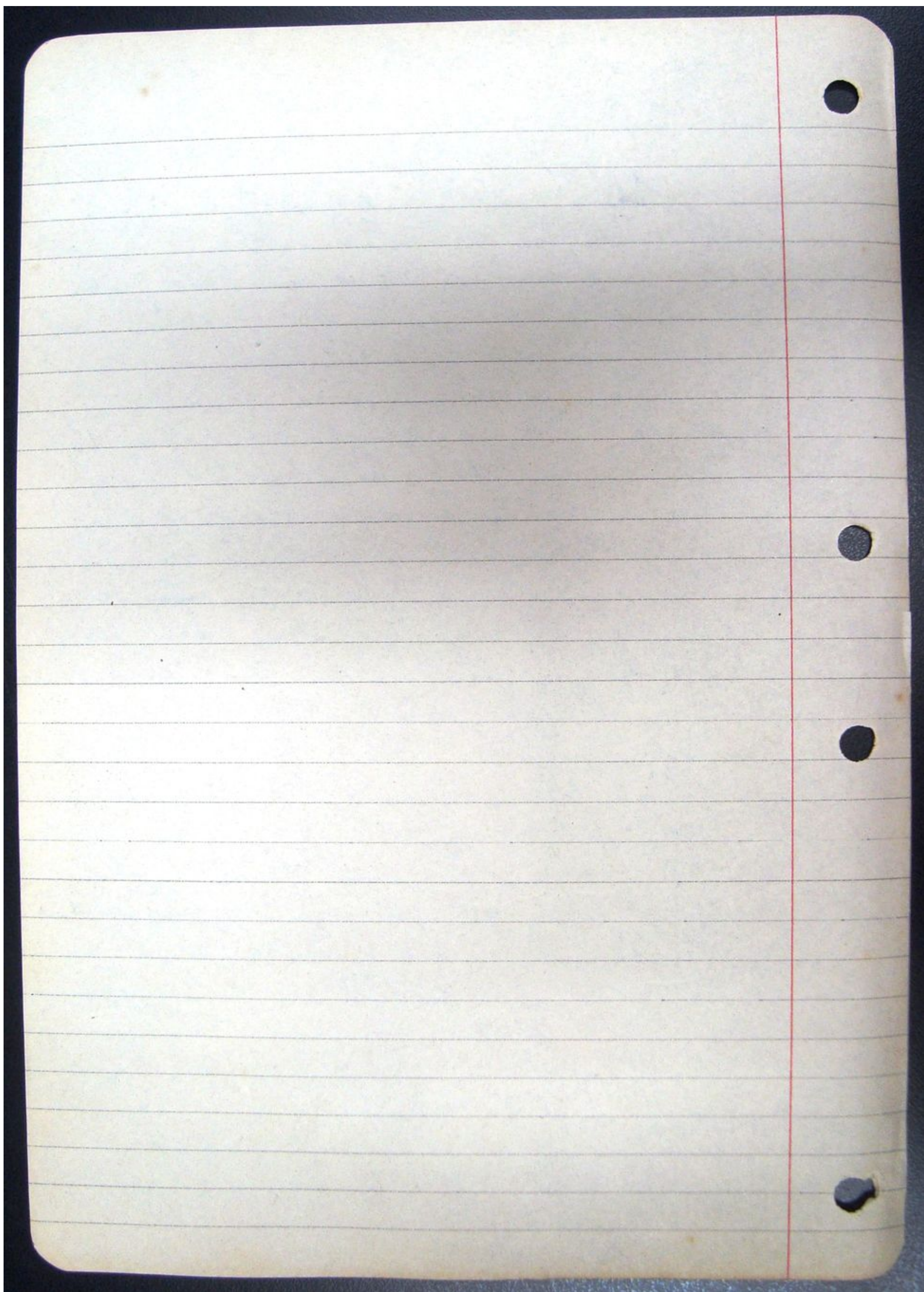
De tudo isto resultou uma boa
festa com sarabulho, orques-
tra, chope e sarabulho. Almirante,
general, coronel, etc, etc, soldados.

Um deles (soldado) embriagou-se
e foi mergulhado no Riacho Concei-
ção - divisa com a Bolívia - para
recuperar-se, ao mesmo tempo que
a banda baiana ^{que fez} ~~em~~ Campo Randi,
banhava-se de maio azul.

Set 25.

Nem inclui parias, o caminho mais curto entre Curitiba e Curitiba, em quilômetros, é o rio Paranaíba. Coisa que não entendo: agora que por aqui o rio está transbordando, na calúcia, é época de baixio e a embarcação não atinge a capital. Vai baldreando para a estrada de rodagem.

O Paranaíba é extremamente sinuoso, tão sinuoso que ~~as~~ curvas em S se sucedem em abundância. Conta-se que em determinado trecho estirpe o abundante. O navio leva mais de duas horas para voltar a um ponto que, a pé, leva-se apenas quinze minutos para vencer. Então há paraquistas que descem, atacam a terra plana e vão esperar que o barco complete a curva.



Set 26

A política ferve em Corumbá. Todos os noites há comícios, faixas e cartazes pela rua, discursos no rádio.

Os candidatos dão condreões ao povo, caminhões abertos em que os ~~fora~~ ~~fora~~ "deitros" viajam aos vivos, na maioria crianças, habitantes do bairro pobre das Casas Populares. E há também passeatas com ciclistas, banda de música, foguetes.

— Conheço Fulano há 35 anos e ainda não pude saber se é homem ou mulher — ataca um creador.

No dia seguinte, o revide:

— Beltrano, que me conhece a 35 anos, diz que não sabe se sou homem ou mulher. Por que não pergunta a sua filha que me conhece a menos tempo e não tem dúvidas?

Outro é sincero:

— Botarei mais 20 professores em Corumbá para que os filhos de vocês não fiquem analfabetos

como eu!

Homem num campo cheio de
propaganda era seu nome dese-
nhado em forma de leão.

Minha lavadeira já sabe
em quem vota. "Porque foi meu
paião e sempre me tratou bem".

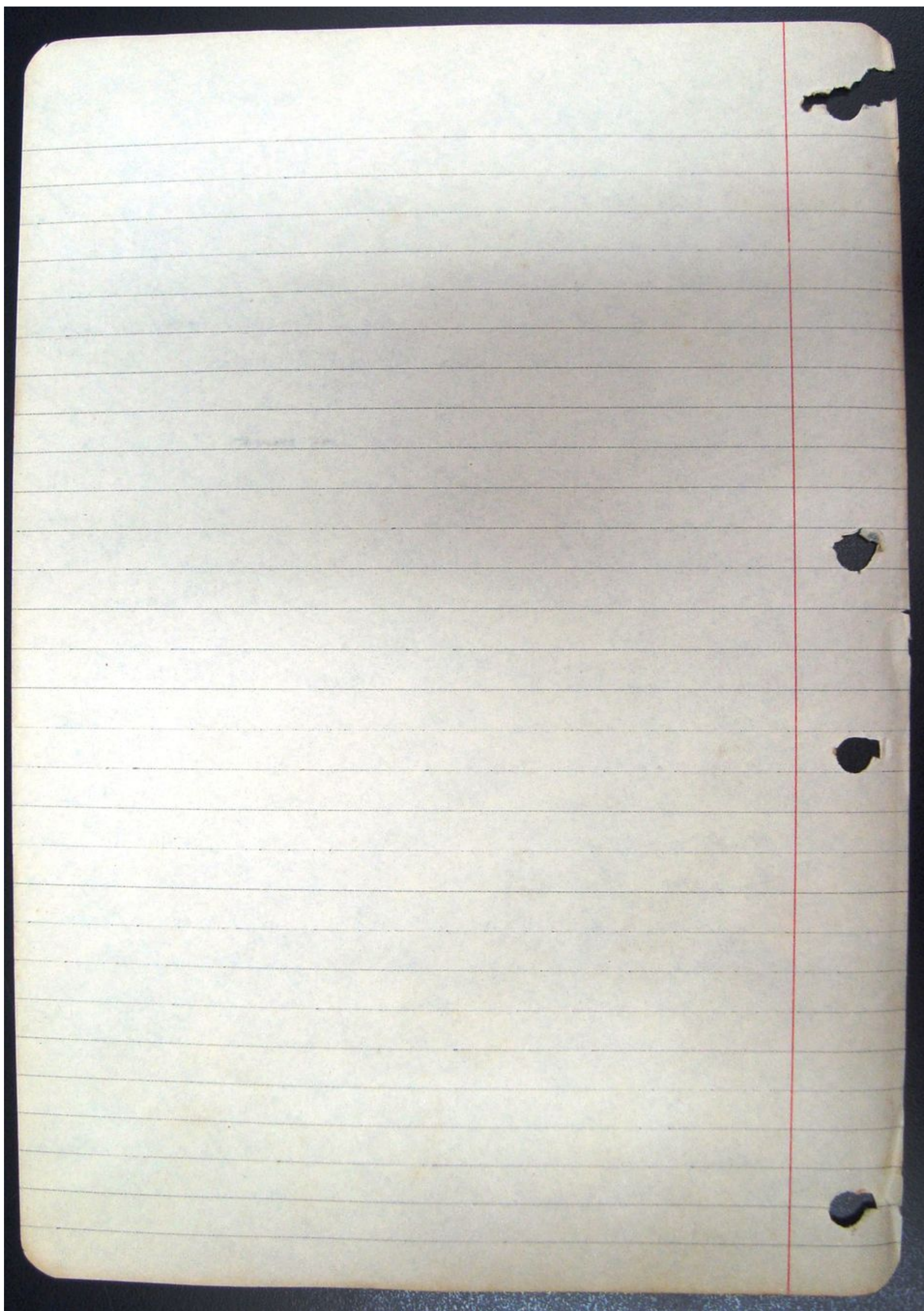
Set 27

Volto ao furo de sub-comandante e recebo o livro de parte do oficial de dia. Cada manhã aparece em minha mesa o relato do ~~do~~ serviço com transcrições de soldados.

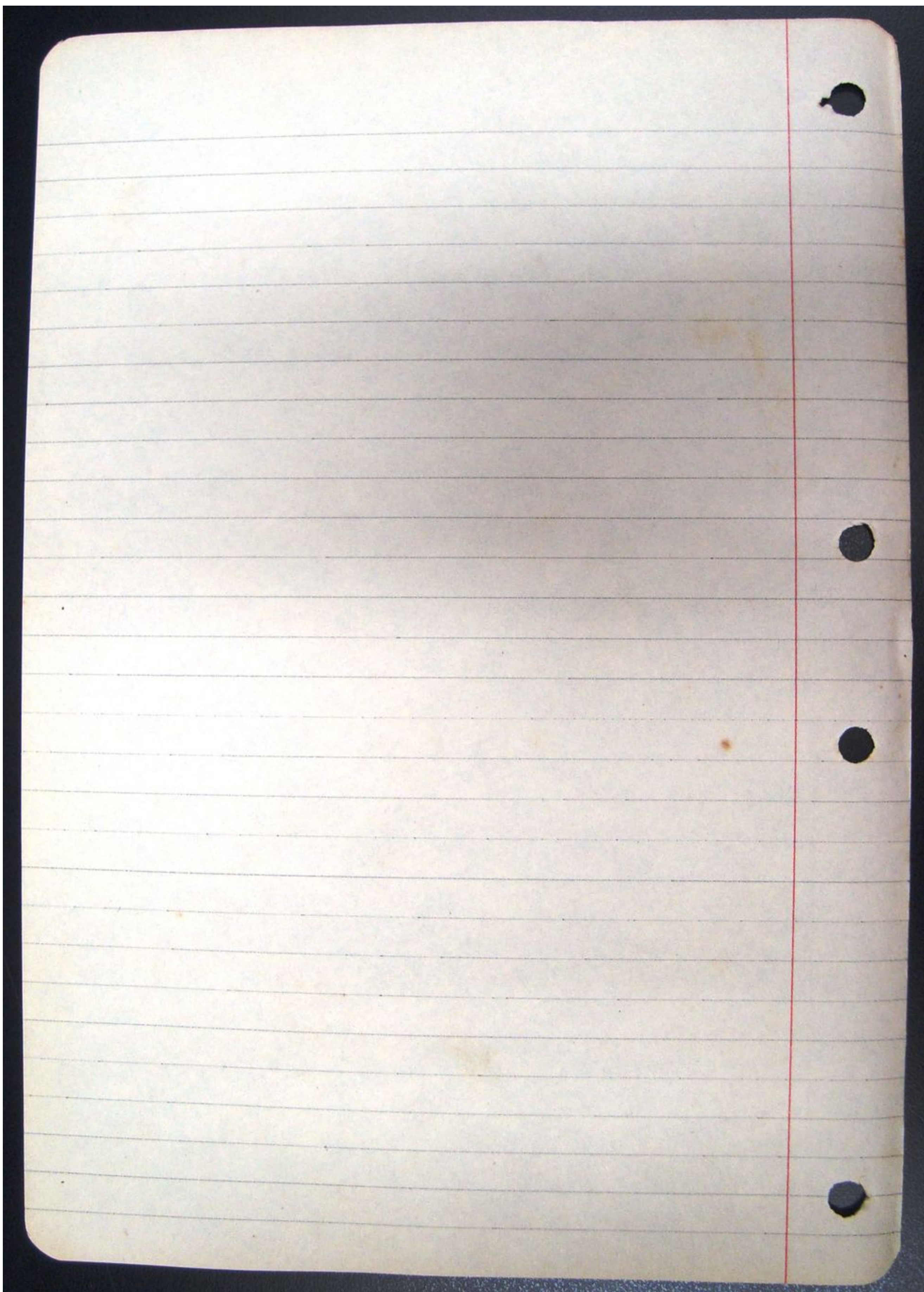
A de hoje está digna de Lourenço. Depois de ~~relato~~ contar as aventuras de um soldado na zona do meretrício, muitos cervejas consumidas, conta não paga, bri-
fa — encena-se: "anexo, um revolver de brinquedo com que a pra-
ca intimidou as mulheres." Tem
revólveres de alumínio e espoleta
de papel.

Não fica só nisso. Cinco sol-
dados foram encontrados, depois do
toque de silêncio, dentro da caixa
d'água do Batalhão, fazendo alga-
rama. Motivo: faltou água para
banho e resolveram transformar
a caixa — cubo negro a dez me-
tros do solo — em piscina.

Proximamente se a data do licen-
ciamento e vai ficando difícil man-
ter quietos os dezennos anos dessa
gente.



205



Set 30

Rumo a Urucum, quatro pessoas, no Chevrolet: o americano na direção, o coronel a seu lado, atrás o major médico e eu.

Depois de 20 km de estrada em terreno plano, o chão se avermelha e começa a subida ^(5 km) para as fazendas de ferro e manganes. Em degraus sucessivos, a estrada em curvas fechadas, como na faveira, visitamos o complexo residencial dos operários casados, depois os pequenos apartamentos e refeitório comum para solteiros, a residência do encarregado geral dos serviços (um sueco), a casa para o engenheiro brasileiro, o escritório da firma — o último degrau ainda em construção, quase concluído ^{feitos} o escritório.

Em redor, panorama cada vez mais grandioso, o horizonte ampliando-se com a ascensão, próximos o morro de Tromba dos Macacos, mais além, de permeio a lagoa, a elevação de facadips, fronteira com a Bolívia, também ricos em manganes (talvez mais ricos que Urucum). Para o Sul, as planuras sem fim, perturbadas repentinamente por elevações

isolada, na direção de Fort Coimbra
— Quando o dia é claro, vê-se o Forte, diz o major. Hoje, a bruma não deixa.

O ~~th~~ maciço do Urucum é formado de várias elevações, riqueza incalculável em ~~th~~ minério de ferro e manganês. A estrada é aberta no minério, o solo todo ~~th~~ vermelho queimado, em marron, e pedras pesadas formando sólidos quase regulares.

A 750 m de altitude (Corumbá fica a 150 m) encontramos as jazidas de manganês, grana fétida ~~th~~ negra de 3 a 5 metros de altura metida entre minério de ferro, em toda a extensão das elevações.

— Sanduiche de manganês e ferro — único e em pedreiros brasileiros.

Parámos a visitar a ~~mineria~~ galeria em exploração, 120 metros de ^{de túnel} ~~th~~ cavado na rocha negra. Primitiva completa.

— É melhor seguir entre os túneis.

As poucas foram parando lampiões a queimam para os visitantes e a luz fraca mal ilumina.

va o corredor por onde saem os vapores cheios de minérios cortados da montanha pela processo mais antigo: picareta.

Do fim do túnel, alguns homens enchendo uma vagoneta. A atmosfera quase irrespirável (seis horas ali dentro!) o engenheiro explica:

— Já temos dois compressores prontos a funcionar e um gerador dependendo do embarcamento ~~final~~ concluído. Já teremos ar e luz, melhores condições de trabalho.

Na ~~escada~~ ^{celta}, à luz das lanternas de gás, veem-se alguns homens encostados às paredes para darem parapeito — a bem dizer saem-se apenas o braço e o brilho dos olhos ~~aquela~~ ^{aqueles} ~~escurecidos~~, emergindo como esboço daquela ~~escurecidos~~.

Fora, o ar puro de Uman, a temperatura fresca, contrasta com o calor da subida.

A Sobramil (Sociedade Brasileira de Mineração Limitada — filiada à United States Steel Corporation) abriu apenas uma galeria que visita

mo. Ainda não está aparelhada para
exploração em grande escala.

Vinham os silos também em
continuo, dando para uma explora-
da a cerca de 700 metros onde os
caminhões (de 20 toneladas) são
carregados para o transporte do mi-
nério até ao cais, no rio Paraguai.
Daí, em chato, pelo rio até ao
Atlântico, e de lá através para a
América do Norte.

Foram as antigas galerias
exploradas inicialmente pelos In-
dígenas, depois pelo grupo Chammaro,
também interessado na explora-
ção atual. Das galerias, o man-
jante foi tirado ainda de forma
mais primitiva porém mais hu-
mana. As escavações não são
profundas, abrem-se em labirintos,
pilares de minério impedindo o
desabamento, tudo iluminado
à luz do dia. Daí foram tiradas
60 mil toneladas, até 1944, quan-
do a exploração foi suspensa.

Mas, nos tempos falados no
anexo, Mister Rushel, ~~gerente~~
representante da U.S. Steel. Fala
tão mal o português que perman-

mo. Ainda não está aparelhada para
exploração em grande escala.

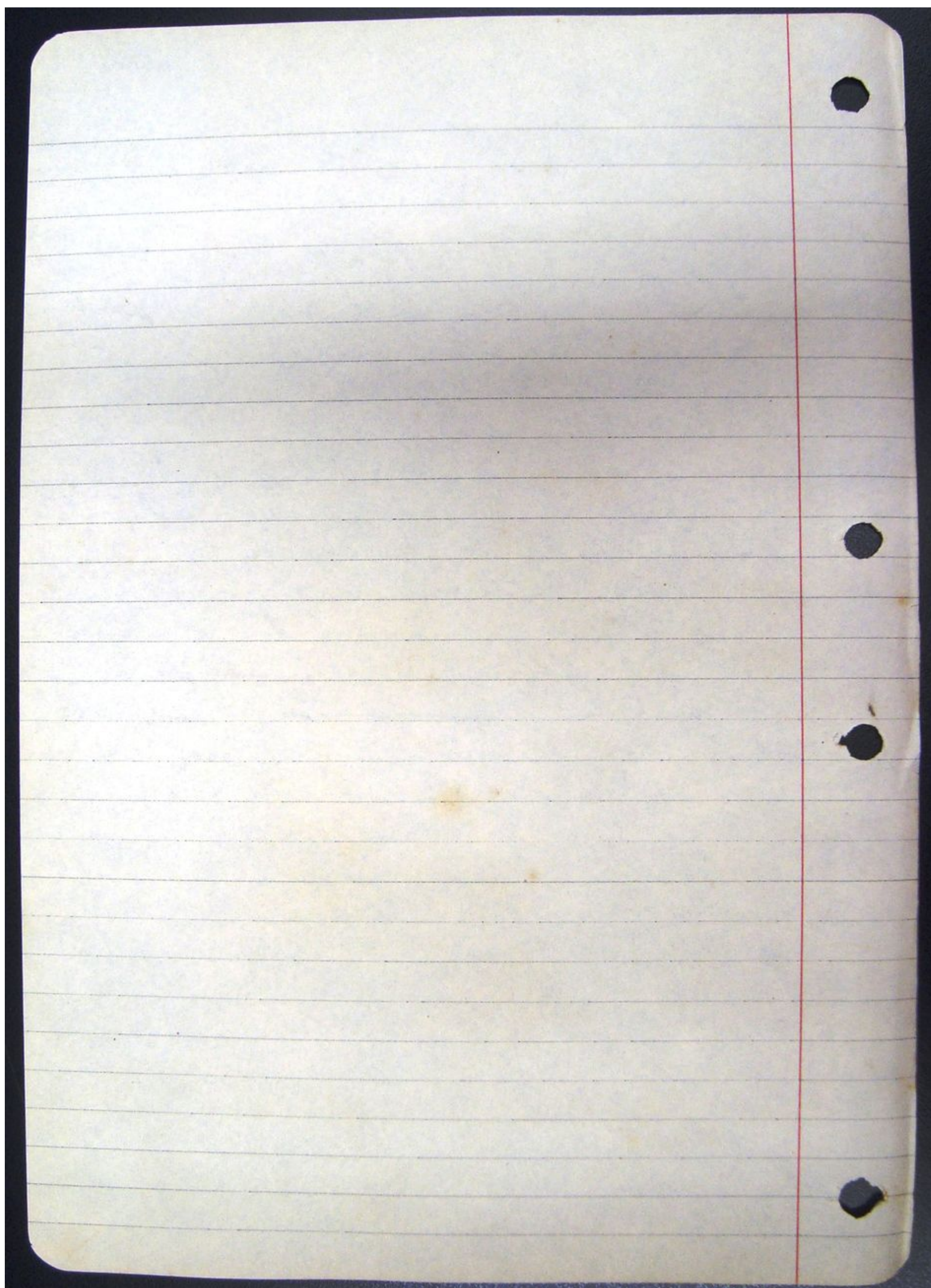
Vizinhos os silos também em
contínuo, dando para uma explora-
da a cerca de 700 metros onde os
caminhões (de 20 toneladas) são
carregados para o transporte do mi-
nério até as cas, no rio Paraguarí.
Daí, em chato pelo rio até as
Atlântico, e do Atlântico para a
América do Norte.

Foram ver as antigas galerias
exploradas inicialmente pelos Hol-
ses, depois pelo grupo Chammak,
também intervenido na explora-
ção atual. Deas galerias, o man-
jões foi tirado ainda de forma
mais primitiva porém mais hu-
mana. As escavações não são
profundas, abrem-se em labirintos,
pilares de minério impedindo o
desabamento, tudo iluminado
à luz de dia. Daí foram tirados
60 mil toneladas, até 1944, quan-
do a exploração foi suspensa.

Mas, não tenho falado no
americano, Mister Rushel, ~~gerente~~
representante da U.S. Steel. Fala
muito mal o português que permane-

em calado a maior parte do tempo, mal compreendendo as perguntas, pois respondendo. Minha maior surpresa foi saber que, só em Minas, ferais — "Temos amarelos também em Lafayette, Minas," ^{Widell} já não têm três anos e meio! E não tive tempo de aprender a língua.

Portou alguns esclarecimentos: que o arrendamento das fazendas foi pelo prazo de 50 anos (como no Amapa), podendo ser prorrogado por mais 30 anos. Continuou-se que a Alfândega de Santos cria muitos embarques com o material e não ~~copiam~~ ^{captam} com muita satisfação ~~que os~~ ^{que os} ~~provenientes~~ ^{provenientes} dos 6 caminhões de 20 toneladas, tiveram de ser nacionais.



Out, 20.

O tenente dentista passou a semana em Forte Coimbra, que está sem oficial para passar visita dentária.

Mas consegui começar-me sobre um ponto de vista: que lá deviam ser os oficiais solteiros em vez de casados. Mas divertiu-me com uma comparação.

Perguntas:

— O gabinete de lá é bem montado?

Porque o do 17: BC, enquanto se aguarda a chegada de novo, para a enfermaria em construção, é lastimável.

— É como a história do padre que comia apenas uma maçã por dia.

Era uma vez um padre que desparava a si para o céu pela mortificação do estômago. Limitava a refeição à maçã, crua e sem casca, que ele fazia um riacho ao fundo de casa.

Para distrair ou enriquecer o espírito, foi, pálido e fraco, visitar outro monge que também se mortificava. Mas não comia maçã, cortava as cascas, que desciam pelo ribeiro...

Em vergonha, voltou o padre. Outros faziam muito pior do que ele.

— O gabinete do Forte, considero o
terreno, é bem pior que o nosso.

Out 21

Preocupado em concluir, para o Exército, um trabalho sobre as indústrias de base em Coimbra, tenho em mãos um trabalho do chinês: o maior médico da 2.^a Brigada Mista, estudioso de história, geografia e outros assuntos, emprestou-me alguns documentos de grande importância. O trabalho do chinês é uma cópia manuscrita pelo próprio autor de trabalhos geográficos publicados em livros em 1909 e 1918. Cerca de 400 páginas de cópia!

No livro de Miguel Drogado Lisboa, sobre as fazendas de manpanis e ferro em Urucum, encontro este belo trecho sobre a descoberta e fundação de Coimbra:

"Deve-se a uma escolha oportuna, que firmou o novo domínio e limites na margem direita do Paraguai, ao cumprimento de ordens do capitão-general Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres pelo sargento-mor Marcelino Roiz Campos que, em 21 de setembro de 1778, fez levantar uma cruz de madeira, limpar o terreno, fazer quartel, acender fogo, cacas nos matos vizinhos, pes-

Q16

car no rio e pancear de uma parte
e outra do terreno, dizendo em vozes
altas; conforme o uso da época:
— Viva o rei de Portugal!!

Retorno estas notas a
10 de maio de 1959,
em Iguaçu, Paraná,
de regresso ao Rio.

Chove desde a madrugada.
 Domingo, dia especial para ficar-se
 em casa lendo, arrumando gane-
 tos, pondo papéis em ordem ... mas
 nada disso posso fazer. Estou num
 quarto de hotel, leitura espotada
 nos dias de viagem, a chuva des-
 truiu o projeto essencial para
 hoje, 10 de maio: visita às cata-
 ratas do Iguaçu.

A solução é recapitular, no
 papel, o que têm sido esta semana,
 desde terça-feira, 5, quando deixei
 o aeroporto de Comblat com destino
 ao Rio, via Aruncão do Paranaí.

A aventura iniciou-se com a
 retirada de documentos, atestados de
 vacina, boa conduta, saúde, cer-
 tidão negativa de imposto sobre a
 renda, firmas reconhecidas em
 tudo isto. Depois as despedidas no
 aeroporto, formalidades de sempre,
~~na~~ mão na panela do avião con-
 perdendo os acenos de terra. Dois e
 meia da tarde. Em Cáceres, única
 escala, uma paraguaiense recomenda
 o hotel: ^{quedará}

— Usted ~~estará~~ ^{quedará} bien en el
 Terraza Caballero.

O pantanal matogrossense, completamente alagado, a ponto de não se poder identificar a trajetória do rio Paraguai, transmuta-se no Chaco onde pequenos rios, de tão sinuosos, compõem flores ou sinuam-se ~~em~~ quebra-cabeças em que se deve sair de um ponto pelo labirinto de caminhos e atingir a casa, salvo de perigos.

Às cinco e meia o avião perde altura e baixamos no aeroporto Presidente Stroessner. Mostro minha identidade, recebo ~~passaportes~~ para antepassapal com de rosa para permanecer 90 dias no Paraguai e descubro a inutilidade de toda a papelada que trouxera. Ninguém a solicita. Revisita sumária nas malas, pronto para ~~se~~ seguir ao hotel por estrada asfaltada, avenida Mariscal López de belas residências mal iluminadas na escuridão da noite "já" completa. No carro, os paraguaios misturam espanhol com guarani e a única coisa que

dijo, e refiro para ser compreendido,
é o nome do hotel que aparece,
de fachada marrom, fechando a
rua Caballero, frente ao rio.

Departamento 14, ~~com~~ banheiros
aquece, ventilador, telefone, espiral
contra mosquitos, 800 guaranís
de diária, o guaraní acima do
cuzco na ordem de 86 para 100.

Peco um guia da cidade, por
o fantar começa às 8 e tenho tempo
para iniciar o "turismo". Não há
guia, apenas um mapa da cidade
na portaria. Subo três quadras
da rua Caballero, deixo a direi-
ta e estou na rua Palma, "la
calle maravilla de Asunción". Es-
panta a quantidade de carros ameri-
canos, últimos tipos. Paralela à
calle Palma está calle Estrella
onde temo uma cerveja ^{a 40 guaranís} no Bolsi,
confiteria e bar. Não fto em turis-
mo, descubro que sou apenas mais
um na população da cidade, igual
a todos, tendo de saber o que os
outros sabem e comportar-me da
mesma forma que os demais. Uma
vez conseguido o visto, a permissão,
nada mais nos entrava os passos

a mal ser a ignorância da terra
e da língua. O mesmo anonima-
to de toda as cidades grandes.

Depois do jantar muito bem
servido num dos terracos do hotel
— cama. É preciso descansar dos
despedidos de Comba, quatro ou
cinco noites mal dormidas, acom-
panhadas de dias cheios ~~de~~ com pro-
vidências de encaixotamento e
despacho de bagagem para o Rio.

Manhã cedo de 6, começo
a andar pela cidade: praças, igre-
jas, edifícios públicos, ~~e~~ palácios
do governo, panteão aos heróis
da guerra da Tríplice Aliança e
do Chaco, pórtico, cartões postais
para família e amigos. Como se
complica a matemática em es-
te idioma! ~~A moça desconhece~~
~~informar que cada postal levava~~
~~doze e cinquenta de selos~~. Compreen-
di: dos y cincuenta grande era
doze y cincuenta para cada um
dos oito ~~cart~~ postais que compra-
va. Entreguei um paravis e
mas veio trôco. Lucapaz de mul-
tiplicar 12,5 por 8, perguntei se
estava certo e a moça imitou-me.

Enxugando sob os alvaros de todos,
colei rapidamente os selos, molhan-
do-os num prato de vidro com
água a isto destinados, e saí
os puros do correio.

Cabezinha a 8 guaranis, almoço,
cuesta obrigatória. A cidade, a partir
de 11.30, começa a mover, fecha o
comércio, diminui tráfego de pessoal
e carros, parece domingo no centro
de Rio. Só pelos 3 da tarde é que
abrem repartições, comércio e reani-
ma-se a vida até 18.30. Recome-
ça o declínio e às 21.00 horas na-
da mais há nas ruas. Dorme-se
demais no Paraguai.

Desde minha entrada no Ho-
tel Ternaza, decido mudar-me para
lugar menos caro. A quem recorrer?
Não encontro um brasileiro nas
ruas. Por muito que apure os ouvidos,
só ouço espanhol, porquíssimo em
relação ao guarani que todos falam
apesar de não ensinados nos esle-
gios. Por que? - Resolve ir à Embai-
xada, que só abre às 15.00 horas, e
respiro um pouco: consigo falar
português. O pretexto de minha ida
até lá foi verificar se seria neces-

são algum visto em meus papéis.
Encaminham-me ao consulado,
no outro extremo da cidade e en-
sinam-me onde fica a divisa
cultural, também em prédio di-
ferente. Nos encontros o adido
cultural nos um rapaz para-
guai prantifica-se a sair comigo
à noite para mostrar-me a
cidade. Tudo combinado, vou ao
consulado, que a ideia principal
é mudar-me dos ~~800~~ 800 guarani-
mís do Tenega. Um brasileiro
com cara de sono e voz macia
ensina-me uma pensão na
rua 15 de Agosto. Enfito-me pela
rua mas nunca chego, para
quê ficar longe do centro? Vol-
to e verifico a diária do Ho-
tel Colonial, em plena calle
Palma: 490 guaranis, aparta-
mento com banho privativo.

A noite surpreende-me nas
andanças e encontro o paraguaio
que nos conhece a vida noturna da
cidade. Rapaz pobre, morador do
"bairro obrero", leva-me apenas
à melhor confeitaria da cidade,
onde piano e bateria tocam

para ~~ter~~ casar dançar. Às 20.30
vem o jantar com a conta que a
coza vai fechar. Tocamos para
~~uma sextasanta~~ churrascaria
no bairro Paqueta. ~~Alto~~ Ponto
alto de mau turismo mal esco-
lhido e mal sucedido: ~~um~~ trio
parapuio, harpa e guitarras, com
guarânios e pelcos, ao ar livre.

De volta ao hotel, o moto-
rista quer saber porque não há 1ª
feira no dia da semana, em por-
tuguês. Sei lá! Sempre achei
homens ~~com~~ os nomes ^{com} que acha-
ram por bem batizar em dias.
Muito melhores, lunes, lunedì, mon-
day, etc. E antes de dormir reca-
pitulei o dia 6. Movimentado, sem
divida, mas estava definitivamente
estabelecida em mim a convicção
de que não se deve fazer turismo
desacompanhado. Imprevisões unila-
terais, silêncios de horas pelos ruas,
impossibilidade de se comentar o
bem, o interessante, o péssimo. E
também considerei o quanto nos
patricios se desinteressam pelo tu-
rista. Já estão com a vida esta-
belecida, regulada, rotinizada e

esqueceram que um dia passaram
por tudo isto. Tanto nesse dia
como nos subseqüentes, apesar
de muitos tentativos para loca-
lizar Maria Clara Machado, que
soube haver chegado ~~na~~ cidade
para assistir à representação de
sua peça "O Rapto dos Cíclis-
mos", todos muitos tentativos
foram baldados, apesar de ha-
ver reconido espantoso a re-
presentação cultural, em três
dias consecutivos.

Dia 7, acordei-me disposto
a mudar-me. Ainda com esperança
de conseguir ~~uma~~ solução melhor,
vou à Minas Militares Brasileira
onde sou bem recebido por todos
os oficiais. Recomendam-me esata-
mente o Hotel Colonial e venho
anunciar os males, num caso, úl-
timo tipo, de um oficial.

(Balsa para almôço. Um
danque, ganapa interior de vinho,
duas horas de sono, nos quatro
horas e a chuva continua cada
vez mais forte. Forte de esau-
cer a monarquia, fazer desapare-
cer os chalets de madeira que

(dos arredores)
tanto aproximam esta vila de Casais
do Sul).

A parte cômica de minha
viagem começa no hotel Colonial.
O hall de entrada, com porta rotativa,
confunde-se com o salão de refeições,
aberto em meio a multidão de colu-
nas, feito edifício de man posto
em Copacabana - floresta de pilô-
tis. Mas a comichão não está
no hall. Subi a meu quarto, arru-
mei o necessário, desmolei o neces-
sário a vestir por mais alguns dias.
Mas, o cômico ainda não vem. Afo-
ra é que vejo que para não perder
a cronologia tenho de narrar meu
horrível voo na mesma tarde.

Encontro um folheto de propa-
ganda de uma companhia de tu-
rismo com vários excursões programa-
das. A primeira seria uma volta pe-
la cidade, que faz conheço; segunda,
ida ao lago de Itaipu e outros luga-
res; outra, visita ao Museu de História
Natural, Jardim Botânico e "pequeno"
zoológico, tudo perto. Procuro a agên-
cia e fixo sabendo que a ida ao
lago de Itaipu vai por mais de
mil guaranis. Desisto. Perfeito como

se vai ao Jardim Botânico. Basta
tomar o coletivo n.º 6. É um
caminho curvado aos pedacos que não
me cabe de pé, superlotado
gente pobre, mal vestida, e lá
vou em mal acomodado por
quase uma hora. Quando já
me pulpara perdido, fui da
linha, "La Natura Ventas" e
atavemo o grande portão do
parque. Primeira coisa a ver:
casa de Artigas, transformada
em escola. Uma simpática
moça mostra-me as salas, três,
iguais, espaçosas, claras, mas
não são inspetor escolar e
vão à procura do museu, anti-
ga residência do primeiro presi-
dente do Paraguai, don Carlos An-
tonio López, pai do ditador.
Uma tristeza. Completamente aban-
donado, ninguém tomando conta,
ninguém visitando. Os pecos
expostos, em sua maioria sem in-
dicação alguma ou com etiqu-
etas desbotadas. Desalentado, pro-
curamos o zoológico. Nova decepção!
Se houver vinte animais, terá
muito. Todos embacizados e em

garidos ou paulos, caindo aos pedaços.
Ponto alto do zoo: duas pobres on-
ças pintadas de alhar tão triste,
a testa encostada às grades, que
me deu vontade de saltá-las.
É preciso repetir que fui o único
visitante e não encontrei nenhum
funcionário por ali, o que au-
menta a sensação de abandono,
desleixo e pobreza. Jardim botâ-
nico devem ter sido belos aiões
que vi em grupos ou espalhados,
sem indicação alguma de espé-
cie, talvez crescidos ao acaso,
talvez plantados com carinho
por dom Carlos, mas totalmente
desprezados, como desprezados estão
os caminhos onde, entretanto, há us-
tipos, houve trato e cuidado.

Na volta, consegui sentar-me no
ônibus cheio de bancos de pau. E
sempre haverá lugar para mais um.
Cheguei ao hotel de noite, fui e
li "O Narij" de fogal até dormir.

Novas esperanças amanhece-
ram comigo dia 8, sexta-feira. Ce-
do na rua, perguntei e localizei
um mercado para comprar curiosi-
dades. Não havia. Apenas furos

(banana, laranja) e carnes. Tomo con-
tato com novas ruas, ando qui-
lômetros e descubro o Departamen-
to de Turismo do país, onde há
uma exposição de esculturas em
cabeças de alfinete. Pois nós têm
tôco para 500 guaranis e nós
podemos ver a exposição que custa
20 a entrada.

Por todo esse tempo, só um
desejo tenho em mente: voltar ao
Brasil. Tanto vou telefonema
à Divisão Cultural a fim de
procurar Maria Clara Machado
que, aos poucos, torna o aspecto
de mediana, de salvadora
de meu frustrado turismo. Em
15. Ninguém sabe onde está.
Recai na calle Palma e começo
a comprar anéis de ramalés,
anéis de ouro e prata desmontáveis
e pulseiras, especialidade da terra
que se vêm aos montes em todos
os vitrines. Depois descubro a
Colein para comprar uma ma-
la de couro e quando volto ao
hotel o meio-dia matou a
cidade. Almoço: almoço e dor-
mir. Almoço e encontro um

velho americano mas entendido do que eu. Também achou caro demais o que lhe pediram para ver Ypacarai e desistiu. Está sentado no bar, conta-me que viajou pelo mundo todo e que, em Buenos Aires, quando disse que vinha a Assunção, amestaram-se: Por que? — e só agora compreende porque o espanhol.

Enquanto conversamos, na rua passa continuamente a massa atarefada do capital guarani: índios, pan-deiros, calce e camisa comuns, distinguem-se pela cabeleira grossa e solta sobre o ombro, como mulher, pele escura, olhos furados com batóques de madeira incrustados, no ombro o material que vendem: esparadores e triantes ou melhor, enfiaduras de fio tecido em várias cores.

— You have to make your mind. — diz-me o americano. Por que ele decidiu seguir dia seguinte para Iguacú e em estar como a tal velha de dois corações.

Subo ao quarto e encontro o aberto. Não está a camareira, ou

murcaura, como dizem. Lembro-me
antes de que pedi que consertassem
a porta que não fechava direi-
to mas ninguém havia por-
perto. Procuro a porta para fe-
chá-la e... não encontro a
porta, como um poema de Drun-
mond.

— Se llevaran la puerta
de mi habitación - digo na
portaria. E foi a parte cômica
de minha viagem, pois todos
se puseram a rir.

— Quiero ver como se va-
nted a arreglar se sin puerta,
dixeram. Também aproveitei pa-
ra ir ~~da~~ situações, com os
americanos, vimos e eu "maked
up my mind" de ~~modo~~ modo
estranho: entrei numa joalheria
e comprei um quel de ouro
que me pareceu belíssimo, para
dá-lo a minha irmã. O preceito
impedia que ^{eu} permanecesse por mui-
to tempo em Druncal. Feliz
foi uma decisão, fui à empre-
za de aviões e reservei para-
gem, tive permissão na poli-
cia para sair da cidade e

superior a polícia do hotel

forçando os meninos a um amadurecimento prematuro
e deficiente

ameglii todas as coisas para
partir na madrugada de 9.

Muito ~~há~~ ^{há} dois compromissos a sal-
dar. O primeiro é falar sobre a polícia
do Paraguai, de farda caqui, e o
Exército de uniforme verde. Parecem
de brinquedo, tal a idade dos conscrit-
tos, pobres meninos de dezesseis ou dezes-
sete anos, postos em uniformes mal
cortados e feios, crianças desviadas
de casa para dois anos de quartel,
idade mais fácil para o cumpri-
mento de ordens da ditadura. O
outro seria a falar, prende-se a
uma entrada de teatro que comprara
e não queria desperdiçar. Então, dei
para o jantar todo enfiado, pa-
ra gozo dos olhos americanos Piersey,
e embarquei no Teatro Municipal,
velho edifício onde a elite da ca-
pital se reuniu para a estreia de
uma Companhia Espanhola de Operas
y Fanzuela, que levava a comédia
lúcida em três atos "Luís Fernanda".
Fundo o primeiro ato e cansado de
deslocar a cadeira para um lado
e outro da colúma de ferro que, es-
tamente em minha frente, atra-
palhava a vista, abandonei a

opereta, o teatro de madeira e
dei com as ruas completamente
vazias. Deixar a capital sem
ver nada da vida noturna?
Fariam-me falado de um "night
club", que eles pronunciavam "nai-
clê", chamado Flamingo. Tive
para lá e, fora um casal de
velhos que trocavam carícias ab-
surdas para a idade, fui o
único frequentador durante os
vinte minutos que lá estive com
um whisky a 150 guaranis em mi-
nha frente, piano e batuta to-
cando sambas e foxes — epílogo
de um fracassado turismo.

Então, recompensado de tudo.
Vi as Cataratas do Iguaçu.

Do anoitecer de ontem o céu
limpou para os lados do Paraguai;
havia ali um arremedo de crepúscu-
lo e, de noite, apareceram estrelas.
Deitei-me tarde. Primeiro num
hóspede; fiscal de exportação de
café no porto do Rio. Falei-me
cerca de duas horas sobre sua
profissão, entremeando o assunto

com conquistas amorosas e compra
de um apartamento; depois, no bar
do hotel, um inspetor de seguros
põe-se a fazer máficos com ba-
ralho e cigarros. Dos poucos, con-
fesso que há mais de quinze anos
dedica-se ao ramo e tem grande
capital empregado nos petuchos
do ofício. Senta mulheres pelo meio,
decepa cabeça em filhotina, en-
fim, faz espetáculo completo, não
faltando coelhos e paombos. Para-
naense, simpático, falou longa-
mente sobre o assunto sem revelar
nenhum truque. "É contra a ética"-
disse. E afirmou que não usa es-
pelhos nem esconde nada nas
mangas. "Se eu pudesse esconder
um coelho em minha manga -
falo - é que seria um verdadeiro
máfico".

Subi a meu quarto de bom hu-
mor e recordei o que fora meu saído.
Depois de uma hora e dez minutos de
são, o avião desceu em Iguaçu. O velho
Piersey foi para o Hotel Cataratas, de
primeira classe, 1500 cruzeiros por pessoa,
e eu vim para o Hotel Camino, um
três daquele preço. Na portaria, pe-

diziam-me que esperavam que a armazadeira estava limpando o quarto que fora desocupado havia pouco. "O hotel está cheio" - puzi.

Como estava fardado, resolvi ir logo ao Batalhão de Fronteira para liquidar esse compromisso. Um capitão mostrou-me o quartel e apresentou dois mapas conhecidos, um de Porto Alegre, outro de Foz de Fora (confluência de duas histórias). Apesar de minhas insinuações de que necessitava de uma condução para ver as Cataratas, ficavam quietos como defuntos. Ainda sob os efeitos das despedidas de Coimbra, almejos no quartel com a presença de todos os oficiais da guarnição, discursos, essa atitude dos companheiros de fuzil decepcionou-me grandemente e voltei ao hotel pronto para tratar da escusa e os quedos da noite e marcar passagem para o dia seguinte.

— Só fazemos escusas para quatro pessoas ou mais. O senhor deve esperar que amanhã teremos novos hóspedes - disse o hoteleiro.

Desejari, então, que o hotel

estava os moscos. Olhei todos as fotografias da parede, li descrições de Iguaçu, dei uma volta pela vila de Ladários, de banco vermelho e caro, de madeira e, de repente, encontrei uma onça. Mas na rua, no fundo do hotel onde há também facareí, tartarugas e cobras. Sem indicações alguma, achei o geológico por acaso, reconhecendo os fundos do prédio.

Restava a tarde inteira para esperar o dia seguinte.

- Já tem número para a excursão amanhã - informou o porteiro.

Leio de uma sentada "A morte de Ivan Ilich" e mais uma vez impressiona-me com esta novela fabulosa. A noite surpreende-me ~~com~~ as voltas com a pergunta que angustia os últimos momentos de Ivan Ilich: "E se toda a minha vida estivesse realmente errada?" Dos poucos transferi uma dívida para mim mesmo - em sentido inverso à de Ivan Ilich, por certo, - e dormi mal a noite também por causa dos mosquitos que vieram com o calor que precedeu

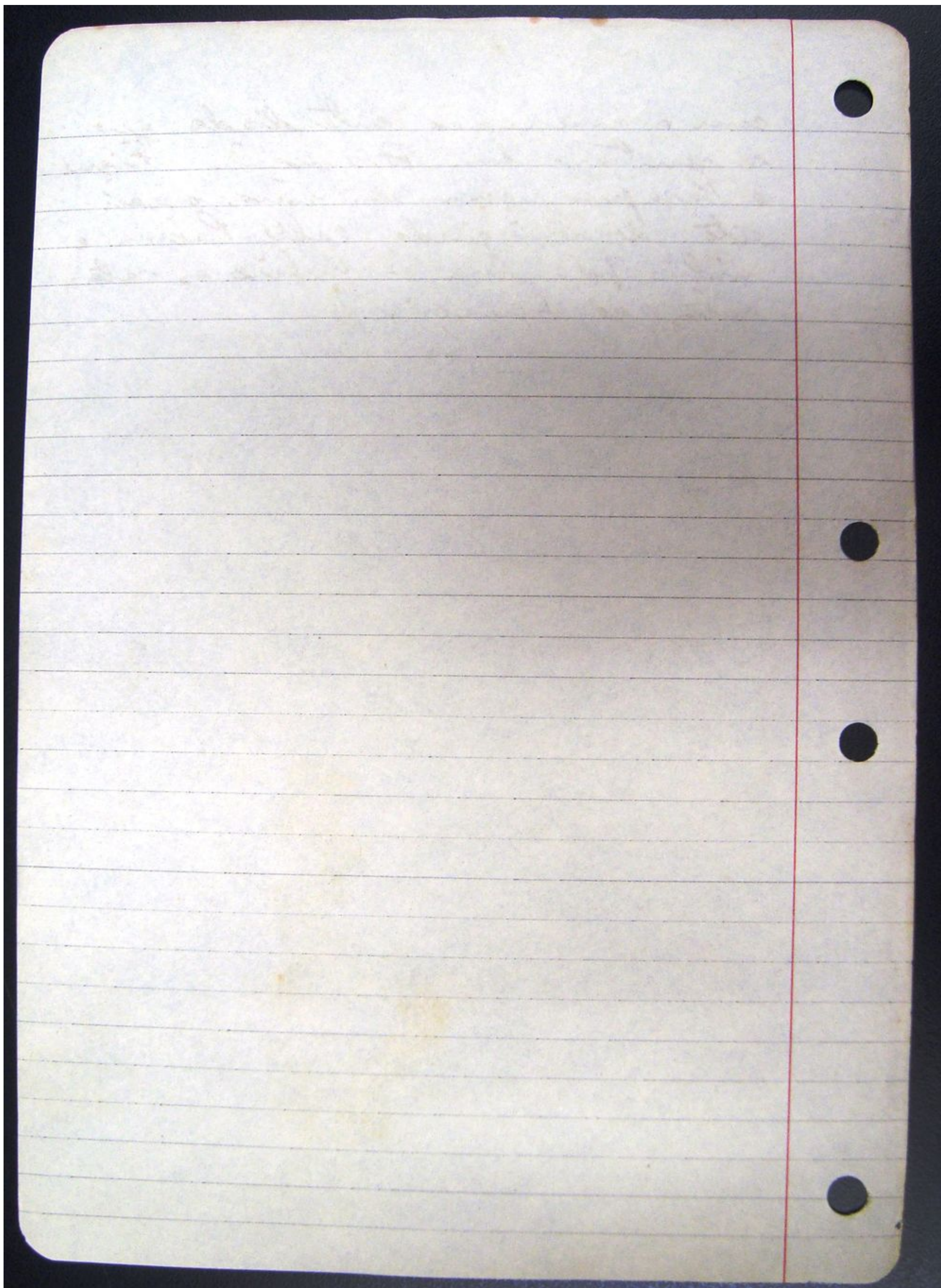
a chuva que caiu, sem pa-
ra, o dia inteiro de ontem.

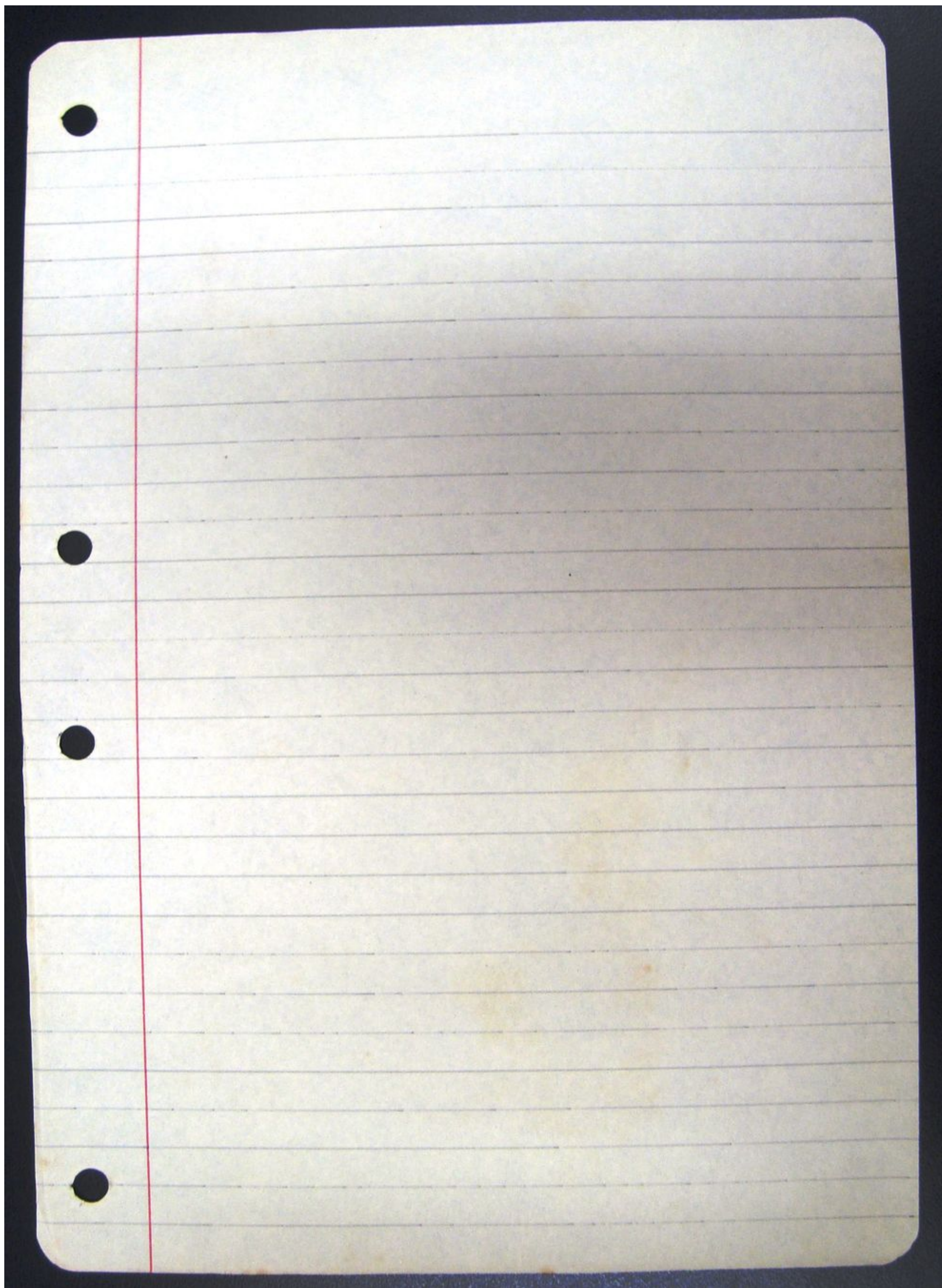
Hoje amanheceu numa repen-
da-feira enfiada nos furos,
um casal, o fiscal do café e
eu até ao Parque Nacional de
Iguacu.

A visita começa pelo prédio
da administração onde há uma
~~mostra~~ bem organizada mostra
dos madeiros ~~de repiões~~ e dos páss-
aros de repiões. Vi, empalhados,
todas ~~as espécies~~ as aves
— mirim, socó, macuco, valia,
galha, saia de seta e coque — que
deram cor e vida a minha
infância. Em resumo, inesp-
rado fui estimo preparado para
a vista grandiosa dos Cataratos,
vinte e duas ~~cachoeiras~~ saltos
espalhados por extensa área,
culminando na fagulha do
Diabo, ~~para~~ onde vários cachoeiras
se ^{reunem} ~~confluem~~ para formar um es-
taqueito que nos me cabe descre-
ver.

De repen, chegamos ao Hotel
Cataratos e encontro o velho Perry
bem disposto, alegre, contente

com o americano entendido que
encontrara em Brumby. Figue
o Parapari com seu sono, o ex-
cito de brinquedo, calle Palma e
médico pela ma — prefiro os cata-
ratos do Lpucni.





Bolivianos

Rennard - 1

Rimth - 500

Walter - 5000

1000

500

100

50

Total 19,800.00

Expenses 10,504.50

Saldo 9,295.50

Despesas porais:

Cifras

porais

lavadora

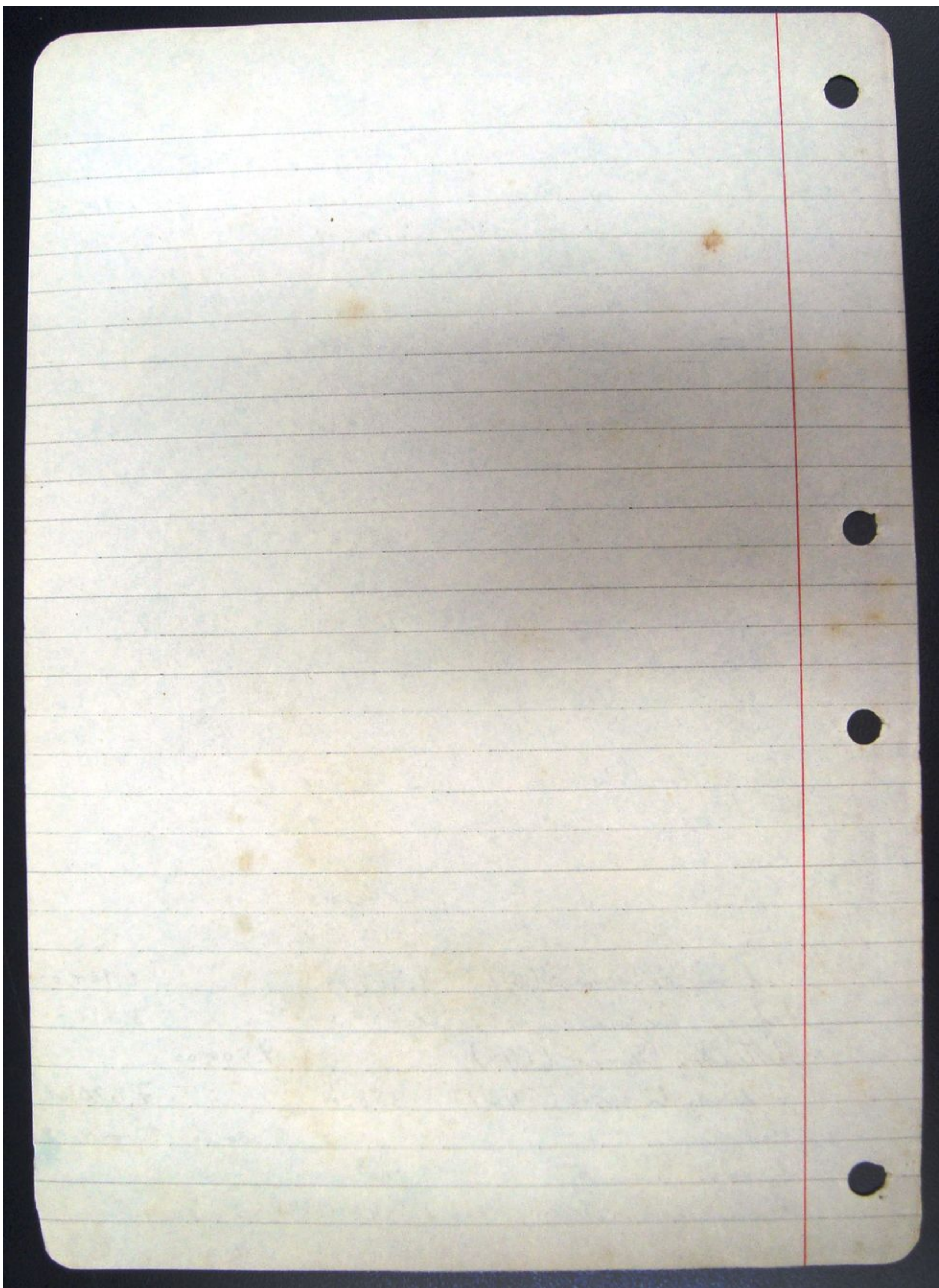
cinema

diversos

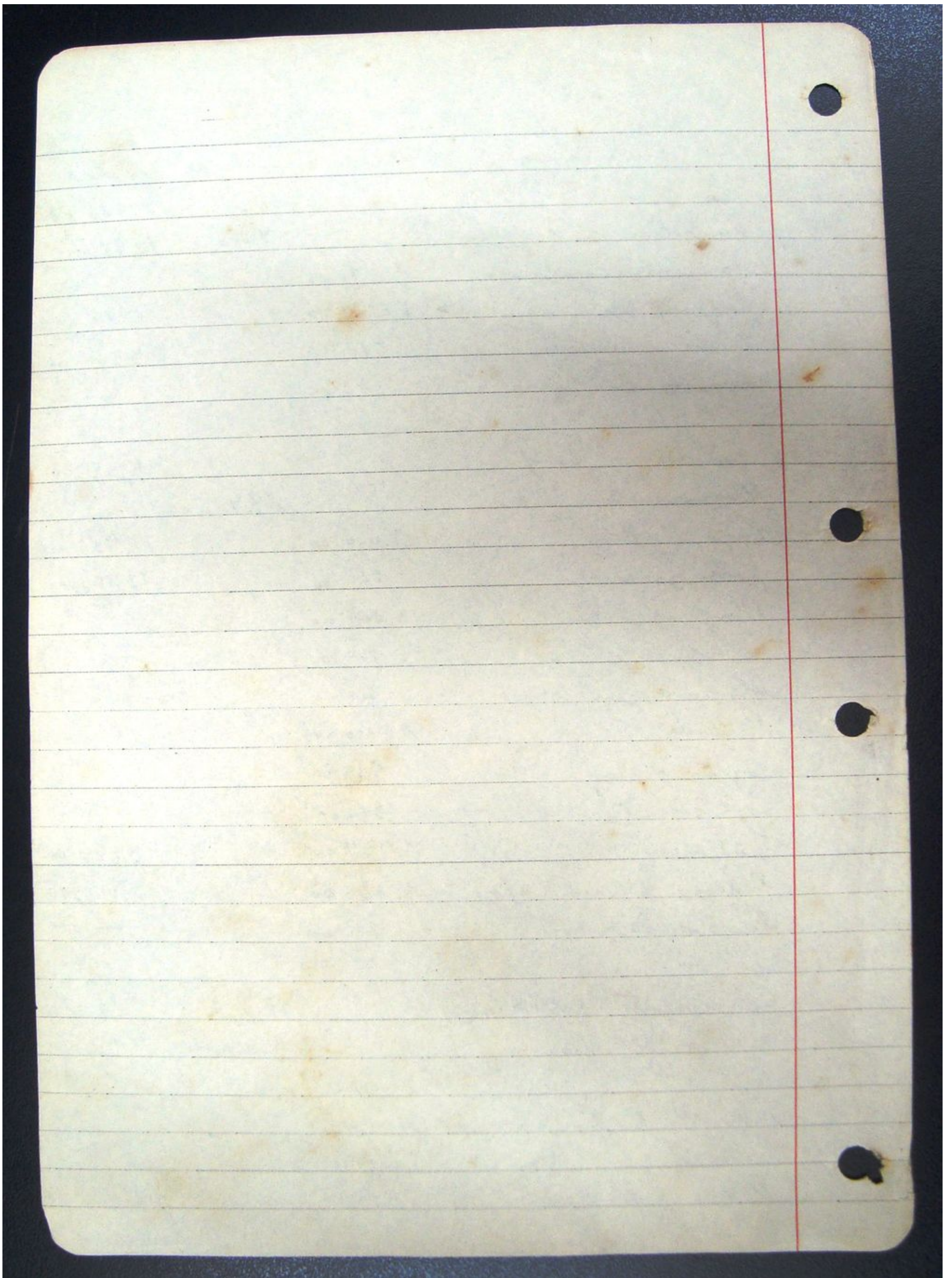
selos

Controle de Vencimentos

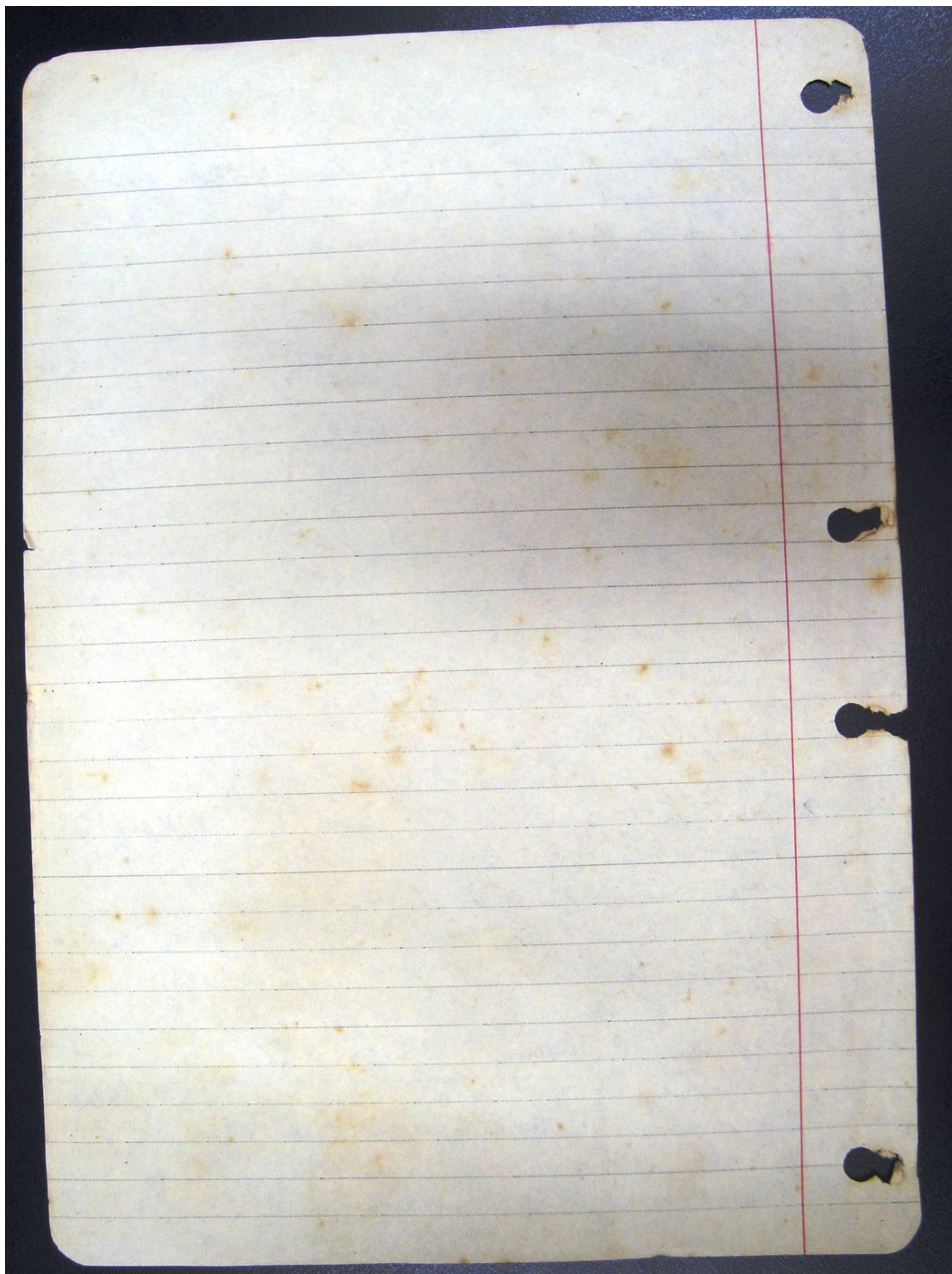
Discriminações	Saida	Entrada	Saldo
Vencimento Março			3.900,00
Emprestimo Joubert (12/4)	3.000,00		900,00
Vencimento Abril		18.973,00	19.873,00
Aluguel Rio	3.000,00		
Remessa Celeste	2.000,00		
Pensões	2.200,00		
x Depósito Banco Lavonia	5.000,00		7.673,00
Despesas diversas (3/5)	1.115,00		6.558,00
Aluguel quarto	2.000,00		
luz	122,00		
água	97,00		
Despesas diversas (15/5)	1.749,00		2.590,00
Despesas diversas (26/5)	2.242,00		378,00
saldo abril			378,00
Vencimento Maio		19.582,00	19.960,00
Aluguel Rio	3.000,00 ✓		
Remessa Celeste	5.000,00 ✓		
Quarto	2.000,00 ✓		
Pensões	2.200,00 ✓		
luz e água	219,00 ✓		
Despesas diversas (3/6)	1.413,00		6.128,00
Despesas diversas (12/6)	2.650,00		3.478,00
x Retirada Banco (14/6)		4.500,00	
Despesas diversas (14/6)	358,00		7.620,00
Nakai		3.000,00	10.620,00
Dado a Joubert	1.500,00		
Panagem avião	2.134,00		6.986,00



Discriminações	Saida	Entrada	Saldo
transporte			6.986,00
Recebido aluguel <u>fulho</u>		4.000,00	10.986,00
presentes comprados	1.490,00		
despesas para no Rio →	7.381,00		
liscos a receber	810,00		1.305,00
despesas em Comubá	190,00		1.115,00
saldo (26/6)			1.115,00
Vencimentos <u>fulho</u>		19.416,00	
Pago Nakai	3.000,00		17.531,00
para quartel	200,00		17.331,00
Aluguel Rio	3.000,00		
Celeste e Estela	5.000,00		
Aluguel quarto	2.000,00		
Pensão	1.400,00		
Água e luz	219,00		
Autôcrata	390,00		
Imposto	1.474,00		3.848,00
Despesas diversas (2/7)	1.738,00		2.110,00
Despesas diversas	2.110,00		—
Vencimentos <u>fulho</u> (25/7)		18.797,00	
Recebido Pen. Irmão		1.000,00	
Cartela	2.000,00		
Pago Dr. Nator	3.000,00		
Pick-up	2.200,00		
Despesas diversas	831,00		11.766,00



Discriminações	Saída	Entrada	Saldo
			11.766,00
Transporte			
Aluguel Rio	2.000,00		
Celeste e Estela	3.000,00		
Pensão	2.240,00		
Despesas (29/7)	220,00		4.306,00
X Retirada banco (19/8)		400,00	4.706,00
Despesas do mês	4.706,00		—
Vencimentos de agosto		18.846,00	
Remessa Celeste - Estela	4.000,00		
Pago Évora	1.000,00		
Pago Dr. Nestor	1.000,00		
Pago Anibal	500,00		
Discos	760,00		
Lino coleções	800,00		
Dinheiro de Toledo		1.000,00	
X Depósito Banco	5.000,00		6.786,00
Dividenda	280,00		
Despesa em Campo grande	2.000,00		
Pensão, aluguel, etc.	4.500,00		000,00
Retirada banco		4.000,00	
Pago Toledo	1.000,00		
Despesas diversas	3.000,00		—
Saldo em 28/set			342,00
Vencimentos de setembro	→	18.574,00	
Emprestimo a Rhavença	2.000,00		
Pago Novas	1.500,00		





A CANETA CARIOCA
TEL.
52-5455
R. Rodrigo Silva, 7A

